

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E BIOLÓGICAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO – PPGEd/Sor

Carolina Modena da Silva

**O ENSINO DE SOCIOLOGIA NA EDUCAÇÃO BÁSICA: relatos de educadores  
da rede estadual de São Paulo**

Sorocaba/SP

2017

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E BIOLÓGICAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO – PPGEd/Sor

Carolina Modena da Silva

**O ENSINO DE SOCIOLOGIA NA EDUCAÇÃO BÁSICA: relatos de educadores  
da rede estadual de São Paulo**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de São Carlos – UFSCar – Campus Sorocaba – para obtenção do título de Mestre em Educação.

Orientadora: Profa. Dra. Kelen Christina Leite.

Sorocaba/SP

2017

SILVA, Carolina Modena da

O ENSINO DE SOCIOLOGIA NA EDUCAÇÃO BÁSICA: relatos de educadores da rede estadual de São Paulo / Carolina Modena da SILVA. -2017. 196 f.: 30 cm.

Dissertação (mestrado) -Universidade Federal de São Carlos, campus Sorocaba, Sorocaba

Orientador: Profa. Dra. Kelen Christina Leite

Banca examinadora: Profa. Dra. Kelen Christina Leite, Profa. Dra. Maria Carla Corrochano, Profa. Dra Regina Helena Granja

Bibliografia

1. Ensino de Sociologia. 2. Ensino Médio. 3. Professores. I. Orientador. II. Universidade Federal de São Carlos. III. Título.

Ficha catalográfica elaborada pelo Programa de Geração Automática da Secretaria Geral de Informática (SIn).

DADOS FORNECIDOS PELO(A) AUTOR(A)

FOLHA DE APROVAÇÃO

**CAROLINA MODENA DA SILVA**

**O ENSINO DE SOCIOLOGIA NA EDUCAÇÃO BÁSICA: relatos de educadores  
da rede estadual de São Paulo**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação, para obtenção do título de Mestre em Educação. Universidade Federal de São Carlos. Sorocaba, 24 de março de 2016.

Orientadora:

---

Professora Doutora Kelen Christina Leite

Universidade Federal de São Carlos - UFSCar

Examinadora:

---

Professora Doutora Maria Carla Corrochano

Universidade Federal de São Carlos - UFSCar

Examinadora:

---

Professora Doutora Regina Helena Granja

Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” - Unesp

**DEDICATÓRIA**

Para minha mãe, Dirce Módena.

Às professoras e aos professores de Sociologia da educação básica.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço o amor, o carinho, o afeto e a generosidade com que minha mãe me tratou durante todos esses anos, em especial nos últimos anos, em que estive empenhada nessa pesquisa. Te amo e te admiro, como mulher, mãe e amiga.

Às minhas irmãs Amanda, Mariana e Alice, pelo carinho, afeto, companheirismo e amor. Aos meus irmãos Enzo, Kaio e Nicolas pela amizade, afeto e amor. Vocês são a minha alegria e a minha esperança. Gratidão pela irmandade.

Aos meus avós Eurídes, José e Nair pela transmissão de um amor incondicional para todos.

Ao meu pai João pelo carinho e respeito. Essa conquista é sua.

Ao Wesley e à Iraci pelo apoio nessa caminhada.

Às minhas tias Célia, Sueli, Lourdes e Néia, pelo amor, respeito, afeto, força e ânimo que sempre me deram.

Aos meus tios Olavo, Sérgio, Beto e Antônio, pelo carinho e afeto que sempre tiveram por mim.

Aos demais familiares que apoiaram essa e outras conquistas.

À minha amiga Juliana e sua família, sem vocês essa dissertação não seria possível. Muito obrigada pela amizade e carinho. A ternura, o afeto e o amor que vocês têm por mim, me transmitem paz e segurança.

Ao meu amigo Fausto pelo imenso carinho e amor com que sempre me tratou. Sua amizade foi a conquista mais importante dessa jornada.

As “Fadas verdes”: Ana Priscila, Beatriz, Debora, Fernanda, Jessica, Mariana e Natália pela amizade, carinho e amor.

À fada Caroline e toda sua família, Gabriele, João Gilson e Silvane, pelo carinho, apoio e ajuda.

Aos meus companheiros de caminhada: Flávia, Silvania, Rebeca, Thaís, Carlos e Hércules, pelos conhecimentos e afetos partilhados.

Ao Bruno pelo carinho, acolhida e respeito.

Às amigas e aos amigos que acompanharam essa jornada.

À Kátia e sua preciosa amizade, paciência e bondade.

À minha orientadora Kelen Christina Leite pelo apoio, paciência, compreensão, respeito e carinho com que sempre me tratou. Suas contribuições foram decisivas para a consolidação dessa pesquisa.

Às professoras Maria Carla Corrochano e Regina Helena Granja, pelas valiosas contribuições na qualificação, pela valorização desse trabalho e apoio incondicional para a realização da pesquisa.

Às professoras Dulcinéia de Fátima Ferreira, Viviane Melo de Mendonça e Teresa Mary Pires de Castro Melo e ao professor Marcos Roberto Vieira Garciapelo conhecimento compartilhado, respeito e afeto.

Ao Programa de Pós-Graduação em Educação da UFSCar/Sor pelos saberes transmitidos.

À Fernanda (secretária do PPGEd) pela atenção e acolhimento.

À professora Débora Cristina Goulart pelos saberes partilhados e pela valorização da disciplina de Sociologia na educação básica.

À professora e aos professores que participaram dessa pesquisa meus sinceros agradecimentos. Sem a participação de vocês a realização desse trabalho não seria possível.

Aos profissionais da área da saúde que me auxiliaram a concluir essa jornada.

Aos meus amigos das unidades do Sesc Sorocaba e Piracicaba.

## **Caçador de Mim**

Milton Nascimento

Por tanto amor  
Por tanta emoção  
A vida me fez assim  
Doce ou atroz  
Manso ou feroz  
Eu, caçador de mim

Preso a canções  
Entregue a paixões  
Que nunca tiveram fim  
Vou me encontrar  
Longe do meu lugar  
Eu, caçador de mim

Nada a temer senão o correr da luta  
Nada a fazer senão esquecer o medo  
Abrir o peito a força, numa procura  
Fugir às armadilhas da mata escura

Longe se vai  
Sonhando demais  
Mas onde se chega assim  
Vou descobrir  
O que me faz sentir  
Eu, caçador de mim



SILVA, Carolina Modena da. O ensino de Sociologia na educação básica: relatos de educadores da rede estadual de São Paulo. 2017. 195f. Dissertação apresentada ao programa de Pós-Graduação em Educação – Universidade Federal de São Carlos, *campus* Sorocaba. Sorocaba, 2017.

### **RESUMO**

A pesquisa discute o ensino de Sociologia na educação básica e aborda os inúmeros desafios para a consolidação da disciplina no Ensino Médio. A construção histórica da Sociologia, a partir de seus principais autores: Karl Marx, Émile Durkheim e Max Weber, de algumas abordagens teórico-metodológicas e conceitos abrange essa pesquisa, que discute também as transformações sociais, políticas, econômicas, culturais e educacionais realizadas a partir do advento do sistema capitalista de produção. O desenvolvimento da Sociologia no país apresenta-se com seus principais debates e alguns autores. Discute-se o ensino da disciplina no Ensino Médio a partir da realização de entrevistas semiestruturadas com alguns professores da rede estadual do estado de São Paulo, que abordam seus dilemas, desafios, vivências e a estrutura dessa rede e do ensino de Sociologia no país.

Palavras-chave: Ensino de Sociologia. Ensino Médio. Professores. Sociologia.

## **ABSTRACT**

This research discusses the teaching of Sociology in basic education and the numerous challenges for the consolidation of the discipline in high school were addressed. This research encompasses the historic construction of Sociology, from its main authors: Karl Marx, Émile Durkheim and Max Weber, and of some theoretical-methodological approaches and concepts, it also debates the social, political, economic, cultural and educational transformations undertaken from the advent of the capitalist system of production. The development of Sociology in the country presents itself with its main debates and some authors. The teaching of the discipline in high school is discussed through semi-structured interviews with some teacher from State Educational System, who has addressed their dilemmas, challenges, experiences and the workplace structure and Sociology teaching in Brazil.

**Keywords:** Sociology Teaching. High School. Teachers. Sociology.

## **LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

CRUSP – Conjunto Residencial da Universidade de São Paulo

DCE – Diretório Central dos Estudantes

ENEM – Exame Nacional do Ensino Médio

ESALQ – Escola Superior de Agricultura “Luiz de Queiroz”

ETEC – Escola Técnica Estadual

FAPESP - Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo

FESPSP – Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo

FUVEST - Fundação Universitária para o Vestibular

ITESP – Fundação Instituto de Terras do Estado de São Paulo

NEPEP – Núcleo de Estudos e Programas em Educação Popular da Unimep

SARESP – Sistema de Avaliação do Rendimento Escolar do Estado de São Paulo

SBS – Sociedade Brasileira de Sociologia

UNESP – Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”

UNICAMP – Universidade Estadual de Campinas

UNIFESP – Universidade Federal de São Paulo

UNIMEP – Universidade Metodista de Piracicaba

USP – Universidade de São Paulo

## SUMÁRIO

Introdução .....	13
<b>1 – APONTAMENTOS SOBRE A CONSTITUIÇÃO DA SOCIOLOGIA .....</b>	<b>21</b>
1.1 – DO TRADICIONAL AO MODERNO .....	22
1.2 – A SOCIOLOGIA NO BRASIL .....	42
<b>2 – A SOCIOLOGIA NO ENSINO MÉDIO .....</b>	<b>49</b>
2.1 – O ENSINO MÉDIO NO BRASIL .....	56
2.2 – O ENSINO DE SOCIOLOGIA NA EDUCAÇÃO BÁSICA EM SÃO PAULO .....	68
<b>3 – OS DILEMAS E AS CONQUISTAS DOS PROFESSORES DE SOCIOLOGIA     .....</b>	<b>74</b>
<b>4 – CONCLUSÃO .....</b>	<b>121</b>
<b>5 – REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....</b>	<b>124</b>
ANEXO I – TRANSCRIÇÃO ENTREVISTA Nº 1: .....	129
ANEXO II – TRANSCRIÇÃO ENTREVISTA Nº 2: .....	147
ANEXO III – TRANSCRIÇÃO ENTREVISTA Nº 3: .....	160
ANEXO IV – TRANSCRIÇÃO ENTREVISTA Nº 4: .....	173
ANEXO V – ROTEIRO DE ENTREVISTAS .....	196

## **Introdução**

O ensino da disciplina de Sociologia na educação básica, no Brasil, foi alvo de muitas controvérsias e rupturas ao longo do tempo. A Sociologia adentrou a sociedade brasileira via ensino secundário ainda no século XIX, mas foi reiteradamente retirada ou posta como facultativa no currículo durante boa parte do século XX e início do século XXI. Assim, diante desses e outros fatores que serão discutidos e abordados nessa pesquisa, conhecer a história do ensino de Sociologia na educação básica se torna importante quando se pensa em sua manutenção no Ensino Médio.

A última retomada da Sociologia na escola ocorreu depois de muitos embates e batalhas em âmbitos estaduais e federal e só foi garantida, em todo território nacional nas três séries do Ensino Médio após a Lei nº 11.684/2008. Contudo, quando finalmente o estudo de Sociologia parecia estar garantido no Ensino Médio foi apresentado, no dia 22 de setembro de 2016, um projeto de lei, enviado ao Congresso pelo governo de Michel Temer do Partido do Movimento Democrático Brasileiro (PMDB), que alterava a estrutura curricular de todo o Ensino Médio brasileiro, e novamente o ensino de Sociologia, que passou a ser incluído como “estudos e práticas” de Sociologia e não mais como uma disciplina. Esse projeto foi aprovado no dia 16 de fevereiro de 2017 como a Lei nº 13.415/2017 e estabeleceu inúmeras mudanças na última etapa de ensino básico, entre elas, a formação por cinco áreas do conhecimento: linguagens e suas tecnologias, matemática e suas tecnologias, ciências da natureza e suas tecnologias, ciências humanas e sociais aplicadas e formação técnica e profissional, ficando a cargo dos estados brasileiros o cumprimento da legislação, que propõem também cinco horas diárias de formação, e que o conteúdo da Base Nacional Comum Curricular (BNCC), não pode passar de 1800 horas.

Esta pesquisa tem por objetivo analisar o ensino de Sociologia no estado de São Paulo. Para tanto, buscar-se-á traçar a história da Sociologia por meio de alguns de seus principais autores, metodologias e conceitos. Detendo-se na análise da constituição da Sociologia no país, seus principais expoentes e debates.

A compreensão da história do ensino de Sociologia no Brasil se faz necessária para analisar suas idas e vindas do currículo escolar. O estado de São Paulo foi um dos últimos a implementar a disciplina no ano de 2009, e para melhor entender como a disciplina se estrutura e ganha vida na educação básica, realizamos entrevistas semiestruturadas com quatro docentes da rede, buscando entender a sua trajetória inicial de formação, como compreendem o ensino da Sociologia no Ensino Médio, quais são os

seus principais desafios, como é a escola na qual lecionam e qual a importância da Sociologia para a formação dos jovens no Brasil.

O interesse por essa temática partiu da minha trajetória, pois fui professora de Sociologia da rede estadual durante o ano de 2012. Iniciei meus estudos no ano de 2007 como aluna de graduação do curso de Ciências Sociais na Unesp de Araraquara. Depois de um primeiro ano voltado para a compreensão das diferentes Ciências Sociais, a Antropologia, a Ciência Política e a Sociologia, iniciaram-se em 2008 os estudos na área da Licenciatura com as disciplinas: Psicologia da Educação e Estágio Supervisionado de Prática de Ciências Sociais I.

Nesse ano ocorreu um seminário no *campus* de Araraquara em parceria com a Unesp de Marília e os cursos de Licenciatura em Ciências Sociais chamado: “CIÊNCIAS SOCIAIS NA ESCOLA: uma experiência em movimento” e em um dos dias de realização do evento, recebemos a notícia de que a Sociologia havia retornado à educação básica, foi uma euforia e esperança coletiva, já que mais uma oportunidade de trabalho havia sido aberta. Era um momento de conquista importante para as licenciaturas em Ciências Sociais do país.

Em 2009 continuei meus estudos para me tornar professora de Sociologia com as seguintes disciplinas: Organização e Desenvolvimento da Educação Básica, Trabalho Docente e Didática, Estágio Supervisionado de Prática de Ensino em Ciências Sociais II e III. No meu último ano de graduação cursei na licenciatura: Metodologia de Ensino de Ciências Sociais, Prática de Ensino de Ciências Sociais, Estágio Supervisionado de Prática de Ensino em Ciências Sociais IV e V.

Um dos grandes problemas da Licenciatura era que a grande maioria dos professores das disciplinas não eram formados em Ciências Sociais e por consequência não tinham experiência em docência na área, já que cada Universidade possui sua estrutura organizacional e didática que interfere nesse processo, porém normalmente isso ocorre quando tais disciplinas voltadas ao ensino de uma disciplina específica encontram-se em departamentos distantes da área específica. Outra dificuldade era que eles desconheciam a realidade das escolas públicas e tinham uma visão superficial da educação básica brasileira. Após concluir os estudos da licenciatura em 2010, terminei meu bacharelado em julho de 2011 com uma monografia intitulada: “1999 a 2009: A Sociologia e a questão da terra brasileira na Pós-Graduação de Geografia Humana da USP”.

Em agosto de 2011 entrei na rede estadual de São Paulo como professora eventual de duas escolas estaduais do município de Piracicaba. Foi uma experiência muito rica e importante que me estimulou a prestar o concurso anual para assumir turmas como professora da categoria “O” do Ensino Médio, para lecionar a disciplina de Sociologia. Em 2012 assumi meu cargo em uma escola perto da minha residência, eram 19 aulas semanais para as três séries do Ensino Médio, nos períodos diurno e noturno. Minha grade era de terça a sexta-feira. Às terças e quartas-feiras possuía seis aulas no período na manhã e na quinta-feira apenas as quatro últimas aulas. No período noturno lecionava na quarta-feira a primeira e a terceira aulas e na sexta-feira dava a primeira aula para o terceiro ano do Ensino Médio.

Essas aulas foram até agora o grande desafio da minha carreira. Fazia o trajeto para a escola a pé o que era muito bom, pois possibilitava reforçar os laços com o bairro no qual residia. Ia cumprimentando os alunos pelo caminho e conhecendo melhor seus percursos e amigos. Vivi inúmeros momentos prazerosos durante o período que dei aula nessa escola, mas os desafios que enfrentei, me fizeram abandonar as aulas em agosto de 2012.

Existem vários motivos que me levaram a abandonar minhas aulas, mas dois deles se destacam, o primeiro fator determinante foi à constatação de que eu me sentia muito solitária, não havia outro docente da disciplina na escola e meus colegas das Ciências Humanas, principalmente, não correspondiam ou compartilhavam de minhas queixas e inquietações. Outro fator era a indisciplina de duas turmas que não permitiam que eu lecionasse, sugeri a direção da escola que alterasse o horário daquelas aulas, pois eram antes e após o intervalo, momento em que os estudantes estão muito agitados e dispersos, mas essa mudança não foi possível.

Sobre a disciplina que lecionava, adorava discutir o nascimento e consolidação da Sociologia, debatia com os estudantes as inúmeras transformações que ocorreram ao longo dos séculos XV ao XIX, a passagem do feudalismo para o capitalismo ressaltando as questões da tradição, da crença e da fé e sua relação com o mundo moderno, a consolidação do sistema capitalista, da racionalização, a vida nas cidades e todos os desafios discutidos pelas Ciências Sociais. Utilizava diferentes materiais didáticos, o caderno oferecido pelo estado de São Paulo, o livro didático oferecido pelo Governo Federal, além de jornais, revistas, filmes, músicas e debates.

A partir dessa minha experiência iniciei um processo de reflexão sobre ela e dei início ao meu contato com o Programa de Pós-Graduação em Educação da UFSCar, como aluna especial em 2013 e ingressando como aluna regular em 2015.

No Programa meu percurso foi marcado por disciplinas que cursei na área de metodologia de pesquisa como: Fundamentos Teórico-Metodológicos da Pesquisa em Educação e Seminário de Dissertação que permitiram uma melhor compreensão dos principais paradigmas da área e suas inúmeras possibilidades de pesquisa. No segundo semestre a disciplina Política, Educação e Sociedade me ajudou a entender os desafios dos professores, da luta por uma educação pública de qualidade para todos, com financiamento público; e na disciplina Tópicos: Memória, Gênero e Diversidade Sexual discutimos a construção das memórias, seus discursos, seus principais atores e como as mulheres, os negros e os homossexuais são desprestigiados nessa construção. Em 2016 fiz uma disciplina chamada PESCD: Programa de Estágio Supervisionado de Capacitação Docente, um estágio docente na disciplina de Sociologia para o curso de Pedagogia, com a supervisão da minha orientadora. Foi uma experiência muito rica e fundamental para o desenvolvimento da minha pesquisa.

Para melhor aprofundar as questões sobre o ensino de Sociologia e melhor compreender meu objeto iniciei no dia 13 de agosto de 2016, o curso de extensão: *Metodologias no Ensino de Sociologia* com a coordenação da Profa. Dra. Débora Cristina Goulart do Departamento de Ciências Sociais (DCS) da Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (EFLCH) / Universidade Federal de São Paulo (Unifesp) / Campus Guarulhos. Foi um momento muito importante para minha formação e compreensão de como o ensino de Sociologia na educação básica vem buscando garantir a aquisição dos conceitos sociológicos, gerando conhecimento e novas compreensões de mundo por parte dos estudantes. Compreendi que a Sociologia lecionada para os jovens que estão no Ensino Médio, precisa ser mediada pelo professor, que deve estruturar suas aulas buscando atingir os objetivos propostos.

Discutimos qual o papel da Sociologia na educação básica por meio da temática: “Para que Sociologia no Ensino Médio”: formar pessoas mais críticas? Ampliar a visão de mundo dos estudantes? No encontro: “Possíveis questões das adolescências e sua inserção no contexto escolar” a discussão foi sobre a adolescência e como os estudantes se sentem nessa complexa e difícil fase da vida. Fazer com que os jovens tenham o domínio de alguns conceitos centrais da Sociologia foi abordado na semana sobre: “A construção de conceitos nas aulas de Sociologia”. Conhecemos diferentes metodologias



nas aulas sobre: “O curta-metragem na sala de aula de Sociologia”, “Antropologia e Fotografia”, “Educação e tecnologias da Informação” e “A questão étnico-racial e indígena no Ensino Médio”.

Meus companheiros de curso eram professores de Sociologia da rede pública e privada do estado de São Paulo, além de estudantes da Licenciatura da Unifesp / Campus Guarulhos. Foi um momento de muita aprendizagem, no qual discutimos sobre nossas inquietações e angústias, além de partilhar nossas práticas de ensino, vivências e experiências. O curso vai ter um segundo módulo, que pretende abordar novas metodologias e outros temas presentes no currículo da disciplina no Ensino Médio.

Toda essa experiência, enquanto docente e estudante, foi importante para o desenvolvimento deste trabalho que visa contribuir na reflexão sobre o ensino de Sociologia.

Neste sentido, para realizar os objetivos propostos por essa pesquisa essa dissertação foi composta da seguinte forma: no primeiro capítulo discutiremos o nascimento da Sociologia, alguns de seus autores fundamentais, alguns dos seus principais conceitos e objetos. O contexto histórico da modernidade marca a construção e consolidação dessa ciência, seus atores sociais e suas metodologias. Ainda nesse capítulo, abordaremos a Sociologia no Brasil, alguns cientistas e pesquisadores, algumas temáticas e a consolidação das Ciências Sociais na academia e na sociedade brasileira.

No capítulo 2 discutiremos a história do ensino de Sociologia na educação básica no país. A entrada da disciplina ainda no século XIX, no então ensino secundário, suas idas e vindas do currículo no século XX e sua consolidação no Ensino Médio com a Lei nº 11.684 em 2008. Nele também discutiremos o Ensino Médio brasileiro, a etapa final da educação básica e algumas medidas governamentais que buscaram estruturar, através dos *Parâmetros Curriculares Nacionais* (PCN) de 1998, das *Orientações Educacionais Complementares aos Parâmetros Curriculares Nacionais* (PCN+) que foram criadas pelo Ministério da Educação (MEC) em 2002, e também das *Orientações Curriculares Nacionais* (OCN) que foram editadas pelo MEC no ano de 2006, o currículo para o Ensino Médio e também para a disciplina de Sociologia. Esses documentos tinham por objetivo organizar o currículo, em âmbito nacional, e sugeriam alguns conteúdos e orientações para os professores das disciplinas presentes no Ensino Médio, inclusive a Sociologia. Abordaremos ainda, alguns aspectos do desenvolvimento da educação pública paulista nos últimos 20 anos e a estruturação

do currículo da disciplina de Sociologia no estado de São Paulo, analisando o material didático dessa, elaborado pela Secretaria Estadual de Educação (SEE).

O capítulo 3 discutirá as entrevistas semiestruturadas realizadas com alguns docentes da rede estadual. Procurando compreender qual o papel que a disciplina de Sociologia tem no Ensino Médio, como esses professores organizam os conteúdos e metodologias de ensino propostas para a disciplina, como ministram suas aulas, quais os materiais didáticos e outros recursos que utilizam no ensino da Sociologia na escola, se dialogam com outras disciplinas e professores, como e se fazem uso de outros espaços da escola durante suas aulas. As entrevistas com os professores da rede estadual de São Paulo obedeceram ao seguinte critério: lecionar a disciplina de Sociologia para as três séries do Ensino Médio, para compreender como abordam os conteúdos ao longo do percurso de formação dos estudantes.

O momento de realização das entrevistas se tornou ainda mais complexo, diante do contexto observado, pois o país atravessa uma série de crises, entre elas, um golpe parlamentar consolidado pelo Congresso Nacional com apoio explícito e/ou implícito de grande parte da mídia e com o beneplácito do poder Judiciário, no último dia 31/08/2016 o golpe foi desferido contra a Presidenta da República Dilma Rousseff eleita pelo Partido dos Trabalhadores (PT) com mais de 54 milhões de votos em 2014.

O governo ilegítimo de Michel Temer/PMDB que assumiu o poder no lugar da Presidenta eleita Dilma Rousseff, vem sistematicamente atacando a educação pública brasileira, com algumas medidas provisórias e projetos de lei, entre eles a já citada Lei nº13.415/2017 que modificou o Ensino Médio, e que sofreu inúmeras críticas, pois essa não foi discutida pelos principais atores que afeta, ou seja, professores, estudantes, pais, outros trabalhadores e pesquisadores da educação e com a sociedade de uma forma geral. Trata-se, portanto, de uma Lei autoritária, que afeta uma geração de estudantes, que sequer foram ouvidos nesse debate, mas manifestaram sua indignação com essa antiga medida provisória e agora lei, ocupando mais de 1250 escolas em todo o país.

Outra proposta é a antiga PEC 241/2016, que no Senado era PEC 55/2016 – (PEC do Teto dos gastos públicos), que foi aprovada como Emenda Constitucional nº 95/2017 e irá congelar os gastos públicos durante 20 anos comprometendo também a área da Educação, com corte de gastos, poucos investimentos e outros problemas, como a ausência de concursos públicos.

Outra lei polêmica que afeta diretamente a área da Educação é o Projeto de Lei “Escola Sem Partido”, movimento que ganhou força em 2014 com a apresentação de

projetos de lei em várias cidades e estados do país. Esse projeto pretende coibir por parte dos professores qualquer manifestação política/ideológica, o que fere a Constituição Cidadã de 1988, que assegura a liberdade de Cátedra, entre outros direitos.

Além disso, no estado de São Paulo, foco dessa pesquisa desenvolvida sobre o ensino de Sociologia, ocorreu no ano de 2015, inúmeros acontecimentos na área da Educação, entre eles: a discussão dos Planos Municipais e Estadual de Educação, a maior greve da história dos professores estaduais, cuja duração foi de mais de 90 dias e a proposta de Reorganização Escolar, por parte do governo estadual, que iria fechar mais de 90 escolas da rede e transferir milhares de estudantes, que só não foi concretizada, porque alguns estudantes ocuparam as escolas e seus pais, alguns professores, uma parte da sociedade e da comunidade acadêmica se mostraram contrários à proposta e conseguiram derrubá-la.

As ocupações que ocorreram após o decreto do governador Geraldo Alckmin do Partido da Social Democracia Brasileira (PSDB), foram produto de uma insatisfação com a Reorganização Escolar proposta de cima para baixo, mas também revelaram o anseio dos jovens estudantes, que defendiam além da escola pública, da educação pública, respeito as diversidades sexuais, raciais, de gênero presentes no interior das escolas, além da discussão sobre a desigualdade de gênero, do enfrentamento do racismo, do machismo e da homofobia. Ficou evidente durante as manifestações estudantis, que eles reivindicavam uma outra relação com seus professores, diretores, comunidade escolar, demais estudantes, uma relação que fosse pautada pelo respeito às diferenças, democrática, horizontal e onde pudessem se expressar por diferentes linguagens.

As ocupações escancararam para toda a sociedade, a precariedade das escolas, tanto nas suas estruturas físicas, quanto material, e também revelaram inúmeros livros, materiais, instrumentos musicais, material esportivo, que as equipes dirigentes escondiam dos estudantes e da comunidade escolar. Elas possibilitaram que essa geração estudantil fosse ouvida e relatasse como se sente nesse ambiente hierarquizado, burocratizado e autoritário que a escola pública paulista representa e reproduz, ano após ano, dentro do ambiente escolar, inclusive nas salas de aula.

Diante deste contexto este estudo se mostra pertinente, pois a compreensão do ensino da Sociologia permitirá um panorama e uma reflexão sobre o desenvolvimento da disciplina, das práticas docentes e das escolas públicas paulistas.

Para melhor entendimento das práticas docentes valemo-nos de entrevistas semiestruturadas escolhida por possuir um caráter de interação com o entrevistado, que procurou abordar o início da formação daquele docente, seus percursos como professor, o início da sua carreira, suas práticas pedagógicas e metodológicas, com o intuito de melhor compreender os professores e como ensinam a Sociologia na escola. Além disso, a existência de um roteiro nos permitiu abordar todas as questões de forma coerente e lógica. É importante ressaltar que também se torna necessário respeito e sensibilidade para com os entrevistados, pois o cenário atual vem sistematicamente atacando a educação e seus profissionais.

Cada entrevista foi realizada em um ambiente diferente, respeitando o tempo de reflexão e fala de cada professor. Seus conhecimentos e distintas abordagens no ensino da Sociologia na escola, contribuíram muito para a riqueza dessa pesquisa. Tudo o que cada um discutiu, reflete as inúmeras possibilidades didáticas que a Sociologia oferece, seus percursos teóricos e metodológicos, que permitem ao estudante brasileiro, que aprende a disciplina, elaborar um pensamento próprio e muitas vezes crítico, da realidade.

## 1 – APONTAMENTOS SOBRE A CONSTITUIÇÃO DA SOCIOLOGIA

O surgimento de uma nova ciência ocorre a partir de contextos históricos, econômicos, políticos, sociais e culturais específicos nos quais as transformações das antigas estruturas sociais levam a novas formas de compreensão e desenvolvimento da sociedade que reivindica e cria outras formas de explicação a partir da realidade concreta.

A consolidação e o desenvolvimento do modo de produção capitalista foi um desses momentos que culminou com a modificação das bases sociais até então existentes. O sistema capitalista surgiu a partir da transformação das bases produtivas da Idade Média na Europa que foi passando por transformações ao longo dos séculos. Conforme a necessidade dos seres humanos se alterava, era necessário o uso de novas técnicas e instrumentos já que o trabalho que era desenvolvido gerava novas ideias, valores e tecnologias.

A sociedade europeia daquele período, que se estendeu dos séculos IV ao XV, foi marcada pela estratificação e descentralização da vida social. As pessoas viviam em feudos, cujo trabalho era voltado para o sustento do senhor feudal e sua família. As propriedades rurais eram divididas entre os diferentes feudos e uma parte da produção de alimentos desses era destinado para as famílias dos trabalhadores. As poucas cidades existentes no período abrigavam algumas feiras comerciais, alguns profissionais, entre eles os alfaiates, e serviam de estadia aos viajantes.

A Idade Média foi marcada, principalmente na Europa, pela força do pensamento religioso e do poder da ação divina sobre a vida natural e humana, mas a compreensão de mundo baseada nas leis de Deus foi sendo problematizada pelos filósofos e pensadores, já que as antigas estruturas sociais, seus valores e “certezas” estavam sendo colocados em “xeque”, pelas transformações que se desenvolviam, e esses se preocupavam em entender as questões sob uma nova ótica, tanto no âmbito individual, quanto da sociedade civil, para o sociólogo brasileiro Sérgio Adorno em seu artigo: *O social e a sociologia em uma era de incertezas* (1997):

Essa ruptura entre natureza e cultura abriu espaço ao antropocentrismo. De fato, a tradicional concepção que reputava a existência a um princípio metafísico – a providência divina ou a providência natural – cede lugar a um novo princípio: o homem como construtor de seu próprio destino, de sua própria história. Através de sua ação no mundo, de sua razão e de seu trabalho, o homem finca esperanças futuras; desafia preconceitos; substitui a magia, a fé e a religião pela razão; deposita na ciência as expectativas de um mundo

melhor, livre das misérias que afligem a humanidade (ADORNO, 1997, p.9).

Foi o início do processo de secularização da sociedade e de uma transformação profunda na compreensão do papel do ser humano sobre a natureza e como sua ação alterava a realidade social.

As compreensões das condições materiais de existência desempenharam um fator determinante na descoberta e valorização dessas novas apreensões, que partiram da concepção racional sobre a realidade social, primeiro com as Ciências Exatas e Biológicas e seus métodos experimentais e, posteriormente, com as Ciências Humanas, entre elas, a Sociologia, que abordavam os desdobramentos políticos, econômicos, sociais e culturais da sociedade da época.

As inúmeras transformações que ocorreram durante esse período histórico foram analisadas por vários cientistas e as suas principais características e desdobramentos serão discutidos ao longo desse capítulo.

### **1.1 – Do tradicional ao moderno**

A Sociologia desde sua criação procurou se debruçar sobre os acontecimentos históricos que marcaram a transformação da sociedade feudal para a sociedade capitalista. Segundo Adorno (1997, p. 13): “desde seu nascimento [a Sociologia] também se debruçou sobre os contrastes entre o passado e o presente. O cotidiano da modernidade foi percebido a partir de fortes oposições com o mundo da tradição”. Havia expectativas com esse horizonte que as transformações sociais, políticas, econômicas e científicas apresentavam.

Octávio Ianni sociólogo brasileiro discutiu o desenvolvimento da Sociologia em suas obras e em uma de suas aulas inaugurais para os alunos do curso de Ciências Sociais da Universidade de São Paulo (USP) em 1988, versada para o artigo intitulado: *A Sociologia e o Mundo Moderno* (1989), em que o autor afirma que:

A Sociologia não nasce no-nada. Surge em um dado momento da história do Mundo Moderno. Mais precisamente, em meados do século XIX, quando ele está em franco desenvolvimento, realizando-se. Essa é uma época em que já se revelam mais abertamente as forças sociais, as configurações de vida, as originalidades e os impasses da sociedade civil, urbano-industrial, burguesa ou capitalista. Os personagens mais característicos estão ganhando seus perfis e movimentos: grupos, classes, movimentos sociais e partidos políticos; burgueses, operários, camponeses, intelectuais, artistas e políticos; mercado, mercadoria, capital, tecnologia, força de trabalho, lucro, acumulação de capital e mais-valia; sociedade, estado e nação; divisão

internacional do trabalho e colonialismo; revolução e contra-revolução (IANNI, 1989, p. 8).

Ianni evidencia a importância da modernidade para o desenvolvimento da Sociologia e apresenta alguns conceitos e atores sociais fundamentais para a análise sociológica.

Adorno analisa a passagem do mundo da tradição ao mundo moderno e destaca:

Enquanto momento historicamente novo e pleno de sentido, a modernidade foi gestada em um longo processo que atravessou três fases: a primeira marca o início de vida da experiência moderna (século XVI ao XVIII) e está pontuada por três grandes acontecimentos: a descoberta do Novo Mundo [que introduz a descoberta do “outro” e, portanto, da diferença]; o Renascimento Cultural [que promove acentuado deslocamento no horizonte intelectual e moral, introduzindo no lugar do teocentrismo o antropocentrismo]; e a Reforma Protestante [que estimula a emergência do indivíduo moderno]. A segunda fase é uma era de explosiva convulsão em todos os níveis da vida pessoal e social. Foi uma era revolucionária caracterizada pelo *Iluminismo* que, enquanto filosofia, traduziu a definitiva e inexorável ruptura com o passado, a universalização da razão, o primado sobre o indivíduo e de sua liberdade. Por fim, o período em que a modernidade se converte em modernização (século XX), no qual a era moderna se distancia de suas raízes originais e o moderno se multiplica em fragmentos (ADORNO, 1997, p.5).

Um autor que discutiu a construção da Sociologia a partir das suas distintas contribuições metodológicas foi C. Wright Mills em sua célebre obra: “*A Imaginação Sociológica*” (1982). Nessa, o autor analisa o desenvolvimento da Sociologia a partir das diferentes metodologias, que compreendem a maneira como cada filósofo, pesquisador e cientista desenvolveu sua análise, criadas a partir da compreensão da realidade social nas quais esses estavam inseridos. Logo no início da obra, Mills procura discutir as profundas transformações que homens e mulheres vivenciam e como o desenvolvimento da ciência, inicialmente, as ciências físicas e biológicas, posteriormente, a Sociologia compreende esse processo:

Durante a era moderna, a ciência física e biológica foi o principal denominador comum da reflexão séria e da metafísica popular das sociedades ocidentais. “A técnica de laboratório” foi o modo de processo e a fonte de segurança intelectual. Esse é um dos significados da ideia de um denominador comum intelectual: os homens podem formular, em seus termos, suas convicções mais fortes; outros termos e outros estilos de reflexão parecem simples veículos de fuga e obscuridade (MILLS, 1982, p. 21).

Mills adota uma postura diante do objeto baseada na chamada *imaginação sociológica* que propõe que se questionasse a todo o momento tudo o que

está acontecendo, buscando sempre compreender o que estava por trás dos fenômenos. A história, neste sentido, é um elemento central para compreensão da realidade:

A imaginação sociológica capacita seu possuidor a compreender o cenário histórico mais amplo, em termos de seu significado para a vida íntima e para a carreira exterior de numerosos indivíduos. Permite-lhe levar em conta como os indivíduos, na agitação de sua experiência diária, adquirem frequentemente uma consciência falsa de suas posições sociais. Dentro dessa agitação, busca-se a estrutura da sociedade moderna, e dentro dessa estrutura são formuladas as psicologias de diferentes homens e mulheres. Através disso, a ansiedade pessoal dos indivíduos é focalizada sobre fatos explícitos e a indiferença do público se transforma em participação nas questões públicas (MILLS, 1982, p. 12).

As transformações das bases explicativas da vida e da ordem social foram debatidas também na obra: *Iluminismo e Desespero: uma história da Sociologia* (1982) de Geoffrey Hawthorn, que discute as mudanças filosóficas, históricas, políticas, econômicas, sociais e culturais que culminaram na necessidade de explicar o que estava ocorrendo e, portanto, na construção de uma ciência da sociedade: a Sociologia. O autor discute a criação dessa ciência humana a partir dos intelectuais que influenciaram sua constituição e consolidação.

O processo de racionalização e a ação humana posta no centro das atenções levou séculos para ser concretizada e perpassou as discussões de diferentes pensadores, em diversos países, sobretudo na França, na Escócia, na Inglaterra e na Alemanha. A centralidade que a ação humana passou a ter foi enunciada em um contexto histórico específico vivido pelo continente europeu, no qual transformações profundas na estrutura social da Idade Média culminaram no advento da Modernidade, momento que marcou a passagem do domínio epistemológico da fé e do sagrado, para as ciências, e sua explicação racional do mundo a partir da experiência, culminando na criação de leis universais.

A base científica desse momento era constituída pelas Ciências Exatas e Naturais, que realizavam experimentos na tentativa de confirmar as hipóteses levantadas ou refuta-las. Num primeiro momento, a Sociologia foi marcada pela influência dessas ciências, sobretudo as Ciências Naturais, buscando nelas, um modelo para sua construção. Com o desenvolvimento de suas categorias de análise e compreensão da realidade a partir de conceitos e referenciais teóricos e metodológicos, essa nova ciência conquistou sua autonomia. De acordo com Adorno:

Desde seu nascimento, a sociologia, imbuída de pressupostos teóricos e metodológicos não raro inspirados nas ciências da natureza,



debruçou-se criticamente sobre a sociedade moderna. Buscou-lhe descrever sua estrutura e dinâmica histórica; apontou-lhe seus dilemas e impasses com vistas a indicar caminhos de superação. No seu afã científico, fez constituir a sociedade como objeto de conhecimento. Dotou-a de atributos e características; inseriu-a no tempo e no espaço; identificou sua razão de ser; vislumbrou possibilidades de nela os homens encontrarem de fato sua emancipação da natureza e do domínio de uns sobre outros. Uma aposta que, um século mais tarde, ainda permanece em suspenso, a despeito do acúmulo de saber produzido por múltiplas teorias, pelo avanço dos métodos e técnicas de investigação, pelos resultados alcançados por um infindável número de investigações empíricas nos mais diferentes espaços da vida social a que se dedicou e vem se dedicando (ADORNO, 1997, p.13).

Com o Iluminismo essa nova compreensão da realidade ganhou mais força e a razão, como forma de explicação do real, foi se consolidando. Segundo Hawthorn (1982, p. 22):

Em geral, então, não é difícil de se verificar como nasceu o caráter distinto do Iluminismo europeu e em que consiste. Em primeiro lugar, os antigos apelos pela razão, como um meio de se conhecer a lei natural, foram fortalecidos. E em segundo lugar, desde que sempre esteve claro que a natureza não era em si mesma um reino inteiramente metafísico, mas pelo menos, superficialmente físico, e desde que uma investigação da natureza seria agora de suprema importância, então devia-se, e achava-se que se devia, prestar mais atenção aos métodos adequados para a compreensão dos fenômenos físicos. Daí a insistência em suplementar a tão defendida faculdade da razão através da experiência e do experimento.

Do período medieval até o século XVIII, os filósofos realizaram inúmeras abordagens epistemológicas, mesmo assim, o abalo da fé na Igreja e nos seus preceitos foi superestimado. A autoridade desta foi desafiada, sobretudo nas questões políticas, sociais e morais devido às diferenças encontradas entre as religiões e as formas políticas que existiam dentro da Europa, pois de acordo com Hawthorn (1982, p. 23): “(...) naturalmente e ironicamente, é muito mais pelas diferenças entre as religiões, assim como entre as tradições políticas dentro da Europa, que se pode atribuir os diferentes rumos que o Iluminismo ali seguiu”.

Segundo Adorno:

Nada disso, no entanto, elimina o sentimento, pelo menos nesse momento (trânsito do século XVIII ao XIX), de um mundo moderno frágil, dotado de incertezas onde são precários os limites e fronteiras entre o conhecido e o desconhecido, entre a ordem e a desordem, entre o racional e o irracional. Assim, ao mesmo tempo em que o indivíduo abandona as crenças e tradições, desencanta o mundo de visões e de fantasmas, busca dominar a incerteza e o incógnito, considera-se senhor de si e do mundo, experimenta igualmente um destino trágico.

Vivencia também a desconfiança e o medo. As mudanças rápidas, irreversíveis e irregulares, perturbando os arranjos tradicionais, levantam também suspeitas quanto ao futuro dos indivíduos e da sociedade (ADORNO, 1997, p.17).

As ideias, nesse momento social e cultural do Renascimento frutificaram em toda a Europa, desde o Empirismo na Inglaterra com John Locke (1632-1704) e David Hume (1711-1776) até o Racionalismo francês com René Descarte (1596-1650), e segundo Hawthorn (1982, p. 23):

Certamente, dois dos arquitetos do novo radicalismo intelectual da Inglaterra, Newton e Locke, muito contribuíram para inspirar os *philosophes* franceses, e Hume, na Escócia, assim como Rousseau na França, muito contribuíram para provocar Kant e, desta forma, dar direção ao séquito do idealismo alemão do fim do século XVIII. Mas o ceticismo de Hume é evidência suficiente do fato de que os escoceses não estavam inertes naquele século, e Kant não pode ser descrito como estando em oposição aos ideais do Iluminismo sem que se distorça grosseiramente toda sua filosofia. Muito do que se seguiu na Alemanha foi o produto, ao menos de início, de um grande entusiasmo pelos ideais franceses, ideais que a princípio foram considerados realizados pela revolução de 1789.

O Renascimento possibilitou transformações importantes nas condições de vida, inicialmente na Europa. A ampliação do domínio do homem sobre a natureza, e a explicação e experimentação da ordem natural através do uso da razão, foi essencial nesse processo, e neste contexto Deus passou a ser visto como parte da natureza como afirma Hawthorn (1982, p. 22): “(...) mas à medida que Deus começou a ser visto como expressão da natureza e não separado e anterior a ela, a importância da razão foi crescendo”. Nesse sentido, Adorno destaca a importância da natureza para a dinâmica da vida social e afirma:

O mundo da tradição esteve marcado por uma indissolúvel ligação e indistinção entre natureza e cultura. Todas as atividades estavam circunscritas a eventos da natureza: as colheitas, as desgraças, as epidemias e as lutas políticas entre dinastias, as guerras e invasões, o nascimento e a morte, o próprio sentido do tempo regido pelas tarefas cíclicas determinadas pela natureza (ADORNO, 1997, p.6).

Outras transformações ampararam a compreensão da sociedade criada a partir do desenvolvimento do capitalismo entre elas, a descoberta do novo mundo no século XV, e suas diferentes populações e formas de organização da vida, as novas riquezas materiais, os inúmeros alimentos, e também a troca de mercadorias entre o Oriente e o Ocidente, que ampliou na Europa a importância do domínio da razão e da explicação racional. A passagem do misticismo para o cientificismo rompeu com a explicação

divina das diferenças e possibilitou a consolidação dessas baseadas na razão. Segundo Adorno:

O elo desses postulados é a razão, princípio mesmo fundante do conhecimento. A razão vai se apresentar como necessária mediadora entre natureza e atividade humana. Descobre-se que a natureza se funda numa ordem inteligível, cabendo portanto à razão conhecer todas as suas leis de funcionamento; ou seja, suas leis “naturais”. Essa relação entre natureza e razão produz consequências: primeiro, todo o conhecimento conduz à ação, motivo porque a razão domina a vontade e a paixão; segundo, a razão manifesta-se sob a forma de progresso. Conhecer é, por outro lado, identificar princípios gerais e abstratos de moralidade; por outro lado, identificar princípios de juízos imediatos, concretos, utilizados de acordo com circunstâncias, que conferem direção efetiva às condutas. A razão fundamenta, por conseguinte o poder do indivíduo sobre o mundo e a transformação da natureza e da sociedade para a satisfação dos desejos humanos, isto é, para sua felicidade. Esse poder supõe o princípio da liberdade entendida como autonomia individual. Sob essa ótica, a liberdade é considerada em oposição à violência e por sua identidade com a capacidade de atuar. Liberdade significa, antes de tudo, autoridade do indivíduo sobre as coisas (natureza) e sua autonomia com respeito aos outros (sociedade). Não há, logo, qualquer contradição entre razão e liberdade. Ao contrário, o homem somente atua no mundo, submetendo-se as leis de seu ser e de sua razão. Daí a identidade entre modernidade, racionalidade e liberdade (ADORNO, 1997, p.10).

Outros fatores, como a utilização da mão-de-obra escrava negra e indígena possibilitaram o desenvolvimento das sociedades europeias que nasciam e se fortaleciam explorando outros seres humanos em busca de mais riquezas e lucros. A expansão que ocorreu na Europa a partir do desenvolvimento do sistema capitalista visava ampliar a exploração da terra e do trabalho humano, e a conquista de novos mercados.

A Reforma Protestante questionou os dogmas da Igreja Católica e diversificou a abrangência da fé, da caridade, da vida terrena e espiritual. Ela permitiu novas maneiras de compreensão da lei divina e modificou a forma de vida das populações que aderiram a essa nova concepção religiosa, já que pregava que o destino dos seres humanos já havia sido traçado por Deus e o trabalho na terra era uma forma ascética de agradá-lo. Ao perder o domínio sobre a crença e os modos de vida humana, a Igreja Romana deixou de ditar, principalmente na Inglaterra, a vida social e foi perdendo seu poder político na Europa ao longo dos séculos.

O desenvolvimento e a consolidação das ciências exatas, biológicas e sociais ocorreram de maneiras distintas na França, na Inglaterra e na Alemanha. Aconteceram nesses países diversas transformações sociais, políticas e econômicas que culminaram

na passagem da Idade Média para a Idade Moderna. O rompimento com as formas tradicionais de vida, sua compreensão e seus valores, foi decisivo para consolidar a modernidade nesses países e no mundo.

A transformação das bases materiais de existência, ou seja, a maneira como o ser humano realizava seu trabalho, foi fundamental nesse processo, que começou na Inglaterra no século XVI, e levou à criação da Sociologia, ciência voltada para compreender a sociedade que se desenvolveu e concretizou a partir do sistema capitalista. Ao discutir a importância da compreensão histórica dessa ciência, se torna necessário analisar os diversos contextos que permitiram sua consolidação. Para Adorno (1997, p. 9):

O postulado da subjetividade enquanto afirmação do indivíduo no mundo remete ao postulado da identidade. Frente à consciência da modernidade – consciência da transitoriedade, da mutabilidade, da heterogeneidade, do movimento, da profusão de sentimentos e ideias, do turbilhão de emoções, da relatividade das opiniões -, impõe-se um princípio de conhecimento que torne esse mundo historicamente definido como modernidade, inteligível. Trata-se de um princípio que realiza a interligação entre o geral e o particular, entre o real e o cognoscível, entre aquilo que muda e aquilo que permanece, entre o caráter multifacetado e plural da realidade social e a exigência de regularidades que se encontra sob a base da ciência moderna.

Enquanto na França predominava a religião católica e sua base epistemológica era a Racionalista, pois confiava mais na razão do que nos sentidos, a Inglaterra era protestante e tinha como base filosófica o Empirismo, que baseava sua compreensão na experiência. O primeiro tinha sua base social atrelada à Igreja Católica e o segundo, nos indivíduos, e de acordo com Hawthorn (1982, p. 24):

(...) numa linguagem mais formal, se os franceses, em seu racionalismo, tendiam mais a uma visão do conhecimento como um processo pelo qual verdadeiras proposições seriam deduzidas de uns poucos axiomas fundamentais, os ingleses, em seu empirismo, se inclinavam mais à visão de que o conhecimento era um processo pelo qual a verdade seria induzida a partir de observações experimentais dos fatos particulares e de suas conexões.

Nesse sentido para os ingleses, o homem era a autoridade tanto nos assuntos intelectuais quanto espirituais, já os franceses se apoiavam muito na compreensão de mundo da Igreja Católica. Havia outro aspecto importante que diferenciava esses países, a esfera política. A revolução burguesa, que na Inglaterra ocorreu no século XVII, já havia consolidado o poder econômico e político da burguesia através de uma legislação que defendia e assegurava seus interesses. Na França após a morte de Luís XIV, a

burguesia passou a ocupar postos na administração pública, mas sem conquistar plenos direitos, já que a nobreza e a Igreja Católica na França eram muito fortes politicamente.

Para Hawthorn (1982, p. 24):

(...) havia um contraste entre uma sociedade na qual a Igreja Católica, mesmo quando odiada, preparava o modelo da autoridade e em que a burguesia tinha poucos direitos, e uma sociedade na qual o modelo protestante de autonomia e independência individual prevalecia, na qual a burguesia havia corrigido o sistema político a fim de garantir seus direitos dentro dele.

Dois eventos importantes foram fundamentais para alterar as transformações que a classe burguesa operou na Europa. A Revolução Industrial e a Revolução Francesa que marcaram o desenvolvimento de um novo tempo histórico. A revolução industrial ocorreu ao longo dos séculos XV a XIX e marcou a passagem do modo de produção feudal para o modo de produção capitalista. A mudança nas relações sociais, de servis para assalariada, a modificação das relações de produção, de subsistência para a venda de sua mão-de-obra, e a passagem da vida no campo para a cidade, são algumas das transformações que consolidaram essa revolução, principalmente na Inglaterra.

Essa revolução alterou as bases sociais de subsistência dos homens e mulheres europeus. Instituiu, por onde passou outra compreensão do tempo, do ritmo de vida, e modificou, sobretudo, a relação do ser humano com o seu trabalho. A criação das primeiras máquinas alterou a dinâmica da sociedade. O maquinário desenvolvido para a fabricação de roupas necessitava de matéria-prima abundante para que pudesse produzir uma quantidade satisfatória de mercadorias. A oferta de lã não era grande e estava dificultando a produção e o desenvolvimento industrial.

Assim, a expulsão de alguns seres humanos, do seu local de trabalho, o campo, onde produzia alimentos e utensílios para a sua própria subsistência e do senhor feudal, deu lugar, à criação de ovelhas, que produziam a matéria-prima necessária para a indústria, a lã. Essa expropriação fundiária gerou um contingente enorme, de homens e mulheres, que precisaram vender sua força de trabalho nas cidades, para assegurar o sustento de suas famílias e se tornaram a mão-de-obra necessária para o desenvolvimento industrial. Se as transformações econômicas modificaram as relações sociais, foi necessário alterar as bases epistemológicas que vigoravam na sociedade europeia daquele período para assegurar e consolidar a nova dinâmica social criada a partir do modo de produção capitalista.

Na França era necessário transformar a esfera política para assegurar o controle da burguesia. A revolução francesa foi um movimento burguês, cujo objetivo era a conquista do poder político, já que o econômico estava em suas mãos. A revolução ocorreu com o apoio da população mais pobre, dos pequenos comerciantes e dos camponeses que eram contra os privilégios da nobreza e do clero. Naquele momento, a França vivia uma crise econômica, pois sua economia era baseada na agricultura e na indústria têxtil, e sofria com a instabilidade climática, que prejudicava a produção de alimentos, e também com a entrada dos tecidos vindos da Inglaterra, nesse contexto, a população sofria com a miséria e a fome.

Para diminuir os privilégios da nobreza e do clero, o povo pressionou o Rei Luís XVI para marcar uma Assembleia dos Estados Gerais, para modificar a constituição, já que, o voto era feito por classe e não por indivíduo, o que favorecia a nobreza e o clero, pois votavam sempre unidos. Essa alteração não foi realizada e o povo se rebelou e criou a Assembleia Nacional Constituinte, cujo lema era “Liberdade, Igualdade e Fraternidade”. O rompimento com a ordem monárquica e hereditária do poder na França em 1789, com a decapitação do rei Luís XVI, modificou as relações políticas, econômicas e sociais, permitindo a chegada da burguesia ao controle do poder político, e a instauração da República como forma de governo, na qual o povo elege seus representantes.

Nesse momento a Alemanha era um território composto por diversas organizações políticas diferentes, que partilhavam o idioma germânico e a fé protestante. Mesmo assim, foi possível contribuir com o desenvolvimento racional e científico do momento.

As transformações materiais e epistemológicas produziram novas ideias no continente europeu, alguns desses pensadores foram David Hume na Escócia, Jean-Jacques Rousseau (1712-1778) na França e Immanuel Kant (1724-1804) no território que hoje chamamos de Alemanha, que estavam pensando as leis e a ordem dentro da sociedade europeia. A questão posta era compreender como o homem sendo livre, se enquadrava dentro das regras e normas impostas pela sociedade. O mundo material e o mundo das ideias foram sendo problematizados e Kant, influenciado por Rousseau e Hume, compreendeu que os seres humanos são produtos da sociedade em que vivem. Segundo Hawthorn (1982, p. 42):

Mais uma vez, havia então surgido, como na França contemporânea, uma tensão entre certa apreciação “naturalista” da sociedade civil e

uma noção mais emergente da importância factual das dificuldades morais do individualismo. Mas, ao passo que na França e na Alemanha esta tensão seria resolvida, mesmo que de maneiras diferentes, através da redefinição do indivíduo em relação à sociedade, na Escócia, e posteriormente na Inglaterra, isso não aconteceria. Ali se oscilava entre dois pontos de vista bastante contraditórios. Um deles consistia em que a determinação histórica dos interesses seria irrelevante quanto à resolução de seus resultados. O outro era que o resultado desejado, e o maior bem individual e o maior bem coletivo, consistiria precisamente em se reconhecer a força e mesmo a inevitabilidade da determinação histórica.

Kant concluiu que o ser humano era livre e independente de Deus, da sociedade e da natureza e respondia por suas ações e atos. A lei os mantinha unidos e garantia a justiça e a liberdade, e o respeito a elas, permitia que todos fossem considerados iguais como construtores da vontade geral. Para Kant a história era feita pelo ser humano a partir de sua vontade, ela os transforma e é transformada por eles.

A força intelectual de Kant consistia, portanto em sua fraqueza social. Os filósofos que o sucederam na Alemanha buscaram transcender seu austero individualismo utilizando-se das categorias que ele estabelecera para defendê-lo. A questão que consistia em por que desejaríamos fazer tal coisa, em lugar de rejeitar imediatamente suas proposições, seria parcialmente respondida pela própria situação política na Alemanha na passagem do século. A Alemanha era uma imensa nação protestante, mas que na realidade não existia. A Inglaterra, também, é claro, era protestante, mas aí haviam surgido abruptamente dois fatores que teriam obstruído o desenvolvimento intelectual da convicção protestante, segundo a qual o homem seria sua própria autoridade em assuntos espirituais, os quais tenderiam a manter os homens unidos. Um deles seria o temperamento empiricista dominante da sociedade intelectual inglesa. O outro, o fato da Inglaterra ser politicamente coerente e atravessar uma transformação social rápida e radical. (...) nesse país, não havia nem uma tradição de empirismo, nem uma coerência política, nem demasiadas alterações sociais. A primeira observação permanece inexplicada, mas possivelmente tenha alguma relação com o fato de que, num país dividido, com uma estrutura social arcaica, no que concerne ao comércio e ao câmbio, e no qual os intelectuais consistiam num grupo muito separado e proscrito, os pensadores, mais que frequentemente, se deparavam com problemas de ordem prática (HAWTHORN, 1982, p. 46).

Outro filósofo alemão Georg W. F. Hegel (1770-1831) elaborou uma análise sobre os rumos do Estado a partir da ação dos indivíduos, concluindo que somente a Filosofia era capaz de sanar todos os problemas criados pelos seres humanos. A reflexão racional e lógica sob a ótica filosófica era o que levaria à resolução dos conflitos. Segundo Hawthorn (1982, p. 57):

Rousseau e, mais nitidamente Kant, havia distinguido a natureza da lei e predicava o Estado sobre a última. Hegel sustentava que a lei de ambos não era universal já que, na prática, ela falhou em atingir o que a filosofia em que estava baseada falhava em atingir em princípio, isto é, resolver todas as contradições, remover a “outricidade” ou alienação, e assim atingir a verdadeira universalidade no absoluto.

As concepções hegelianas influenciaram um dos pensadores mais importante da Alemanha, Karl Marx (1818-1883). Ao discutir a obra hegeliana, Marx compreendeu que a concepção de Hegel sobre a dialética se referia a pensar através das contradições, mas a problematizou ao afirmar que o real era fruto da ação concreta que os seres humanos realizam ao alterar a natureza e a sociedade, e não produto da razão. Sua teoria propunha analisar a sociedade como uma totalidade, síntese de múltiplas determinações. Toda apreciação científica pressupõe um método de análise, e Marx construiu uma compreensão teórica a partir do método chamado de materialismo histórico-dialético. Segundo Quintaneiro (2002, p. 41):

Para o materialismo histórico, a luta de classes relaciona-se diretamente à mudança social, à superação dialética das contradições existentes. É por meio da luta de classes que as principais transformações estruturais são impulsionadas, por isso ela é dita o “motor da história”. A classe explorada constitui-se assim no mais potente agente da mudança.

A lógica dialética propõe que a realidade concreta seja analisada teoricamente, a partir da sua constante transformação. Segundo Quintaneiro (2002, p. 22):

Em meados do século 19, Karl Marx (1818-1883), afastando-se da filosofia idealista alemã, concentrava seus esforços em compreender “os homens de carne e osso”, movidos por suas necessidades materiais e inseridos no rio da História. Embora sua obra não possa ser considerada estritamente sociológica, ela lançou as bases para explicar a vida social a partir do modo como os homens produzem socialmente sua existência por meio do trabalho, e de seu papel enquanto agentes transformadores da sociedade. Isto trouxe de volta ao centro do debate político e intelectual o tema da desigualdade social, vinculando-o a processos histórico-sociais.

De acordo com Marx, para explicar a sociedade era necessário partir da realidade concreta ultrapassando a aparência dos fenômenos. O método é material, pois o ser humano produz sua realidade concreta com a sua atividade, o trabalho. Para Adorno (1997, p. 11):

A filosofia moderna também traz mudanças substanciais em suas concepções de homem e de história. A expressão moderna mais elaborada do conceito de homem é, sem dúvida, a de Marx. Segundo Arendt, ela manifesta-se em três pressupostos: primeiro, o trabalho cria o homem; segundo, a violência é a parceira da história,



pressuposto que contrasta com o princípio tradicional que identificava o homem com sua capacidade de administrar conflitos a partir da persuasão pela palavra. Na concepção clássica, a violência seria a última *ratio*, aplicável somente aos bárbaros e aos escravos; terceiro, a realização da filosofia na política. Esses pressupostos transformam o homem em criador de sua história. Por conseguinte, a modernidade diluiu o conceito tradicional de homem.

As classes sociais são um dos elementos centrais da compreensão histórica que Marx realizou em seus estudos, pois concluiu que as diferenças e desigualdades entre os seres sociais, são fruto da história e da ação humana e não naturais ou sobrenaturais:

Vê-se, portanto, que a existência das classes sociais vincula-se a circunstâncias históricas específicas, quais sejam, aquelas em que a criação de um excedente possibilita a apropriação privada das condições de produção. Dessa forma, o materialismo histórico descarta as interpretações que atribuem um caráter natural, inexorável, a esse tipo particular de desigualdade. E ainda afasta definitivamente a ideia segundo a qual as classes se definiriam a partir do nível de renda ou da origem dos rendimentos: isso não só resultaria numa infinidade de situações como, também, tornaria a distribuição da riqueza produzida socialmente a própria causa da desigualdade. A renda não é um fator independente da produção: é, antes, uma expressão da parcela maior ou menor do produto a que um grupo de indivíduos pode ter direito em decorrência de sua posição na estrutura de classes (QUINTANEIRO, 2002, p. 39).

Marx foi influenciado também pelo Socialismo Utópico e pela Economia Política Inglesa, o primeiro assegurava que as relações de produção no capitalismo eram desiguais, entretanto não propunha nenhuma ação concreta contra esse sistema. E o segundo elaborou a teoria do valor trabalho com as análises de Adam Smith (1723-1790) e David Ricardo (1772-1823) que afirmavam que a riqueza de uma nação vinha do trabalho. Marx criticou essa teoria ao afirmar que a relação entre o capital e o trabalho era problemática, pois uns detém o capital e os meios de produção, outros possuem apenas sua força de trabalho, portanto, essa relação era desigual e conflituosa.

A crítica feita pelo marxismo à propriedade privada dos meios de produção da vida humana dirige-se, antes de tudo, às suas consequências: a exploração da classe de produtores não-possuidores por parte de uma classe de proprietários, a limitação à liberdade e às potencialidades dos primeiros e a desumanização de que ambos são vítimas. Mas o domínio dos possuidores dos meios de produção não se restringe à esfera produtiva: a classe que detém o poder material numa dada sociedade é também a potência política e espiritual dominante (QUINTANEIRO, 2002, p. 40)

A teoria de Marx foi considerada crítica e fundamental para a compreensão do desenvolvimento do modo de produção capitalista, que dominava todas as esferas da

sociedade, sobretudo a política, a econômica, a social e a cultural. Segundo Adorno (1997, p. 7):

Assim, se a concepção tradicional de história estava marcada pela ideia de circularidade biológica e de conservação dos acontecimentos cuja função seria a de registrar os grandes feitos, garantindo desse modo a imortalidade do homem na terra, no mundo moderno a história é concebida como projeção do futuro, o que permite a atualização permanente da ideia de liberdade. Daí a importância da classe e da revolução no pensamento marxista. A história é o fazer e o refazer permanente de uma classe que, na condição de seu sujeito, realiza no tempo a liberdade enquanto emancipação da dominação.

Segundo Hawthorn (1982, p. 64) “(...) cada fase da história eventualmente encontra sua contradição. Quando isso ocorre, uma nova síntese torna-se necessária. A síntese final é final, pois é universal e, portanto, também é racional e se situa além da contradição”.

Marx realizou uma minuciosa compreensão histórica do desenvolvimento da sociedade capitalista, realizando uma crítica a sua exploração do homem pelo próprio homem, e seus estudos continuam gerando debates e reflexões, e influenciando inúmeros pensadores dos séculos XX e XXI.

Enquanto isso na França, Conde de Saint-Simon (1760-1825) era um entusiasta de ordem estabelecida e acreditava que os *industriels* enquanto classe social poderia conduzir os rumos da sociedade europeia. Para ele, essa classe inventava materialmente as estruturas e valores para um novo tempo, no qual seria necessário a criação de uma ciência que explicasse e assegurasse os rumos que essa nova sociedade estava tomando, assim a história se tornou o elemento central a partir da desestrutura da sociedade francesa, já que o caos da revolução produziu um vazio moral que precisava ser ordenado e regulamentado.

Todos esses acontecimentos permitiram o nascimento da Sociologia, uma ciência, portanto, tipicamente moderna, fruto da modernidade e que, de acordo com Hawthorn (1982, p. 79), se constituía como:

Uma ciência social “positiva” à qual ele se referia variadamente como “ciência do homem”, “ciência da sociedade”, “fisiologia”, “fisiologia social” e “ciência da política” (foi um de seus secretários, Auguste Comte, que em 1838 inventou o feio neologismo “sociologia”), revelaria as leis desenvolvimentistas que haviam sempre determinado o curso da história humana mas que só agora, na nova aurora positivista, seriam conhecidas, de forma que os homens, dali em diante, poderiam ordenar suas vidas racionalmente, de acordo com a revelação.

Auguste Comte (1798-1857) era ajudante de Saint-Simon e rompeu com seu mestre quando o acusou de utilizar suas ideias sem lhe oferecer o crédito. Comte publicou seis volumes da obra *Curso de Filosofia Positiva* de 1830 a 1842, no qual argumentava suas ideias sobre a ciência e o método positivista. Para Hawthorn (1982, p. 82):

O *curso* era ao mesmo tempo formal e histórico. Comte desejava resguardar uma tese sobre as relações entre as ciências, e o fez em parte argumentando que a progressão deste relacionamento era histórica. As ciências, argumentava, diferem na complexidade da matéria com a qual lidam. Existem duas grandes classes de ciência, a abstrata e a concreta, a primeira consistindo de leis das quais os fenômenos existentes, o objeto da segunda, dependem. A ordem passa das ciências abstratas da matemática, astronomia, física e química até as ciências concretas da biologia e da sociologia.

Com Auguste Comte e seu método, que buscava compreender para melhor explicar e justificar as ações e decisões dos seres humanos na nova realidade social, e não visando uma transformação da sociedade, a Sociologia estava atrelada ao desenvolvimento das ciências biológicas e exatas, e se chamava Física Social, e cuja metodologia assegurava uma neutralidade. Segundo Quintaneiro (2002, p. 19):

Tratava-se de conhecer as leis sociais para poder prever racionalmente os fenômenos e agir com eficácia; explicar e antever, combinando a estabilidade e a atividade, as necessidades simultâneas de ordem e progresso – condições fundamentais da civilização moderna.

Mas com o desenvolvimento dessa ciência e outros referenciais de compreensão da realidade social, essa neutralidade foi questionada e a Sociologia assumiu, em alguns momentos e referenciais, um caráter combatente e militante na luta contra as injustiças e violência da sociedade capitalista. Como afirma Ianni (1989, p. 10):

Mas é possível que as várias tendências, escolas, teorias e interpretações se reduzam, em essência, a três polarizações fundamentais. Uma e outras têm como base, em última instância, um dos três princípios explicativos: causalidade funcional, conexão de sentido e contradição. Esses são os princípios explicativos principais, nos quais se sintetizam os fundamentos das mais diversas tendências, teorias, escolas ou interpretações. O princípio da causalidade funcional está presente em Spencer, Comte, Durkheim, Parsons, Merton, Touraine e outros. O da conexão de sentido inspira Dilthey, Rickert, Weber, Toennies, Nisbet e outros. E o da contradição fundamenta as contribuições de Marx, Engels, Lenin, Trotsky, Rosa Luxemburgo, Lukacs, Gramsci, Goldmann e outros.

As metodologias que os diferentes Sociólogos, cientistas, Filósofos e pensadores utilizaram em suas análises sobre a sociedade demonstravam por um lado, como cada um deles compreendia seu objeto de estudo e por outro lado, as inúmeras formas de

investigação que essa nova ciência possibilitava e retratava. Os Filósofos franceses e ingleses modificaram a apreensão do mundo nos séculos XVI, XVII e XVIII ao valorizarem a razão e a experimentação como elementos que auxiliavam a compreensão do real. Os abalos provocados pela Revolução Francesa serviram de referência para a compreensão política que estava sendo feita na Europa naquele momento, e os rumos dessa revolução foram compreendidos de diferentes formas na Inglaterra, na França e na Alemanha, de acordo com Hawthorn (1982, p. 76):

Essa “consequência estridente”, contudo, como Hegel a denominou, não foi tolerada na própria França. Para uma parte da sociedade, parecia claro que o Terror, e depois o estabelecimento do Diretório e do Consulado no período seguinte ao 18 *brumaire*, no qual Bonaparte declarou-se Primeiro Cônsul vitalício, e proclamou seu direito de nomear seu sucessor, eram apenas encarnações da antiga opressão. (...) para uma outra parte, os eventos ocorridos após 1789 revelavam a natureza selvagem e cruel do homem, a inevitabilidade da perpétua carnificina, a verdade da visão segundo a qual era a paixão da autodestruição e não a da liberdade e da justiça que criava os exércitos e as sociedades civis.

Émile Durkheim (1858-1917), filósofo e pensador francês, elaborou seus estudos durante um período politicamente tumultuado na França, após 1870, no qual a derrota na guerra, do seu país contra a Prússia de Bismarck, levou a um imenso debate entre os monarquistas e republicanos, que só instalaram a Terceira República após as eleições de 1877, por isso, esses desdobramentos influenciaram sua teoria e compreensão da sociedade. Para Quintaneiro (2002, p. 22):

A maior parte da vida de Durkheim transcorreu durante a Terceira República francesa (1870-1940), época caracterizada pela instabilidade política e pelas guerras civis. A sociedade europeia mostrava-se a seus olhos ainda pouco integrada e cheia de contradições, a família e a religião acusavam sinais do enfraquecimento de suas antigas funções. Ele acreditava ser necessário descobrir novas fontes de solidariedade e de consenso entre os membros da sociedade para fortalecer sua coesão. Durkheim foi um liberal democrata disposto a levar à frente os ideais revolucionários de 1789. Nesse sentido, deu continuidade à ideia comtiana de instituir uma religião de cunho secular, fundada em princípios morais que poderiam revigorar a sociedade moderna. O positivismo foi a corrente de pensamento que teve maior influência sobre o método de investigação que ele elegeu como o mais correto para a coleta dos dados, a fim de que a Sociologia ultrapassasse os obstáculos impostos pelas noções vulgares e pela afetividade.

Durkheim inaugurou a cátedra de Sociologia na universidade, e contribuiu decisivamente para a consolidação dessa enquanto ciência, de acordo com Quintaneiro (2002, p. 60): “(...) foi um dos pensadores que mais contribuiu para a consolidação da

Sociologia como ciência empírica e para sua instauração no meio acadêmico, tornando-se primeiro professor universitário dessa disciplina”.

Aguçava-se, então, a consciência de que o repertório de ideias e valores da velha ordem social, do qual ainda sobreviviam alguns elementos, fora destruído pelo vendaval revolucionário de 1789 e que era, portanto, necessário criar um novo sistema científico e moral que se harmonizasse com a ordem industrial emergente. O industrialismo, com sua incontida força de transformação, impunha-se a todos como a marca decisiva da sociedade moderna. Por outro lado, difundia-se a concepção de que a vida coletiva não era apenas uma imagem ampliada da individual, mas um ser distinto, mais complexo, e irreduzível às partes que o formam. Esse seria, precisamente, o objeto próprio das ciências sociais, e seu estudo demandava a utilização do método positivo, apoiado na observação, indução e experimentação, tal como vinham fazendo os cientistas naturais (QUINTANEIRO, 2002, p. 61).

Durkheim criou o método funcionalista, cuja inspiração veio do Positivismo de Comte e do método utilizado pelas ciências naturais. O objeto era o fato social, as variáveis econômicas, sociais e políticas, compreendido como maneira de ser, pensar, agir, sentir exterior ao indivíduo e que exercia um poder de coerção sobre ele. Durkheim fazia analogias com as ciências naturais, dessa forma a sociedade se organizaria, mais ou menos, como se comporta um organismo vivo, onde cada ser humano ou instituição era parte desse “corpo”, que se funcionassem harmonicamente, produziriam a coesão social. Ele estava preocupado com o vazio moral que abatia sua sociedade naquele momento. Para Durkheim caberia à Sociologia, por meio de suas análises, produzir soluções aos problemas que surgissem.

Segundo Hawthorn (1982, p. 128) em sua obra *A Divisão do Trabalho* (1893) Durkheim elaborou conceitos fundamentais para a compreensão da sociedade capitalista: “(...) havia seis termos cruciais no argumento, a divisão do trabalho, a solidariedade, a personalidade individual, *aconsciência coletiva*<sup>1</sup>, a moralidade e a lei penal; (...)”. Durkheim estava preocupado com o desenvolvimento da sociedade e como ela poderia progredir com laços sociais fortes e solidários.

Max Weber (1864-1920) pensador alemão que viveu no final do século XIX e começo do século XX criou um método chamado compreensivo, cuja análise era desenvolvida a partir da maneira como os seres humanos agiam dentro de determinadas sociedades. Criou o conceito de tipo ideal que assegurava racionalmente algumas tipologias perfeitas, não sendo encontrado um exemplar na realidade concreta, mas

---

<sup>1</sup>Consciência coletiva engloba sentimentos e crenças partilhados pela média dos membros de uma mesma sociedade que forma um sistema determinado que tem vida própria. (QUINTANEIRO, 2002, p. 70).

servindo como modo e método de aproximação da realidade. Trabalhou também com os tipos de dominação e discutiu o desenvolvimento do capitalismo e o quanto à ética protestante, ainda que como consequência não intencional, influência seu desenvolvimento. Ianni (1989, p. 26) destaca que:

Max Weber é uma das figuras notáveis dessa época. Grande parte da sua Sociologia revela um debate desesperado sobre o racional e o irracional. Mostra como o indivíduo, grupo, classe, instituição, sociedade, estado, formam-se e conformam-se, todo o tempo, à beira da razão, sem-razão. A tradição e o carisma, o despotismo e a demagogia parecem rondar continuamente as pessoas, as coisas e as ideias, o real e imaginário. A graça da vocação se revela no castigo da profissão, ganho, lucro, acumulação. A recompensa pelo ascetismo se mostra na obediência do indivíduo e sociedade aos desígnios das coisas, de forças que escapam ao controle tanto do indivíduo como da sociedade. Todos parecem vagar extraviados, perdidos, solitários, no labirinto do Mundo Moderno.

De acordo com Adorno (1997, p. 13):

No terreno da moral, a modernidade inaugurou a secularização e a universalização. Trata-se de uma moral voltada para o represamento pulsional capaz de assegurar o funcionamento regular da ordem social. Como demonstrou Max Weber, o mundo moderno é consentâneo de uma ética vocacional que apela para as virtudes da eficiência, da utilidade, do egoísmo, do hábito metódico, do prazer calculado, muito distinta do *ethos* particularista dos clãs e dos grupos sociais.

Segundo Quintaneiro (2002, p. 97) Weber foi influenciado pelo debate da sua época entre o Positivismo e os críticos dessa corrente de pensamento e por Marx, seu conterrâneo:

A influência de Marx evidencia-se no fato de ambos terem compartilhado o grande tema - o capitalismo ocidental - e dedicado a ele boa parte de suas energias intelectuais, estudando-o da perspectiva histórica, econômica, ideológica e sociológica. Weber propôs-se a verificar a capacidade que teria o materialismo histórico de encontrar explicações adequadas à história social, especialmente sobre as relações entre a estrutura e a superestrutura. Em suma, procurou compreender como as ideias, tanto quanto os fatores de ordem material, cobravam força na explicação sociológica, sem deixar de criticar o monismo causal que caracteriza o materialismo marxista nas suas formas vulgares.

Weber estava preocupado com as questões da objetividade das Ciências Sociais e das diferenças entre a ciência e a política: “(...) enquanto a ciência é um produto da reflexão do cientista, a política o é do homem de vontade e de ação, ou do membro de uma classe que compartilha com outras ideais e interesses” (QUINTANEIRO, 2002, p. 98).

A ação do cientista é seletiva. Os valores são um guia para a escolha de um certo objeto pelo cientista. A partir daí, ele definirá uma certa direção para a sua explicação e os limites da cadeia causal que ela é capaz de estabelecer, ambos orientados por valores. As relações de causalidade, por ele construídas na forma de hipóteses, constituirão um esquema lógico-explicativo cuja objetividade é garantida pelo rigor e obediência aos cânones do pensamento científico. O ponto essencial a ser salientado é que o próprio cientista é quem atribui aos aspectos do real e da história que examina uma ordem através da qual procura estabelecer uma relação causal entre certos fenômenos. Assim produz o que se chama tipo ideal (QUINTANEIRO, 2002, p. 99)

Os tipos ideais são concepções lógicas e perfeitas, elaboradas por Weber a partir da preocupação com a objetividade da análise realizada pelas Ciências Sociais, mas que não correspondem aos fatos reais, de acordo com Hawthorn (1982, p. 151):

(...) Os tipos ideais tornariam absolutamente claros os pressupostos com os quais o historiador trabalhava, e porque eles não correspondiam em situação alguma aos casos reais, ampliariam, assim, e talvez consolidassem a objetividade de sua análise. Não iriam, contudo, constituir a análise.

Suas análises buscavam compreender as características da burguesia ocidental, suas principais ideias e valores:

Em sua busca das distintas características da burguesia ocidental, escreveu sobre protestantismo, confucionismo, taoísmo, islamismo, hinduísmo, budismo e judaísmo. Em sua tentativa de estabelecer uma base para a sociologia, escreveu não apenas vários ensaios metodológicos, mas também um monumental compêndio embora inacabado sobre “tipos ideais”. (HAWTHORN, 1982, p. 153).

Elaborou uma importante análise da ética protestante atrelada ao desenvolvimento do capitalismo, que segundo Hawthorn (1982, p. 159):

(...) afirmava que existia uma afinidade entre, por um lado, a concepção de atividade econômica como um “chamado” (*Beruf*), com uma obrigação para trabalhar, economizar e investir com um fim em si mesmo, negando todo hedonismo, uma obrigação que coloca a atividade econômica no centro da vida e não a relegou às margens morais, concepção que definia a diferenciação entre o capitalismo e as outras formas de acumulação; e por outro lado, a consequência psicológica da doutrina calvinista da predestinação que, ao afirmar que nada que os homens pudessem fazer neste mundo afetaria a decisão que Deus já havia tomado sobre seu destino no outro, significava que para garantir-lhes que fossem recompensados no mundo seguinte, os homens eram levados à laboriosidade ascética neste mundo.

Para esse sociólogo a racionalização da vida era um dos temas centrais de suas análises. O caráter moral do capitalismo distinguia esse sistema de produção de outras formas históricas de acumulação.

Weber atribuiu o desenvolvimento do capitalismo burguês à ausência de demarcações rituais e tabus entre os grupos heterogêneos de habitantes nas cidades do ocidente, ao desaparecimento conjunto de moralidades separadas e opostas dentro e entre os grupos, mais especialmente nos grupos familiares, e à ausência de dominação de fora. Através deste argumento, chegou a uma posição similar a Marx. O que caracterizava o capitalismo ocidental era a intrusão implacável do “fazer dinheiro” em todas as relações sociais, a completa racionalização da vida social, que tendia a submeter tudo ao conflito material de interesse entre o capital e o trabalho formalmente livre (HAWTHORN, 1982, p. 160).

Um tema discutido pela sociologia weberiana foi o desencantamento do mundo, principalmente a partir da valorização da razão, da técnica e da ciência, que alteraram a compreensão do sagrado e da magia, do mundo da tradição e suas crenças e costumes, como salienta Quintaneiro (2002, p. 123): “o mundo de deuses e mitos foi despovoado, sua magia substituída pelo conhecimento científico e pelo desenvolvimento de formas de organização racionais e burocratizadas (...)”.

O que a Sociologia procurou ao longo de sua construção foi desconstruir a visão natural dos rumos históricos, como se tudo fosse se desenrolando conforme a vida se transformava. Os estudos da sociedade, em seus múltiplos aspectos, mas principalmente suas compreensões histórica, social e política foram construídas não de forma imparcial ou neutra, mas incorporaram críticas ao desenvolvimento excludente e desigual que a sociedade capitalista continuava a construir. De acordo com Mills (1982, p. 165):

O cientista social deseja compreender a natureza da época presente, delinear-lhe a estrutura e discernir as principais forças que nela atuam. Cada época, quando devidamente definida, é um “campo de estudo inteligível”, que revela a mecânica do processo histórico a ela peculiar. O papel das elites do poder, por exemplo, no processo histórico, varia de acordo com a extensão em que os meios institucionais de decisão são centralizados.

Além da consolidação da Sociologia enquanto ciência estava se desenvolvendo, sobretudo, novas técnicas de pesquisa e compreensão da realidade social. Diversas formas de análise da realidade, do desenvolvimento social e político daquele momento histórico foram realizados partindo da elaboração de novos conceitos e novas metodologias. A sociedade que se constituía possibilitou a elaboração de uma nova mentalidade social, política, econômica, cultural e científica ao auxiliar a consolidação desse novo campo de saber, que procurava compreender as relações de produção e o desenvolvimento do capitalismo.



Ao longo do desenvolvimento da Sociologia a sociedade foi se modificando. As novas mentalidades desenvolvidas a partir das descobertas científicas e tecnológicas alteraram a compreensão da base social. Para Mills (1982, p. 26):

A “ciência social” consiste, é claro, daquilo que os cientistas sociais, como tal reconhecidos, estiverem fazendo em determinado momento – mas nem todos estão fazendo a mesma coisa, na verdade, nem mesmo coisas parecidas. A ciência social é também o que os cientistas sociais do passado fizeram – mas diferentes estudiosos acolhem e usam diferentes tradições em suas disciplinas. Quando falo da “promessa da ciência social”, espero estar claro que me refiro à promessa, tal como a entendo.

Para Mills a história auxilia a Sociologia na análise da sociedade que está em questão:

Os primeiros teóricos sociais quiseram formular leis invariáveis da sociedade – leis que seriam válidas para todas as sociedades, tal como os processos abstratos da ciência física levaram a leis que iam além da riqueza qualitativa da “natureza”. Não há, creio, nenhuma “lei” trans-histórica formulada por nenhum cientista social que não deva ser compreendida como relacionada com a estrutura específica de algum período. Outras “leis” são apenas abstrações ocas, ou tautologias confusas. O único sentido de “leis sociais” ou mesmo de “regularidades sociais” são os *principia media* que possamos descobrir, ou se o desejarmos, construir, numa estrutura social, dentro de uma era especificamente histórica. Não conhecemos princípios universais de transformação histórica; os mecanismos de transformação que conhecemos variam com a estrutura social que estudamos. Isso porque a transformação histórica é uma transformação das estruturas sociais, das relações entre suas partes componentes. Tal como há uma variedade de estruturas sociais, há uma variedade de princípios de transformações histórica (MILLS, 1982, p. 163).

A Sociologia no século XX produziu diversas análises sobre os rumos que a sociedade ocidental, a partir das novas bases produtivas criadas pelo capitalismo globalizado, estava produzindo.

É claro que há intentos de inovar que poderiam e podem ser registrados. E há inovações reais. São notáveis algumas contribuições teóricas de sociólogos trabalhando depois dos clássicos, na mesma senda ou em outros caminhos. Inclusive há propostas que não vingaram, mas que nem por isso deixaram de ajudar na retomada e no aperfeiçoamento da reflexão científica na Sociologia. Entre uns e outros encontram-se nomes como os seguintes: Gurvitch, Sorokin, Parsons, Lazarsfeld, Merton, Touraine, Bourdieu e muitos outros. Uma análise cuidadosa, no entanto, pode indicar que todos tendem a ser, em alguma medida caudatários daqueles princípios explicativos clássicos (IANNI, 1989, p. 11).

As compreensões da sociedade apresentadas até aqui se fixaram nos três autores mais influentes da teoria Sociológica que marcam a formação da Sociologia no Brasil, embora haja outros autores também importantes que não foram trazidos para a discussão optando por fixar-se nos autores que inauguraram as maiores escolas de pensamento no interior da Sociologia.

A Sociologia continua se deparando com dilemas e desafios. Os novos atores sociais e as novas configurações políticas, econômicas e sociais desafiam as Ciências Sociais a compreender as transformações que abarcam a sociedade globalizada.

## 1.2 – A Sociologia no Brasil

O desenvolvimento da ciência no Brasil foi possível a partir das transformações políticas, econômicas, culturais e sociais. Na segunda metade do século XIX ocorreram alterações na sociedade brasileira que permitiram a entrada e a consolidação da Sociologia, que iniciou sua trajetória a partir do ensino secundário e nos cursos de Direito, ainda durante o Império.

O sociólogo brasileiro Florestan Fernandes na obra: *A Sociologia no Brasil – Contribuições para o estudo de sua formação e desenvolvimento* (1976, p.15) assevera que:

As atividades inerentes à pesquisa fundamental e à elaboração ou à transmissão de conhecimentos científicos exigem certas condições histórico-culturais e sociais. O saber racional floresce em sociedades estruturalmente diferenciadas e estratificadas, nas quais a divisão do trabalho e a especialização dos papéis de produção intelectual concentram nas mãos de alguns indivíduos toda atividade criadora na explicação da origem e da composição do mundo da posição do homem no cosmo e do destino humano.

Portanto para Fernandes a prática científica era realizada em sociedades cujo trabalho era dividido e hierarquizado. No Brasil estas condições foram concretizadas somente no século XIX, já que:

As condições apontadas emergiram na sociedade brasileira, mas em época muito recente. No período colonial, que compreende os desenvolvimentos políticos do país do século XVI ao começo do século XIX, os papéis propriamente intelectuais, ligados com o saber racional, foram quase monopolizados pelo clero. Este se incumbiu, no fundo, tanto da transmissão e da propagação da fé religiosa, quanto da educação das novas gerações e da orientação espiritual dos círculos dominantes. Em consequência, coube à Igreja exercer, através das várias ordens religiosas, uma influência contínua e profunda na construção do sistema intelectual de concepção do mundo. No marco dessa influência não se inseriam, porém, inspirações intelectuais de caráter inovador. A organização do clero na sociedade brasileira

colonial fazia dele uma força de conservantismo cultural tão exclusivista quão intolerante. Por isso, sua atividade, na medida em que operava como estamento intelectual, se confinava, sobretudo à defesa e à perpetuação de sentimentos, ideias e valores consagrados oficialmente pela Igreja (FERNANDES, 1976, p. 16).

Segundo o sociólogo brasileiro Fernando de Azevedo na obra: *Princípios de Sociologia: Pequena Introdução ao estudo de Sociologia geral* (1951, p. 301) “o ensino e os estudos da Sociologia, na América Latina e, em particular, no Brasil, não remontam além dos fins do século XIX e, mais rigorosamente, do primeiro quartel deste século [século XX]”. Para esse autor o desenvolvimento científico ao sul do continente americano só teve início no final do século XIX.

Simone Meucci no seu artigo: *Os primeiros manuais didáticos de Sociologia no Brasil* (2001), elabora uma reflexão sobre a Sociologia no país a partir dos primeiros materiais criados e ofertados para o ensino dessa ciência e destaca:

A sociologia surge no momento em que se queria, a um só tempo, reconhecer a realidade social do país e constituir a nação; em que se formava uma nova percepção da sociedade, do conhecimento e do papel dos intelectuais. Nesse sentido, nossos autores compreenderam que o conhecimento sociológico era a base para a transformação dessa realidade e os sociólogos seriam agentes privilegiados para a execução da obra de constituição da nação (MEUCCI, 2001, p. 155).

A modernização da sociedade brasileira ocorreu de maneira autoritária e foi construída pela elite. A Sociologia, enquanto ciência, que busca compreender a realidade política, econômica, cultural e social se deparou com um país rural, marcadamente patriarcal, com um regime escravocrata que há pouco havia se encerrado e uma república que se estruturava.

É neste período de mudança estrutural, na transição para o século XX e no decorrer de sua primeira metade, que se elabora, na sociedade brasileira, um clima de vida intelectual que possui pontos de contato e certas similaridades reais com o desenvolvimento do saber racional na Europa. A insuficiência de recursos financeiros, as limitações dos sistemas escolar e editorial, a escassez de consumo de bens intelectuais, comprometem o paralelo neste ou naquele ponto. Contudo, no que diz respeito às tendências de desenvolvimento, ele parece ser correto. A presente situação se caracteriza pelo crescimento rápido do sistema institucional, que geralmente apoia as atividades intelectuais nas sociedades industriais modernas, e pela importância que o pensamento racional está começando a adquirir tanto na esfera da reflexão e da investigação, quanto na da educação e da ação (FERNANDES, 1976, p. 21).

As contradições brasileiras, compreendidas em seus aspectos econômicos, políticos e sociais foram incorporadas à compreensão sociológica que se fazia no país

no período. Diferentes atores sociais e acontecimentos históricos permearam a sociedade brasileira ao longo de sua história.

Em resumo, são recentes as inovações estruturais e institucionais que possibilitam maior expansão e desenvolvimento autônomo do pensamento racional e da investigação científica na sociedade brasileira. Produtos das próprias transformações da vida social, essas inovações tendem a satisfazer e a fomentar necessidades intelectuais novas, nascidas com a formação do regime de classes sociais, com a secularização dos modos de concepção do mundo, com a industrialização e com a democratização de garantias ou de direitos sociais. A continuidade e a crescente valorização das atividades intelectuais, relacionadas com o pensamento racional e com a investigação científica, encontram assim estímulos provenientes das próprias condições materiais e morais de existência. Semelhante situação indica, apesar dos fatores adversos (de natureza econômica ou institucional), que são profundas e inalteráveis as tendências que estão favorecendo a constituição e o crescimento de um sistema intelectual de explicação racional e científica do mundo na sociedade brasileira (FERNANDES, 1976, p. 24).

Meucci afirma que os autores que elaboraram os manuais de Sociologia compreendiam seu nascimento a partir da transição do feudalismo para o capitalismo e apontaram sua contribuição ao país:

Enfim, nossos autores compreenderam que a sociologia que nascera na França no período de transição do regime feudal para a sociedade industrial - nascia no Brasil marcada pela crise de transição da sociedade patriarcal e escravista para a sociedade moderna. Por isso, a disciplina tivera nesse período, aqui entre nós, a missão de redefinir novas condições para a organização e o progresso da nação (MEUCCI, 2001, p. 155).

O sociólogo brasileiro Antônio Cândido publicou em 1959 um artigo intitulado *A Sociologia no Brasil* no qual discute os principais autores, pesquisadores e as influências teóricas e metodológicas que auxiliaram o desenvolvimento científico, inclusive da Sociologia, no país, do século XIX até a década de 1950.

Talvez se pudesse resumir dizendo que, no panorama da nossa história intelectual, o advento relativamente recente de uma sociologia científica se deu na medida em que os estudos sociais conseguiram, aqui, superar a mentalidade literária a que se haviam até então ligado indissolavelmente. A literatura foi entre nós uma espécie de matriz, de solo comum, que, por mais tempo que em outros países, alimentou os estudos sobre a sociedade, dando-lhes viabilidade numa cultura intelectualmente pouco diferenciada. Os brasileiros que lidaram até os nossos dias com as ciências do homem fizeram-no em grande parte como escritores – com atitude mental, linguagem, métodos mais adequados à criação literária (no sentido amplo) do que ao objeto de estudo que escolhiam (CÂNDIDO, 2006, p. 291).

Cândido destacou a importância das obras literárias para as primeiras compreensões sociais da sociedade brasileira, como *Os Sertões* de Euclides da Cunha.

É preciso salientar que o evolucionismo não constituiu importação artificial de modas europeias, mas se adequou a várias das nossas realidades locais, de povo que procurava justamente construir de si mesmo uma representação coerente no plano ideológico, preocupado com o peso do passado escravocrata, as possibilidades do desenvolvimento futuro, o significado positivo ou negativo que teriam neste processo as raças díspares e a decorrente mestiçagem. Graças a ele, ou melhor, graças à sua superação, a partir de Euclides da Cunha, foi possível elaborar uma fórmula bem brasileira de estudos sociais, em que a reconstrução do passado se amoldava a certos pontos de vista do presente; em que o estudo se misturava à intuição pessoal e o cientista ao retórico, ou ao escritor, dando lugar às obras capitais de Alberto Torres, Oliveira Viana, Gilberto Freyre, Sérgio Buarque de Holanda e Caio Prado Junior, academicamente indefinidos entre Sociologia e História (CÂNDIDO, 2006, p. 273).

Uma das principais influências teóricas no país foi a Biologia, o Positivismo de Comte e o Evolucionismo de Spencer, além da Sociologia desenvolvida por Marx, Durkheim e Weber, e também da desenvolvida nos Estados Unidos.

Notamos então incremento nos estudos sobre o negro e o índio, com sentido descritivo ou acentuada tendência para as explicações psicológicas, nos de folclore, nos de política, notando-se em todos eles uma espécie de decantação com a passagem (que marca todo o esforço do decênio) do ponto de vista sociológico para a ciência da Sociologia, da exposição didática para a pesquisa, da divulgação para a construção. Neste processo, foram parte magna, podemos dizer decisiva, os professores universitários, estrangeiros ou naturalizados, que constituem a primeira equipe, no Brasil, de estudiosos especificamente preparados para os estudos sociológicos e antropológicos: Horace Davies, Samuel Lowrie, Claude Lévi-Strauss, Paul Arbousse Bastide, Emilio Willems, Herbert Baldus, Jacques Lambert, Roger Bastide, Donald Pierson – americanos, franceses, alemães que nos vieram trazer a cultura universitária no setor das ciências sociais. Dentre os brasileiros que trabalham no mesmo movimento, destaca-se Fernando de Azevedo, que, passando dos estudos de educação para a Sociologia, ensinou-a e organizou as suas atividades, em São Paulo, primeiro no Ensino Médio, depois no superior, sem interrupção desde 1931, sendo desde a sua fundação, em 1947, o Chefe do Departamento de Sociologia e Antropologia da Universidade de São Paulo, onde se agrupam numerosos especialistas em cooperação didática e científica (CÂNDIDO, 2006, p. 285).

Cândido destaca também a importância dos professores e pesquisadores estrangeiros que vieram lecionar no país.

O início do período republicano em 1889 marcou a consolidação dos ideais positivistas no país, mais explicitado no lema da bandeira nacional: Ordem e Progresso,

levando os intelectuais da época a terem grandes esperanças no futuro e nos rumos que a ciência poderia contribuir para melhorar o país e a compreensão sobre ele.

Esta atitude metodológica se explica pela ideologia que norteava o trabalho destes homens, ainda aí seguidores de Silvio: o nacionalismo, o empenho de desvendar necessidades e características nacionais com o fim precípuo de servir ao progresso do país, em relação ao qual se verificava acentuado pessimismo no primeiro quartel deste século [XX], após as esperanças iniciais da República. No fundo, importava menos o cuidado da investigação ou o rigor da inferência do que a interpretação coerente do país no seu conjunto, para se apontarem remédios de ordem político-administrativa. A isso se chamou Sociologia entre nós, desde então quase até os nossos dias, não faltando quem ainda a conceba sob este aspecto, que correspondeu, realmente, a um decisivo momento na tomada de consciência ideológica da nossa sociedade (CÂNDIDO, 2006, p. 279).

Cândido afirmou que a Sociologia elaborada no país passou por diversas áreas do conhecimento e possibilitou o fortalecimento intelectual e metodológico dessa.

Todavia, as condições segundo as quais se desenvolveu a Sociologia no Brasil convergem para lhe dar certas características próprias, num sentido de maior sincretismo, ou se quiserem, maior indiferenciação que noutros lugares. Assim, é bastante largo o seu âmbito de compreensão, englobando atividades que, noutros países, seriam rotuladas de história social, etnologia, antropologia cultural, folclore, política. Sincretismo que pode parecer indevido e talvez o seja em certa medida, mas corresponde a características da nossa evolução mental e necessidades ainda sentidas de compreensão da nossa realidade. Ela só tem sido prejudicial na medida em que não cria ambiente favorável para o desenvolvimento pleno das pesquisas sobre as sociedades urbanas e seus aspectos próprios, com técnicas quantitativas e recursos à estatística, a via preferencial por que deve entrar a Sociologia moderna, depois que os estudos de caráter descritivo, de tonalidade qualitativa, foram incorporados pela Antropologia. Mas, por outro lado, permite ao espírito e aos métodos sociológicos estenderem-se por vários setores que lhe estariam vedados em países de especialização acadêmica mais estrita, enriquecendo o conhecimento da realidade e facultando maior plenitude à personalidade dos estudiosos. A atual tendência para a convergência das ciências humanas encontra mesmo, no Brasil, terreno favorável, dadas estas condições da nossa evolução intelectual (CÂNDIDO, 2006, p. 291).

Florestan Fernandes e suas obras foram destacados por Cândido, que discutiu a importância da compreensão sociológica e metodológica dos estudos e trabalhos desenvolvidos por Fernandes:

Julgada no conjunto a contribuição metodológica de Florestan Fernandes, e aferida ao sentido da nossa evolução sociológica, vemos que representa a grande expressão teórica do processo pelo qual vimos passando de uma Sociologia global para uma Sociologia com objeto definido, de um método evolutivo e comparativo para formas mais

rigorosas de indução. Representa o sinal de que realizamos no Brasil, por vários modos, a marcha geral da Sociologia à busca de caráter científico: restrição de campo, definição de objeto, determinação de método (CÂNDIDO, 2006, p. 295).

No artigo *A Sociologia no Brasil: história, teoria e desafios* (2005) Liedke Filho procura analisar a construção da história da Sociologia no país, para compreender a situação social brasileira. A consolidação da Sociologia enquanto ciência no país ocorreu a partir da expansão do seu campo de trabalho nas universidades e faculdades existentes no país, principalmente em São Paulo, com a criação da Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo (FESPSP) em 1933, e com a vinda de professores estrangeiros para lecionar na recém-inaugurada Universidade de São Paulo (USP) em 1934. Essas universidades possibilitaram uma nova compreensão metodológica das Ciências Sociais, sobretudo da Antropologia e da Sociologia no país. Como salienta Liedke Filho (2005, p. 382): “as tentativas, de relacionar o ensino e a pesquisa em Sociologia, ainda que limitadas e parciais em ambas as instituições, demarcam o início da chamada etapa da Sociologia Científica, a qual viria a ter seu apogeu em fins dos anos de 1950”.

Os temas abordados pelos cientistas sociais brasileiros no início da década de 1950 foram: população, relações étnicas, educação, história social, estudos de comunidades, análises regionais e Sociologia rural e urbana. É importante destacar que a produção de material didático para o ensino secundário também foi realizada nesse momento.

O período de crise e diversificação da Sociologia brasileira coincide com os golpes militares na América Latina e especialmente no Brasil. Momento histórico e político marcado por prisões, exílios, desaparecimento e dificuldades na e para a realização das Ciências Sociais no país. Pois segundo Liedke Filho (2005, p. 396): “o impacto negativo da instauração do regime autoritário sobre a evolução sociológica brasileira está relacionado diretamente com o golpe de 64 e com o “golpe dentro do golpe” de 1968 que tem no AI-5 seu marco principal”.

Contudo, apesar da crise que abateu as Ciências Sociais no Brasil, houve no final da década de 1960, a abertura de cursos de pós-graduação na área em diversas universidades, além da ampliação dos cursos de graduação, com a expansão do ensino universitário privado no país, a partir da Reforma Universitária de 1969. Para Liedke Filho (2005, p. 399):

A crise e a renovação institucional-profissional das ciências sociais no Brasil associaram-se a uma crise e reorientação teórica simultânea e inter-relacionada com a crise teórica das ciências sociais na América Latina, a qual foi potenciada e potenciou a crise da “Sociologia Internacional”, isto é, a crise mundial das ciências sociais em fins da década de 1960.

A partir da crise paradigmática que se abateu sobre a América Latina e na teoria da Sociologia do desenvolvimento, foram realizadas e estruturadas novas concepções, entre elas a *Teoria da Dependência* e a do *Novo Autoritarismo*, que procuravam explicar a estrutura política em situações dependentes, no caso do Brasil:

Ao mesmo tempo, a preocupação temática com os problemas sociais do Brasil contemporâneo, tais como o modelo econômico-excludente, o modelo político autoritário, os movimentos sociais urbanos e rurais, o novo movimento sindical, a participação e o comportamento político sob a dominância da Teoria da Dependência e a da abordagem do Novo Autoritarismo caracterizam, nos níveis temático e paradigmático, a Sociologia brasileira neste período (LIEDKE FILHO, 2005, p. 400).

As lutas pela redemocratização do país, após a Ditadura Militar (1964-1985), marcaram a fase seguinte das análises realizadas pelas Ciências Sociais. A questão e o combate dos movimentos sociais foram um dos temas mais relevantes a partir da segunda metade da década de 1970. Entretanto, a Sociologia foi perdendo o interesse por esses movimentos, e essa ciência modificou seus temas e interesses de análise, como afirma Liedke Filho (2005, p. 425):

Com a perda de iniciativa dos movimentos sociais democrático-populares ao longo dos processos de redemocratização, enclausurando-se, a Sociologia seguiu um caminho epistemológico e teórico- metodológico muito problemático, com o privilegiamento de abordagens microsociais e uma ênfase exacerbada na questão as identidades, das representações e do imaginário dos agentes sociais.

Dos anos de 1960-1970 aos de 1990 a Sociologia brasileira passou a dar atenção também a análises dos atores e das características do processo de democratização.

No século XXI a Sociologia no país se deparou com transformações sociais importantes. A reintrodução do ensino de Sociologia e Filosofia no Ensino Médio público e privado retornou como fonte de análise e reflexão dessa ciência. A cultura juvenil e seus atores sociais, também passaram a ser elemento de estudos e abordagens sociológicas.

No próximo capítulo discutiremos a história do ensino de Sociologia na educação básica no Brasil e a etapa de ensino que concentra a disciplina, o Ensino Médio e seus desafios.



## 2 – A SOCIOLOGIA NO ENSINO MÉDIO

A história do ensino de Sociologia na educação básica, no Brasil, foi marcada por momentos de ausência, presença e facultatividade. Com seu retorno à escola brasileira a partir da Lei nº 11.684/08, pesquisas sobre a temática, que eram esporádicas e dispersas ao longo das décadas anteriores, realizadas em diferentes universidades e programas de Pós-Graduação, foram crescendo a partir do final da década de 1990 e permitiram a consolidação de um campo de pesquisa.

As Ciências Humanas, em especial a Sociologia e a História têm uma relação complexa dentro da área. A análise e compreensão que a Sociologia realiza da realidade social parte, obrigatoriamente, da situação histórica vivida em um determinado momento do tempo. O tempo para a Sociologia é o tempo histórico. De acordo com Mills (1982, p. 159):

Mais importante do que as proporções nas quais os historiadores são cientistas sociais, ou de como se devem comportar, é o ponto, ainda mais controverso, de que as Ciências Sociais são, em si, disciplinas históricas. Para realizar suas tarefas, ou mesmo para apresentá-las bem, os cientistas sociais devem usar o material da história. Exceto supondo alguma teoria transhistórica da natureza da história, ou que o homem na sociedade é uma entidade não-histórica, nenhuma ciência poderá transcender a história. Toda Sociologia digna de nome é “Sociologia Histórica”.

A compreensão da história do ensino de Sociologia no Brasil advém da análise desse tempo histórico, demarcado entre os séculos XIX e XXI, partindo do momento em que a Sociologia passou a fazer parte do currículo escolar. Seu processo de consolidação perpassa a compreensão dos aspectos políticos, econômicos, sociais, culturais e educacionais da realidade brasileira. As análises realizadas pela Sociologia abarcam a realidade social complexa das sociedades modernas e segundo Jinkings (2005, p. 5):

Forma de autoconsciência e de indagação científica da realidade social, a Sociologia transforma-se continuamente à medida que se modifica e se complexifica seu objeto, repensando teorias, conceitos e recursos metodológicos, sem perder a dimensão histórica dos fenômenos sociais.

Tendo como objeto a vida em sociedade nos seus movimentos e em transformação constante, o pensamento sociológico guarda relação complexa com as condições de existência social e com os desafios e necessidades práticos dos seres humanos, em diferentes momentos de sua história. Ao mesmo tempo, pelas suas conceituações e reflexões, desvenda contradições, singularidades e universalidades constitutivas da realidade social, que implicam possibilidades de crítica e de transformação desta mesma realidade.

Dessa forma, as apreciações realizadas por artigos e outros trabalhos acadêmicos sobre a história do ensino de Sociologia na escola básica se mostram contraditórias, tornando esse debate fonte de conflitos e diferentes compreensões, já que esse campo se debruça sobre documentos históricos, legislação oficial e da educação, livros didáticos, análises de dissertações e teses, artigos publicados em anais de eventos acadêmicos e em revistas científicas, além de entrevistas e matérias de jornais. Uma das principais contradições se refere aos contextos políticos em que o ensino da Sociologia esteve ausente na educação básica. Partindo da análise da legislação educacional dos séculos XIX, XX e XXI é possível perceber que em momentos políticos democráticos, a Sociologia esteve ausente do ensino secundário (hoje Ensino Médio). Cabe refletir sobre esse panorama e compreender de que forma o ensino de Sociologia na escola interfere e altera a dinâmica política da sociedade brasileira em momentos democráticos. A análise da legislação educacional brasileira entre os séculos XIX e XXI foi um dos pontos de partida dessa pesquisa e de alguns trabalhos, mas não o único, já que, buscava-se entender a trajetória de lutas, que diferentes atores sociais enfrentaram para assegurar o retorno da Sociologia à educação básica, sem perder de vista que a lei, principalmente a legislação educacional, pode ser alterada conforme os interesses econômicos, sociais e políticos se modificam.

A institucionalização das Ciências Sociais no Brasil ocorreu, primeiramente, via ensino secundário. Rui Barbosa (1849-1923), então deputado em 1882, propôs ainda no Império a disciplina de Sociologia em seu projeto de reestruturação do ensino. Em 1891 no início da era republicana, o então ministro da Instrução Pública, Correios e Telégrafos, Benjamin Constant (1836-1891), através da Reforma intitulada “Benjamin Constant” criou o “Plano Nacional para a Educação”, que continha a obrigatoriedade do ensino da Sociologia na educação básica, contudo, segundo Moraes (2011, p. 361):

Mas a Reforma Benjamin Constant, que entre outras coisas tornava obrigatório o ensino da disciplina, nem chegou a vingar devido a desentendimentos entre o autor e o marechal-presidente, morrendo o ministro pouco depois de se iniciar o governo constitucional do qual nem fez parte.

No começo do século XX com a Reforma Epiáfio Pessoa, em 1901, a Sociologia se manteve ausente do ensino básico. Em 1925, a partir da Reforma Rocha Vaz, o ensino da Sociologia se tornou parte do currículo. A reforma Francisco Campos em 1931 organizou o ensino secundário em um Ciclo Fundamental, com cinco anos de duração e voltado para uma formação mais geral e um Ciclo Complementar, com dois

anos de formação, direcionado para o ensino propedêutico, e também assegurava o ensino da Sociologia na educação básica. A Reforma Capanema de 1945 promoveu outra alteração no ensino secundário, com um Ciclo Ginásial de quatro anos, mais o Clássico ou Científico com duração de três anos e retirou a obrigatoriedade do ensino de Sociologia, já que para Sarandy (2011, p. 9): “(...) a Reforma Capanema retira a obrigatoriedade do ensino da sociologia da escola secundária e entre esse ano e 1960 a disciplina vai sendo alijada pouco a pouco do ensino secundário (...)”. De acordo com Moraes, não fica evidente o motivo da retirada da Sociologia a partir dessa reforma:

A questão aqui ainda não foi suficientemente pesquisada e aprofundada. Pela leitura do Decreto n. 4.244/1942, não fica clara a orientação político-ideológica da Reforma e somente a partir de certas observações – por exemplo, de Costa Pinto (1949) – fica-se com a impressão de que o caráter da exclusão da Sociologia do currículo secundário atendia a razões ideológicas. Mas é de se questionar se, de ambos os lados – os que são contra e os que são a favor da presença da Sociologia –, não há mesmo certo *parti-pris* ideológico ou no mínimo preconceitos recíprocos. Pode-se, no entanto, aventar uma hipótese de interpretação bastante diversa e que daria conta também de explicar a exclusão da Sociologia do currículo do colegial, quer clássico, quer científico. A esta altura, 1942, as Ciências Sociais, em geral, e a Sociologia, em particular, ainda não tinham ganhado legitimidade para figurar como uma ciência e não se assumiam como uma possível alternativa a isso – Literatura –, de modo que não cumpriam, de certa forma, os quesitos necessários para se enquadrarem no currículo do clássico ou do científico (MORAES, 2011, p. 364).

Das décadas de 1920 a 1950 inúmeros intelectuais, entre eles Florestan Fernandes (1920-1995), Antônio Cândido (1918-2017) e Fernando de Azevedo (1894-1974) defenderam o ensino de Sociologia no ensino secundário para que este auxiliasse o país a entrar no rol da modernidade. Nesse momento, o conhecimento científico era visto como essencial para a consolidação das ideias e visões do mundo moderno, entre elas, a industrialização e a urbanização, para Sarandy (2011, p. 5):

(...) No período, o campo das ciências sociais foi fortemente marcado por um discurso no qual se articulavam determinadas apropriações simbólicas da realidade social, isto porque podemos ver claramente (como em textos de Florestan, Costa Pinto e Antônio Cândido) a associação entre uma certa concepção de democracia, uma perspectiva que se pretende modernizante das relações sociais no Brasil e a proeminência da educação como projeto estratégico de modernização e desenvolvimento democrático justamente devido à formação de “capacidades” do cidadão brasileiro; ou, em outros termos, o discurso educacional das décadas de 1920 a 1950 considerou a ciência como o caminho coerente de compreensão da realidade nacional e a educação a principal arena de intervenção nas relações sociais.

No começo do século XX o ensino de Sociologia era considerado fundamental para o desenvolvimento do país, já que:

(...) articulou-se no período, educação, ciência e democracia de modo singular; visão que se aliava ao impulso modernista, que encontrava na formação enciclopédica das elites uma das causas da crise da República Velha (...). (SARANDY, 2011, p. 15).

Havia um grande interesse dos intelectuais desse período em pesquisas e discussões sobre a relação entre as Ciências Sociais e a Educação, segundo Jinkings (2005, p. 11): “(...) foi entre os anos 1930 e 1960 que o tema apareceu de modo mais frequente em artigos publicados em revistas especializadas das ciências sociais ou da educação”.

No I Congresso Brasileiro de Sociologia, realizado em 1954, o ensino de Sociologia foi uma temática do evento e Florestan Fernandes realizou uma fala intitulada: *O ensino da sociologia na escola secundária brasileira* na qual afirmou que o debate sobre se a Sociologia deveria ou não ser ensinada no então ensino secundário, era de fundamental importância para os sociólogos brasileiros naquele momento, pois abriria oportunidades de trabalhos legítimas para os recém-formados, e maior prestígio das áreas de ensino e pesquisa dentro das universidades que formariam esses profissionais, segundo Fernandes (1977, p. 106):

Os estudos que foram feitos pelos especialistas sobre essa questão demonstram que, para os sociólogos, o ensino da sociologia no curso secundário representa a forma mais construtiva de divulgação dos conhecimentos sociológicos e um meio ideal, por excelência, para atingir as funções que a ciência precisa desempenhar na educação dos jovens na vida moderna. A difusão dos conhecimentos sociológicos poderá ter importância para o ulterior desenvolvimento da sociologia.

E o autor acrescenta:

O ensino das ciências sociais no curso secundário seria uma condição natural para a formação de atitudes capazes de orientar o comportamento humano no sentido de aumentar a eficiência e a harmonia de atividades baseadas em uma compreensão racional das relações entre os meios e os fins, em qualquer setor da vida social (FERNANDES, 1977, p. 106).

Para Fernandes (1977, p. 111) era necessário refletir sobre o ensino de Sociologia a partir da própria compreensão sociológica:

Neste ponto, somos levados a supor que seria da maior conveniência que se situasse sociologicamente o problema e se procurasse refletir sobre as possibilidades da introdução da sociologia no ensino secundário brasileiro à luz de argumentos fornecidos pela própria análise sociológica. Talvez se possam apontar algumas limitações em

tal orientação. Questões dessa complexidade nunca devem ser consideradas em termos estritos de dados obtidos através de *uma* disciplina científica; além disso, o caminho para os princípios gerais, dos quais dependem a própria organização de um sistema e a posição que dentro dele devem ocupar as diversas matérias ensinadas, deve ficar o mais possível livre, pois cabe à filosofia da educação e à política educacional estabelecê-los e pô-los em prática. De qualquer modo, os dados oferecidos pela reflexão sociológica constituem, no caso, os mais legítimos pontos de partida para as decisões que precisam ser tomadas nessa esfera da política e da administração.

Antônio Cândido também realizou uma fala no I Congresso Brasileiro de Sociologia intitulada: *O papel do estudo sociológico da escola na sociologia educacional*, no qual discute a importância da análise sociológica para compreensão da educação, em especial do ambiente escolar, e da consolidação do campo de Sociologia da Educação no país.

Esta importância conferida aos aspectos mais gerais da educação abriu rumos, mas não favoreceu o aparecimento de uma sociologia especial dos fatos educacionais, pois na medida em que se atém ao esquema geral do relacionamento entre sociedade e educação, conduz a um *ponto-de-vista*, a uma concepção nova, que mais facilmente se traduz em pedagogia ou filosofia do que em sociologia (CÂNDIDO, 1954, p. 117).

Para o autor havia uma ruptura entre a Sociologia e a Educação, sendo esse campo, colocado à margem dentro das análises realizadas pela Sociologia:

(...) é significativo do divórcio entre sociólogos e educadores nesse terreno; aqueles não se interessando pelo desenvolvimento de uma disciplina intermediária, cuja necessidade se fazia sentir, não contribuíram para sua fundamentação sistemática; estes entregues aos próprios recursos, construíram-na, não como seria desejável, mas como foi possível. Compreendemos, assim, que, na sua generalidade, ela tenha quase sempre permanecido, mais que intermediária, marginal (CÂNDIDO, 1954, p. 120).

Sobre a Sociologia da Educação Cândido (1954, p. 121) destaca:

Notemos que a sociologia da educação pouco existe como teoria e quase nada como pesquisa. No campo teórico avultam relativamente poucos esforços, como os de Waller e Fischer, que veremos em separado, ou o de Fernando de Azevedo; no mais a argumentação vai escorregando francamente para a Filosofia ou a Teoria da Educação. As pesquisas são em número limitado e qualidade duvidosa. E as mais das vezes escapam igualmente à sociologia, rumo às sondagens e levantamentos administrativos, de um lado, às investigações psicológicas, de outro. Assim, a sociologia da educação tem se apresentado, sobretudo como *matéria* de ensino – e a maioria absoluta da produção, no gênero, compunha-se até há bem pouco, e no Brasil ainda se compõe, de compêndios, manuais e tratados. Encarando, pois, o seu destino – se é possível dizer assim – devemos abordá-la do ângulo do ensino e da pesquisa.

E acrescenta:

Entendo que para dar ao estudante uma base consistente, assim como para desenvolver a pesquisa, é necessário especificar a análise das situações de ensino como fundamento da sociologia da educação, pois a educação moderna, na medida em que se distingue dos processos gerais de socialização, se funda no ensino, centralizado pela escola. Por “situação de ensino”, entendo o sistema de relações, de papéis, de valores, determinados no ensino e pelo ensino, manifestando-se principalmente na escola, concebida não apenas como agência de instrução, mas como grupo social complexo, num dado contexto social. Numa palavra, trata-se de determinar, com o devido rigor analítico, os critérios para estudar a estrutura interna da escola e a posição da escola na estrutura da sociedade (CÂNDIDO, 1954, p. 122).

Para o autor era fundamental que a Sociologia conseguisse desenvolver suas análises da escola, sem torná-las compreensões de outras áreas do conhecimento, como a Pedagogia ou a Psicologia, e sim com o auxílio dessas:

Ora, o problema é, pelo contrário, desenvolver uma análise sociológica da escola que, recorrendo embora à psicologia, pelo princípio da colaboração nos terrenos de encontro, permaneça sociologia. À qual interesse menos o estudo de atitudes ou das formas de interação, que da estrutura grupal como referência de uns e outros. Além do mais, semelhante análise se entrosa necessariamente numa visão mais ampla da escola na sociedade, evitando o que há de porventura estreito na teoria e na técnica dos pequenos grupos (CÂNDIDO, 1954, p. 127).

Cândido destaca a importância do papel do educador para a pesquisa realizada pela sociologia educacional:

Este simples exemplo aponta a necessidade de considerar-se a redefinição do estudo da escola na sociologia educacional como base da atividade do educador. Não menos importante é esta redefinição para a pesquisa, que encontrará nas situações pedagógicas um elemento concreto, que permita passar decididamente da era dos manuais para a da investigação da realidade (CÂNDIDO, 1954, p. 130).

Na década de 1960, com a Lei nº 4.024/61, Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB) aprovada em 20 de dezembro de 1961, foi assegurado o ensino secundário composto pelo Ginásio com duração de quatro anos, e o Colegial com duração de três anos, a Sociologia deixou de fazer parte do currículo da educação básica. Em 1971, durante o Governo Militar foi promulgado um Decreto-Lei nº 5.692/71, no dia 11 de agosto, que dividiu a educação básica em dois ciclos, o 1º Grau que era composto do antigo primário mais o antigo secundário, num total de oito anos

de formação e o 2º Grau com duração de três anos, sem, contudo, garantir novamente a presença do ensino de Sociologia na escola. Segundo Jinkings (2005, p. 13):

As reformas educacionais implementadas pelos governos militares, após 1964, estimularam o controle privado da escola pública e estabeleceram a profissionalização compulsória e universal, induzindo a transformação do Ensino Médio, em ensino profissionalizante, com a finalidade de formar força de trabalho técnica no período denominado de “milagre brasileiro”. Ao mesmo tempo permitiram uma maior dissociação entre licenciatura e bacharelado nas universidades, empobrecendo a formação de professores para o ensino básico. Quanto ao ensino de Sociologia, a disciplina, dentre outras humanísticas, científicas ou técnico-profissionalizantes, figurava como optativa nos currículos do curso colegial.

Considerar que os regimes autoritários como o Estado Novo (1937-1945), e a Ditadura Militar (1964-1985), como sendo os agentes da retirada do ensino de Sociologia é precipitado, pois, durante períodos democráticos a disciplina não estava presente na educação básica, já que segundo Sarandy (2011, p. 19):

(...) o ensino da sociologia deixou de ser obrigatório de 1942, com a Reforma Capanema, até 2008, com a alteração da Lei de Diretrizes e Bases de 1996. Portanto, esteve ausente desde antes do golpe de 1964 e continuou mesmo após a redemocratização.

Mas para Sarandy (2011, p. 11):

(...) a passagem da sociologia dos cursos normal e secundário para a academia constituiu um processo que em nossa sociedade se deu efetivamente nos dois períodos de regime autoritário que a sociedade brasileira conheceu: primeiro, durante o Estado Novo e, depois pelas mãos do golpe militar de 64 – o que deixou marcas no modo como compreendemos as ciências sociais e seu lugar no sistema de ensino, que os discursos produzidos sobre o ensino de sociologia, tanto quanto suas produções didáticas expressam de modo singular.

Com a redemocratização do país na década de 1980, o ensino de Sociologia na escola média voltou a ser discutido, sobretudo por uma grande parcela de Sociólogos e Cientistas Sociais de todo o país, principalmente em suas associações profissionais e sindicatos que travavam lutas estaduais, e que conquistaram o retorno da Sociologia em alguns estados como: Rio de Janeiro, Santa Catarina e Distrito Federal. Essa luta posteriormente foi unificada nacionalmente, e de acordo com Sarandy (2011, p. 6):

A partir da década de 1980, intensa campanha e lutas inicialmente dispersas, empreendidas principalmente pelas associações profissionais e sindicais de cientistas sociais, foram travadas pela inserção da disciplina no Ensino Médio, inicialmente por uma estratégia que privilegiava as lutas localizadas nos estados federativos e, num momento mais recente, por uma campanha unificada que teve como alvo a União.

Segundo Moraes (2011, p. 368) a Sociologia retornou as redes estaduais nos anos 1980, e o estado de São Paulo teve um protagonismo importante nesse período:

(...) Então, a partir de 1983, temos um fenômeno parecido com aquele ocorrido nas primeiras décadas do século XX, quando a Sociologia não era obrigatória, mas, num crescendo, passou a figurar nos currículos das escolas secundárias. Logo, o estado de São Paulo, que já tomara a dianteira nesse processo ao “recomendar” a inclusão da Sociologia no currículo de uma das séries (Resolução SEE/SP n. 236/83), amplia a legitimidade da disciplina, realizando concurso público, nomeando equipe técnica a partir do recrutamento de professores que atuavam na rede pública e editando uma primeira proposta programática para a disciplina, reconhecendo, ainda que limitadamente, a sua importância na formação dos estudantes.

## **2.1 – O Ensino Médio no Brasil**

Foi a partir da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional - Lei nº 9.394/96 aprovada em 20 de dezembro de 1996, que o Ensino Médio passou a fazer parte da educação básica, que comporta estudantes de 4 a 17 anos a partir da educação infantil, passando pelo Ensino Fundamental (1º ao 9º ano) e o Ensino Médio (1ª a 3ª série).

A inclusão do Ensino Médio no âmbito da educação básica e o seu caráter progressivamente obrigatório demonstram o reconhecimento da importância política e social que ele possui. O país já não suporta tamanha desigualdade educacional. Trata-se de uma demanda crescente de escolarização diante da desvalorização dos diplomas em virtude da expansão do ensino e da necessidade de competir no exíguo mercado laboral, bem como de socializar a população em uma nova lógica do mundo do trabalho (KRAWCZYK, 2011, p. 755).

Essa etapa de ensino sempre foi marcada por falta de financiamento e de identidade, problemas que levaram, por parte dos estudantes, ao abandono escolar e alto índice de reprovação, e dos professores à precarização do trabalho e ao aumento nos pedidos de exoneração das redes estaduais. Problemas agravados a partir da década de 1990 com o aumento da demanda por essa etapa de ensino, gerando superlotação das salas, abertura de turmas em escolas de ciclo diferente, ocasionando falta de identidade com a escola, falta de estrutura para ensinar aos estudantes dessa etapa de ensino, e outros inúmeros problemas, como o aumento da violência nas escolas.

As políticas de expansão do Ensino Médio respondem não somente às aspirações das camadas populares por mais escolarização, mas também à necessidade de tornar o país mais competitivo no cenário econômico internacional. Elas decorrem da implementação de políticas de correção do fluxo de matrículas que impulsionaram a conclusão do ensino fundamental produzindo o aumento da demanda por mais escolarização, e são também informadas pelas maiores exigências de credenciais no mercado de trabalho e pela própria instabilidade deste (KRAWCZYK, 2011, p. 755).



Afirma também:

O aumento da demanda da escola média está acontecendo sob uma estrutura sistêmica pouco desenvolvida, com uma cultura escolar incipiente para o atendimento dos adolescentes e jovens das parcelas mais pobres da população. Não se tem produzido a democratização efetiva do acesso à última etapa de escolarização básica, mas sim um processo de massificação do ensino, desvinculado dos interesses dos adolescentes e jovens e em condições objetivas muito precárias (KRAWCZYK, 2011, p. 766).

Essa década foi marcada pela abertura de Ensino Médio noturno por parte das redes estaduais, além de um boom nas matrículas, que no estado de São Paulo ocorreu entre 1991 a 1995 e no país a partir de 1996.

Ana Paula Corti discute a expansão do ensino médio no estado de São Paulo a partir dos anos 1990 e que afirma:

O Ensino Médio assumiu uma nova configuração nos anos 1990, pela incorporação de públicos diversificados, que produziram novas formas de interação e de tensão com a cultura escolar estabelecida, tornando-se uma etapa acessível a todos. A incorporação dessa realidade na lei veio muitos anos depois, com a aprovação da Ementa Constitucional 59 em 2009 e, sobretudo, com a alteração trazida pela Lei n. 12.796 de 2013 para a Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB) de 1996 (CORTI, 2015, p. 27).

A aprovação LDB/96 foi um marco importante para a luta de retomada do ensino de Sociologia na educação básica em todo o país. A LDB instituiu o Ensino Médio de três anos e afirmava que ao final dessa etapa ensino, o estudante deveria ter conhecimentos necessários para a construção da cidadania sem garantir, contudo, a presença das disciplinas de Filosofia e Sociologia no currículo escolar, já que esses conhecimentos eram assegurados de maneira interdisciplinar.

Alguns autores e estudiosos começaram a debater a necessidade que as disciplinas de Filosofia e Sociologia estivessem presentes no currículo para que fosse cumprido o que determinava a LDB. No ano de 1997 o deputado federal Padre Roque (PT/PR) lançou o projeto de Lei nº 3178/97 que incluiu essas disciplinas como obrigatórias, alterando a LDB/96.

A partir de 1998 o governo federal começou a investir no Ensino Médio. A demanda por mais escolarização da população, fez com que os técnicos do MEC criassem os *Parâmetros Curriculares Nacionais* (PCNEM), esses parâmetros eram orientações para os profissionais da educação (Diretores, Coordenadores e Professores, além das Secretarias Estaduais de Educação) quanto aos conteúdos, que foram

elaborados por disciplinas, mesmo sofrendo pressão para que a construção fosse elaborada de forma interdisciplinar, e a melhor forma de abordá-los nessa etapa da escolarização básica. Segundo Moraes (2011, p. 371):

A definição por áreas de conhecimento representava certa dificuldade de conceber um currículo totalmente interdisciplinar, ou uma concessão às pressões da equipe que formulava os Parâmetros Curriculares Nacionais do Ensino Médio (PCNEM) e que tinha seus membros recrutados nas sociedades científicas, ciosas das suas especificidades e de seus espaços no currículo (Moraes; Tomazi; Guimarães, 2004), razão pela qual estes Parâmetros acabaram permanecendo disciplinares, incluindo os PCNEM de Filosofia e Sociologia (Sociologia, Antropologia e Política).

A parte IV abordava o conhecimento das *Ciências Humanas e suas Tecnologias* – entre eles Sociologia, Antropologia e Política. O documento começa com a seguinte pergunta “Por que ensinar Ciências Sociais?” e afirma que a Sociologia nasceu da reflexão sobre um contexto de mudanças sociais, políticas e econômicas, que estavam ocorrendo na sociedade nos séculos XVIII e XIX. Os parâmetros destacam, apenas nominalmente, os paradigmas que fundaram a Sociologia concebidos por Karl Marx, Émile Durkheim e Max Weber, de maneira simples e superficial, adentrando poucos conceitos e principalmente a compreensão weberiana do mundo, e afirma que:

(...) a grande preocupação é promover uma reflexão em torno da permanência dessas questões até hoje, inclusive avaliando a operacionalidade dos conceitos e categorias utilizados por cada um desses autores, no que se refere à compreensão da complexidade do mundo atual (BRASIL, 1998, p. 36).

Esse documento aponta que existem dois eixos de orientação das análises sociológicas, o primeiro a relação entre indivíduo e sociedade, e sua ação social, e o segundo se refere à dinâmica social e a relação entre a manutenção da ordem e a mudança social. E assegura ainda que:

(...) a pesquisa teórica e empírica em Sociologia nos permite, por exemplo, problematizar os fenômenos sociais, no processo de ensino-aprendizagem, nos seguintes termos:

- a) De que maneira explicar a existência e a manutenção das coletividades humanas? De que modo acontece a interação entre o indivíduo e essas coletividades?
  - b) Que mecanismos interferem na organização e estruturação dos quadros sociais da vida humana?
  - c) Como a mudança social é produzida e pode ser explicada?
- (BRASIL, 1998, p. 37).

Inicialmente essas perguntas são respondidas com a afirmação do papel de formação que o Ensino Médio possui a partir da LDB/96, que se refere à construção

para a cidadania, pois (BRASIL, 1998, p. 37): “(...) o conhecimento sociológico tem como atribuições básicas investigar, identificar, descrever, classificar e interpretar/explicar todos os fatos relacionados à vida social (...)” para auxiliar o estudante a entender a complexidade da realidade social. Abaixo segue a tabela com as competências e habilidades que devem ser desenvolvidas pelas Ciências Sociais no ensino médio segundo os PCNEM:

### **Competências e habilidades a serem desenvolvidas em Sociologia, Antropologia e Política**

<b>Representação e comunicação:</b>
<ul style="list-style-type: none"> <li>• Identificar, analisar e comparar os diferentes discursos sobre a realidade: as explicações das Ciências Sociais, amparadas nos vários paradigmas teóricos, e as do senso comum.</li> </ul>
<ul style="list-style-type: none"> <li>• Produzir novos discursos sobre as diferentes realidades sociais, a partir das observações e reflexões realizadas.</li> </ul>
<b>Investigação e compreensão:</b>
<ul style="list-style-type: none"> <li>• Construir instrumentos para uma melhor compreensão da vida cotidiana, ampliando a “visão de mundo” e o “horizonte de expectativas”, nas relações interpessoais com os vários grupos sociais.</li> </ul>
<ul style="list-style-type: none"> <li>• Construir uma visão mais crítica da indústria cultural e dos meios de comunicação de massa, avaliando o papel ideológico do “marketing” enquanto estratégia de persuasão do consumidor e do próprio eleitor.</li> </ul>
<ul style="list-style-type: none"> <li>• Compreender e valorizar as diferentes manifestações culturais de etnias e segmentos sociais, agindo de modo a preservar o direito à diversidade, enquanto princípio estético, político e ético que supera conflitos e tensões do mundo atual.</li> </ul>
<b>Contextualização sociocultural:</b>
<ul style="list-style-type: none"> <li>• Compreender as transformações no mundo do trabalho e o novo perfil de qualificação exigida, gerados por mudanças na ordem econômica.</li> </ul>
<ul style="list-style-type: none"> <li>• Construir a identidade social e política, de modo a viabilizar o exercício da cidadania plena, no contexto do Estado de Direito, atuando para que haja, efetivamente, uma reciprocidade de direitos e deveres entre o poder público e o cidadão e também entre os diferentes grupos.</li> </ul>

Fonte: Parâmetros Curriculares Nacionais (Ensino Médio) – Parte IV – Ciências Humanas e suas Tecnologias. MEC, Brasil, 1998.

Davisson C. C. Souza (2013) analisa quais os referenciais utilizados pelos PCN, pelas OCN, pela Proposta Curricular do estado de São Paulo para a disciplina de Sociologia (2009), pelos Cadernos de Sociologia (Manual do Aluno e Manual do Professor) de 2009 e por dois livros didáticos indicados pelo Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) de 2012. Nos PCN para Souza é explícita a matriz teórica weberiana:

(...)primeiramente, ao defender o conceito de relação social como “unidade elementar” da disciplina, apresentam os conceitos de “rede

de relações sociais” e “interação social” com referência explícita à sociologia weberiana. Propõem, ainda, que se siga o modelo de estratificação social de Weber, baseando-se em sua abordagem dos conceitos de castas, estamentos e classes sociais. Por último, ao tratar do Estado, define-o como uma instância que “racionaliza a distribuição do poder legítimo dentro de uma nação”, o que deixa novamente explícita sua filiação teórica weberiana. Esta opção fica clara não só por este repertório conceitual que o documento utiliza, mas também pela simplificação do pensamento de Marx e Durkheim, e pelo papel secundário atribuído a estes autores ao longo do texto. Por exemplo, ao tratar a categoria trabalho, indica a necessidade de abordá-la “para além do modelo marxista”. Ressaltando a importância de não se naturalizar as relações sociais, o documento explicita que “nem em Durkheim encontramos essa aceitação” (*grifos nossos*). No primeiro caso, Marx é tratado como um autor a ser superado. No segundo, Durkheim é visto como um autor de menor porte, quase ingênuo (SOUZA, 2013, p. 124).

No ano 2000, um projeto de Lei (PL nº 09/00) foi aprovado pela Câmara dos Deputados e pelo Senado Federal, que alterava o artigo 36, parágrafo 1º, inciso III da LDB e garantia a obrigatoriedade das disciplinas de Sociologia e Filosofia na grade curricular das escolas públicas de todo país. Mas o projeto foi vetado pelo sociólogo e Presidente da República Fernando Henrique Cardoso do PSDB. Segundo Moraes (2011, p. 371).

Como entender o sentido do veto nesse contexto de interpretação da intermitência da disciplina no Ensino Médio? Observando os argumentos marcadamente ideológicos presentes numa certa tradição dos debates, fica difícil admitir que o sentido seria ainda aquele de identificação da disciplina com uma perspectiva de esquerda, socialista, doutrinadora etc., em que pese tenham aparecido na imprensa muitos exemplares de críticas baseadas em tais argumentos.<sup>16</sup> Mas, por um lado, estávamos em um regime reconhecidamente democrático, com governo eleito, liberdade de opinião, poderes funcionando etc., nada que justificasse se dizer que o ensino de Sociologia pudesse ameaçar os poderes constituídos a partir de uma subversão dos valores, manipulação dos jovens, entre outros. Aqui, como em relação à Reforma Capanema de 1942, parece-nos que o que orientou a exclusão da disciplina pelas DCNEM e o veto presidencial decorreu muito mais do contexto burocrático educacional.

Nesse mesmo ano o MEC lançou o Programa de Expansão e Melhoria do Ensino Médio (Promed), que segundo Conti (2015, p. 107):

(...) com o intuito de apoiar as secretarias estaduais de Educação em seu processo de reorganização do Ensino Médio, tendo em vista a adequação às novas diretrizes curriculares nacionais e a incorporação do Ensino Médio à educação básica, bem como o favorecimento à expansão das matrículas. Foi o Programa do governo federal voltado à implantação da reforma do Ensino Médio nos estados brasileiros.

As *Orientações Educacionais Complementares aos Parâmetros Curriculares Nacionais* (PCN+) foram criadas pelo Ministério da Educação em 2002 para assegurar as novas orientações de ensino a partir da reformulação do Ensino Médio. Elas dividem o conhecimento sociológico a ser desenvolvido pelas instituições de ensino em quatro eixos temáticos, em temas a serem abordados e subtemas.

São esses os eixos temáticos propostos:

<b>Indivíduo e sociedade</b>
<b>Tema:</b>
1. As Ciências Sociais e o cotidiano.
<b>Subtemas:</b>
• As relações indivíduo-sociedade.
• Sociedades, comunidades e grupos.
<b>Tema:</b>
2. Sociologia como ciência da sociedade.
<b>Subtemas:</b>
• Conhecimento científico versus senso comum.
• Ciência e educação.
<b>Tema:</b>
3. As instituições sociais e o processo de socialização.
<b>Subtemas:</b>
• Família, escola, Igreja, Justiça.
• Socialização e outros processos sociais.
<b>Tema:</b>
4. Mudança social e cidadania.
<b>Subtemas:</b>
• As estruturas políticas.
• Democracia participativa.

Fonte: Orientações Educacionais Complementares aos Parâmetros Curriculares Nacionais – Ciências Humanas e suas Tecnologias. MEC, Brasil, 2002.

No tema 2 –“Sociologia como ciência da sociedade” se discute a relação entre a ciência e a escola:

(...) nesse momento, seria importante estabelecer as relações entre Ciência e Escola. É principalmente na Escola que se dá a apropriação do conhecimento sistematizado. É na Escola, também, que se pensa a sociedade. Poderia ser executada uma série de atividades para a valorização da Escola e do processo pedagógico (BRASIL, 2002, p. 90).

<b>Cultura e sociedade</b>
<b>Tema:</b>
1. Culturas e sociedade.
<b>Subtemas:</b>
• Cultura e ideologia.
• Valores culturais brasileiros.
<b>Tema:</b>

2. Culturas erudita e popular e indústria cultural.
<b>Subtemas:</b>
• As relações entre cultura erudita e cultura popular.
• A indústria cultural no Brasil.
<b>Tema:</b>
3. Cultura e contracultura.
<b>Subtemas:</b>
• Relações entre educação e cultura.
• Os movimentos de contracultura.
<b>Tema:</b>
4. Consumo, alienação e cidadania.
<b>Subtemas:</b>
• Relações entre consumo e alienação.
• Conscientização e cidadania.

Fonte: Orientações Educacionais Complementares aos Parâmetros Curriculares Nacionais – Ciências Humanas e suas Tecnologias. MEC, Brasil, 2002.

No tema 3 – “Cultura e contracultura” aparece a discussão sobre a noção que a escola e a educação tem para a análise sociológica:

Levar o aluno a compreender a importância fundamental da educação formal na construção de sua identidade cultural. É principalmente na escola que o aluno se torna culto (apropriação do conhecimento sistematizado produzido pela humanidade) e se percebe como integrante da cultura, ou das culturas. Educação é cultura. A escola é um espaço cultural (...).

Nesse momento, o aluno pode ser levado a perceber outras facetas da instituição escolar: de um lado, o papel da escola como agente de socialização, isto é, o de fazer com que o indivíduo aprenda, conforme-se e obedeça às regras sociais e, de outro lado, o papel da escola como instituição que deve criar oportunidades para se fazer a crítica das regras e, nesse caso, dos valores culturais e ideológicos dominantes. Educação significa a elaboração de uma visão crítica do mundo. E a escola é um espaço de análise crítica da sociedade (...). (BRASIL, 2002, p. 95).

A temática discutida na parte 4 – “Consumo, alienação e cidadania” discute o papel da conscientização e do cidadão na sociedade:

(...) somente a conscientização, isto é, o pensar crítico sobre a sociedade (construído na escola, nas aulas de Sociologia e de outras disciplinas) é que vai transformar o indivíduo em cidadão. O cidadão é aquele que tem competência para pensar e agir criticamente. O processo de conscientização leva à cidadania (BRASIL, 2002, p. 95).

<b>Trabalho e sociedade</b>
<b>Tema:</b>
1. A organização do trabalho.
<b>Subtemas:</b>
• Os modos de produção ao longo da história.
• O trabalho no Brasil.
<b>Tema:</b>

2. O trabalho e as desigualdades sociais.
<b>Subtemas:</b>
• As formas de desigualdades.
• As desigualdades sociais no Brasil.
<b>Tema:</b>
3. O trabalho e o lazer.
<b>Subtemas:</b>
• O trabalho nas sociedades utópicas.
• Trabalho, ócio e lazer na sociedade pós-industrial.
<b>Tema:</b>
4. Trabalho e mobilidade social.
<b>Subtemas:</b>
• Mercado de trabalho, emprego e desemprego.
• Profissionalização e ascensão social.

Fonte: Orientações Educacionais Complementares aos Parâmetros Curriculares Nacionais – Ciências Humanas e suas Tecnologias. MEC, Brasil, 2002.

Na temática discutida pelo assunto 1 – “A organização do trabalho” a noção de trabalho debatida pelos PCN+ foi à caracterização do trabalho como elemento de organização da sociedade e suas dinâmicas sociais.

Trabalho é um dos conceitos fundamentais do conhecimento sociológico. Grande parte de tudo o que os sociólogos já produziram está relacionado às atividades produtivas do ser humano. O trabalho organiza a sociedade e define suas características básicas. Os aspectos econômicos relacionados ao trabalho são fundamentais na análise e compreensão das diversas sociedades (BRASIL, 2002, p. 96).

No tema 4 – “Trabalho e mobilidade social” se destaca à importância do papel da profissionalização para o documento:

Levar o aluno a perceber as estreitas relações entre profissionalização e possibilidades de mobilidade social é um dos objetivos desse tema. (...) Profissionalização é educação. Escola é espaço de educação. Educação possibilita ascensão social (BRASIL, 2002, p. 96).

<b>Política e sociedade</b>
<b>Tema:</b>
1. Política e relações de poder.
<b>Subtemas:</b>
• As relações de poder no cotidiano.
• A importância das ações políticas.
<b>Tema:</b>
2. Política e Estado.
<b>Subtemas:</b>
• As diferentes formas do Estado.
• O Estado brasileiro e os regimes políticos.
<b>Tema:</b>
3. Política e movimentos sociais.
<b>Subtemas:</b>

• Mudanças sociais, reforma e revolução.
• Movimentos sociais no Brasil.
<b>Tema:</b>
4. Política e cidadania.
<b>Subtemas:</b>
• Legitimidade do poder e democracia.
• Formas de participação e direitos do cidadão.

Fonte: Orientações Educacionais Complementares aos Parâmetros Curriculares Nacionais – Ciências Humanas e suas Tecnologias. MEC, Brasil, 2002.

Esses documentos foram desenvolvidos partindo da concepção de que o ensino da Sociologia deveria ser transversal, assim como as propostas apresentadas deveriam servir para o educador desenvolver seu programa de ensino de maneira autônoma, não eram imposições, eram apenas sugestões de temas e problemas para o ensino, e segundo Silva (2011, p. 6):

As referências básicas nacionais para inserção da Sociologia no currículo se encontravam nos PCN's (1999) e PCN+ (2002). Esses documentos elencam uma série de conceitos considerados relevantes para a formação dos alunos e enfoca as competências e habilidades a serem desenvolvidas na área.

As Orientações Curriculares Nacionais (OCN) foram editadas pelo MEC no ano de 2006. Na introdução do material é narrada a história no ensino de Sociologia no país. Há uma preocupação do documento entre os saberes produzidos pela ciência, a Sociologia e os presentes na disciplina do Ensino Médio: “(...) sabemos, mas sempre é bom lembrar, que os limites da ciência Sociologia não coincidem com os da disciplina Sociologia, por isso falamos em tradução e recorte” (BRASIL, 2006, p. 107). Para que isso ocorresse era necessário realizar uma mediação dos conteúdos e das metodologias de ensino, além da mediação pedagógica do educador. Segundo Souza (2013, p. 125):

Embora as referências a Weber não sejam tão evidentes nas OCN (BRASIL, 2006), é possível constatar a inclinação teórica por este autor neste documento. A princípio, o material defende a diversidade teórica, ao argumentar que os clássicos são complementares e que existem “intersecções” entre eles. Nesse sentido, o documento sustenta que “(...) há entre esses autores ‘vazios teóricos’, isto é, fenômenos de que suas teorias não dão conta, quer pela inexistência de tais fenômenos na época quer pelos limites da própria teoria”.

Nessas orientações dois papéis fundamentais desempenhados pelo pensamento sociológico foram destacados: o *estranhamento* e a *desnaturalização*. A Sociologia ao possibilitar uma compreensão crítica da realidade social, pode, através da desnaturalização das relações sociais, realizar questionamentos, a fim de deslegitimar o



que supostamente se constituiu como natural na sociedade, já que esta é fruto da ação dos sujeitos num processo histórico, além de estranhar os fenômenos, problematiza-los a fim de compreender suas modificações ao longo do tempo.

Um papel central que o pensamento sociológico realiza é a *desnaturalização* das concepções ou explicações dos fenômenos sociais. Há uma tendência sempre recorrente a se explicarem as relações sociais, as instituições, os modos de vida, as ações humanas, coletivas ou individuais, a estrutura social, a organização política, etc. com argumentos naturalizadores. Primeiro, perde-se de vista a historicidade desses fenômenos, isto é, que nem sempre foram assim; segundo, que certas mudanças ou continuidades históricas decorrem de decisões, e essas, de interesses, ou seja, de razões objetivas e humanas, não sendo fruto de tendências naturais.

Outro papel que a Sociologia realiza, mas não exclusivamente ela, e que está ligado aos objetivos da Filosofia e das Ciências, humanas ou naturais, é o *estranhamento*. No caso da Sociologia, está em causa observar que os fenômenos sociais que rodeiam a todos e dos quais se participa não são de imediato conhecidos, pois aparecem como ordinários, triviais, corriqueiros, normais, sem necessidade de explicação, aos quais se está acostumado, e que na verdade nem são vistos (BRASIL, 2006, p. 107).

De acordo com Souza (2013, p. 125):

O principal fundamento epistemológico do documento está presente nos conceitos de “estranhamento” e “desnaturalização”. Nesse sentido, explicita que “um papel central que o pensamento sociológico realiza é a *desnaturalização* das concepções e explicações dos fenômenos sociais” e que a atitude de estranhamento é a que permite “observar que os fenômenos sociais que rodeiam a todos e dos quais se participa não são de imediato conhecidos, pois aparecem como ordinários, triviais, corriqueiros, normais.

O documento destaca três tipos de procedimentos metodológicos que podem ser adotados pelo professor durante as aulas. O primeiro deles é a utilização de *Conceitos*, que devem ser historicamente atrelados e contextualizados, segundo Brasil (2006, p. 117): “os conceitos são elementos do discurso científico que se referem à realidade concreta. O discurso sociológico merece um tratamento especial em sala de aula”. Outro aporte metodológico destacado no texto é a utilização de *Temas*. A Sociologia pode ser organizada como disciplina na escola a partir da escolha de temas específicos para serem estudados, contudo: “quando se propõe o recorte de temas para o ensino da Sociologia, não se faz isso pensando analisar os chamados “problemas sociais emergentes” de forma ligeira e imediatista” destaca Brasil (2006, p. 120).

Outro método importante para ser desenvolvido durante as aulas é a utilização das *Teorias*, pode-se:

Trabalhar com as teorias clássicas ou contemporâneas impõe a necessidade de se compreender cada uma delas no contexto de seu aparecimento e posterior desenvolvimento – apropriação e crítica.

É possível entender as teorias sociológicas como “modelos explicativos”. Como tal, uma teoria “reconstrói” a realidade, tentando dar conta dos fatores que a produziram e dos seus possíveis desdobramentos. Não escaparia aqui uma abordagem sociológica da própria constituição da Sociologia como ciência e como resposta, a partir de um certo momento, para as questões humanas, no caso pela necessidade de explicar a existência e as formas de organização da sociedade (BRASIL, 2006, p. 122).

Souza problematiza os pressupostos metodológicos das OCN e destaca:

Outro elemento importante de ser destacado nas OCN é o que se refere aos “pressupostos metodológicos” para o ensino de Sociologia, que propõe três dimensões necessárias para a construção das propostas curriculares: *teorias, conceitos e temas*. O documento sustenta que as teorias correspondem à dimensão *explicativa ou compreensiva*, os conceitos à dimensão *linguística ou discursiva*, e os temas à dimensão *empírica ou concreta*. Assim, critica a ideia de trabalhar separadamente esses três eixos e defende que se deve “tomar um deles como ‘centro’ e os outros como referenciais”, apresentando vantagens e desvantagens em cada ponto de partida (SOUZA, 2013, p. 125).

As OCN destacam também a importância da Sociologia no Ensino Médio e como a escola pode ser objeto de pesquisa dessa ciência.

Resta ainda uma referência necessária sobre a presença da Sociologia no Ensino Médio. A escola como instituição social pode ser objeto de estudo da Sociologia e tornar-se um tópico do programa do curso – aliás, entre nós, o estudo da educação e da escola constituíram mesmo um capítulo da Sociologia da Educação, momento importante da formação, da consolidação e do prestígio da Sociologia brasileira. Pode-se também tomar a própria escola onde o professor trabalha como objeto de estudo e com isso ensinar pesquisas quantitativas e qualitativas, a serem realizadas pelos alunos, guardando-se os devidos limites quanto a instrumentos, técnicas e resultados.

É sempre bom alertar que essa relação da Sociologia com as outras disciplinas, com o currículo ou com a comunidade escolar nem sempre se faz com tranquilidade, seja porque nem sempre a condição de “objeto” de estudo é confortável, seja pelo caráter crítico que a pesquisa sociológica apresenta. O simples deslocamento da disciplina desses limites – de disciplina para ciência, de ensino para pesquisa – revela um caráter questionador, muitas vezes identificado como estranho (estrangeiro, de estranhamento) ou mesmo irônico (desnaturalizador, desestabilizador). Assim, não se trata de uma experiência fácil nem de aceitação geral porque certamente seus objetivos não estão somente no campo do conhecimento, mas também no da intervenção. Por isso, o professor de Sociologia deve avaliar bem antes de iniciar essa empreitada e estar certo das consequências e dos limites de tal experimentação. Apenas se anota aqui essa possibilidade para mostrar que a presença da Sociologia na escola não se limita à garantia da diversidade curricular – como se chegou a

chamar, enriquecimento pedagógico–, senão a uma postura política da comunidade escolar (BRASIL, 2006, p. 115).

Dois desses documentos (PCN e PCN+) foram elaborados antes da efetiva entrada da disciplina de Sociologia na educação básica e se tornaram referências importantes para a elaboração de seus conteúdos e temáticas, consolidadas a partir das OCN's e da entrada desta na grade curricular do Ensino Médio brasileiro.

Depois de inúmeras discussões, o Parecer nº 38 do Conselho Nacional de Educação (CNE) de 2006, que resultou na Resolução nº 04/06, estabeleceu a obrigatoriedade do ensino de Sociologia no país, nas escolas que organizassem o currículo por disciplinas. Como afirma Silva (2007, p. 420):

No dia 7 de julho de 2006 a Câmara de Educação Básica aprovou por unanimidade o *Parecer 38/2007* que alterou as Diretrizes Curriculares Nacionais do Ensino Médio, tornando a Filosofia e a Sociologia disciplina obrigatória. A *Resolução nº4, de 16 de agosto de 2006*, alterou o artigo 10 da Resolução CNE/CEB nº 3/98, que institui as Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Médio, incluindo a filosofia e a sociologia como disciplinas curriculares obrigatórias.

Mas seu retorno ocorreu de fato a partir da Lei nº 11.684/08. Com a entrada da Sociologia na educação básica, se torna importante compreender qual o papel da última etapa de formação, atualmente o Ensino Médio. Essa questão sempre foi fundamental para a elaboração dos currículos das disciplinas, que são fonte histórica de disputas, pois direcionam a formação da juventude e dos conteúdos considerados fundamentais para que aquela sociedade se desenvolva e construa um fruto ético e solidário, respeitando as diferenças e as contradições próprias das sociedades democráticas. Além dessa questão, outras são importantes para serem pensadas e debatidas pelos pesquisadores e professores de Sociologia, entre elas como a Sociologia pode ser construída como saber escolar? Nesse sentido Silva (2007, p. 405) afirma:

No campo de estudos das disciplinas, dos currículos, ou na sociologia do currículo podemos encontrar elementos que ajudem apreender os sentidos que levam a constituição da sociologia como saber escolar. Como saber escolar ela pode sempre estar presente nos currículos em disciplinas tais como: História, Geografia, Literatura, entre outras; mas, como disciplina ela aparece, desaparece, reaparece, enfim tem um “lugar” instável, desconfortável e incerto.

De acordo com Oliveira (2011, p. 4):

(...)tanto a presença, quanto a ausência da sociologia no currículo do Ensino Médio, representa demarcações de poder, que em boa parte do momento histórico, tem sido utilizado como estratégia de dominação e reprodução social.

A entrada da disciplina de Sociologia na escola não alterou significativamente um dos principais problemas dessa etapa de ensino, sua falta de identidade, apesar de contribuir para a reflexão dos estudantes sobre seus objetivos, valores e possibilidades futuras. Ao propor questionamentos importantes para os jovens, a Sociologia como disciplina no ensino médio, possibilita a construção de saberes importantes e necessários para o respeito às diferenças étnicas, sociais, políticas, religiosas e de orientação sexual. A Sociologia enfrenta, inclusive na escola, com seus métodos, técnicas, referenciais teóricos e metodológicos dilemas que estruturam a sociedade capitalista.

## 2.2 – O ensino de Sociologia na educação básica em São Paulo

As análises realizadas sobre a implementação do ensino de Sociologia no estado de São Paulo asseguram que:

(...) o estado de São Paulo foi um dos Estados que mais resistiu a implantação da Sociologia. Desde 1996, o número de escolas que ministravam a disciplina foi reduzido até a sua total eliminação no ano de 2008, num momento em que outros estados da federação procuravam se adequar ao Parecer 38/2006 do Conselho Nacional de Educação que tornou obrigatória a inclusão da Sociologia no Ensino Médio (SILVA, 2011, p. 2).

Na década de 1980, com o governo de André Franco Montoro (1983-1987) a Sociologia passou a fazer parte do currículo do 2º grau das escolas públicas paulistas como disciplina optativa. Naquele período com a flexibilização da legislação educacional brasileira a partir da Lei nº 7.044/82 (BRASIL, 1982) a Secretaria de Educação do estado de São Paulo (SEE) havia proposto que as escolas introduzissem a Sociologia como disciplina e realizou concursos públicos que contrataram 29 professores para ministrarem as aulas. Segundo Silva (2011, p. 8):

A inserção da Sociologia no currículo do Ensino Médio no estado de São Paulo porta singularidades que merecem ser elucidadas. Foi o Estado brasileiro que mais avançou no debate sobre a importância do ensino da Sociologia entre 1982 e 1995. É o Estado que mais resistiu à expansão do ensino entre 1996 e 2008, não tendo inclusive, acatado ao teor da Deliberação CNE/MEC nº 38/2006.

Em 1986 o Estado elaborou uma *Proposta de Conteúdo Programático para Disciplina Sociologia* (São Paulo, 1986) que possuía três objetivos: formação para à cidadania, engajamento e autonomia. Segundo Takagi (2009, p. 2):

O primeiro pretende-se alcança-lo oferecendo aos educandos uma compreensão da realidade política, econômica, social, ideológica e

cultural, para que sejam capazes de interpretar a sociedade em que estavam inseridos. O segundo seria obtido em discussão em torno de “temas polêmicos”, o que poderia construir uma certa criticidade com o intuito de tentar envolver o educando nas questões propostas *para o professor*, por exemplo a partir de estudos sobre os movimentos sociais que promoveriam uma tomada de posição (engajamento) por parte dos alunos. O terceiro seria adquirido à medida que os alunos fossem capazes de estabelecer relações entre as discussões iniciais e uma abordagem teórica sobre tais questões com autonomia; em outras palavras, as teorias sociológicas seriam introduzidas a partir de proposições que “incentivariam a participação dos alunos”.

Nesse documento a participação dos alunos era estimulada e o conteúdo que deveria ser trabalhado foi dividido em sete unidades temáticas: *I – Introdução ao estudo da sociedade; II – Trabalho e sociedade; III – Política e sociedade; IV – Ideologia, cultura e sociedade; V – Instituições sociais e sociedade; VI – As relações entre as nações e VII – A sociedade em transformação*. De acordo com Takagi (2009, p. 3):

No geral, as unidades apresentam propostas e até mostram a maneira como o professor deve iniciar as discussões, a partir da perspectiva da criticidade e engajamento, ao focarem as questões no “cotidiano do aluno”, que acreditamos ser o maior desafio proposto pelos autores, ainda assim eles proporcionam encaminhamentos de inclusão de representações sobre o “conhecimento dos alunos” nas discussões.

Os autores que organizarem essa proposta curricular elaboraram um material para ser trabalhado de maneira flexível e que pudesse ser moldada de acordo com as necessidades dos professores e alunos. Para eles o ensino de Sociologia deveria oferecer um instrumental teórico para a compreensão da realidade brasileira onde:

(...) o conhecimento seria apreendido de maneira “objetiva” com o intuito de promoção das mudanças sociais. De modo que a proposta pode ser entendida a partir de uma ideia de ação e transformação social. (TAKAGI, 2009, p. 6).

A proposta curricular para o ensino de Sociologia de 1992 foi elaborada para dar continuidade à proposta anterior, contudo se difere daquela ao elaborar apenas três unidades: *Cultura e Sociedade; Trabalho e Sociedade e Poder e Sociedade*. Segundo Takagi (2009, p. 6):

Na primeira unidade – *Cultura e Sociedade*-, discute-se a sociedade brasileira, na perspectiva da cultura. Pretende-se compreender a contribuição da ciência na análise da cultura e a compreensão da ciência na perspectiva da cultura; assim como estudar as diferenças culturais presentes no Brasil; a indústria cultural; a cultura popular como prática de resistência. O objetivo da unidade é compreender a cultura de forma ampla, a partir da ciência, ao mesmo tempo, compreender as especificidades das manifestações culturais brasileiras.

Na segunda unidade – Trabalho e Sociedade-, discute-se a sociedade brasileira sob a “problemática do mundo do trabalho”. Para tanto, os elaboradores apresentam as teorias científicas que discorrem sobre a “divisão social do trabalho”; assim como analisa o trabalho urbano e rural no Brasil.

Na última unidade – Poder e Sociedade – discute-se a sociedade brasileira na perspectiva das relações de poder. Para tanto, os redatores apresentam a “contribuição da ciência para a compreensão das relações de dominação e poder”, enquanto discutem a cidadania e democracia, a partir do Estado.

A concepção de cidadania que compõem a última unidade se refere aquela em que o cidadão compreende a sua realidade e através dessa reflexão, pode transformá-la. Essa proposta procura discutir a realidade social brasileira, nos contextos cultural, social e político e de acordo com Takagi (2009, p.8): “os autores afirmam que privilegiam a realidade brasileira, entretanto não há só uma realidade vivida pelos educandos porque cada um deles vive em contexto socioeconômico diferentes”.

Existia a preocupação dos autores dessa proposta em elencarem algumas teorias científicas sobre a mesma temática como tentativa de solucionar o caráter dogmático das discussões, contudo: “(...) análise dos conteúdos das unidades mostra que o caráter dogmático continua presente nesta proposta, em razão da escolha de obras de autores marxistas para a análise da questão do poder” segundo Takagi (2009, p. 9).

A comparação entre as duas propostas curriculares permite compreender que ambas possibilitavam inúmeros caminhos teóricos aos professores, entretanto, ao serem elaboradas, deixaram de lado, as contribuições desses agentes centrais para a educação, já que para Takagi (2009, p. 12):

(...) os documentos – as propostas – poderiam expressar não só a voz dos elaboradores, mas o que estes ouviram dos professores e assim, expressar também a voz dos professores, pois se trata de interlocutores, vozes e ouvidos.

Da década de 1990 em diante houve um desinteresse por parte da SEE em tornar a Sociologia uma disciplina obrigatória no Estado, como salienta Zanardi (2009, p. 58): “(...) a partir da década de 1990, precisamos reconhecer que a Sociologia foi-se perdendo do currículo do Ensino Médio público paulista, mantendo-se somente como temática transversal, sem qualquer compromisso com a inclusão da disciplina”.

Para melhor compreender o ensino da Sociologia na educação básica em São Paulo, se torna necessário analisar algumas das políticas públicas desenvolvidas no estado, principalmente a partir dos últimos 20 anos, pois elas são fruto de decisões do mesmo partido político (PSDB) e estão atreladas as prerrogativas do Banco Mundial, e

outras instituições, que orientam ajustes econômicos e sociais, implicando numa concepção mercadológica da educação e cuja formação humana deve atender as demandas do mercado.

Com a onda neoliberal dos anos 90 e as sociedades mundializando-se, o Brasil, em busca do seu lugar na globalização econômica e no processo de reestruturação do trabalho, viu-se na urgência de ceder face às imposições das Agências nas questões político educacionais (SANFELICE, 2010, p. 156).

A partir de 1995 o estado de São Paulo passou por inúmeras transformações na área da Educação. A reforma em 1995, implementada em 1996, tinha como objetivo melhorar a gestão da rede e a municipalização do ensino fundamental I.

O Programa (que reorganizou as escolas para atender as faixas etárias específicas) está associado à concepção de eficiência, economia e eficácia da gestão educacional e teve como principal consequência a: quebra da organização da escola estadual de Ensino Fundamental e Médio. A partir do programa de reorganização, a rede de ensino foi segmentada em três escolas: de 1ª a 4ª série, de 5ª a 8ª série e de Ensino Médio. A concepção de eficácia de programa se apresenta com um fim em si mesma e a qualidade de ensino está subordinada à instrumentalidade da redução dos desperdícios e dos custos na ocupação dos prédios escolares (SOUZA, 2002, p. 84).

Conforme afirma Souza (2002) as políticas educacionais implementadas em São Paulo visavam:

As diretrizes traçadas pela Secretaria de Estado da Educação, para eliminar as disfuncionalidades do sistema educacional, organizaram três eixos de intervenção, subordinados à lógica da racionalidade econômica: 1) Melhoria da Qualidade de Ensino, 2) Mudanças nos Padrões de Gestão e 3) Racionalização Organizacional (SOUZA, 2002, p. 79).

Outra política educacional que merece destaque se refere as avaliações dos estudantes, alçadas a categoria de fundamental e essencial para quantificar a aprendizagem. Essa política visa medir e classificar as escolas da rede pelos rendimentos dos estudantes nas avaliações, principalmente o SARESP, cuja nota dos alunos está diretamente relacionada com o bônus salarial que os professores recebem.

Buscando retomar um controle mais detalhado do currículo, em 2008, o governo do estado de São Paulo, por exemplo, iniciou a política de bonificação para os professores das escolas com melhor desempenho no SARESP (Sistema de Avaliação de Rendimento Escolar do Estado de São Paulo). Isso fez com que o salário dos professores fosse atrelado à nota de seus alunos em uma prova elaborada pelo próprio governo. A prova mede parâmetros curriculares homogêneos para todas as escolas do Estado, desconsiderando suas particularidades sociais, culturais e regionais. Desde então, os professores de São Paulo estão vendo sua liberdade de ensinar enquadrada por um

currículo imposto, condicionado por uma prova cujos conteúdos sequer foram debatidos com eles (VASCONCELOS, 2016, p. 79).

No ano de 2007 o estado de São Paulo deu início a uma reforma do ensino, que passaria a ter um currículo oficial. Em 2009: “(...) o governo insere a disciplina no currículo, dentro do *Programa São Paulo Faz Escola* que propunha a elaboração do currículo, material de orientação aos professores e material para os alunos” (SILVA, 2011, p. 11). Sobre a proposta:

A proposta estaria ferindo o Artigo 206 da Constituição Federal quanto ao pluralismo de idéias e de concepções pedagógicas, bem como em relação à gestão democrática do ensino público. O mesmo acontece em relação à LDB 9.394/96 em seus Artigos 3º, 12º, 13º, 14º e 15º que versam sobre a liberdade de aprender, ensinar, pesquisar e divulgar a cultura, o pensamento, a arte e o saber, a incumbência dos estabelecimentos de ensino elaborarem e executarem suas propostas pedagógicas, a participação dos docentes na elaboração das propostas pedagógicas; a elaboração e cumprimento do plano de trabalho, segundo a proposta pedagógica do estabelecimento de ensino e assegurando às unidades escolares públicas de educação básica progressivos graus de autonomia pedagógica, administrativa e de gestão financeira (SANFELICE, 2010, p. 151).

Com a retomada da obrigatoriedade do ensino de Sociologia na educação básica nas três séries do ensino médio, inicialmente com apenas uma aula semanal por sala, o estado de São Paulo elaborou os Cadernos de Sociologia, do professor e do aluno a partir do ano de 2009. Os cadernos de Sociologia elaborados a partir do Programa “São Paulo Faz Escola”, lançados em 2007/8, sem sequer terem ouvidos os professores da disciplina (isso ocorreu com todas as disciplinas do ensino fundamental e do Ensino Médio do Estado), reflete a visão da SEE sobre como o trabalho docente deve ser desenvolvido. Essa maneira autoritária com que foi imposta os cadernos do aluno e do professor, inibe a autonomia dos professores, que deveriam elaborar suas aulas, a partir dos currículos estabelecidos pelos PCNEM, e de outros conteúdos que eles/elas possam considerar importantes e essenciais para serem discutidos com os seus estudantes, levando em conta, que cada realidade é única.

Os cadernos foram elaborados tentando integrar a proposta pedagógica para o ensino de Sociologia ao projeto *São Paulo Faz Escola*, implementado pela SEE. De acordo com Schijnemaekers; Pimenta (2011, p. 408):

A proposta aceita para o estado de São Paulo foi formulada pela Sociedade Brasileira de Sociologia (SBS), por um grupo de professores e pesquisadores envolvidos com a questão do ensino de Sociologia na educação básica, atuantes em diversas universidades públicas do país. O princípio orientador geral da proposta, que



concorda com a LDB em sua forma atual, é a ideia de que o ensino da Sociologia deve visar ao desenvolvimento do *aluno como ser humano*, por meio de uma formação ética que propicie o aprimoramento de sua *autonomia intelectual* e de *pensamento crítico* como forma de prepará-lo para a *cidadania*.

Ao elaborar os cadernos havia uma preocupação com o caráter que a formação da Sociologia no Ensino Médio deveria ter que não era: “(...) a formação de Sociólogos, mas a construção de outro olhar sobre a sociedade brasileira e sobre o lugar do aluno na sociedade em que vive, por meio de ferramentas próprias à Sociologia” (SCHIJNEMAEKERS; PIMENTA, 2011, p. 408).

As principais orientações seguidas para a elaboração dos cadernos foi a LDB e as Orientações Curriculares Nacionais (OCN) cujo foco inicial era a formação e o desenvolvimento do estudante como ser humano. A aquisição da sensibilidade sociológica era o objetivo da proposta que deveria ser assegurada pelas atividades e conteúdos abarcados pelos cadernos do estado de São Paulo.

A elaboração dos vinte e quatro cadernos (sendo doze cadernos para o professor e doze cadernos de atividades para o aluno) foram desenvolvidas em torno de três eixos temáticos, um para cada série do Ensino Médio. Com salienta Schijnemaekers; Pimenta (2011, p. 410):

Os temas foram sugeridos de modo a estabelecer um contato gradual entre o aluno e a Sociologia, para construir cuidadosamente, por meio da leitura e interpretação de textos, aulas dialogadas, atividades de dramatização, interpretação de imagens e outros exercícios práticos de introdução à pesquisa de campo, cujo objetivo é ajudar os alunos na compreensão do que é a Sociologia, de como se constrói um olhar sociológico sobre a realidade e de princípios e discussões norteadores que servirão para despertar e desenvolver uma sensibilidade sociológica.

Para apreender a sensibilidade sociológica são utilizados os princípios da desnaturalização e do estranhamento presente nas OCN de Sociologia.

O currículo de Sociologia foi estruturado para discutir ao longo do Ensino Médio as Ciências Sociais e suas principais temáticas. Analisaremos no próximo capítulo como os professores entrevistados compreendem o papel dessa ciência na escola, como e se esta auxilia os estudantes na compreensão da sociedade brasileira.

### **3- OS DILEMAS E AS CONQUISTAS DOS PROFESSORES DE SOCIOLOGIA**

Antes de discutimos as entrevistas<sup>2</sup> realizadas que demonstraram como os professores de Sociologia enfrentam os desafios que perpassam sua formação, sua prática docente, as relações estabelecidas dentro do ambiente escolar, com os outros professores, a equipe gestora, os pais e alunos, a estrutura precária das escolas públicas paulistas, a concepção estadual de qualidade do ensino, medida pelas avaliações e as inúmeras cobranças, deles próprios, da sociedade e do Estado, é importante conhecer cada um dos nossos entrevistados.

O professor número 1 é licenciado e bacharel em Ciências Sociais pela Unesp de Araraquara. É formado há mais de 10 anos e é o que leciona há mais tempo na rede estadual. Ele ingressou na rede via contrato, para ministrar aulas numa Escola de Tempo Integral, lecionando a disciplina de Empreendedorismo Social, ficou três anos, mas cansado das dinâmicas das aulas e de viajar, optou por dar aulas como professor com contrato precário e temporário de trabalho, na categoria OFA, inicialmente ministrava a disciplina de Filosofia, mas quando a Sociologia se tornou obrigatória e passou a fazer parte do currículo paulista, em 2009, começou a lecionar essa disciplina, em algumas escolas de Franca/SP, tornando-se professor efetivo no último concurso, que foi realizado em 2013, e ministrando aulas em apenas uma escola da cidade, nos períodos diurno e noturno e nas três séries do ensino médio. Atualmente está afastado da escola, para terminar seu Mestrado em Educação.

A professora número 2 se formou pela Unesp de Araraquara no bacharelado e na licenciatura em Ciências Sociais. Após terminar a graduação, cursou o Mestrado em Comunicação Midiática pela Unesp de Bauru, durante essa formação, recebeu uma bolsa de pesquisa e passou dois meses na Espanha, período que enriqueceu sua compreensão de mundo e aprimorou seus conhecimentos. Entrou na rede estadual também a partir do último concurso, em 2014, sem nunca ter tido uma experiência dentro da sala de aula, para ministrar a disciplina de Sociologia em uma escola da rede estadual no município de Pirassununga/SP.

O professor número 3 se formou em Ciências Sociais no Bacharelado e na Licenciatura, no Isca em Limeira/SP. Durante sua formação, desde a graduação, sua área de interesse foi a educação. Seu TCC discutiu as funções sociais da escola e no

---

<sup>2</sup>As entrevistas foram editadas retirando algumas expressões orais para permitir uma melhor leitura e compreensão.

Mestrado em Educação, elaborou uma dissertação sobre a compreensão do conceito de alienação para estudantes da disciplina de Sociologia do primeiro ano do Ensino Médio. Perdeu a inscrição para o último concurso estadual e por isso ainda não é efetivo na rede, leciona a disciplina desde 2007 como categoria O, e sofre bastante com a precarização do trabalho docente, por fazer parte dessa categoria. Mas, se considera um professor-pesquisador, incentiva seus estudantes a questionarem o mundo e a realizarem pesquisas, além de ser estudante de Filosofia.

O professor número 4 é licenciado e bacharel em Ciências Sociais pelo Isca – Limeira/SP. É professor efetivo na rede estadual e professor-coordenador da área de Ciências Humanas em uma das escolas que trabalha. É o que está há mais tempo como professor efetivo, e se divide entre as funções de coordenador e professor de Sociologia. Esse professor elaborou uma importante reflexão sobre os benefícios das Escolas de Tempo Integral do Estado, e considera que a grande diferença dessas para as outras escolas, se refere à maneira como os estudantes são acolhidos. Eles possuem professores tutores, com os quais dialogam sobre seus conflitos escolares e pessoais, e isso modifica a maneira como se relacionam com o conhecimento transmitido pelos mestres. Uma relação estabelecida tendo como base o respeito, a confiança e o afeto, asseguram às Escolas de Tempo Integral, melhor desempenho nos estudos e menos problemas disciplinares.

A primeira pergunta discutiu o processo de formação dos docentes, que contaram um pouco da sua trajetória de formação durante a graduação.

Carol: Qual sua área de formação? Licenciatura e/ou Bacharelado?

1: Eu sou formado em Ciências Sociais, pela Unesp de Araraquara, eu tive uma formação marxista, os meus professores eram bem marxistas e, eu acredito, que a minha formação foi muito boa (...). Eu sou Bacharel e Licenciado. O curso de Licenciatura, as matérias de Licenciatura até hoje eu acho que foram muito poucas. Bacharel eu tive que fazer várias matérias e para Licenciatura foram quatro obrigatórias e eu acredito que ainda há uma deficiência muito grande desse processo de disciplinas, quer dizer, eu não sei como está hoje. Mas na minha época, eu acho que faltava muito ainda, quer dizer, eu fui aprender dar aula, dando. É óbvio que assim, dar aula, eu acho que a pessoa tem que gostar. Primeiro isso. Se ela não gostar, não adianta, porque não vai fluir, tem que ter tesão, no negócio, porque se não, não vai fluir. Mas a gente não aprende isso, é óbvio que a gente não aprende a dar aula, a gente, aprende dando. Praticando, no dia a dia, a gente vai vendo uma coisa aqui, outra ali, vendo o que é bom, e o que não é, adaptando. Cada sala é de um jeito, cada sala compreende seu trabalho de uma forma, uns aceitam umas coisas, outros não, mas, eu achei que as matérias pedagógicas foram muito poucas, era uma

discussão bem por cima. O que eu aprendi fazer foi um programa de ensino. Em Psicologia da Educação, eu aprendi um pouco a pensar a questão da adolescência, como nas Ciências Sociais a gente acaba dando aula para o Ensino Médio, de certa forma, Ensino Fundamental II e Médio, mais Médio. Na Psicologia eu aprendi um pouco a entender essa realidade do aluno do Ensino Médio, mas foi muito pouco, eu achei que foi bem deficiente, achei que precisava mais, não tinha optativa muito na área. Carol: Na área de ensino? 1: Na área de ensino. Carol: Em que ano que você fez a graduação? 1: 99 a 2003.

2: (...) Então em 2007 eu entrei na Unesp, no curso de Ciências Sociais, e para mim foi muito bom assim, acho que descobri o mundo praticamente, acho que é um curso que abre muito as possibilidades, na faculdade eu tentei fazer o máximo, aproveitar todas as oportunidades que surgiram, e eu pensava que, uma das possibilidades que o curso de Ciências Sociais me traria, seria de ser professora. Eu falei: “se na Unesp já tem o Bacharelado e a Licenciatura, perfeito, já vou fazer um e, já saio com os dois”. E foi o que aconteceu, é um curso que eu gostaria de fazer de novo, (risos), agora com mais experiência, com um pouco mais de bagagem, acho que talvez eu entenderia melhor algumas questões.

3: Eu sou formado em Ciências Sociais, Licenciado e Bacharelado. Carol: E você se formou onde? Em que ano? Como é que foi a sua formação? 3: Eu me formei em 2007 no Isca Limeira que é curso de Ciências Sociais mesmo.

4: (...) Minha formação é Ciências Sociais, fiz no Isca, em Limeira. Iniciei em 2006 até 2009. Foi num processo já de desconstrução das Ciências Sociais lá, que já estava caindo, agora já nem tem mais, e para formar a turma eles fizeram uma junção, em um primeiro momento com Pedagogia e Geografia. No primeiro ano nós fizemos as três turmas juntas. Foi tudo pedagógico, as matérias introdutórias, Introdução à Filosofia, Introdução à Psicologia. E até pelo processo mesmo já via que Geografia e Ciências Sociais estava fechando e só ia permanecer Pedagogia, então o primeiro ano foi extremamente pedagógico e depois é que voltou-se mesmo para a área. Mas a formação foi legal, foi boa. Pelo menos me deu base para passar nos concursos, por exemplo, para conseguir fazer tudo aquilo que eu preciso para conseguir dar as aulas, também, legal. Me deu base para leituras pós-academia, dá para fazer tranquilo, para fazer pesquisas, por exemplo, com os alunos. (...) Carol: E você é Bacharel e Licenciado? 4: Isso, os dois.

Todos os professores são Bacharéis e Licenciados em Ciências Sociais, dois deles pela Unesp de Araraquara e dois pelo Isca de Limeira. Percebemos que consideram sua formação boa, embora o professor 1 tenha destacado a pouca qualificação que teve na Licenciatura, com poucas disciplinas e péssima formação para a prática docente, e ressalta que durante a disciplina de Psicologia aprendeu um pouco a entender a adolescência, fase de desenvolvimento na qual estão os estudantes do ensino Médio. É importante destacar que quando se realizam pesquisas com docentes do Ensino

médio, de modo geral, essa é uma questão que sempre se apresenta, ou seja, a percepção de que a formação é falha no que tange a preparação para a prática docente e a vida cotidiana da escola, pois os cursos mais antigos de Licenciatura em Ciências Sociais, não contam, em sua grande maioria, com professores que lecionaram a disciplina na escola, dificultando assim, a formação dos estudantes que optam por essa modalidade e enfraquecendo o debate em torno da importância da Sociologia na escola.

A professora nº 2 destacou o grande leque de possibilidades que foram surgindo durante a graduação e que se tivesse a oportunidade faria o curso de Ciências Sociais novamente, com um pouco mais de experiência.

O professor nº 4 destacou que sua formação ocorreu num processo de fechamento do curso de Ciências Sociais oferecido pelo Isca – Limeira/SP. Apesar disso, ele considerou sua formação muito boa, pois possibilitou ingressar na carreira pública e fazer leituras e debates com o arcabouço estudado durante a graduação.

Carol: Além da graduação, você continuou os estudos? Mestrado e/ou Doutorado? Pós-Graduação? Cursos de extensão? Formação oferecida pelo Estado? Cursos Livres? Entre outros. Se sim, por quê?

1: Você está falando que o Estado me deu? Me ofereceu? Carol: Ou você foi buscar? 1: Não, eu fui buscar. Eu fiz uns cursos, quando eu morava numa região central, tinha uns cursos, por exemplo, de coisas que eu gosto, fiz curso de História da Arte oferecido pela Prefeitura no Arquivo Histórico, de Arqueologia no Arquivo Histórico, fiz uns cursos na área de História, na área mais voltada para arte, de Cinema, de Documentários também na Casa de Cultura, mas foi tudo que eu busquei. Foi apresentado para mim no ATPC (Aula de Trabalho Pedagógico Coletivo), que ia ter um curso de Gênero e Diversidade na escola, pela UFSCar, foi um aperfeiçoamento, quase uma especialização, de 8 meses, pela Universidade Aberta. Carol: Foi à distância ou foi presencial? 1: Foi a distância, mas as provas eram presenciais. Carol: Na UFSCar de São Carlos? 1: Não, porque a Universidade Aberta ela tem os Campi, nas cidades. Na minha cidade tem a sede dela, eu fazia a prova lá, era uma vez por mês, eu ia lá fazer a prova, mas o curso foi todo à distância. Mas foi um curso maravilhoso. Foi ótimo, eu gostei bastante, me ensinou muita coisa, e fiz duas matérias na Unesp na área de História, uma Historiografia, e uma sobre o período da Ditadura, sobre a Ditadura Militar, mas foi porque eu estava pretendendo prestar o Mestrado lá na História, e eu não sabia muito, eu não conhecia muito de metodologia em História, então eu fui fazer um curso de Historiografia, que era de Metodologia em Pesquisas Históricas, só que era uma área que não tinha muito a ver comigo, até tentei, mas meu perfil não é pesquisar arquivo, eu gosto de outro tipo de trabalho.

2: E terminando a faculdade, você fica: “o que eu vou fazer?” Eu decidi tentar prestar o Mestrado, falei: “eu vou tentar, porque eu já conheço a professora (...)”, já estava, mais ou menos inserida na Comunicação, que eu estava estudando a Câmara Municipal nessa

parte de comunicação, como que a Câmara lidava com as questões da comunicação, como ela passava as informações para os cidadãos e decidi prestar o Mestrado no final de 2010. E, eu passei (risos). Depois do processo seletivo, eu não esperava e eu consegui passar (...). Carol: Sobre essa questão dos professores, como é que você avalia a formação, você teve possibilidade de novas formações quando você entrou no Estado, já que você é professora efetiva, como é que está essa relação com a sua formação específica? 2: Quando eu entrei, eu entrei em 2014, a gente tem que fazer um curso do estágio probatório, só que esse só começou em 2015, então eu entrei, não conhecia o material e a coordenadora me deu a base do currículo de Ciências Humanas do Estado, me deu o livro, o caderno do professor, a apostila do aluno e só, mas eu não tinha uma base, como que é esse material? O que que é competência? O que que é habilidade? Eu não sabia, só comecei a ver isso em 2015 com o curso, que foi dividido em duas fases, a primeira, na fase pedagógica, em que entravam as questões pedagógicas gerais, e a segunda parte, que começou esse ano, em 2016, é específico da disciplina, específico de Sociologia. Só que, o que cai de específico de Sociologia é o material, que é a apostila. Carol: Que você já trabalha! 2: Que eu já trabalho. O ideal seria eu ter feito esse curso antes de assumir as aulas, para eu ver como que é o material, o que que vai trabalhar cada situação de aprendizagem, quais são os objetivos, então agora que eu estou vendo isso, e durante esse tempo que eu estou, fiz só uma orientação técnica. Carol: Como que funciona? Como que foi? 2: Sai uma convocação no Diário Oficial, e você vai na diretoria de ensino e tem a PCNP (Professor Coordenador do Núcleo Pedagógico) da matéria, que é o professor específico, eu não sei o que significa essa sigla PCNP, é um professor específico, que ele vai falar, vai trabalhar alguma Situação de Aprendizagem, vai trabalhar, no caso, a gente trabalhou a Situação de Aprendizagem do segundo ano sobre Consumo, então você discute, vai todos os professores de Sociologia convocados. A gente discutiu o objetivo da Situação de Aprendizagem, no final tínhamos que fazer uma avaliação sobre o que tínhamos trabalhado, como que daríamos uma avaliação para os alunos. Carol: Foi individual ou em grupo? 2: Não, foi em grupo. Carol: E você achou importante para conhecer os outros professores de Sociologia, além da formação, enfim, como é que foi para você? 2: Eu achei que foi bom assim, porque pelo menos a gente tem mais contato com os professores da área. Porque na escola em que eu dou aula, só tem eu de Sociologia, eu e outra professora que trabalha a tarde, mas que eu não tenho nenhum contato, então, é bom você trocar ideias, às vezes você está passando por alguma coisa e acha que é só você, quando você vai ver, os outros também estão passando pela mesma coisa, então eu achei que foi bom, e esse curso, que eu estou fazendo do estágio probatório ele é semipresencial, você faz tudo pela internet e tem dois encontros presenciais, só que os encontros presenciais não são só com os professores de Sociologia, são com todos os professores, então eles trabalham temas mais genéricos, o outro que teve, a gente trabalhou: Avaliação, para que que serve a avaliação? Como fazer uma avaliação? E o último que eu fiz, foi sobre Legislação, e como que as outras matérias podem ajudar Matemática e Língua Portuguesa para melhorar as competências e habilidades que os alunos não atingiram? Foi esse o curso. Foi em um sábado, das 8h ao meio dia, e esse é o encontro presencial. E o curso agora é o último módulo que iremos fazer, termina agora dia 16. Então

you read texts, watch videos, at the end there are always questions to answer, there is a “Virtual Learning Community”, which, depending on the situation, he talks to you to participate in the group, and you talk about something, and quickly (laughs), it is just like that, but I think you lack a little, because there is a lot of things that I already know, that I already worked, something or other he adds, but the majority is just what is in the book itself, it does not show new possibilities, I think.

3: Yes, I have a Postgraduate in Solidarity Economy and Social Technology for Latin America at Unicamp, I have a Postgraduate in Special Education, AEE - Specialized Educational Attention and a Master's in Education.

4: Yes, I did a Specialization in Ethics, Values and Citizenship at the School by USP. Carol: Are you a professor in the State? 4: Yes, I am a professor. I did a course in the question of Juvenile Protagonism, already from the school of formation of the State itself. I did two courses of ingresses in the State, that we have to do when we enter the concursos. I remained doing various other courses, about Human Rights, all by the schools of the State, and I like it very much, today, I still have an interest, I am looking, in fact, to go to the area of Audiovisual, but in fact I do more for “autodidacticism” myself, for production of... I have produced some video-classes that I pass to the students. And also short films, these things, so my next part is this.

The professor n° 1 has a formation in various free courses, offered by the Municipality of the city where he lives, in addition to having studied two disciplines of the course of History at Unesp/Franca. During an ATPC he discovered through his coordinator that the Open University was offering a course of improvement on “Gender and Diversity in the School”, he took the course and uses what he learned during his classes.

Professor n° 2 highlighted the different formations that the State offers. After entering the network there is a “Course of the Probationary Internship”, whose formation contemplates stages at a distance and in person and is divided into two parts. The first is the Pedagogical phase, when the teachers know and discuss general pedagogical questions, such as the Competencies and Skills that the students must reach at the end of each Learning Situation, in addition to the educational legislation, and the second stage, is the moment dedicated to specific formation for each discipline. However, the specific formation is focused on the material elaborated by the SEE, which the teachers work with the students. She was called, during the period that she is working in the State, only once for a “Technical Orientation”, where all the Sociology professors were

convocados para discutirem uma situação de aprendizagem da apostila, e elaborarem uma avaliação sobre a temática discutida.

O professor nº 3 tem duas Pós pela Unicamp, outra Pós sobre Educação Especial, além de ser Mestre em Educação.

O professor nº 4 tem diversas formações oferecidas pelo Estado e interesse em estudar mais sobre o Audiovisual.

Ficou claro pelos relatos, que o estado de São Paulo oferece uma formação precária e que pouco auxilia os professores a enfrentar os desafios da sala de aula, como alunos desmotivados, com problemas emocionais, que enfrentam dificuldades financeiras, dificuldades de aprendizagem, entre outros inúmeros dilemas, próprios dessa etapa da vida.

Mesmo assim, todos continuaram os estudos, porque acreditam que uma melhor formação os possibilita enfrentar com mais segurança, conhecimento os inúmeros problemas pelos quais passa a educação brasileira.

Carol: Há quanto tempo você leciona na rede estadual? Qual seu vínculo empregatício?

1: (...) Eu fiquei como eventual, mais ou menos uns dois anos, e eventual você não tem possibilidade de nada, você é o lixo, a escória, simplesmente está lá para tapar um buraco, você não tem incentivo nenhum, eles te ligam cinco minutos antes, e falam: “7h vai começar a aula, tal hora você tem aula, em, tal, tal, tal sala, é isso, isso e isso que você vai dar de aula”. Você não sabe nem o que você vai trabalhar, que sala você vai. Você não tem incentivo nenhum, depois, que eu já estava dando aula, uns quatro anos depois, o que aconteceu, começou as Escolas de Tempo Integral, etinha uma disciplina que chamava “Empreendedorismo Social”, porque eles queriam Sociólogos para dar essa disciplina, foi o que me possibilitou pegar aulas mais fáceis. Carol: Isso era na Rede Estadual ou Municipal? 1: Na Estadual e eu fui trabalhar essa disciplina em uma cidadezinha do lado da minha cidade. Fiquei 3 anos nessa escola, porque era um cargo de perfil, que eles chamavam, a diretora gostou do meu trabalho, e ela me contratou para os outros anos. Carol: Qual cidade? 1: Chama São José da Bela Vista, uma cidadezinha bem pequenininha e rural, era uma escola bem rural, bem pauperizada, e, nessa Escola de Tempo Integral, como foi o começo, tinha um incentivo muito grande do Estado para capacitação dos professores, até que depois essa Escola de Tempo Integral acabou e agora que voltou. Como tinha incentivo, os professores tinham muita capacitação, vários cursos, mas dentro da disciplina que cada um trabalhava, mas, no caso, eu percebia que a minha disciplina, como era muito nova, nem eu sabia o que era Empreendedorismo Social na época, e às vezes, até as capacitações pareciam que eram, meio que jogadas, nem os professores “capacitadores” sabiam o que estavam fazendo ali, (risos). Entendeu? Carol: E essa disciplina, você tinha contrato de trabalho anual? 1: Isso. Carol: E foi renovado ao longo dos três anos? 1: Porque era um perfil. Você mandava um projeto e a



direção aprovava o seu projeto, quando eu comecei não era para perfil, era porque tinha aquela disciplina, e eu era formado naquela área, eles exigiam, dentro dos critérios, primeiro os Sociólogos, os Cientistas Sociais, depois os Historiadores, os Geógrafos. Eu consegui por causa disso, depois foi o perfil, a diretora gostou do meu trabalho e eu continuei, eu só saí porque, como era uma cidade longe, não era longe, mas eu tinha que pegar rodovia, e era bem difícil, eu dava aula, para o Ensino Fundamental, e, particularmente, eu não tenho perfil para Ensino Fundamental (...). Se não me falha a memória, foi quando o Lula aprovou a volta do ensino de Sociologia. Porque Filosofia voltou antes, até se não me falha a memória, eu voltei para a escola, pegando Filosofia, eu peguei Filosofia primeiro, porque como eu te falei, gostava daquele lugar, só que era muito difícil o acesso, era muito trampo e muito cansativo, e eu dava aula só para o Ensino Fundamental, e não gostava, não é meu perfil, não tenho paciência com crianças pequenas, e eu consegui aulas de Filosofia na minha cidade, e pude voltar. Peguei aulas de Filosofia, fiquei uns dois, três anos dando Filosofia, quando a Sociologia voltou, você lembra? Carol: Ela voltou na Rede Estadual, ela foi implementada em 2009, a lei é de 2008. 1: Quando voltou a Sociologia, como na minha cidadenão tinha muitos Sociólogos, apesar de ter muita gente formada, agora não, essa galera já aposentou, em Estudos Sociais, que era um curso da Ditadura Militar, a galera fez esse curso na época da Ditadura, e era uma galera muito mais velha, como eles tinham mais pontuação que eu, por isso pegavam as melhores escolas, e a Sociologia quando voltou era uma aula por semana só, então eu pegava as escolas bem afastadas, porque os melhores, os professores mais antigos, que tinham muito mais pontos que eu, que eram dos Estudos Sociais, podiam dar aula de Sociologia, eles pegavam as melhores escolas, e como tinha pouca aula, pegavam duas, três escolas, para dar uma carga de 32 aulas, então eu ficava nas “perifas”, comecei antes com a Filosofia, aí quando a Sociologia voltou, eu comecei a pegar Sociologia. Carol: Isso, sua categoria era qual? Nesse começo? 1: Eu era F. Categoria F (Docente não efetivo na respectiva rede de ensino). Eu sempre fui F, não eu era eventual, quando teve, em 2008 que foi, eu não lembro, quando teve essa mudança, eu estava com aula, aí eu virei F, quando teve essa alteração, eu era OFA (Docente não efetivo na respectiva rede de ensino), aí virei F. Porque eu tive aula na época, eu acho que foi em 2007? Porque quem tinha aula até julho daquele ano, agora eu não lembro o ano, até no sindicato, eu lembrava que falava muito isso no sindicato, as pessoas, porque no ano que teve essa mudança, eu estava em sala, aí eu virei F, quer dizer, eu tinha estabilidade eu tinha 12 aulas estáveis, fui dar aula de Sociologia, começou uma aula, depois, aumentou para duas. Só que assim, são duas aulas, e às vezes dependendo da turma, no noturno, tem um ano que eles dão só uma aula, que eles atribuem só uma aula, acho que no segundo ano só tem uma aula por semana, eles aumentam de Filosofia um ano, e de Sociologia eles tiram, eles fazem isso, nas escolas. Carol: Dá uma invertida? 1: Acho que no primeiro ano Filosofia só tem uma aula, aí eu tenho duas, no segundo ano Filosofia tem duas e eu tenho uma, no terceiro ano, nós dois temos duas aulas, porque Filosofia e Sociologia andam muito juntas ali, em todos os sentidos (risos). Carol: Então a Sociologia você começou a dar, a ser professor no Estado, então, a partir de 2009.

2: (...) Eu fiquei sabendo que ia abrir o concurso do Estado, comecei estudar um pouco, não me matei de estudar, estudei, e no final do ano, eu prestei esse concurso, e passei. Em 2013 defendi a dissertação, prestei o concurso para professor do Estado e consegui passar, e ingressei no Estado em março de 2014. Carol: Com aulas em que disciplina? 2: Eu prestei o cargo para Sociologia, passei no cargo de Sociologia, fiz todos os exames, todos os procedimentos, e assumi em março de 2014 a disciplina de Sociologia.

3: São dez anos já, que eu leciono na Rede Estadual, a Sociologia. Carol: Sociologia? 3: É, e também dou Filosofia, porque agora faço faculdade de Filosofia. Carol: Você começou quando a cursar Filosofia? 3: Eu comecei esse ano (2016). Carol: Você é professor efetivo? 3: Não, eu sou “O” ainda. Carol: Você é categoria “O” (Docente não efetivo na respectiva rede de ensino)? 3: Sou “O”. Carol: Você não fez o concurso? 3: Não, na época do último concurso, em 2013 eu estava no período de defesa da minha dissertação. Na hora que me atentei para o prazo, para fazer a inscrição, o prazo já tinha rolado. Então até agora não fiz ele ainda. Carol: Não rolou. E, você leciona em quantas escolas? 3: Uma. Carol: Uma só? 3: Uma só. (...) Carol: Entendi, e voltando um pouco, é a questão de você ser categoria “O”. Você acha que existe uma diferença com relação ao tratamento da escola? Do Estado? E dos alunos? 3: Não, dos alunos não. Da escola, é depende da escola e dos professores, porque tem escola que você tem os grupos dentro da escola. Então é o grupo dos efetivos, então dependendo de quem é o professor “O”, você não entra no grupo do efetivo, não senta junto com eles na mesa para comer na sala dos professores, nem ferrando, eles fazem realmente o apartheid ali, você é “O” e nós somos efetivos, outras escolas tem o acolhimento, porque a gestão cuida disso, se preocupa com isso, os professores também se preocupam com isso, então você é inserido. Eu não tenho problema com nenhuma escola disso, às vezes assim, tem uma escola que eu lecionei que as efetivas realmente conversavam porque elas saíam juntas, elas eram “amigas efetivas”, “AE” a gente falava, então você acaba não conversando muita coisa, também não é problema, os alunos não, agora o Estado tem uma diferença brutal cara, o “O”, para você ter uma ideia, que vivenciei agora, eu enterrei o meu pai domingo passado, dia 11. Carol: Nossa, meus pêsames. 3: Eu tenho dois dias de luto, se eu fosse efetivo eu teria oito, quer dizer, o efetivo pode chorar o pai, eu não posso chorar o meu pai mais do que dois dias, contando o dia do velório, então é, o velório e mais um. Carol: Que absurdo! 3: O efetivo tem o velório mais oito. Quando ele estava internado, mesma coisa, eu fiquei dez dias acompanhando e levei o atestado de acompanhamento e eu não podia, fui exonerado do Estado porque faltei mais do que a minha categoria permite, o efetivo tem reconhecimento de acompanhamento de familiares, o “O” não tem, quer dizer, o “O” não é funcionário público, o “O” é contratado temporário, o efetivo é funcionário público e tem regalias, o “O” não tem, quantidade de faltas abonadas, justificadas, médicas, é faltas mesmo descontadas, é toda diferença, valor de aula, valor de salário, tudo é diferente.

4: (...) Eu ingressei primeiro como “O”, logo que eu saí da faculdade. Eu já tinha dado algumas aulas de eventual, mas logo que eu saí da faculdade, em 2010, entrei como categoria “O”, tive que prestar a

provinha. Depois em 2010 já teve o primeiro concurso, passei, daí teve o segundo agora. Então estou com dois cargos... Carol: Você tem dois cargos? 4: É. Carol: Quais são esses cargos? 4: Sociologia. Um eu estou na escola de Ensino Integral hoje, que é (...). Sou Coordenador de área também, da área de Ciências Humanas, mas eu mantenho algumas aulas. Tenho 16 aulas e coordenação. São 20 horas de trabalho para um e para outro, vamos por assim. 4: E no (...) eu dou aula à noite. O ano passado quinta e sexta à noite, o ano retrasado também, intercalando com o Integral. Então são algumas horinhas de trabalho na semana.

O professor nº 1 começou a trabalhar na rede estadual como professor eventual e relatou as dificuldades que essa categoria enfrenta, como falta de valorização e de incentivo por parte da rede. Posteriormente, ele trabalhou como professor contratado, num projeto das primeiras Escolas de Tempo Integral, da disciplina de Empreendedorismo Social. Cansado das dinâmicas das aulas e de ter que viajar diariamente, ele voltou a trabalhar na sua cidade como categoria OFA, dando aulas de Filosofia, e quando a Sociologia foi novamente inserida no currículo do Estado, ele passou a ministrar a disciplina, em várias escolas da periferia da sua cidade, pois só era atribuída uma aula de Sociologia por turma, até que seu contrato de trabalho foi alterado novamente, e ele se tornou da categoria F, e passou a possuir 12 aulas estavéis.

O professor nº 3 é professor na rede estadual de São Paulo na categoria O. Ele explicou que não tem nenhum direito assegurado pelo Estado, pois seu contrato de trabalho é precário, seu salário é menor do que o de um professor efetivo, suas faltas justificadas não em menor número, sua licença nojo também é menor.

No estado de São Paulo boa parte dos docentes contratados para lecionar nas escolas possuem um vínculo precário de trabalho, mas estão sujeitos as mesmas obrigações e deveres dos professores efetivos. Com uma categoria profissional com alguns contratos diferentes de trabalho, fica mais difícil articular as demandas por melhores condições de trabalho, salários e outros benefícios.

Carol: Como foi seu processo de inserção na escola, junto aos professores, aos estudantes, a rede?

1:(...) A Sociologia, ainda é vista como uma matéria que assim, como se não tivesse muito valor, sabe, porque você vê nas avaliações do Estado, porque o Estado vive nessa merda dessas avaliações, SARESP (Sistema de Avaliação do Rendimento Escolar do Estado de São Paulo), as provas que eles têm que fazer durante todo ano, não sei o que lá de Matemática, essas avaliações que o Estado faz, elas avaliam Português e Matemática, as Ciências Humanas, elas estão sempre em segundo plano, da mesma forma que as Ciências Humanas, por exemplo, sempre dei aula de Sociologia, quer dizer, sempre as minhas aulas por exemplo, foram dadas, sempre tive aula para mim na sexta-

feira à noite, que é um dia que não vai ninguém, vou jogar a Sociologia na sexta-feira à noite, porque que não vai ninguém, é uma matéria muito importante, de certa forma, vamos jogar à noite, na sexta-feira. Eles não põem Matemática de sexta-feira à noite, nem Língua Portuguesa, às vezes põem, porque eles têm, é que Português e Matemática tem tipo, 5 aulas por sala, 4 aulas por sala, eu tenho duas, Português colocando uma aula na sexta, não faz muita diferença, não é que não faz diferença, mas é menos prejudicial, agora Sociologia pondo aula na sexta, tem sala que eu nunca via durante o ano, então inicialmente, eu percebia que o professor de Sociologia não era muito, ninguém estava nem aí, depois com o tempo, percebi que já teve uma mudança, porque, os professores de Sociologia são pessoas mais críticas, questionamos muito mais que os outros professores, a gente não leva tudo para casa e engole, fazia muita diferença, pelo menos eu, enquanto eu (citou o próprio nome), percebia que, agora que eu estou efetivo, na escola que eu estou efetivo, falo o que eu penso, entendeu, e de certa forma, às vezes a gente, eu dou uma causada, porque a maioria dos professores, eles ouvem e não falam nada, ouvem tudo o que é imposto pelo Estado, ouvem as regras impostas pela escola, e não questionam isso, eu questiono, agora, a coordenação de agora por exemplo, eles não gostam de mim de certa forma, mas ao mesmo tempo eles gostam de mim quando tem que escrever alguma coisa, quando tem que pensar alguma atividade alternativa, porque eles sabem que eu, de certa forma, tenho mais habilidade para fazer isso do que eles entenderam?! Tenho outro tipo de formação. Carol: E há quanto tempo você está efetivo nessa escola? 1: Efetivo mesmo, entrei no último concurso, quando que foi? 2013, é porque eu fiquei um ano, eu me afastei para fazer o Mestrado, não, mas eu estou lá desde 2013, mas eu já trabalhava lá. Carol: Me conta então desse processo, quando você trabalhava e aí virou professor titular da disciplina, vamos dizer assim. 1: Não, porque assim, eu já trabalhava nessa escola. Que eu sou efetivo hoje, fui para lá na época de eventual, eu peguei umas aulas de História à tarde e gostei muito da escola, e foi uma escola que a minha mãe começou também, então tinha uma coisa meio louca assim, não sei, minha mãe tinha trabalhado lá, e era uma escola que mesmo na periferia, é um bairro, como eu tinha voltado para Franca há pouco tempo, eu me sentia no outro lugar assim, tinha uma relação diferente, e eu, me sentia em outra cidade, é um bairro periférico mas ao mesmo tempo muito central que é quase uma cidade, é um bairro grande, tem de tudo o que você imaginar, e é muito perto, tipo assim, 20 minutos eu estou lá, e como eu não dirijo, o acesso à esse bairro é muito fácil, tem ônibus de 20 em 20 minutos, que é um bairro bem popular e grande, são casas populares, “predinhos” populares, então como o acesso era fácil, e eu gostei do lugar na época. Eu comecei a dar aula lá, fiquei um mês, depois foi aparecendo outras atribuições na escola, eu fui pegando, eu peguei aula de Filosofia? Não, eu peguei Sociologia lá, umas aulinhas. Eu fui pegando mais, como virei F, virei professor da escola, quando você vira F, fica da casa, e na escolha, como não tinha ninguém efetivo na Sociologia, eu que escolhi as aulas, porque era da casa já sendo F, então eu pegava as aulas todo ano, e quando passei no concurso, por gostar da escola, dos companheiros da escola, não dá equipe gestora, da equipe gestora eu não gosto, porque é um lixo, eles não sabem o que é escola, eles não tem compromisso com a educação, eles tem compromisso com o Estado, com o governador, mas não com a educação, eles não

valorizam os alunos, eles valorizam as avaliações, eles não valorizam os professores, eles são autoritários, extremamente autoritários, eles não tem o mínimo compromisso, eles querem números, ganhar dinheiro no final do ano com bônus, é isso, agora os professores não, é uma equipe de professores bem interessante, é óbvio que o meu contato maior é com os professores de Ciências Humanas, que sou eu, a professora de Filosofia e de História. O problema que eu percebo também hoje lá, tem muitos professores que são recém formados e que tem essa circularidade também de professores que vem de fora, porque, como a escola é grande, não é todo mundo efetivo, e, tem uma evasão muito grande de professor também, muitos que se afastam por doença, então, esqueci o nome da palavra que eu ia falar. Carol: Rotatividade? 1: Uma rotatividade muito grande de professor, tem gente nova que chega do nada, e muitos têm uma formação bem defasada, muitos vem de curso à distância, não estou falando que sou contra, porque já sendo, não sou contra curso à distância, mas é igual, eu já sempre digo, acho que tem que ter uma primeira graduação presencial para você entender, aprender a estudar, aprender a ter um contato com a universidade mesmo, aí depois, sim você pode fazer um curso à distância porque, você já tem uma base e tal, e hoje não, muitos fazem o primeiro curso à distância mesmo, então esses professores, eles são bem defasados, porque estudam tudo por conta própria, eles vão discutir o que, nos fóruns? Que é tudo “mensagenzinha”. E o que aconteceu, como eu gostava da escola quando efetivei, pude escolher, escolhi minhas próprias aulas, tirei as aulas de mim mesmo (risos) e fiquei no mesmo cargo, efetivei com 20 aulas, eu tinha a carga completa, e eu tinha o cargo de F, fiquei com os dois cargos, e com 10 aulas no cargo de F. Carol: E essa escola que você é efetivo hoje, você, ela é de Ensino Médio? Ela é de Ensino Fundamental II e Médio? 1: Ela é de Ensino Fundamental II e Médio.

2: Apesar de ter estudado muito, eu não tinha uma experiência prática. Lembro até hoje da primeira aula que fui dar, porque no Estado, assim, infelizmente, tudo é meio jogado, eu fui, fiz os exames, ainda estava um mistério quando a gente ia assumir, quando iria sair o resultado, a gente tinha que ficar olhando no Diário Oficial, e olhava, saiu o resultado que eu estava apta, que tinha passado nos exames, foi a escolha, não, a escolha foi antes, eu fiz a escolha, depois fui fazer os exames, saiu que eu estava apta e fui na escola. Cheguei à escola, era uma quinta-feira, lembro até hoje, e fui assumir meu cargo, ela falou: “olha”, fiquei lá, ela fez a ata, tudo, da minha nomeação, assinei, ela falou: “você já pode vir amanhã, que amanhã já tem reunião de planejamento”, eu: “ótimo, já vou começar a trabalhar no outro dia”. Fui na reunião de planejamento, porque era em março, e naquele tempo, primeiro, começavam as aulas e depois fazia o planejamento. Fui, achei que fui muito bem recebida pelos professores, uma também porque alguns já me conheciam, porque alguns tinham sido os meus professores, então foi bom, e o que eu percebi, é que todos ficaram impressionados, assim, de eu ter um Mestrado e ir dar aula no Estado. Mas como, você tem Mestrado, porque que você está aqui? E eu não tinha experiência de sala de aula ainda, então falei: “eu estou aqui para ganhar um pouco de experiência, prestei o concurso, consegui passar, então, seja o que Deus quiser, vamos lá, vamos ver o que vai dar”. Fui, participei da reunião, discutimos algumas questões, de autonomia dos alunos, aquela coisa maravilhosa e na segunda-feira eu já ia

começar a dar aula. Eles passaram meu horário, era um horário todo picado, eu ia todos os dias na escola, eu dava 10 aulas, 12 aulas, mas eu ia todos os dias na escola, e fui, lembro até hoje a primeira sala que fui dar aula era um terceiro ano, e eu tinha pego as apostilas, preparado todas as aulas, e era sobre Direitos, Direitos Cíveis e Direitos Políticos, era a menor sala que tem na escola, têm uns 15, 20 alunos no total. É uma salinha bem pequenininha, e eu estava muito nervosa, porque não tinha experiência ainda, sabe? Não sabia como lidar, como que era uma sala de aula, até, a gente faz estágio, mas é totalmente diferente o estágio que a gente faz, até porque o nosso estágio foi só de observação.

3: Nessa escola, desde que comecei a dar aula, já tinha dado aula lá, então todo ano eu consigo aulas lá. Como categoria “O” eu consigo uma, duas escolas, até três, às vezes, na disciplina de Sociologia e Filosofia, tem a História para o Ensino Fundamental, Geografia também, e tem habilitações para isso, nesse ano tivemos a saída de um professor e eu fiquei com todas as aulas dele lá, então agora eu estou em uma escola só. Carol: Como é que foi quando a Sociologia chegou? Você lembra desse processo? Teve algum atrito com os alunos? Com os outros professores? Foi tranquilo? 3: Não, com os outros professores tranquilo, mas com os alunos, eles querem assim, entender mas o que que é Sociologia? O que ela estuda, a Sociologia? A Filosofia a gente diz, estuda tudo, mas e a Sociologia o que estuda? Até eles começarem a entender as categorias, é um processo de explicar para o aluno que todos os conceitos se dão na vida, então como trazer esse conceito na vida deles, mas foi tranquilo meu processo quando eu comecei a ensinar a Sociologia, na boa.

4: Olha, eu tenho os traumas. As escolas, elas são extremamente diferentes. Então eu pego uma escola que eu achei maravilhosa, o primeiro ano que eu peguei mesmo foram três escolas, que era uma aula semanal na época, então precisava pegar. Minha sorte é que consegui uma pontuação boa, então peguei três apenas, mas tinha amigos, quatro, cinco. E, no caso, a escola que eu escolhi primeiro, que era mais próxima da minha casa e tudo mais, para mim foi uma decepção. Pela forma como a direção atuava, uma direção que queria tudo do jeito dela, então você não sentia a liberdade de poder fazer alguma coisa. Uma direção que vigiava a todo instante se você está fazendo ou não, e isso daqui, aquilo... E não tinham salas tão simples, se a gente for parar para ver. Era primeiro ano, você está aprendendo ainda, você acha que você vai entrar, vai fazer a revolução com a sua palavra lá e na verdade você tem que aprender que o jogo é muito mais complexo. Carol: Sim. 4: A escola não era tudo aquilo que eu imaginava. E ao mesmo tempo, sabe, queria que a gente fizesse... E ao mesmo tempo também tinha ações extremamente ditatoriais, que não condiziam com aquilo que eu pressupunha. O que foi bom é que no concurso logo eu já consegui a outra escola que eu dava aula, e que ali, para mim, foi e ainda é a melhor escola que eu dei aula, no sentido de liberdade para ser professor.

Os professores relatam seu início de carreira de maneira muito diversa. O professor número 1, por sua mãe ter sido professora, relatou que sempre se sentiu muito

à vontade nas escolas em que trabalhou, ele já era conhecido pelo corpo docente e pela direção e sua inserção foi tranquila e muito receptiva. A professora número 2, disse que foi bem recebida pelos colegas, e que alguns haviam sido seus professores, entretanto causou estranhamento, quando relatou que já era Mestre e que estava na escola para adquirir a prática docente e aprender coisas novas.

O professor número 3 relatou que sua entrada na escola foi tranquila para com os outros professores, e que eram os alunos que perguntavam mais sobre a Sociologia e seus conteúdos. O professor número 4 se sentiu traumatizado quando ingressou na rede estadual. Ele ministrou aulas em 3 escolas diferentes, onde a estrutura era diferente, em uma delas a direção era autoritária e não dava liberdade para os professores atuarem. Na outra ele tinha liberdade e se sentia muito melhor.

Carol: Como você avalia o material didático do estado de São Paulo?

2: Olha, eu comecei dando aulas de Sociologia e esse ano eu peguei as aulas de Filosofia. Vamos pensar um pouco na Sociologia. Eu acho que o material do Estado, ele aborda os temas mais importantes, mas eu acho que ele deveria ter um pouco mais de teoria, você abre a apostila, estão lá os exercícios, e a teoria, cadê? Onde fica? Eu costumo passar para os alunos, monto textos, passo uns “resuminhos”, com a teoria, porque eu acho que é importante eles terem uma teoria, não só eu falar, porque se eu só falo na sala de aula, amanhã eles já esqueceram tudo, então gosto que eles tenham um registro, porque se precisarem consultar alguma coisa, estudar, já está lá. Isso que eu sinto falta na apostila de Sociologia, eu acho que são temas bem legais, o primeiro ano começa trabalhando com Estranhamento, A Formação da Sociologia, e depois no segundo semestre, entra as questões de Cultura, de Violência, Desigualdades de Classes. No segundo ano, a apostila começa com Imigração, com Excluídos, Trabalho, depois vem a questão do Trabalho, o que é Trabalho? Traz algumas coisas do Marx falando sobre Trabalho, e no terceiro ano é Cidadania, depois no segundo semestre é eleições, eu acho que ela tem uma linha legal, mas eu acho que a teoria poderia ser um pouco mais completa assim, não trazer só os exercícios, porque o professor pode fazer os exercícios e só, e acabou, não tem nada, não tem uma contextualização, eu sempre gosto de contextualizar, de falar o que estava acontecendo naquele momento, e a apostila, ela não traz isso, ela traz um modelo, um exercício, ou um texto, leitura e análise de texto, leitura e análise de imagem, leitura e análise de gráfico, mas a teoria, em si a apostila não apresenta.

3: Nossa é uma bosta, é trabalho prescrito, tem diversos erros conceituais, você tem na apostila uma frase dizendo sobre trabalho: “os trabalhadores e os patrões não conseguiram se entender”, eu estou colocando o patrão e o empregado, o proletário, dizendo assim: “eles marcaram horário, choveu e um deles não foi”, é mais ou menos isso, entendeu, não tem esse sentido. Eu não gosto do material da escola, não gosto, alguma coisa a gente utiliza porque você tem que embasar o aluno ali, mas eu subverto. Carol: Você sente uma cobrança assim

para utilizar o caderno ou não? 3: Completamente, o diário tem que estar de acordo com o caderno porque o supervisor a qualquer momento pode pedir o seu diário e perguntar: “mas por que você está dando isso?” Né, então você... Carol: E que outro material você utiliza para subverter? 3: Eu uso filmes, eu uso textos de outros livros, outros teóricos, então eu vou falar de pobreza, uso um livro chamado “A História da Cidadania”, então trago um texto que fala como era a vida no início dos Estados Unidos, como era a concepção inglesa de exploração do chamado terceiro mundo, filmes, outros textos, imagens, tirinhas, músicas, eu trabalho, eu quero desenvolver uma aula multi-midiática, material construído pelos alunos, eu uso mobile na aula, para trazer assim outros e também muito importante na aula é o que os alunos trazem de material, o que eles veem de alguma coisa que representa... Carol: Você estimula então isso? 3: Eles trazerem material, aí eu utilizo o mobile para expor esse material.

4: Se eu for parar para ver, acho fraco no quesito de que poderia trabalhar mais aprofundado com alguns Sociólogos, que não tem esse aprofundamento. Eles mal sabem ali, pelo material, o próprio Marx, o Weber e o Durkheim. O Marx e o Weber aparecem em Classes Sociais e Estratificação Social no último bimestre do primeiro ano. O Durkheim, se eu não me engano, não aparece nenhuma vez. Posso não ser o que mais gosta do Durkheim, porque eu não sou, mas acho que ele enquanto um dos grandes, dos primeiros ali, um dos fundadores, vamos pôr assim, ele não pode ser esquecido. Independente se eu gosto ou não da teoria, ele teria que aparecer, do mesmo jeito que teria que aparecer o Comte, na minha visão. Mas não para eu ficar: “ah, tal, tal”, não acho nem que a gente deveria ficar formando para saber 100% a teoria deles. Não, acho até pior. Eu tentei fazer isso na ETEC e achei pior trabalhar mais a fundo a teoria deles. Achei mais interessante o trabalho com as temáticas e trazer os autores. Mas eles são esquecidos, o material, ele não aprofunda tanto. E não tem como falar de Sociologia sem falar dos Sociólogos que produziram aquilo e tudo mais, então acho que seria legal ter o aparecimento mais profundo. Você tem lá uma citação de que existe a violência simbólica, lá no segundo ano, no primeiro bimestre, mas você não tem o Pierre Bourdieu, sabe? Eu acho que isso é uma falha muito grande. Não aprofundar, muitas vezes, em um autor, na ideia desse autor, como que ele vê aquilo. Eu acho que essa falha é muito grande, quando a gente para para ver que muitos alunos, quando você trabalha com eles as ideias, eles gostam, pelo menos eu percebo, quando você cita que é fulano que pensou isso, então eles gostam de citá-lo: “ah, mas o Bourdieu, ele dizia isso... o fulano dizia isso”. Eu acho que, assim, é uma coisa que o aluno identifica. É o fulano. Ele tem uma referência, se um dia ele quiser estudar, fulano pensa isso. Vira também algo para ele trazer para a vida dele: “oh, alguém dentro dessa área aqui pensa isso”. Senão parece que o professor de Sociologia pensa isso. E não é o professor. O professor está trabalhando com teorias já, extremamente embasadas, muitas vezes ali que o professor não criou, não chegou nem perto de desenvolver um trabalho sobre. Tem o Goffman, mesmo, não fiz um trabalho na faculdade sobre o Goffman, mas eu tenho que explicar o Goffman. Ele aparece mais a fundo, no caso, mas assim, aparece dentro de uma “partinha”. Mas eu acho que essa é uma falha muito grande no currículo do estado de São Paulo, que me faz falta pensar que ele poderia trabalhar mais nesse



ponto. Só que tem o ponto da Secretaria que eu já, tanto tempo no Estado fazendo tanto curso que o Estado me obrigou também a fazer e aqueles que eu fiz também. Eu já peguei. Primeiro que nós temos que trabalhar com competência leitora e escritora como base. Eu acho que até o material de Sociologia falha em alguns momentos com isso daí, como um amigo meu foi fazer uma pesquisa mais a fundo do material, ele fez uma especialização e colocou o material como base, e ele foi atrás de pessoas da Secretaria... o material do estado de São Paulo, ele é feito não necessariamente para um Sociólogo dar aula. Isso, também já acho que é um problema e não, ao mesmo tempo que a gente sabe que não tem, necessariamente, tantos Sociólogos para dar aula. Nós sabemos que tem Filósofos pegando, que tem Advogados pegando, ou formados em Direito pegando, mas sabemos que tem e nós sabemos que isso daí é muito forte. Mas ele não é feito para Sociólogos. Eu acho que até por isso que somem os Sociólogos da apostila. Eles não existem até por isso. Isso é uma falha, porque primeiro eu deveria pressupor ter o Sociólogo ou, pelo menos, ter formação para que pessoas que não são da área, para que elas deem uma aula digna da disciplina, por exemplo. Acho que ele falha também nesse ponto, por mais que a intenção, como eles colocaram, seja: “olha, é aprendizagem em primeiro ponto”, que também está no currículo oficial do estado de São Paulo, é a aprendizagem e não mais o ensino é a base. É o direito à aprendizagem que conta, eu acho que nisso também se falha, porque o direito à aprendizagem é prejudicado se eu parar para ver que eu reduzi esse direito. Que eu também fechei as possibilidades. Então eu vejo desse ponto, embora em alguns bimestres, por exemplo, eu acho que o caderno, ele vem com várias coisas legais, ainda sem aprofundar, mas ele permite discussões legais, ele permite textos bons. Tem textos dali que eu usei, por exemplo, na ETEC tranquilamente, falei: “ah, esse texto aqui dá para usar na ETEC”. Tem atividades dali que eu usei também, por exemplo, porque eu achei que valia a pena, que são atividades que envolvem o aluno, que fazem ele pensar e que está lá. Então, ele não é horrível, é uma base que dá para usar, precisaria ser melhorado. Quando abrirem para melhorar eu fiquei sabendo muito em cima da hora, e achei também uma forma muito ruim. Carol: Entendi. Os professores podiam opinar, é isso? 4: É, teve um ano que pôde opinar. Se queria melhorar, se queria mudar alguma coisa e teve algumas pequenas mudanças, mas achei que foi feito de forma que não permite, eu até poderia, porque foi mais digital, vamos por assim, o esquema, então eu não posso reclamar que eu não vou saber usar o digital, porque eu vou. Eu gosto dessa parte e tudo mais. Só que eu acho frio eu ter que analisar ele no digital e não ter tido um convite para fazer uma discussão, um dia que seja, e aí você vai opinar naquilo que você quer, mas precisa encontrar outros professores, precisa ter... porque eu acho que aí seria mais interessante. Senão também vira... assim, eu dou uma proposta o outro dá outra, e o cara da Secretaria de Educação, ele escolhe qual o mais agradável para ele, enquanto Secretaria ele faz. Então acho que faltou algumas coisas, um congresso para discussão. Acho que daí seria a gestão democrática que eles tanto dizem que deveria ter e que não funciona. Que daria para melhorar. Agora já falei acho que muito sobre isso...

Os professores número 2 e 4 utilizam o material do oferecido pelo Estado, mas avaliam que falta “teoria” e contextualização em seus textos e assuntos. O professor número 3 sente pressão da direção para trabalhar com esse material, já que o currículo elaborado pelo Estado precisa ser abordado, e esse está presente nos cadernos do aluno e do professor, mas ele considera o material fraco e mal elaborado, e já encontrou erros conceituais que comprometem a transmissão do conhecimento sociológico para os estudantes, por isso ele utiliza outras ferramentas pedagógicas como suporte para as suas aulas.

Carol: Qual Livro Didático, oferecido pelo Governo Federal, você adotou? Por quê?

1: Porque teve um ano que eu pedi, eu queria um livro, porque quando é a escolha, as editoras levam milhares de coisas, porque eles querem que você escolha aquele livro, porque é um investimento muito grande para editora, é muita grana em cima disso, então levam vários brindes para você, e querem que você escolha o livro deles, só que teve um ano, que eu lembro que eu escolhi um livro, e não foi o livro escolhido pelo Estado, para minha escola, quer dizer, foi um livro imposto pela Secretaria da Educação. Carol: Do estado de São Paulo? 1: É. Quer dizer, vamos pensar nas entrelinhas... Carol: Como é que você avaliou? Como é que foi para você isso? 1: Porque que eu escolhi aquele livro e não foi aquele que foi dado? Porque alguma coisa atrás tem. Porque tinha algum investimento daquela editora com o Estado, algum convênio, alguma coisa assim, porque não foi o livro que eu pedi, se eu tinha o direito de escolher, porque enquanto professor, o direito de escolher o livro. É, tem uma questão que é um problema às vezes em relação a isso, o livro de Sociologia é um livro volume único, ele é grande, os alunos têm vários livros que são volumes únicos, acho que Biologia também é, o de Filosofia também é, e o aluno tem que levar, o livro, por exemplo, na minha aula, de Biologia, o material dele, o caderninho do aluno, então é muita coisa, antes, como a minha escola como eu te falei é autoritária e nada pode, e eles não pensam no aluno mesmo, porque, antes a gente fazia o quê, no começo, então eu estou falando isso, porque assim, eu estou afastado da escola já faz dois anos quase, um ano e meio, então eu não sei como está agora, mas pela conversa que eu tenho com os meus amigos que estão lá, está do mesmo jeito, a gente no começo podia, por exemplo, porque sobrava livro, então a gente tinha, por exemplo numa salinha, 40 livros didáticos, então quando eu ia usar, eu pegava esses livros e levava para sala, porque não precisava pedir para o aluno levar livro, ele não leva, quer dizer, ele só leva se você for autoritário com ele também, dá ponto negativo, assim ele leva o livro, falar: “se você não trazer o material, você vai ter um ponto a menos”, e tem que ser assim, uma coisa bem ditatorial com os moleques, e eu não sou, não é o meu perfil, então não vou fazer isso. E a gente podia ter esses livros na escola, um ano antes de eu sair, já não podia mais. Carol: Os alunos tinham que levar os livros de volta? 1: Tinha que levar os livros, e eles não levavam, então o que que eu fazia, eu pegava às vezes o texto que eu queria passar do livro, como na escola a gente tem xerox, não é o tempo todo, mas tem impressora, eu imprimia na

impressora da escola o texto, e dava para sala de aula, quer dizer era uma forma de eu usar o mesmo material didático sem que os alunos levassem o livro, eles não iam levar mesmo e não ia ter na escola.

2: Eu escolhi, é Sociologia, agora eu não lembro o complemento dele. É um que tem uma capa verde. Que eu achei que era o mais adequado, que encaixava mais os assuntos. Mas, eu vou te falar, vou ser sincera para você, uso pouco o livro com os alunos. Às vezes eu pego um texto ou outro resumo e passo para eles na lousa um resumo, porque tem coisas que eu acho que são muito complexas, então eu não trabalho muito com o livro didático. Não sei se isso é um erro da minha parte, porque até semana passada eu fui ver o livro e estavamovinho, eu falei: “eu poderia talvez trabalhar um pouco mais com o livro didático”. Mas é que às vezes não dá tempo, porque as Situações são temas que você tem que abordar várias coisas, dentro daquela Situação de Aprendizagem. Carol: A Situação de Aprendizagem da apostila? 2: Da apostila. Então às vezes acaba passando o livro, às vezes podia até ter um texto interessante para complementar, mas eu acabo não utilizando tanto assim o livro didático. Talvez, eu até pensei mesmo na semana passada, talvez seja um erro da minha parte, que eu poderia utilizar mais. Carol: Mas você acha que eles não dialogam tão bem? Existe um problema de como conseguir utilizar melhor o livro nas aulas, já que você utiliza a apostila como prioridade? 2: É, eu acho. E ainda o livro que eu escolhi, eu tentei pegar o máximo ligado a temas da apostila, mas mesmo assim para mim não vai, porque também eu acho que os alunos, eles ainda não sabem lidar, em como utilizar o livro didático, porque eu acho que o livro didático tem que complementar, não é só eles fazerem uma simples, pura cópia lá, responder a questão e pronto, acabou. Tem que ser um complemento, uma coisa que leve eles a pensar além daquilo que a gente está estudando, então, eu utilizar o livro para fazer eles copiarem simplesmente um texto, igual tem alguns professores que fazem, não vejo sentido assim. Às vezes eu prefiro, utilizar alguma coisa da apostila, complementar com alguma coisa que eu vejo, que eu trouxe, por exemplo, tem uma Situação da apostila do terceiro ano que é sobre a Escravidão, só que ela fala de uma forma bem pontual, são duas páginas, traz um texto de como os negros eram tratados e para eles analisarem o excerto. Só que, o que eu faço, eu trabalho com esse excerto, eu falo da questão da escravidão, a data que a escravidão foi abolida, o porquê que os escravos foram abolidos e tem um texto que eu peguei, que é uma reportagem, uma entrevista, com o antropólogo Eduardo Viveiros de Castro, que ele está falando que a escravidão no Brasil nunca foi abolida. Eu retirei dois trechos dessa entrevista e eu analiso com eles, o porquê que a escravidão nunca foi abolida, que a gente ainda tem resquícios atualmente na nossa sociedade, dessa sociedade escravocrata, que os negros ainda não têm todo acesso à todas as oportunidades, que falta muita coisa ainda para eles serem de fato inseridos nessa sociedade, acho que tudo isso é resquício de lá atrás, então eu prefiro trabalhar com coisas um pouco mais atuais, que se aproxime mais da realidade deles.

3: Uso, não plenamente, mas uso. Carol: Você escolheu o livro? 3: Escolhi, nas escolas que eu estava e agora, eu fui um dos professores, e na última escolha que foi acho que, 15, 16 e 17... Carol: No ano de

2014? 3: Isso, que foi em 2014, para 15, 16 e 17, eu fui um de uma escola, um dos revisores de diversos livros para ver quais deles tinha uma melhor abordagem dos conteúdos. Carol: E você lembra qual foi o escolhido? O nome assim ou a capa? 3: Sim, lembro, o livro que foi adotado nas escolas que eu estava como referência para isso, o livro “Sociologia Hoje”. Carol: “Sociologia Hoje”. 3: É. Eu achei esse, o melhor livro com a abordagem política, os outros também tinham, mas esse tem uma abordagem mais concreta, sobre a teoria... Carol: A Ciência Política? 3: A Ciência Política.

4: Na escola chega o do Tomazi, que é o Sociologia para o Ensino Médio. Não é o que eu mais gosto, mas o do Tomazi, ele tem muita coisa que está dentro do currículo. Um livro que eu acho que aprofunda mais e aí dá para você fazer alguns trabalhos mais legais na leitura, embora ele seja um pouquinho mais difícil a leitura, é o Sociologia Hoje, os alunos sofrem um pouquinho mais. Na outra escola chega o da USP, Sociologia... é um de capa verde, se você quiser depois eu te mando. Carol: Tá. 4: Eu tenho todos eles também se você precisar dar uma olhada. Mas esse daí o aluno não entende. O da USP o aluno não entende. É jogar no lixo... é assim, você dá para eles para tentarem fazer pela leitura, não vão entender. O Tomazi vão, o Sociologia Hoje vão... Carol: E por quê? 4: É, assim, é uma linguagem mais pesada, coisa que o estado de São Paulo não vem trabalhando a fundo. Não fui eu que escolhi o livro. Carol: Você ainda não teve opção de escolher? 4: Eu tive opção de escolher, todas as vezes que eu escolhi, uma eu estava em outra escola, e saí para ir para o Integral, então chegou. Tanto é que eu fiz uma troca, eu peguei 40 livros nessa escola e troquei. Porque, assim, chegou na escola que eu estou o do Tomazi, aí troquei 40 livros que dá para usar nas salas do Sociologia Hoje... eu até utilizo, mas não sou tanto de utilizar também livro didático, eu gosto mais de levar algum texto, uma projeção, um vídeo, essa parte do audiovisual, ir na sala de informática. Eu trabalho muito mais assim, às vezes eu pego algum texto que eu achei em um blog, que tem alguns blogs legais que o pessoal escreve de Sociologia. Então acabo indo mais por essa linha. Ou quando acho algum texto de algum autor, ou quando a temática está aqui, aí aconteceu algum fato cotidiano e eu trago, mais do que o livro didático. Carol: Entendi. 4: Eu diria até, para mim, se investisse, claro que sei que as pessoas não têm computador em casa, blábláblá, o livro didático ele pode levar, se ele tiver interesse vai ler, então não desconsidero esse ponto, mas acho que o investimento em livros didáticos hoje, poderia ser trocado por investimento em tecnologia na escola. Mais computador, porque ele me permite entrar na rede e ver várias coisas. Claro que o livro didático já vem com uma linguagem... já vem feito por pessoas especialistas na área, coisa que na internet talvez ele não encontre. Você vai ter que buscar algum Scielo, algum site mais específico para isso, mas o livro didático, pelo que eu vejo também nas escolas e meus outros amigos professores, muitos deles, assim, quem mais eu vi usando foram os Filósofos e não os Sociólogos, por exemplo. Carol: Na aula de Sociologia? 4: É, na aula de Sociologia são os Filósofos, daí, utilizando. Talvez até por um certo preconceito, mas eu gosto muito de ler aqueles livros. Eu leio, dei uma olhada em vários temas que me interessam eu leio para ver o que dá para eu fazer um link, mas, assim, às vezes acho que dá para a gente criar um texto melhor. Que o aluno vai entender mais porque está dentro do contexto seu. O

livro didático é mais ali, você pegou, você quer ver se ele... você quer ajudar, porque eu faço, também, trabalhos em prol, daí, das habilidades leitoras, escritora, então, aí você pega um texto. Mas daí eu pego seja de qual livro for. Eu estava trabalhando Etnocentrismo não peguei o livro de Sociologia, peguei o de Filosofia que tinha o dos canibais para trabalhar. Aí fui trabalhar, mas era Língua Portuguesa mesmo que eu estava testando ali, dando suporte depois para uma discussão de Etnocentrismo, do porquê que vão falar que o costume da minha terra é melhor do que o outro. Mas, assim, acabo deixando mais o livro didático guardado do que em uso. Como eu não vejo eles com um bom texto ali que vá servir de suporte para aquilo que eu preciso trabalhar, mas é claro que tem bons textos lá. Mas eu acabo usando ele como um suporte, teve ano até menos do que a informática, quando tinham menos salas na escola que eu estou agora, eu fui mais na informática do que usei o livro didático. Então preferi essa via. Carol: Mas para estudar você usa então? 4: Leio, leio. Carol: Você dá uma sondada para ver se o livro... 4: Dou uma sondada para ver o que tem ali, se tem uma situação legal. Então ali eu coloco para passar para os alunos, isso sim. Didático eu já li bastante, dependendo da temática eu leio. O Tomazi tem coisa legal daí... que ele vem mais no currículo, então ele acaba tendo. Agora, o livro didático tem textos legais para você ir lembrando coisas introdutórias da Sociologia, da Antropologia. O Sociologia Hoje tem muita coisa legal, então a leitura dele eu acho que foi mais legal para mim enquanto, para eu não perder muita coisa que, quando você está fora da academia. Eu acho ele muito bacana.

Os livros, no geral, são pouco utilizados pelos docentes e podem revelar uma dificuldade por parte dos docentes pesquisados em conseguir articular os diferentes materiais fornecidos pelas entidades da federação. No estado de São Paulo existe uma cobrança muito grande por parte dos gestores, para garantir que o currículo estadual seja seguido à risca. Os professores entrevistados relataram ao longo da entrevista, as inúmeras cobranças que sofrem nesse aspecto, esse pode ser um dos motivos pelos quais os livros são subutilizados.

O professor nº 1 fez uma crítica à maneira como os livros são escolhidos e distribuídos nas escolas, pois durante uma escolha ele optou por determinado livro, mas não foi esse que chegou até a escola na qual ele leciona, evidenciando o autoritarismo por parte da Diretoria de Ensino, que optou por outro livro sem assegurar a liberdade de escolha realizada pelo professor e não o informando da decisão tomada arbitrariamente.

O professor nº 3, apesar de não ser professor efetivo da rede, desempenhou um papel muito importante durante o processo de escolha do livro didático da disciplina de Sociologia. Ele foi um dos revisores dos livros didáticos, tentando encontrar o que continha uma melhor abordagem dos conteúdos, e o livro escolhido foi “Sociologia

Hoje” por conter uma abordagem mais concreta da teoria apresentada pela Ciência Política.

O docente nº 4 considera que um dos livros de Sociologia disponibilizados pelo PNL D (2014) tem uma linguagem muito sofisticada para ser utilizado pelos estudantes da rede estadual. Ele utiliza outros livros da disciplina, outros textos que ele elabora, textos que encontra em blogs e jornais, além de textos presente nos livros didáticos de outras disciplinas, para ampliar a habilidade leitora e escritora dos seus alunos e sugeriu que a verba que é usada para comprar os livros, seria mais útil se fosse revertida para a aquisição de computadores e tablets.

Carol: Como são suas aulas?

1: Como é que são minhas aulas? As minhas aulas, eu não consigo dar uma aula muito padrão, gosto de dialogar bastante com os alunos, depende muito, porque assim, cada sala, como falei no começo, no processo de aprendizagem, cada sala vai aceitar sua discussão de alguma forma, tem salas que eu conseguia trabalhar aula dialogada, círculo e eu levava por exemplo, um texto, xerox de um texto, aí eu sento com os alunos e a gente vai ler junto e vai discutir parágrafo por parágrafo, porque são textos mais densos às vezes, não tão densos, mais uma coisa mais contemplativa, para pensar tal, então eu sento, a gente vai discutir o texto junto, depois como é obrigatório, você tem que ter algo que comprove, uma avaliação que comprove o seu trabalho, eu dou umas atividades dessa forma com textos eles vão responder umas perguntas em grupo ou individual, eu vou atrelando, eu vou fazendo isso junto com o material que é oferecido. Carol: Oferecido por quem? 1: Pelo Estado e o livro didático. Carol: Você articula o livro então com o material? 1: O livro didático com o material do Estado e com coisas que eu pesquiso por conta própria, porque tem partes, assim o livro didático de Sociologia, os que tem são muito bons, não posso falar que é ruim não, porque é muito bom, tem alguma coisa ou outra que é meio jogado, mas, são livros bons. O material didático de Sociologia tem coisas que não são boas, o material do primeiro ano é muito repetitivo, fica muito na mesma coisa, querendo explicar de várias formas a mesma coisa, só que o aluno não aguenta, nem eu aguento às vezes, que fica quase 3 semanas falando o mesmo assunto, ninguém aguenta aquilo, e você tem que buscar, como nesses momentos, algo alternativo, ou às vezes um curta metragem, ou uma música, eu gosto de trabalhar com poesia, outras coisas que vão complementar, essa deficiência do material didático.

2: Quando vou começar uma situação de aprendizagem nova, por exemplo, gosto de dar uma lida no caderno do professor para ver qual o objetivo daquela situação, as competências e habilidades, que isso está sendo muito cobrado hoje em dia, que o aluno tem que atingir certas competências e certas habilidades ao final daquela situação de aprendizagem, e aqui na Diretoria de Ensino de Pirassununga, eles estão trabalhando bastante com isso, eles estão focando em Português e Matemática, e as competências e habilidades que Língua Portuguesa não conseguiu atingir, vem outra matéria, para ver o que que pode

ajudar para Português atingir aquela competência e aquela habilidade. Então a gente está sempre focando nisso, então dou uma olhada no assunto, se eu acho que o que está falando no caderno do professor é suficiente, paro, dou uma lida, faço um “resuminho”, grifo as partes mais importantes que vou falar, se não, busco mais coisas na internet, geralmente em sites, assim, eu uso bastante o “Café com Sociologia” (Blog), sites confiáveis. Eu começo com a sondagem, para ver o que que eles sabem sobre aquele assunto, eles falam para mim, dependendo do que eles retornam, já vou dando uma introduzida no tema, e eu gosto de fazer uma contextualização histórica, o que que estava acontecendo naquele momento, os fatores históricos, depois entro no assunto mesmo, propriamente dito, explico, e a gente faz o exercício da apostila, geralmente dou um tempo para eles fazerem os exercícios, eu visto ou vou corrigindo, conforme vou “vistando”, falo: “esse daqui está errado, vamos arrumar esse daqui”, ou corrijo tudo na lousa e eles complementam aquilo que está faltando na resposta. Eu gosto de fazer assim, e tinha pensado em alguma coisa para falar e esqueci, agora não lembro. Carol: E o processo de avaliação, como é que é? 2: Avaliação, o que que eles falam? A gente tem os HTPC’s (Hora de Trabalho Pedagógico Coletivo) que é o espaço de formação, eles falam que a avaliação tem que ser contínua, só que ao mesmo tempo que a avaliação tem que ser contínua, eles exigem a nota, eu acho que essa coisa de nota, eu não gosto. Acho que tem que mudar assim, não me sinto bem dando nota para os alunos, eu não gosto, dou porque o sistema é assim, tem que ser assim, eles são classificados por nota, então tenho que dar, mas por mim eu faria outra forma de avaliação. Geralmente dou umas três atividades no bimestre, que sempre na apostila tem alguns exercícios, lição de casa, ou então tem seção: “Você Aprendeu” que no final a gente trabalha o tema, geralmente eu dou, dependendo do tema é umas duas, quatro aulas que uso e falo para eles fazerem a seção: “Você Aprendeu” para me entregar. Isso já é um trabalho. Quando termino um assunto, mais ou menos no meio do bimestre, dou uma prova sem consulta, quando consigo imprimir a prova, porque nem sempre a gente consegue. Carol: E se você não consegue, você faz o que? 2: Eu tiro um texto da apostila, ou um texto que a gente já trabalhou, um texto que geralmente está na seção: “Você Aprendeu”, formulo as perguntas, eles copiam e respondem. E, a prova é sem consulta quando eu consigo imprimir, dou a matéria que vai cair, geralmente falo umas duas semanas antes, se têm alguma dúvida eles me perguntam, dependendo da sala eu faço uma revisão uma semana antes da prova, aplico a prova e passo mais uma atividade ou uma produção de texto, ou também, leitura e análise de texto que está na apostila, sempre o que está na apostila, o que a apostila pede, porque aqui eles são muito firmes, eles falam que é para gente usar a apostila mesmo. Carol: Eles quem? 2: A escola, a Diretoria de Ensino, a gente tem essa orientação, que a gente tem que usar a apostila, o principal é a apostila, o livro didático é um complemento, deve ser usado quando o professor achar que convém, mas a gente tem que ficar mesmo na apostila.

3: Tem aula que você, tem turma que você fala assim, essa turma eu tenho atividade, no final do bimestre eles tem 15 atividades, eles elaboraram, pensaram, escreveram, colaram, filmaram, fizeram desenhos, vídeos, seminários, tem turma que você deslança, mas tem turma que é amarrada, são mais simples os alunos, tem aquela meia

dúzia, que a gente chama assim, o espírito da turma, quando o espírito da turma, é aquela turma que “vamos embora, vamos fazer, vamos lá, todo mundo”, você consegue, eu não uso a expressão: “vamos trabalhar, trabalho de Sociologia”, eu uso: “pesquisa, estudo”, tiro a categoria trabalho da escola, uso: “vamos pensar, vamos elaborar”, eu não uso: “dinâmica”, uso: “interação, vamos interagir”, o conteúdo, o que que você tem para fazer, a aula é dupla, é minha e de vocês, então tem turma que sim, tem turma que não, mas eu sempre começo pedindo, eu mando o texto sempre antes. Carol: Por e-mail? Pela internet? 3: Por e-mail, pelo “Face” quando eles conseguem baixar, então eu mando o texto lá, peço que eles leiam, porque, se eu chegar para explicar um texto sem o cara ter a menor ideia, é muito mais difícil, se eu falar assim para ele, se dá um texto de três parágrafos, leia isso, ele leu a historinha do cara que foi trabalhar e não sei o que, aí cortou o dedo, quando você vai explicar para ele, o que é divisão social do trabalho, é diferente, para explicar a divisão social do trabalho eu levo um texto faltando algumas palavras no meio, dou para cada aluno, uma fileta de papel com três palavras, ele tem que encaixar as palavras dele no texto, tem um minuto, aí eu passo para outro, aí ele tem outro minuto, eu passo para o outro, então eu vou fazendo assim interações que eles vão aprendendo, o que que é cada um fazer, e depois o que é que todo mundo fazer, depois o que é cada um fazer pontuado, que é a divisão social do trabalho, eu dou várias experiências, lego para eles montarem, levo lego, tem que montar das cores que está na orientação, então não tem orientação, como que se monta? Se monta em coletivo, como que monta com orientação, então eu vou trazendo isso, para eles, tentar trazer ao máximo o que é a teoria na prática deles, é assim que o cara vai entender. Carol: Você acha importante essa percepção conceitual da Sociologia? 3: Sim, não pode deixar de ensinar o conceito, isso é fundamental, o cara fala isso, por exemplo na Filosofia diz assim: “Cícero diz que filosofar é próximo ao morrer, porque você abandona o corpo e fica não plano das ideias filosofando, tentando compreender”, aí se o cara vai e escreve: “Cícero fala que quem filosofa morre” (risos), entendeu? Aí você fala assim: “não caboclo, não é isso”, você vai tentar explicar para o cara, estou entrando um pouquinho na Filosofia só para tentar, como que eu faço também com a Sociologia, é explicar o que que é o abraço, o abraço á algo físico, mas ele têm algo químico e psicológico, o abraço é físico, mas o significado do abraço é psicológico, e a reação que ele dá no corpo é química, quando você explica isso para o cara, ele, “não é pegar”, o que eu uso nas aulas de Sociologia é isso, é trazer elementos, trazer objetos, que façame eles falarem ao máximo, então as interações, vamos falar, vamos pesquisar, vamos discutir aborto, um grupo vai pesquisar as leis que permitem o aborto, outro grupo vai pesquisar os argumentos que falam contra o aborto, outro argumentos que falam a favor do aborto, outro a questão religiosa, outro a opinião da sociedade, a gente vem, coloca esse caldeirão, todos esses elementos, o cara começa a falar assim: “ah, agora eu entendi”, a gente fala assim: “é contra o aborto? Você é para o nascimento? Porque a vida se dá no decorrer dela, você está envolvido em cuidar da vida”? É muito importante na Sociologia trabalhar os conceitos. É trazer o texto para o cara do Marx, é trazer o texto do Weber da “Ação Social”, é trazer a anomia, o Durkheim, exato, falar assim: “o cara falou isso”, mas como isso se dá na prática? Hoje, como é isso hoje? E trazer isso de forma moderna, como que se dá a



mais-valia hoje. Eu uso os rolezinhos para falar da mais-valia, eu uso rolezinho para falar para o cara: “você quer ostentar? Ou não quer? Do fetiche da mercadoria, desculpe, não é da mais-valia, é do fetiche da mercadoria, eu uso rolezinho, para o cara falar: “oh, quem está com o dente lá, o pedacinho da vassoura, com o dentinho colorido, eu uso foto dos celulares deles, mostra a foto de você num look legal, eles mostram, isso aqui é fetiche, ele assim hoje, onde ele está mais bonito aqui na foto ou aqui hoje com o uniforme da escola? É na foto, isso é fetiche, entendeu? Do universo do cara, se você falar assim para o cara: “fetiche da mercadoria é a bolsa da “Vuitton”, é o não sei o que em Miami, o cara não entende isso, ele não vai para Miami nunca, ele está na periferia, lá, fetiche da mercadoria, é a pistola na cintura, do disciplina com eles, entendeu cara? É trazer para o universo deles. Carol: E você divide por ano assim o conteúdo ou não? Por exemplo, primeiro ano Antropologia, ou Sociologia, ou Ciência Política? Como é que você busca trabalhar tudo? 3: Não, tem que tomar cuidado, um pouco assim, claro que o que você colocar para o aluno bem explicado, desenvolvido, ele vai, o ser humano tem essa capacidade, não precisa de tempo, o que você colocar e esforçá-lo para compreender aquilo, ele vai desenvolvendo. Na Sociologia a gente começa pensando assim, o primeiro ano é pensar, quem é o indivíduo? Por isso que eu fui pesquisar o indivíduo no meu TCC, quem é o indivíduo? Como ele se constitui? Desde entender, como nasce as primeiras relações, os grupos primários, as categorias básicas, até chegar, quem é o indivíduo pleno. No segundo ano a intenção é, quem é a sociedade? Então, se você tem o indivíduo pleno, agora você tem dois indivíduos, três, quatro, você forma a sociedade e no terceiro ano, eu trabalho assim, é, quais são os problemas que esses humanos juntos causam? Ou resolvem ou provocam? Não, você percebe, então sempre no começo do ano, eu faço na lousa, uma bola de um lado para dizer assim quem é o ser humano e no final, no quarto bimestre, tento guiar o pensamento do aluno, guiar não no meu conceito, mas na questão do conteúdo de conhecimento, para ele entender, quem é o ser humano básico, o que é vida, quem é o ser humano, a origem do ser humano, ou é Deus ou é Darwin, (risos) quem é, e no fim diz assim: “entendemos quem é o ser humano? Os nossos medos, as nossas prisões psicológicas, as nossas percepções da realidade, entendemos quem é o ser humano?” É esse o objetivo, no segundo ano, agora o ser humano está junto, o que que eu causo em você, o que que você me influencia, e aí no final entender, entendemos o que é a sociedade? Quantos tipos de sociedade têm? Quantos tipos de cultura têm? Legal, no terceiro ano, e agora, quais são os nossos problemas? Os conflitos? As guerras? As indiferenças? Os preconceitos? Carol: Você monta, pelo que eu estou entendendo, o seu esquema de aula? 3: Monto, sou eu que monto a minha aula, as minhas interações, na sala de aula como deve ser para todo mundo, infelizmente não é, na minha sala de aula quem manda sou eu, se eu já tive oportunidade de uma interação, colocar todo mundo em cima da carteira e ter a diretora como uma policial dentro da minha sala, quase: “que porra é essa?”, se ela fosse mais bocuda, ela diria assim: “que porra é essa? O que que está acontecendo?” Eu falei: “uma interação minha”, desce todo mundo, eu falei: “não, não desce não”, mas eles podem machucar, eu estou aqui para te ajudar, eu não pedi a sua ajuda, quando eu precisar, mas aíem uma questão da aula, tem aula que você tem que ser ela chata, você tem que fazer ela chata, que é a leitura do texto. Carol: Aula chata

seria como? 3: Aula chata que eu digo assim, para eles, não para mim, você tem que ler o texto, tem que explicar o conceito, tem que falar o que é, quem é o cara, de que prisma ele está olhando a sociedade, qual era o período que ele estava olhando, o que que estava acontecendo no período que ele estava escrevendo aquilo, as teorias religiosas, as teorias, entra a política o tempo todo, a teoria do Estado, o que que estava sendo determinante lá, então tem aula que tem que ser assim, e ela é mais carregada, mais maçante, que é leitura do texto, você faz no bimestre, umas duas a três aula show, que é a aula que você deslancha, que todo mundo faz a interação e você fala: “nossa, essa aula é quase um vitaminado cara”, eu saio satisfeito, mas é duas ou três no bimestre, porque os demais é assim, é fazer a questão, construir o material, elaborar o material, eles elaborarem o que eles estão falando, porque você faz uma, por exemplo, agora no final do ano, com o terceiro, eu fiz uma atividade que falava assim: “o que você precisa contar?”, cara se você vê as respostas que vieram, eles estão desesperados, perdidos, eles não sabem, a cobrança, o que eu dizia, vai mudar, 18 anos, muda uma chave da sua vida, 18 anos você deixa de ser adolescente, passa a ser adulto, aí a cobrança é outra, muitos já estavam trabalhando ou procurando trabalho, e nessa interação, eles nossa, fizeram lindas respostas. Carol: Essa interação foi como assim, eles escreveram em um caderno? Em uma folha? Trocaram entre eles? 3: Eu sempre dou uma folha para eles, escreva para mim, não tem linha, desenhe, rabisque essa ideia, eles vão fazendo, eu abro para socializar, abro, querem socializar? Querem fazer? Alguns sim, outros não, dá choro na sala, quem é a sua referência? Nossa, hora que fala quem é a sua referência cara, eu só tomo um cuidado, nessas aulas, pela Psicologia que eu estudei até o quinto semestre... (risos). Carol: De Psicologia também? 3: É, eu tomo para não criar os gatilhos emocionais, então ela começa a contar, você vê que é opinião, daqui a pouco começa a virar depoimento, aí, eu já consigo, por cuidado da pessoa mesmo, inserir mais alguém na conversa, mudar o foco, é tem que tomar esse cuidado. Carol: É, adolescente também, ele precisa ter... 3: Adolescente e tal, então eles contam tudo, tem muita dúvida, é o que a gente diz, o adulto que dialoga com, e o adolescente, é o professor, os pais não dialogam com os alunos, é raro um pai ou outro, uma mãe, que é amiga e que está ali apoiando e acompanhando, porque os demais eles estão abandonados.

4: Olha, é... estudo. Pego como base, como já falei, o material do Estado, a temática, pelo menos a garantida ali. Eu trabalho com elas. Às vezes dou uma puxada para cá porque vi que a sala gostou disso, então vou, mas eu gosto muito de pegar... ler alguns textos, reler alguns livros, ver alguns materiais que eu tenho para trabalhar dentro das aulas ali. Gosto de fazer aula com PowerPoint, projeção e tal. Carol: Você tem o seu projetor ou a escola tem? 4: Eu comprei um. Comprei para eu poder fazer minhas aulas mais diretamente nisso. Gosto muito de usar curtas-metragens e vídeos. Documentários, filmes. Geralmente seleciono trechos e se acho o filme relevante ser ele inteiro, até porque acho broxante às vezes você cortar o filme. Mas o tempo é pequeno, então às vezes a gente precisa. Mas, assim, eu gosto muito de estudar e ter base, muitas vezes levar um livro para a sala, abrir o livro e ler esse livro ali para eles verem: “ó, não sou eu que estou falando. Está aqui”. Ir lendo, tal e mostrando: “tal coisa está aqui nesse livro, tal coisa está aqui”, e mostrando que não é uma

invenção da minha cabeça, também acho que isso é importante. E também para buscar desconstruir as verdades. Acho que assim, a Sociologia, ela tem que ser estruturada para desafiar um pouco as verdades concretas, que é o nosso papel de Ciências Humanas na verdade, se for parar para ver. Não a do Sociólogo apenas. História também. Mas para questionar mesmo e mostrar que existem outras possibilidades, então eu gosto também de trabalhar, muitas vezes com visões diferentes. Então, não pegar só uma visão que me agrada mais, e eu só vou citar ele... não. Às vezes tem que trazer, então eu trago, gosto de fazer isso daí. Mas me dói, às vezes, ter que fazer aquilo, mas... (risos). Acho que é interessante do ponto de vista que nós temos que formar a mente crítica. E não dá, se eu só mostrar um lado, mesmo que esse lado seja, como os mais revolucionários vão dizer, mesmo que esse lado seja do oprimido, ainda assim acredito que ainda seja muito panfletário. E o oprimido pode virar o opressor, também isso é um problema muito sério. Então no terceiro ano, por exemplo, eu trabalho, como tem que trabalhar com as teorias da política e tudo mais, vou trabalhar e geralmente eu faço, nas salas que tem número suficiente, mas geralmente tem, trabalho com os filósofos para pegar o ponto de vista político deles e fazer, daí eles têm que estudar esse filósofo. Carol: Você divide em grupo, é isso? 4: É. Pego o Hobbes, o Locke, o Rousseau, Maquiavel, aí pego Marx, para desconstruir de vez o Bakunin (risos). Para colocar alguém diferente que não vai entrar mesmo. Eu coloco esses seis, geralmente, que são visões extremamente diferentes. Para discutir política ali, vou e estrutura perguntas, coloco um aluno também para estruturar essas perguntas junto comigo, que é ele, na verdade, que vai tocar o debate, eu só entro para provocar mais se for preciso. Se fosse por minha escolha de quem eu gosto, eu pularia um monte deles. Mas não é o que eu gosto apenas, então eu tento fazer essa crítica, mas eu sei que sou tendencioso como qualquer outro. Pelo menos é o que eu imagino, que todos sejamos.

O professor nº 1 articula os materiais didáticos oferecidos (apostila e livro didático) com textos, músicas, poesias e filmes. Durante as aulas de leitura e interpretação de texto procura tirar cópia do texto que será trabalhado, para que os estudantes acompanhem a leitura e as reflexões propostas.

A professora nº 2 relatou a cobrança que a Diretoria de Ensino vem fazendo aos docentes para assegurar que os estudantes atinjam as competências e habilidades previstas, e destacou ainda que as outras disciplinas devem ajudar Português e Matemática a atingirem os níveis exigidos. Ela relatou que o processo de avaliação deve ser contínuo, mas quando possível avalia os alunos por meio de provas bimestrais, com os conteúdos discutidos pela apostila, que é o material priorizado durante suas aulas e cobrado pela direção da escola e demais gestores da rede para que seja utilizado.

O professor nº 3 utiliza a interação como didática para discutir e garantir a aquisição dos conceitos pelos estudantes durante suas aulas, e procura trazer a teoria

discutida para a prática dos estudantes. Trabalha de diferentes formas os conteúdos da disciplina de Sociologia. Ele tenta fazer os estudantes falarem ao máximo e discutir a Sociologia partindo do ambiente que os estudantes estão inseridos e mais familiarizados. Ele elabora suas interações a partir de três questões fundamentais, no primeiro ano ele discute: quem é o indivíduo? Após essa discussão, a questão se torna: quem é a sociedade? E por fim: quais os problemas que a coletividade cria? Nas aulas mais conceituais o professor aborda o panorama histórico, social e político no qual aquele texto foi elaborado, para que o estudante compreenda as diferentes abordagens realizadas pela Sociologia. Ele utiliza as redes sociais e os aplicativos de mensagem para enviar os conteúdos e textos que serão debatidos durante as aulas.

O professor nº 4 estuda para elaborar suas aulas a partir da temática proposta pelo material do estado de São Paulo. Trabalha como PowerPoint, curtas-metragens, filmes, documentários e outros vídeos. Acha importante desconstruir as verdades concretas e que esse é um dos papéis da Sociologia e das demais Ciências Humanas presentes na escola. Procura trabalhar com diferentes pensadores para formar estudantes críticos.

É importante destacar o uso das novas tecnológicas como ferramentas utilizadas pelos docentes entrevistados, para preparar as suas aulas, através de materiais de blogs da internet, que discutem a disciplina de Sociologia e outros. Além de apontar como diferentes abordagens da disciplina são desenvolvidas, a fim de garantir a aprendizagem dos conceitos sociológicos.

Carol: Como é a estrutura da escola que você leciona? É adequada a um bom andamento da disciplina de Sociologia?

1: Não. Carol: Por quê? 1: Falando da minha escola, porque a gente não tem acesso à vários meios tecnológicos, a gente tem acesso, mas é um acesso mal, não é total, porque também aconteceu o seguinte, a minha escola, como é uma escola grande, houve uma reorganização nas escolas do estado de São Paulo, que eles querem tirar o Ensino Médio noturno, como a minha escola era uma escola grande, de bairro, o Ensino Médio das outras escolas, do bairro, eles foram tirando e foi levando os alunos todos para minha escola, virou uma sede ali, acumulou tudo ali, todos os alunos do bairro noturno estudam lá, na mesma escola. Outra coisa, junto com a minha escola tem o Centro Paula Souza (Centro Estadual de Educação Tecnológica *Paula Souza* – CEETEPS), que está junto da minha escola, o Centro Paula Souza tirou metade das salas da minha escola. Eles usam para eles e a gente não tem acesso as salas, então por exemplo, a gente tinha uma sala de vídeo, a gente não tem mais sala de vídeo, porque o “Paula Souza”, pegou a sala, que era a sala de vídeo, essa sala por exemplo, que eu falei onde ficava os livros didáticos, o “Paula Souza” também

pegou, quer dizer, de certa forma, você entende porque, não tem espaço. O que eu fiz, no último ano, que a gente não tinha mais sala, eu e uma amiga de Filosofia, compramos uns carrinhos, aquelas sacolinhas, meio carrinho, então a gente enchia de livros, e deixava guardados dentro de uma salinha, a gente pegava o carrinho e cada um tinha o seu assim, com os seus livros e levava para sala, era a forma que a gente tinha, a gente não tem sala de vídeo, por exemplo, se eu quero passar, é complicado porque às vezes, nós professores, educadores, eu acredito, eu pelo menos, todo dia, você está apreendendo algo, e às vezes, eu estou preparando uma aula, eu vejo uma coisa na televisão, ou leio no jornal, ou vejo em um site, “nossa que legal”, posso usar nessa aula de hoje, por exemplo, às vezes, eu estou preparando uma aula, tem o programa lá, mas eu: “nossa, mas esse filme é legal”, e eu quero passar o filme agora, porque tem a ver, aí não, eu tenho que pedir com antecedência o datashow emprestado, e as vezes não está lá, para eu colocar o datashow, tenho que pegar um monte de apetrecho e colocar na sala, e até eu instalar o datashow é meia hora, porque tenho que ver a parede que não tem luz, para eu instalar, tenho que levar o meu computador, porque o computador da escola nunca funciona e levar a minha caixa de som, que a caixa de som da escola nunca funciona, às vezes eu uso o datashow de uma amiga, que ela tem, eu queria ter um também, porque não tive condições de comprar, têm amigos que têm, eles mesmos têm os próprios datashows, porque quando eles querem fazer isso, vão lá e, quer dizer, todo esse material a gente tem que comprar, de conta própria. Carol: Os professores têm o material... 1: Têm, porque na escola, muitas vezes, do material da escola, ou não funciona, ou está emprestado, e você quer na hora, não é fácil trabalhar, com materiais alternativos, com aulas diversificadas, que não seja a aula que a gente chama de “GLS”, que é giz, lousa e saliva (risos). Fora a aula “GLS”, é complicadíssimo, e a aula “GLS” é super complicada também porque os alunos hoje eles vivem em um mundo tecnológico, e essa aula “GLS” está ultrapassada demais, a gente tem que pensar que o mundo está mudado e temos que pensar em outras tecnologias também, são outras formas de informação e são bem importantes também, o vídeo, a música, outras coisas.

2: Eu acho que sim, acho que a escola que trabalho, eles fazem o possível para ter uma boa estrutura, para você ter uma ideia, tem as salas de Ensino Médio, é uma escola que tem Ensino Fundamental e Ensino Médio. Carol: Ensino Fundamental II? 2: Isso, Fundamental II, de 6º a 9º ano. De manhã é 6º a 9º ano e Ensino Médio e a tarde é 6º a 9º ano e tem só uma sala de primeiro ano. As salas do Ensino Médio, receberam uma verba do Governo Federal, acho que é PDDE (Programa Dinheiro Direto na Escola) que chama, e tem TV, algumas salas têm televisão, então a televisão já está na sala, quando você vai passar algum filme, alguma coisa, você reserva o computador, tem computador, tem DVD, tem uma sala de informática, são poucos computadores, mas se você precisa, você agenda, você tem condições de levar os alunos na sala de informática para fazer trabalhos, então eu acho que a estrutura da escola é boa, porque se você tem uma televisão na sala já facilita, não precisa buscar a TV, pedir para os alunos buscarem, até chegar, para você montar perde um pouco de tempo, então a TV já estando na sala facilita bastante.

3: Não, não tem som, tem uma sala de vídeo, agora no final do ano, meio do terceiro bimestre, duas, mas é assim uma disputa tremenda, para todos os professores, para usar o vídeo... Carol: Quantas turmas tem lá? 3: São 16 salas. Então imagine, 16 salas. Carol: Você dá aula em que período? 3: Manhã. Carol: Só de manhã? 3: Manhã. Imagine, 16 salas. Mas o que tem é, giz, lousa, carteira em fileira, padrão. Não tem som, não tem vídeo, às vezes não tem ventilador, o que eu utilizo para, complementar isso, utilizo o tablet, uma caixinha de som, que eu coloco a música em um volume bom para que todos ouçam, o tablet para passar um vídeo ou outro. Carol: O tablet é seu ou da escola? 3: É meu. É um tablet de 14, 10 polegadas, um pouco maior e uma coisa que eu faço é usar agora as redes sociais, temos uma página no Face da turma, eu mando o link do vídeo, posto o vídeo lá, assistam, ou indico canal do Youtube, ou mando a imagem pelo WhatsApp para turma, utilizando as redes sociais para encaminhar os conteúdos, porque também a escola não dá xerox, então você quer fazer uma tirinha ou três, quatro tipos de tirinha para eles compararem as ideias, não tem xerox para isso na escola. Não tem, entendeu? Ou você paga do bolso.

4: Não. Primeiro que, assim, como eu falei, sala de informática deveria ter mais. As Ciências Humanas precisariam mais... projetores nós precisaríamos mais, por exemplo. Porque nós não temos um laboratório com as coisas. Nós não temos uma luneta para olhar, como a Física permite. Então, assim, a Biologia permite. Até no Integral eles têm salas diretamente para isso, laboratórios bonitos e tudo mais, e nós poderíamos ter, na minha visão, ter espaços para isso. Para jogos mesmo na área de Ciências Humanas, que dá para a gente fazer, dá para criar com os alunos, jogos... dava para ter salas para ter um espaço descontraído para você fazer uma aula diferente mesmo. E poderia ser o laboratório das Ciências Humanas, poderia ter os mapas, poderia ter dados que a Geografia vai usar, mas as Ciências Humanas nunca receberam um laboratório. Eu acho que, para gente poder trabalhar com jornais, trabalhar com a questão mesmo da edição de imagens porque eu gosto bastante de pegar, sair com eles, vamos tirar foto, vamos analisar a desigualdade em volta no bairro, vamos andar aqui. Vamos ter as fotos do que é a desigualdade aqui. Aí depois você precisa dos computadores. Então acho que seriam locais permissivos para isso. As Ciências Humanas, elas viriam mais para essa linha. Porque ela não precisa do laboratório formalzinho. “Formalzinho”, desculpe, reduzi a ..., mas um laboratório formal. Mas ela precisa de um espaço, eu acho, que permita também olhar que as Ciências Humanas também é ciência. Muitas vezes fica esquecido isso. E os alunos, esse lado fantasioso deles, eles: “ah, eu quero ser cientista”. Aí eles acham que ser cientista, você pega os menores lá, eles acham que cientista é só fazer, literalmente, ciências: Física, Biologia, que ali eles têm essa ideia. Então eu acho que ali falha. As Ciências Humanas por não ter esse valor dado estruturalmente dentro das escolas, nós também, e pelo material que nós temos, acabamos não dando a entender que nós também somos cientistas, nós temos que provar isso para os alunos. Coisa que os outros não. Então no jogo simbólico a relação é totalmente diferente. Então nós temos que provar que nós também fazemos isso. Então eu acho que, estruturalmente, as escolas falham. Isso em todas as que eu passei. Carol: Você já passou em quantas? Só para a gente se situar. 4: Poucas. Eu tive a sorte de pegar

boas posições, então passei... cinco escolas. Pouco, (risos) Carol: Mas é uma realidade comum, então já vê... 4: Alguns outros, se você tiver perguntado, acho que passaram por mais. Carol: Sim.

Somente a professora nº 2 considera sua escola adequada para as aulas de Sociologia, os professores nº 1, nº 3 e nº 4 acreditam que a escola na qual lecionam têm uma estrutura precária, e compraram materiais que utilizam dentro da sala de aula, como um tablet e um projetor, além de um carrinho de feira para armazenar os livros didáticos.

A péssima estrutura escolar é um problema crônico da rede estadual e dificulta a aprendizagem dos estudantes e as práticas docentes. Faltam materiais básicos de estudo, que como mostraram as ocupações, em alguns casos, ficam escondidos da comunidade escolar, que mesmo fragilizada, procura garantir o aprendizado dos estudantes paulistas.

Carol: Em sua opinião, qual tem sido e qual deveria ser o lugar ocupado pelo ensino de Sociologia na educação básica?

1: O papel da Sociologia, eu estou falando, vou falar pela minha experiência, o papel que a Sociologia tem dentro da escola é trabalhar com os alunos, tirar deles, tentar tirar deles, o senso comum, esse olhar de senso comum, tentar torná-los pessoas mais politizadas, que aceitam mais a diversidade, que aceitem mais o outro, que olhem para o outro com menos preconceito, e que valorizem o mundo em que eles vivem, e que sejam pessoas críticas, principalmente, que não aceitem tudo da forma que é dada, eu prego muito isso para os meus alunos, vamos pensar, nada é assim pronto, tudo foi construído e tudo pode ser mudado, então eu acho que o papel da Sociologia é tentar mudar, é tentar abrir a mente deles para outra possibilidade de vida, para outro mundo, para outras existências, outras realidades, para que eles percam os preconceitos culturais que eles tem, mais ou menos isso.

2: Eu acho que, a partir do momento que ela foi inserida de novo no currículo, eu não sei se as pessoas têm uma dimensão assim exata do que é a Sociologia na educação básica, eu acho que inseriu, vamos inserir porque uma determinação, e pronto acabou. Estamos cumprindo. Porque até então, uma crítica muito grande no Estado era que qualquer um dava aula de Sociologia, um Advogado podia dar aula de Sociologia, e eu acho que não é por aí, eu acho que a Sociologia é uma área muito ampla sim, mas que tem uma base teórica muito bem definida e a pessoa que vai passar isso para os alunos tem que saber, como surgiu a Sociologia especificamente, quais são as outras áreas da Sociologia, o que que a Sociologia abarca mesmo, e eu acho que, os alunos ainda veem a Sociologia como uma coisa, “chata, que tem que ficar pensando, mas eu vou criticar de novo, que não sei o que”, então eu acho que ela entrou no ensino, agora está toda essa discussão, que vão retirar de novo, mas as pessoas ainda não entendem a devida importância da Sociologia na educação básica, que não é só, texto chato, que não é só, autor chato, “mas porque que eu vou estudar esses autores se eles já morreram tudo?” Porque que eu vou estudar Karl Marx professora, ele nem está vivo?

Não, é para gente entender esses autores que ajudam a gente entender a nossa sociedade agora, então acho que ela entrou na educação básica, mas ainda as pessoas precisam acordar para entender realmente a importância que é o estudo da Sociologia para todo mundo.

3: É trazer uma consciência crítica, a Sociologia ela não é muito prática, ela é teórica, mas é exatamente por isso, é conseguir transformar o conteúdo teórico na compreensão da realidade social, o principal papel da Sociologia é esse, fazer o aluno entender como ele se constitui pelos grupos primários, como ele ganha a religião da família, os valores da família, como se desenvolve como ser humano, onde come, o que veste, onde passeia, é entender porque que ele sofre ou pratica os preconceitos, as discriminações, as humilhações sociais, é entender porque os grupos se odeiam, porque que a sociedade se dá, as bases da sociedade, porque elas estão focadas nisso, o papel da Sociologia é esse, aí ele pode pegar uma carona e desenvolver atividades que os alunos possam praticar isso, levar o aluno na aula de Sociologia no cemitério e falar assim: “vê onde está enterrado o rico, como é o túmulo do rico e como é o túmulo do pobre”, ele vai entender na hora, você pergunta assim para ele: “onde você seria enterrado?” Ele vai entender na hora, na hora que existe isso ou aquilo, vai entender na hora uma coisa que, ou porque o capital é tão perverso que ele dá a oportunidade para todo mundo, você pode vencer, desde que levante cedo e trabalhe muito, você pode vencer e ficar rica, e consumir e comprar, ele fala isso, mas, não é essa a realidade, a maioria da escola pública não vai fazer universidade, principalmente agora, não vai fazer, infelizmente.

4: Olha, o papel acho que eu até falei um pouco, que é desconstruir mesmo, desnaturalizar a realidade, mostrar: “olha é histórico, podemos ver de outros olhos”. Acho que esse é o grande papel, que a Sociologia precisa criar, mas ela, assim, nós, infelizmente, até por sermos colocados como matérias, que eu, a gente já ouviu de vários outros ali na brincadeira, mas são brincadeiras um tanto quanto com um fundo de análise próprio, submatérias. Carol: Vários outros? 4: Vários outros professores. Então nós somos submatérias, como eles colocam. Até porque nós não caímos no SARESP. Hoje já não cai mais nada além de Português e Matemática, mas antes caía. História, Geografia, Química, Física, Biologia, mas não caía Sociologia e Filosofia. E já estava. Então deveria cair, mas não caía. Nós não estamos nos vestibulares, por exemplo, na maior parte deles a gente está ignorado. No Paraná você vai achar lá, mas, o ENEM agora está aparecendo muita coisa que lembram as aulas de Sociologia, então os alunos conseguem pegar e fazer essa ponte. Mas no contexto, eu acho que, menosprezam a Sociologia, assim como a Filosofia. Menosprezam muito. Não veem como matérias que são importantes que o aluno tenha. Veem como uma perda de Português e Matemática que deveria ter mais, por exemplo, mas acho que os professores de Sociologia, eles se esforçam muito para fazer uma mudança nesse ponto. Principalmente agora puxando mesmo para os Sociólogos. Não falando mal dos Filósofos que dão aula de Sociologia, muitos deles se esforçam, você percebe isso, mas os Sociólogos você vê que tem aquele, você pergunta para o aluno: “de onde você veio? Tal. Que escola? Tal. Quem dava aula para você? Tal pessoa”. Então, assim,



você percebe quando era um Sociólogo que dava aula. É claro que tem aqueles que nós sabemos que o aluno não vai citar, mas você vê que tem aquele gosto. Então eu acho que, pelos alunos, não por todos, é claro, mas por muitos deles, a Sociologia deveria ser uma matéria valorizada, por exemplo. Então o papel para os alunos tem sido muito interessante. Você percebe que eles falam: “ah não, porque dá para eu refletir, dá para eu fazer isso”. O papel é esse, eu acho que a Sociologia vem conseguindo, mas muito mais para os alunos do que para o estabelecido, do poder escolar. A gente tem, é claro, tem diretor que gosta, fala muito bem, que valoriza, eles conseguem perceber, mas ainda assim, você percebe que no geral está fraco. Mas o papel mesmo acho que a gente vem conseguindo, que é desconstruir. Aos poucos vem também criando uma força para a Sociologia, que eu acho que é interessante analisar. Já não se fala mais que é, sabe assim, já não se escuta mais como eu ouvia antigamente, eu já não tenho mais escutado, como sendo uma materinha qualquer. Já diminuiu essas falas que você ouvia ali, entre cantos, você já não escuta mais. Acho que isso é interessante. Mas ainda assim, a estrutura geral, acho que deixa a gente como submatéria. Como enquadraram.

Para todos os professores entrevistados o papel da Sociologia na educação básica é desconstruir o senso comum, ajudar o aluno na construção do próprio pensamento e do pensamento crítico.

O professor nº 1 destaca que a Sociologia deve ajudar o estudante a compreender e a aceitar melhor o outro, respeitando cada pessoa e suas escolhas e desconstruírem os preconceitos culturais que possuem. A professora nº 2 afirma que a sociedade brasileira ainda precisa compreender qual o papel da Sociologia na educação básica.

O professor nº 3 afirma que a Sociologia deve levar o aluno a compreender como ele é formado, porque tem aqueles valores e crenças e não outros, porque ele sofre e pratica preconceitos, isso a partir da vivência dele, através da discussão teórica elaborada a partir da realidade social produzida pelos diferentes pensadores. O professor nº 4 discute a percepção dos outros professores, que afirmam que a Sociologia é uma submatéria, antigamente isso era mais forte, porque não está colocada nas avaliações. Contudo destaca o trabalho dos professores da disciplina formados em Ciências Sociais e/ou Sociologia como muito importante para desconstruir as verdades estabelecidas socialmente e como os estudantes e até alguns gestores valorizam a disciplina.

Carol: Como professor (a) de Sociologia como você vê sua relação/implicação com os jovens com os quais trabalha?

1: É muito legal, o meu processo todo, porque eu sou bem aberto na relação com os alunos, eu sou um professor que busca o tempo todo, tento buscar, porque não é fácil para ninguém, tentar entender a realidade deles e olhar para eles não de forma hierárquica, mas como seres humanos como eu, que passam por vários problemas e várias situações, tento o tempo todo estar ali junto, é só para você ter uma

noção, os últimos anos que eu fiquei, fui paraninfo dos terceiros anos consecutivos, porque eles gostavam bastante de mim, me ouvem bastante, conversam sobre a vida comigo, porque educar não é só ali ficar passando conteúdo, é conversar, é entender, trocar, igual eu brinco, aprendo mais do que ensino, o tempo todo eu estou aprendendo com eles, muito mais do que o que estou ensinando, esse meu contato com eles, mais pessoal, de mais acolhimento, percebo que isso surte efeito, na forma como eles encaram a minha disciplina, que eles prestam mais atenção, dialogam, quer dizer, reflete no aprendizado, eu percebo que professores que tratam eles como se fossem meros objetos, no contato deles com a disciplina é de raiva, é de raiva porque o professor não trata eles como gente, como eu vou lidar, como que vou gostar de uma coisa, de uma matéria que o professor nem gosta de mim, não me trata conforme, com respeito, isso é muito louco, percebo por exemplo, quando vou fazer atividades de grupo, ou quando o aluno não quer fazer um trabalho, porque tem momentos que eles não querem fazer nada, e aí eu percebo que se eu chegar, é muito diferente, de eu chegar e explicar uma coisa, uma atividade por exemplo, é na frente da sala, para todo mundo e se eu explicar, se eu chegar em um por um e explicar, vou lá e explico de uma maneira coletiva, depois que faço isso, eu sempre faço isso, explico coletivamente, depois eles começam a fazer a atividade por exemplo, é um texto, e eles vão escrever alguma coisa sobre aquele texto, depois eu vou em um por um e converso: “você entendeu? Você entendeu o que eu estou querendo dizer? O que que você não está entendendo?” Você percebe que eles fazem porque primeiro, eu vou explicar para ele ali, vou explicar novamente, igual falo para eles: “gente o que vocês não entenderem, não saiam daqui, com dúvidas”, eu paro a minha aula para explicar de novo, não tenho problema com isso, estou nem aí se não der para terminar o conteúdo, entendeu? Eu estou aqui para que vocês entendam isso aqui, percebo que quando faço isso, eles fazem, porque eles se sentem valorizados, porque olho no olho deles, toco neles, para mim eles não são números, são pessoas, até a chamada, não faço a chamada por número, faço por nome, chamo um por um por nome, olho na cara de cada um deles assim, olho no olho de cada um deles e delas, porque são gente, não são números, eu vejo que reflete bastante assim, e acredito cada vez mais assim na Sociologia, pena que tem as discussões, essas tendências agora, de tirar a Sociologia do ensino, porque eu percebo que do retorno da Sociologia para cá muita coisa tem mudado, e é a Sociologia que está mudando isso, de certa forma, lembro de um ano que, foi um ano antes de eu sair, eu acho, de eu me afastar, que caiu no vestibular muita coisa de Sociologia, aí os alunos vierem falar para mim do terceiro: “olha professor caiu muita coisa no ENEM (Exame Nacional do Ensino Médio) de Sociologia”, quer dizer eles não põem como Sociologia, que a gente discute na sala de aula, o ano passado quando caiu a discussão sobre Feminismo, eu discuto Feminismo dentro de sala de aula, pensando no que eu disse antes, como que a escola, muitos professores não valorizam a Sociologia mas é o que mais discute. Carol: Discute o quê? 1: Discute questões voltadas para sociedade, questões de gênero, de sexualidade, questões sobre diferenças étnicas, preconceito, exclusão social, sobre periferia, eu falo muito sobre periferia porque eu trabalho na periferia, é o contexto dos meus alunos, como, é uma coisa que eu também percebi durante o tempo, não adianta eu chegar ali e ficar vomitando um monte de

conceitos que não tem nada a ver com a realidade deles, aprendi o que também a universidade não me ensinou, que tenho que entender a realidade do aluno para trabalhar Sociologia, não adianta pegar o livro didático e falar: “segundo Marx, alienação é isso e falar o conceito”, posso até falar o conceito, só que eu tenho que contextualizar aquele conceito para ele, para que entenda que aquilo lá, está no dia a dia dele, está na sua vivência, isso foi o que aprendi com o tempo também, aprendi trabalhando, porque no começo é óbvio que eu saí da universidade com um diálogo, eu me expressava muito com teoria, era muito teórico, não é a palavra certa teórico, eu estava ainda dentro da universidade, a minha linguagem era muito universitária, muito teórica, aí você tem que aprender, pelo menos no Ensino Médio a falar um pouco como eles entendem, não vou ficar falando um monte de palavras difíceis para gente que não está entendendo nada.

2: Olha, até a semana passada eles estavam comentando comigo, porque eu falei que ia sair da escola, que eu vou, pedi remoção e tal, aí eles falaram: “professora, você não pode sair da escola, porque você conversa com a gente, você quer saber o que a gente pensa. Tem professor que chega aqui na sala já vai para lousa, já passa lição, e não fala nada, não pergunta nada”. Eu sempre costumo assim, tentar estabelecer um diálogo com eles, mas acho que é muito particular de cada professor, eles me falam isso, sempre converso, quando vou começar uma Situação vejo o que eles pensam sobre o assunto, às vezes uns falam, às vezes outros não, então eu já vou para aula, mas eles me relataram isso assim, que eu converso, quero saber o que eles pensam, e nem todos fazem isso, não sei se é uma característica do professor de Sociologia, ou se é minha assim, porque eu reparo muito neles, sabe, reparo mesmo, sei o nome de todo mundo, porque tenho uma coisa com nome, gosto de chamar as pessoas pelo nome, então eu sei o nome de todo mundo, se falta, eu falo: “nossa, mas porque que você está faltando? O que que aconteceu? Você está bem?” Ou às vezes vejo que um está meio triste, eu falo: “mas o que que está acontecendo? Você está bem? Parece que você está meio triste hoje?” E eles gostam de conversar comigo, vão pedir conselho, vão conversar sobre coisa da vida, então não sei se é uma característica do professor de Sociologia ou se é uma característica minha.

3: Tem que intervir, a Sociologia tem que abordar isso, porque, você entende o que é a sociedade, você entende o que é o ser humano, pela Sociologia você entende isso, você não precisa ser amigo dele, contar suas coisas, ser confidente, mas o aluno te procura e ele vai te dar pistas do que está acontecendo com ele, vai te dar as informações, ele vai se abrir com você, o importante é você ter o acolhimento como professor, aí não só de Sociologia, qualquer professor, ter o acolhimento e se você não tiver condição de orientar, dar no mínimo a indicação de onde e com quem ele procurar alguma resposta. Carol: Alguém que possa ajudá-lo? 3: Alguém que possa ajudá-lo, porque você vê, eu estou nos grupos de WhatsApp das salas, quem diz que os alunos não são interessados está enganado, porque o tempo todo, de sábado, domingo vem os comentários assim: “ô, que que é para entregar segunda, ô que não sei o que”, muitos deles preocupados para fazer, se tivesse um guia que conduzisse os alunos a desenvolver outras atividades, se a escola fosse diferente, se tivesse na matéria de artes, música, teatro, dança, se permitisse, eu acho que o aluno poderia

é, ter outras válvulas de escape. Carol: Dar vazão, aos seus sentimentos... 3: Dar vazão, o que na Psicologia a gente fala de “catequizar”, que é carregar as emoções, eles estão carregados, então se tivesse um ambiente que ele pudesse extravasar e realmente, como diz liberar essas emoções, seriam outros alunos. Carol: Você acha que existe uma potência dos estudantes que a escola não está conseguindo... 3: Muita potência, eu sou na escola pública um professor-pesquisador, acabei de ganhar um prêmio, pesquisando o projeto de extensão da Unimep. Carol: Parabéns.3: E que minha aluna do terceiro ano, um projeto da Diretoria de Ensino, a Unimep e as escolas públicas, a minha aluna ganhou uma bolsa para estudar na universidade, é uma aluna de baixa renda no caso, e ela vai estudar na universidade. Carol: Qual era esse projeto? Como é que foi? 3: Nós pesquisamos a ação da Unimep pelo Projeto Rondon, então nós pesquisamos o Projeto Rondon e o projeto de extensão, eram três alunas, eu envolvi as três nas ações de extensão lá do Nepep, elas foram para campo, nós, há duas semanas atrás nós construímos, em um acampamento do MST uma “Geladeroteca”, é uma carcaça de geladeira que a gente pinta, customiza e transforma em uma biblioteca. Carol: Nossa, que legal. 3: Então nós doamos a geladeira, pintamos, desenhamos e doamos, são 87 livros infantis. Carol: Nossa, tudo em parceria? 3: O quê? Carol: Em parceria com a Unimep?3: Não, essa extensão, foi uma ação do Nepep, que é o Núcleo de Estudos de Programas em Educação Popular, que ele faz um projeto chamado “Unimep na Comunidade” [...], e nós fomos para um acampamento do MST, que é um processo, é anterior ao assentamento, é em um acampamento que nós fomos, doamos a Geladeroteca lá, nós inserimos as alunas na extensão e aí ganhamos o prêmio, a aluna está com a bolsa. Carol: Olha, que bom e ela vai estudar o quê? 3: Direito, só que agora é um Direito não mais, um Direito para ganhar dinheiro, mas um Direito para ajudar as minorias, também ganhar dinheiro claro, tem que subsistir, mas a fala dela foi essa, eu não quero um Direito para ganhar dinheiro, para me tornar uma Advogada rica, quero ganhar dinheiro para ajudar as minorias, porque ela se envolveu com as minorias. Carol: É outro tipo de aprendizado vamos dizer assim. 3: Exato, então você vê? Então assim, a minha disciplina, eu como professor, oportunistei isso para ela, ela ía a campo, ía ficar no acampamento, vê como vivem, como vão ao banheiro, como moram, ela participou disso, não tem como não se tocar, não tem como.

4: (...) Com os jovens eu me dou bem. Eu já cheguei a dar aula de História também para o Fundamental. Tinha uma dificuldade muito maior com o Fundamental, até porque estava dando História também, eu domino menos. Visível que um Historiador dá uma aula muito melhor do que eu, (risos). Não tenho dúvida disso. Mas tive que pegar porque era o que estava ali na escola, no Integral você tem que pegar, é o que tem pronto, não tinha Historiador, peguei. Mas foi prazeroso também dar aula de História. Sofri muito, estudei muito. Me descabelei, dá para você ver, (risos). Mas, assim, com o Ensino Médio tenho uma relação muito boa. Tem um ou outro aluno que já teve problemas, mas nunca nada grave, nunca nada de pegar e sair uma super ameaça, que não-sei-o-quê, isso daí não tem. Eu sou tranquilo. Eu tento ao máximo não usar o poder que emana por ser professor, porque eu sou a fonte de todo poder, sou quase um Deus por ser

professor. Eu brinco, mas tem gente que acha isso, (risos). Mas, eu gosto de fazer assembléia de classe para iniciar o ano e para, depois, no segundo semestre, volto com assembléia, para decidir como que eu faço, que eu quero dar aula. E para eu dar aula eu preciso de uma condição boa também na sala. Então em que ponto eu devo chamar a atenção e como, se eu devo mandar para fora ou não, como é, quando... sabe? E as salas variam muito. Tem sala que quer que você mande para fora na primeira chamada de atenção, então como é um estabelecido geral e você tem que cumprir, o que você faz? Como a sala também coopera bem, na verdade essa sala eu não mandei ninguém para fora, embora eu achava que eu ia, porque você fala, (risos). O que que você faz? Você chega ali, vai andando na sala e só dá um toquinho na pessoa, ela entende. E um dia eu deveria ter mandado, mas aí, assim, depois eu até falei para a sala “olha, eu lembro que a gente tinha...”, mas assim, era um aluno que naquele dia atrapalhou e eles falaram: “não, está certo, professor. O senhor relevou bem”, mas assim, eu tento seguir o que está em assembléia. Claro que isso daí para mim foi horrível porque uma vez eu acho, parece que eles não lembram o que é estar em uma sala de aula. Eu lembro. Eu gosto de conversar, às vezes um professor falou alguma coisa, eu quero falar com o outro, então por isso que eu achei que foi um tanto quanto terrível, eu tentei conduzir para outra coisa, mas era uma assembléia, a maioria ganhava. E ali, assim, tiveram as discussões, e rolou a democracia. Não gosto dela, prefiro o anarquismo, para ser honesto, mas eu tive que fazer a votação pelas discussões que estavam tendo ali. Então foi pela maioria, porque se não, também não chegaríamos... porque já vi que não ia andar. Mas, acho que por isso até, as relações são boas, eles vêm, contam as coisas. Principalmente no Integral, nós temos tutoria também, tem um alto número de tutorados que me enche a cabeça com um monte de coisa. Carol: (risos). Esses tutorados são quem? Outros professores? 4: Não, são alunos. Na verdade, no Integral todo professor é escolhido por alunos para ser o tutor dele, que vai desde a parte acadêmica até o pessoal. Claro que os meninos, eles estão muito mais preocupados com o pessoal. Então você embarca em conversas, você vai tentando mostrar caminhos, coisa que a gente não é formado para, mas a gente vai por conversa mesmo, como se fosse, daí vira como se fosse o amigo conversando. Tem que tomar muito cuidado porque não é nossa premissa, mas tenho um bom convívio com os tutorados, tenho um bom número de alunos lá que falaram: “ah, escolhi você como primeiro”. Mas também como não dá para ter muita gente, mas eu gosto muito da minha convivência com os alunos, principalmente, aí deixo bem claro, com os do Ensino Médio. Minha relação é outra. Não que eu me dê mal. Eu sou calmo na sala de aula, perco a cabeça raras vezes. Já perdi, mas usei um palavrão ano passado (risos). Usei. Mas consegui... é que também estou em escolas mais light, sei que teria que ser mais enérgico. Mas minha relação é ótima. Na minha visão pelo menos. Como é unilateral a pergunta. Na minha visão eu gosto muito. Dou muita dedicação para os alunos nesse ponto, aí eu tenho uma relação boa.

Todos os professores entrevistados disseram que tem uma relação de proximidade com os estudantes, eles escutam e respeitam a opinião dos alunos e

auxiliam esses quando precisam de algum conselho. São atentos a demanda que os jovens expressam e permitem que eles participem das aulas e das discussões propostas.

Segundo Krawczyk (2011, p. 756).

Os docentes do Ensino Médio, embora já não sejam idealizados pelos alunos assim como eram os professores do Ensino Fundamental, continuam representando uma referência muito importante quanto à motivação para os alunos (Santos Del Real, 2000). O sentido da escola para os estudantes está bastante vinculado à integração escolar do aluno e à sua identificação com os professores. É fácil pensar que a motivação seja conseguir trabalho, mas esse argumento é um tanto frágil diante da sombra do desemprego. Além disso, na situação atual, são muito reduzidas as possibilidades de ascensão e de mobilidade social pela escola.

Carol: Quais os impasses e os desafios que você vê para a consolidação do ensino de Sociologia no Brasil?

1: Eu acho que as salas de aula têm que ter menos alunos, porque elas são muito cheias. No meu último ano eu fui dar aula num terceiro colegial, que o terceiro colegial é um ano importantíssimo, é 60 alunos. Uma sala de aula que com 60 alunos nem o ventilador funcionava, como você vai trabalhar numa sala de aula com 60 alunos que não tem nem ventilador? Se vai dar prova, se vai aplicar um trabalho não cabe eles dentro da sala, a equipe gestora fala que não pode fazer nada. As escolas públicas ainda têm um perfil, do século XIX, o modelo de escola pública, ele não existe, não é que não existe, a palavra certa, ele está sucateado, ela está ultrapassado, não dá mais, como eu falei, a aula “GLS” não dá mais, o aluno ele está vivendo em outro mundo, a escola precisa avançar tecnologicamente falando, e, os professores precisam gostar do que eles fazem, porque não adianta nada eu não gostar do que eu faço, eu penso assim, aprender eu entendo que é um processo super difícil porque, qual o problema maior também, a culpa não é só do professor, quer dizer, coitado é o que menos tem culpa, de certa forma, a gente é obrigado a trabalhar com sala de aula muito cheias, o salário é muito pouco, eu estou falando de escola pública, o salário é muito baixo, a gente tem que trabalhar com muitas salas, ganha muito mal, a escola não tem estrutura para amparar tudo isso, a gente não tem tempo, a burocratização é muito grande, temos que lidar com um monte de papel, muita burocracia, para pouco trabalho, a gente é obrigado a cumprir metas, a escola é obrigada, a gente é obrigado, obrigado não, é obrigado, o aluno tem que ir bem no SARESP, mas ninguém fala para ele do ENEM, do que é uma universidade pública, entendeu? Ele não tem noção, eles tinham noção, porque eu falo sobre isso, das minhas experiências na universidade pública, também porque metade dos professores que trabalham numa escola estadual hoje não são da universidade pública, eles foram formados em universidades particulares, eles não têm essa convivência, não sabem que a universidade pública te dá acesso à uma bolsa, a comida, a moradia, quer dizer, eu também sou pobre e tive acesso à isso tudo, e eu fui saber disso quando um professor me falou, e fui atrás, eles não tem noção nenhuma disso, acham que eles vão sair dali, vão arrumar um emprego, e é isso, ou fazer uma particular quando tiver dinheiro, mas

é porque, estou falando de alunos de periferia, e, muitos são filhos de operários, na minha cidade a maioria são filhos de operários das fábricas de calçados, eles simplesmente reproduzem o mundo que eles vivem, e para eles, o importante é ter dinheiro para ter uma casa, para ter um carro, é importante o estudo, mas tem outras coisas que estão na frente disso, ali, para eles, largar tudo e ir estudar, eles passam necessidade financeira, eu entendo isso, é óbvio que hoje isso tem mudado, com as ações afirmativas, de certa forma, isso tem ampliado esse acesso, dessa população na universidade, eu tenho alunos hoje fazendo Medicina, tem um aluno agora tentando Gastronomia em Belo Horizonte, tem aluno que faz Medicina nas federais, saíram da escola pública, mas, eu estou falando de 10%?!. Muitos vão estudar depois quando eles conseguem ter uma estabilidade financeira, ter um emprego, eles vão estudar, ou fazer um curso noturno daquele jeito, para ter o diploma muitas vezes, mas voltando, você estava falando da escola? A escola falta ter gestores também, como eu falei antes, gestores que valorizem a educação, porque muitos gestores hoje, eles tão ali porque eles são indicações da Diretoria de Ensino, e, como a sala de aula está nessa situação que eu falei, cheia, difícil, muitos não querem a sala de aula, então eles vão lá fazem um curso à distância de Pedagogia, presta, tenta, tem amizades, também na Diretoria de Ensino, tem os efetivos sim, que passam no concurso, que são bons sim, mas tem a maioria, tudo cargo de confiança, então eles fazem, eles têm os seus “QI’s”, os seus amigos na Diretoria de Ensino e vão trabalhar como diretores na escola, só que eles não querem, não estão nem aí para os alunos, eles querem ganhar dinheiro.

2: Eu acho, principalmente dos próprios professores porque que também às vezes, “não vou utilizar esse material do Estado porque é muito ruim”, aí vai, dá o que vem na cabeça, eu acho que não é assim, o professor também tem que ter a dimensão de onde que ele quer chegar ensinando a Sociologia, que que ele quer proporcionar para os seus alunos ensinando a Sociologia, então acho que tem desafios sim, tem que ter mais formação para os professores de Sociologia, para saber como que é, não para saber, mas para abrir um pouco assim, sabe, até onde que a área pode chegar, qual que é o objetivo mesmo, permitir que o aluno tenha a sua autonomia de pensamento, é você levar o aluno a pensar com as suas próprias opiniões, eu falo para os meus alunos: “olha, aqui, eu não quero que vocês pensem do jeito que eu penso, eu vou dar as bases, para vocês formarem a opinião de vocês”, talvez alguns se percam um pouco nesse sentido, eu acho.  
Carol: Alguns alunos ou professores? 2: Professores.

3: Agora, na Ciência Política a gente fala do movimento pendular, o mundo ele se endireita ou ele se esquelidiza, de períodos em períodos, nós estamos na fase do mundo endireitar de novo, então nós temos, é na França a ultradireita para ganhar, nós temos aqui no Chile a direita governando, temos no Brasil a direita, desgovernando, temos na Argentina o Macri, nos Estados Unidos, então, nós estamos, o mundo hoje em dia endireitando, a luta vai ser a de sempre, a sociedade brasileira, a SBS, Sociedade Brasileira de Sociologia tem que se articular, tem que começar a fazer, é documento, tem que pleitear, lutar na justiça, tem que fazer Congresso, pegar assim, tem que ressurgir agora uma coisa que a gente tinha quando ela foi inserida, levantar os intelectuais de esquerda, esses caras precisam

começar a aparecer de novo, começar a escrever de novo, por exemplo, o seu papel, a sua dissertação é fundamental como um material de base para gente discutir o papel da Sociologia, o que ela está no Estado fazendo e articular, se unir e articular, debater e fazer fórum, fazer congressos e militar sobre isso e mostrar, é aí que eu digo, seria ideal mostrar o que o conceito, o conceitual faz e o que ele na prática oportuniza, mas agora vai ser uma luta muito séria, uma luta, a esquerda precisa se unir, fazer uma base, de novo, porque o PT infelizmente abandonou a política de base depois que assumiu o poder, isso foi um dos erros gravíssimos do PT, abandonou, então vai ser um processo lento, porque a direita ainda não se estabilizou, então quer dizer, vai tempo ainda, vai anos para a direita se estabilizar e depois começa o chamado contragolpe, para voltar isso, e a Sociologia e a Filosofia estão nesse barco, claro que um governo de direita não quer um cara pensando, para criticá-lo, não quer um cara criticando, ele quer uma massa de manobra.

4: Primeiro o governo, que não valoriza a gente. Foi imposto, porque a lei entrou, mas é claro que eles não queriam. O próprio FHC não queria. Então acho que o governo já é um impasse. A sociedade é um impasse para a educação, os pais hoje, na minha opinião, são um impasse para a educação. Não todos é claro, não podemos generalizar, mas a gente não tem o devido valor. Você faz um puta trabalho com o menino, você traz isso e aquilo, aí você faz o convite para os pais e não vai, por exemplo, para ver o que o próprio aluno fez. Eu acho que esse é um impasse, não para a Sociologia, mas para a educação. Mas aqueles pais que conseguem ver, você tem alguns, mas acho que a gente precisaria do aval maior da sociedade. A Sociologia sofreu, eu já tive uma relação de poder de um pai, uma vez porque ele não teve Sociologia na escola, então: “que matéria é essa? Esse professor não passa lição na lousa”, eu tinha passado uma folha só, que era a introdução, coloquei algumas coisinhas. Eu passo os tópicos na lousa, o filho que quer copiar, copia, coloca uma coisinha ou outra, mas quem não quer, se você entendeu a fala, eu vou passar, tem atividade da apostila, então tem outras coisas que vão me dar. Mas o pai falou: “onde já se viu? Esse professor aqui, o que que ele faz na sala de aula? Não faz nada”. Minha sorte é que a vice-diretora, que estava falando com ele, me defendeu. Depois ela falou assim: “eu vou chamá-lo também para você poder falar isso para ele, mas depois você conta para ele tudo que eu disse para você”. Eu fui, e ela tinha falado um monte de coisa defendendo também. Mas, assim, é um impasse social porque a Sociologia não teve para os pais, então eles não sabem para que serve. Está certo que eles não sabem para que serve um monte de coisa, mas como eles não tiveram, eles acabam menosprezando. Acredito que essa falta de uma tecnologia para as aulas de Sociologia também é um impasse para isso, mas eu vejo que a educação, mesmo estando no século XXI, e que deveria ser obrigação do Estado dar tudo isso, mas a educação ainda precisa do professor. Eu acho um porre, já fiz alguns cursos online, mas sinceramente aprendi muito menos. Não pego, e se for para aprender assim prefiro ser autodidata, para ser honesto. Ou se precisar de alguns pontos para ganhar mais, aí talvez eu faça. Mas, sabe assim, para falar “eu vou aprender”, não senti. Já fiz bastante, não senti. Me parece assim que, eu não vi nada, estou burro ainda sobre aquilo, sabe? Então o professor ainda é importante e eu acho que dá para a gente fazer muita coisa mesmo



com o gizinho. Embora seja uma crítica, em uma música que a banda nossa tem, mas, seria uma música que é só dar um giz para a gente, a crítica nossa, uma delas, é essa. Mas, ainda assim, acho que nosso maior impasse pode estar também em nós mesmos. Então eu assumi ser professor, tenho que assumir esse fardo, tenho que assumir essa benção. Cada um vai categorizar de um jeito. Eu não enquadraria como benção nem como fardo, mas eu assumi essa categoria de trabalho. Ela faz parte hoje da minha identidade, já acessou, você transpira educação e tudo mais. Muitas vezes você faz as coisas, você vê, está sendo dominado. Por mais que eu tenha estudado lá o ócio e que o capitalismo entra e tudo mais, ele entrou mesmo. Eu devo dizer que Ricardo Antunes estava certo, houve a captura da subjetividade pela educação sobre a minha pessoa, isso é um fato. Me vejo capturado mesmo pela educação, acho isso até ruim em certa parte. Os professores são capturados muitas vezes, mas se eu assumi esse papel de ser professor, acho que tenho que correr atrás também. Não necessariamente comprando projetor, como fiz, até porque acredito que a gente tem que brigar mais para que tenha nas escolas. Acho que até briguei pouco, mas fomos a única escola o ano passado, das integrais aqui em Piracicaba, que paralisou um dia para gente fazer uma manifestação, tentamos, depois no fim, o jornal acabou penalizando a gente porque fizeram toda uma matéria bonitinha para o governo. Mas fizemos isso, por exemplo, aqui em Piracicaba nenhuma outra Integral fechou um dia que seja, com toda aquela parafernália que aconteceu, que a gente não tem aumento, não tem nada. Mas a função mesmo, acho que, porque a estrutura é essa, quem mais tem que se dedicar agora, eu acredito que sejamos nós, com o que nós temos. Não vamos fazer revolução, não vamos fazer mudanças grandes e nem acho que é dentro do Estado que nós vamos fazer. O Estado não vai me dar estrutura, como diz alguém aí, não me lembro quem, seria muito ingênuo crer que o Estado vai dar as bases para, pode ser o Marx. Vamos fingir que foi, mas não foi necessariamente. Não me lembro exatamente quem disse, mas o Estado não vai ser ingênuo a ponto de me dar as armas para eu atirar nele. Não acho que essa estrutura para a revolução. A revolução se faz nas ruas, com ações fora dali. Ali você contribui muitas vezes para o aluno ser crítico e nem acho que seja ali o meu papel. Também não sou a favor de “Escola sem Partido”, acho ridículo. Mas não acho que é meu papel ali doutrinar. O livre pensamento tem que ser maior. Acho que se a gente quer desconstruir, não é construindo com outras verdades que agente vai, nas verdades absolutas de algumas teorias não se desconstrói, não se constrói apenas. Constrói outras formas de ver que fecham também. Acho que a estrutura precisa mudar muito, o governo precisaria mudar muita coisa, mas posso parecer o mais reacionário do mundo ao falar que acho que eu assumi esse cargo, eu quis ele para mim, posso escolher outras coisas no capitalismo, ele me dá essa possibilidade. Infelizmente eles estão certos nesse ponto, embora a estrutura seja terrível, embora tenha tudo isso daí, mas eu assumi. Quem tem que fazer a diferença também sou eu. Acho que muito mais está no professor de Sociologia do que na estrutura. Eu poderia ter a melhor das estruturas, se eu tiver um professor que não quer dar aula, a estrutura não muda, entendeu? Eu acho que esse é o ponto, é um compromisso nosso. Posso parecer extremamente reacionário, alguns iam querer dar um soco em mim. Mas, jogar a culpa no outro é muito fácil, é preciso assumir o nosso papel. Eu acho que daí... isso me dói

falar. Carol: É difícil. 4: Mas é o que eu vejo. Se eu tivesse deixado para a estrutura, eu já teria entrado nas salas de aula chegando: “olha, faz isso”, sabe? Então, eu acho que ou a gente sonha ainda em fazer a diferença, e tem quem fez, sem tecnologia, sem tudo. Claro, em um contexto diferente, aluno diferente, tudo isso diferente, mas ainda assim fizeram. Agora não dá para eu também falar que todos os nossos alunos da rede do estado de São Paulo sabem usar o celular, porque eu tenho alunos que não. Que todo aluno do estado de São Paulo sabe usar a internet, também tenho alunos que não, que eu tenho que ensinar a primeira vez. Eles não têm e-mail, não sabem criar um e-mail, não tem nem Facebook. Seria algo que vocêalaria: “nossa, mas todo mundo tem”. Não, nem todo mundo, então calma. Também alguns chavões que a gente repete têm que ser desconstruídos. Que basta eu por mais coisas. Não, não basta só isso. Isso é uma, é complexo. Faltaria isso. Desculpa eu falar demais.

Os professores entendem que a Sociologia ainda enfrenta desafios para se consolidar na educação básica. O professor nº 1 destacou a superlotação das salas de aula, a péssima infraestrutura das escolas públicas, a falta de comprometimento de alguns docentes e de algumas equipes gestoras com a escola pública e seus problemas. A professora nº 2 afirmou que alguns professores precisariam elaborar melhor seus conteúdos e suas aulas, evitando assim descaracterizar o objetivo que a Sociologia tem enquanto disciplina na escola.

Para o professor 3 a luta pela consolidação do ensino de Sociologia perpassa toda a sociedade brasileira. É necessário que os organismos de classe apoiem e auxiliem esse debate, além da esquerda e de trabalhos como essa dissertação que agregam referenciais importantes para ampliação do debate. O professor 4 enumera alguns problemas, entre eles o Estado, que não garante a estrutura adequada, que remunera mal os professores, os pais, que não valorizam a educação dos filhos, e no caso da disciplina de Sociologia, desconhecem seus conteúdos pois não tiveram durante os anos em que estudaram. Ele critica também os professores, pois acredita que falta uma luta coletiva para melhorar as condições da educação no país.

A pesquisadora Nora Krawczyk afirma que o Ensino Médio enfrenta:

Para além dos desafios da universalização do acesso e da igualdade de oportunidades educacionais, também permanecem desafios referentes aos conteúdos a serem ensinados, à formação e remuneração dos professores, às condições de infraestrutura e gestão escolar, aos investimentos públicos realizados, entre outros (KRAWCZYK, 2011, p. 756).

Carol: Como você avalia a reforma do Ensino Médio proposta pelo atual governo? E qual sua opinião sobre a diluição do conteúdo da disciplina de Sociologia dentro da área de Ciências Humanas?

Carol: E como é que você vê essa reforma do Ensino Médio, em cinco áreas de formação? 3: Olha, primeiro que ela não deveria ser no Ensino Médio, deveria ser no ensino de base, porque se você pega um aluno no quinto ano, no sexto ano que são os anos fundamentais, são finais, do primeiro ao quinto, são anos fundamentais iniciais, do sexto ao nono, fundamentais finais e depois os três do Médio, se você pega um aluno no quinto, no sexto ano, que ele já vem sem saber ler e escrever, no sexto ano você não tem professor alfabetizador, então quer dizer, o cara vai até o Ensino Médio sem saber ler e escrever direito, porque não tem ninguém que sente com ele, ou vão medicalizar, ou vão tratá-lo como deficiente intelectual, ou vão abandoná-lo, como a gente tem, alunos que mal escrevem, aí você percebe, se o aluno, se o ser humano é, nessa cultura organizada nossa, um indivíduo que tem que saber ler, calcular, escrever e se expressar, os alunos do Ensino Médio, hoje a grande maioria não domina essas quatro habilidades, não dominam, eles não sabem falar, são tímidos, então na aula de Artes teria que ter teatro para ele aprender a se soltar, Português tem, no Ensino Médio são cinco aulas, mas se ele já vem de um fundamental inicial pífio, chega lá sem saber escrever, ela não sabe, elas falam: “eu não sei alfabetizar”, e não dá mesmo, a reforma teria que ser no básico, agora, por que que vai no Ensino Médio? Exatamente porque ele quer tirar o que se faz pensar, quer tirar quem faz pensar. Carol: São as Ciências, a Sociologia, a Filosofia.3: É, são perseguidas desde sempre, você deve ter acompanhado, lido sobre a instrução nela. Carol: Desde de sempre, sim, é uma luta feroz. 3: Quando ela veio, foi tirada, depois voltou, depois o próprio Sociólogo Fernando Henrique tirou a Sociologia, a obrigatoriedade dela então é isso, vai ser, vai demorar, o que a gente tem que fazer agora é organizar material, é organizar instrumentos, que possamos pleitear a importância dela, mostrar a importância dela e isso, trabalhar também assim na base, professor com aluno, fazer um trabalho. Carol: Sim, para que ela seja discutida em casa, pensada também, o aluno leva essas questões. 3: Sim. Carol: Estamos precisando de força.

4: Olha, gosto da ideia de que o aluno escolha, mas acho ridículo que um governo que tem cortado gastos sociais, por exemplo, proponha algo em prol da população. Não tenho analisado a fundo a reforma do Ensino Médio, para ser honesto, eu não sou o que mais leu. Li uma coisinha ou outra, li algumas discussões, mas eu gosto da ideia de que o aluno escolha, gosto, porém a estrutura não me parece viável. Eu não sei que reforma estrutural eles vão fazer para isso. Que daí vai ser estranho. Que o aluno escolha, eu acho que ele deveria escolher mesmo. Quando o Alckmin, ele ia fazer isso e aí os professores negaram. Assim, você via que houve uma... porque foi uma possibilidade de eu poder pensar que eu ia sair de uma aula semanal, para o aluno que falava que gostava de Ciências Humanas poder assistir mais aulas minhas. Eu poderia dar quatro aulas para aquele aluno. E porque ele gosta, porque ele achava uma tortura entrar nas outras áreas. Que eu ouvi isso. Quando eu fiz uma pesquisa lá na especialização, quando eu fiz o meu TCC de lá, também os alunos colocaram, coloquei pergunta desse tipo, mas eles colocaram que eles gostariam de ter mais aulas de outras matérias, que pudessem escolher, por exemplo, então eu acho que vem com o anseio da população. Embora eles não tenham perguntado isso para a população.

Não é que eles foram buscar a população para isso. Mas eu acho que vem nessa linha. Só que eu acho que é visível a proposta diante da realidade, sabe? Diante do governo que está propondo, diante também do que nós temos enquanto estruturas. Carol: Estrutura física, professores... 4: Estrutura física principalmente. Professores, é claro, vai ser mais visível porque agora eles permitiram o notório saber, mas eu enquadro como sendo uma proposta que não vai surtir, provavelmente um efeito que nós, professores, esperaríamos para a educação, por exemplo. Uma mudança real para a educação. Embora isso, algumas coisas que eles colocam ali já acontecem, se eu não me engano, no Ceará. Se você puder dar uma pesquisada. Carol: Vou procurar. 4: Tem algumas escolas integrais lá, se eu não me engano, que eles fazem escolhas para curso técnico, tem alguma coisa nessa linha. Não é para toda rede, não é, a gente sabe que quando massifica tende a piorar nos estágios que nós estamos, de corte de verba e tudo mais. Mas lá, do que eu ouvi, se não me engano no Ceará, os alunos, segundo o que dizem, eles gostam. De algumas coisas que tem nessa proposta que acontece lá. Como, por exemplo, essa escolha. Mas, assim, não vejo com bons olhos, não porque não precise mudar, porque precisaria. Já falei dessa questão de escolha, daquilo que você quer. Eu acho interessante, só não sei como que eles vão fazer isso daí para suportar nas escolas e tudo mais. E a questão do Ensino Médio Integral, eu trabalho em uma Integral. Eu acho que o que mais dá certo no Ensino Integral é que o governo do estado de São Paulo, não é a qualidade do professor, até porque tem professor de nível parecido, mas não é esse ponto, não é a excelência acadêmica que o aluno vai ter necessariamente, acho que o que mais funciona no Ensino Integral é a tutoria, que seria a pedagogia da presença. Convívio professor-aluno, que gera uma aula melhor, que gera um aluno que te respeita mais. E eu não sei se isso é proposta, se o Governo Federal tem isso, essa proposta que eu acho que não precisaria ser só na Integral, em qualquer escola. Acho que a relação aluno-professor tem que ser gostosa, não pode ser burocrática, não pode ser distante. Também não precisa ser o amigão, mas não pode ser necessariamente o distante, nem necessariamente o mais amigo, cada um escolhe. Mas eu acho que o que mais funciona na proposta de Ensino Integral do estado de São Paulo é a Pedagogia da Presença. Porque o aluno te dá bom dia e você vai lá todo dia acolher ele, vai lá, bate papo, você fica no intervalo, nos horários de tutoria, conversa, você tem aqueles ali, tem que olhar para eles. É uma premissa para você se manter lá, esse olhar para o aluno. Eu acho que isso é interessante, essa relação melhora muito. Carol: É, o jovem precisa desse apoio... 4: Do acolhimento, sim. Do se sentir acolhido. Tanto é que um fato que já ouvi de muitos alunos: “a escola é o lugar onde eu fico em paz”. No Integral, não nas outras: “É na escola que eu sou respeitado”. E olha que ali tem um ou outro professor que não deveria, que a gente tenta, até porque ele vai cair fora se ele continuar assim, porque a premissa mesmo, a direção tem esse poder de tirar. Porque eles usam muito palavrão, e não deveria mesmo, até pela ideia. É um aluno, você está ali. Pelo menos eu acho que não deveria ser esse caminho. Deveríamos ter o diálogo como um caminho muito mais efetivo. Mas o aluno ali se sente melhor. Ele fala isso diretamente, para vários professores já ouviram isso. Eu dei aula de “Projeto de Vida” ano passado, vou dar esse ano de novo e, o que eu leio é a casa, se você quiser depois talvez cortar, não sei se interessa ou não, mas a casa é o inferno. Indo para o

maniqueísmo do bem e o mal e tudo mais. Que eu não gosto muito, mas vamos por assim. A casa é um inferno e a escola é o céu. Chega a ser o extremo ridículo a gente pensar que a escola é o céu, quando nós pensamos que em uma sociedade dessa que muitas vezes coloca a escola como sendo o inferno. O que eu não vejo nessa proposta, porque não teve ainda nada efetivo, falado de fato e tudo mais... Carol: Está difícil. 4: Por isso que é difícil de palpitar exatamente. Carol: Sim. 4: O que faria o aluno gostar de ficar em uma escola de Ensino Integral, talvez fosse o maior. Depois as matérias eletivas que eles escolhem, depois outras coisas. Eles escolhem diante do projeto de vida deles. Então tem algumas outras coisas, a gente tem que fazer aula diferente. Mas eu diria que, não adianta você chegar para um cara que não ganha mais, que não assinou um contrato para estar lá para ganhar mais, em uma estrutura viciada, como as de todos os estados que eu já ouvi falar. Não conheço todos do Brasil, mas todos, amigo que veio de tal lugar e falam. Nessas estruturas não adianta você chegar e falar assim: “se você não fizer, vou te dar advertência”, não vai, se o diretor gostar de você, você não vai ter isso, sabe? É pessoal o poder ali, então não vai rolar. Dentro dessas estruturas acho que não dá. Ao mesmo tempo, sem ganhar mais quem que vai para uma Escola de Ensino Integral para dar aula e vai se esforçar para fazer isso? Também tem esse ponto. Sou bem claro, fico 40 horas semanais lá porque eu ganho mais, porque gostar de dar aula, eu gosto de dar aula no outro cargo. Eu gostava de dar aula antes de estar no Integral, que eu fazia um monte de coisa antes de eu estar no Integral. Entendeu? Eu poderia, se fosse para ganhar o mesmo, mas passar 40 horas dentro do lugar, que vira uma empresa, que você tem que escrever um monte de coisa. Comprovar que você fez isso, comprovar que você fez aquilo. Carol: Burocracia gigantesca, então, pelo que você está dizendo. 4: É e não é. Você ganha mais, mas você paga mais. Com o seu tempo de trabalho, com seu trabalho. Você não entra, você fala assim: “ah, agora chegou dezembro, os alunos não vêm mais, eu estou tranquilo. No máximo eu tenho que fechar o “diarinho” aqui”, não, esse “máximo é fechar o diarinho” você tem que fazer programa de ação, organizar isso. Aí pega as fichas de tutoria, tem que entregar isso, aí tem que fazer, então, sabe? Aí você tem também o PIAF, que tem que fazer estudo próprio, tem que continuar estudando. Ou seja, é uma loucura. Não é algo, eu acho que, assim, se não rolar uma verba a mais, se não tiver algo que traga isso e tudo mais, vai ser piada. Carol: E das ruins, né? 4: E das ruins. Infelizmente, das ruins. E claro, a gente cai fora da obrigatoriedade. Carol: É, eu ia perguntar, a próxima questão era essa. Como é que você vê a Sociologia, assim, a ideia inicial. A gente também está meio perdido, mas assim, da Sociologia englobar as Ciências Humanas e não necessariamente ser uma disciplina. Você acha que é uma perda para a Sociologia? 4: Total. Primeiro porque quem dá aula de História é Historiador, no geral. Não é Sociólogo. Ele até conhece Marx, até ouviu falar do Durkheim, do Weber. Ouviu falar. Mas não vamos dizer que ele sabe. Do mesmo jeito que eu não sei falar bem a fundo do Hobsbawm, embora, para dar aula de História quando estava lá no nono ano, comprei box de livro do Hobsbawm, fui ler, mas aquilo lá era muito mais terrível. Muito mais fácil ler, embora eu li, o Hobsbawm, muito mais fácil você ler um textinho do livro didático, e buscar na internet. O Historiador é o Historiador, o Sociólogo é o Sociólogo, o Filósofo é o Filósofo e o Geógrafo é o Geógrafo. Achar que o outro vai dar conta,

não vai. Só se ele for muito bom, gostar muito de estudar, mas aí ele não tem mais vida. A vida familiar dele já era, o tempo que ele dedica para si fora da escola já era, aí talvez. Mas eu não vejo com bons olhos. Do mesmo jeito que eu já peguei Filosofia na ETEC e foi um terror. Adorava dar aquelas aulas, mas foi um terror também porque tinha que estudar, estudar e estudar. Tinha que procurar meus amigos Filósofos e perguntar: “meu, me fala isso. Isso daqui eu não estou entendendo”, eu lia o livro didático. O didático, não era didático para mim, entendeu? Assim, por quê? Porque os caras estavam ali na viagem como Filósofos. Estudou lá, ele sabe aquilo e eu não, então, você pegava, olhava e falava: “meu, não dá para eu explicar isso daqui”. Esse ponto, achar que vai entrar, e aí vão chegar e vão citar a Sociologia ali no meio, claro que a Sociologia está no meio da História, do mesmo jeito que a História está no meio da Sociologia, na Geografia. Mas não rola. Explicação de verdade eu já diria, que assim, é claro que, uma ou outra, um cara que gosta daquilo, o marxista vai chegar e falar do Marx, e vai pegar as aulas de Revolução Francesa em diante ali, ele vai começar a puxar daí para o Marx e ele vai começar a falar, só que você vê que é porque ele gosta do Marx, não porque ele está trabalhando Sociologia. Então eu diria que, assim, Sociólogo dá aula de Sociologia provavelmente melhor do que um Filósofo, do que um Historiador. E um Historiador dá aula de História provavelmente melhor, e por aí vai. Claro que vão ter uma ou outra exceção. Mas agora, colocar no meio da Geografia, em que momento eles vão por? Dá para por em vários, mas em qual que eles vão falar: “ó, isso daqui é Sociologia”? Então não creio que surta efeito.

O professor nº 3 analisou a atual conjuntura política brasileira e mundial e disse que o mundo está rumando para a direita novamente, e procura formar no aspecto educacional, massa de manobra e trabalhadores braçais, por isso retira as disciplinas que propõem uma reflexão da sociedade e de si mesmo, como a Sociologia e a Filosofia. Sobre a reforma do Ensino Médio, afirmou que ela deveria ser realizada nas séries iniciais da educação básica, pois muitos estudantes não assimilam os conhecimentos necessários para uma vida digna, como ler, escrever, calcular e se expressar.

O professor nº 4 gosta da ideia de que o aluno possa escolher sua formação, mas crítica a estrutura da escola pública atual e desconfia das reais intenções dessa proposta. Ele afirma que a diluição da Sociologia dentro do conteúdo das Ciências Humanas prejudica a disciplina, e que seus conhecimentos, quando discutidos por Filósofos, Geógrafos e Historiadores, pode ser superficial.

Percebe-se que os professores entrevistados buscam demonstrar a importância que o estudo da Sociologia tem para os estudantes e para o país. Os desafios enfrentados por eles perpassam, pelas suas perspectivas, desde a formação inadequada, péssimas condições de trabalho, baixos salários, salas superlotadas, até uma desvalorização da disciplina por boa parte da sociedade brasileira e de alguns colegas de outras áreas. Mas

eles encontraram no trabalho docente uma oportunidade de contribuir para uma melhor formação dos jovens brasileiros.

Além disso, é importante destacar como cada professor entrevistado enfrenta seus dilemas e desafios durante sua prática docente, compartilhando suas inquietações, problemas e inseguranças que perpassam desde a carreira docente, construída pelo governo do estado de São Paulo, além da estrutura física, material disponível para exercerem sua profissão da maneira mais adequada para seus alunos.

Os educadores da disciplina de Sociologia, ao problematizarem o mundo e a sociedade brasileira para os estudantes de 15 a 18 anos que compõem o Ensino Médio brasileiro, sem dúvidas, auxiliam esses a refletir sobre seus dilemas e conquistas. Seu papel na educação básica se torna decisivo na defesa das instituições públicas e dos direitos conquistados com sangue e suor dos oprimidos.

O estudo e a docência da disciplina de Sociologia possibilitam que os professores entrevistados agregem outros horizontes no debate, além do ambiente escolar. Ao conhecer o arcabouço teórico e metodológico das Ciências Sociais, constroem uma visão crítica sobre a realidade brasileira e conseqüentemente, sobre a realidade educacional. Os desafios enfrentados pelos professores entrevistados, são problemas que a maioria dos docentes das escolas públicas do país passam diariamente. Sala superlotadas, falta de estrutura para realizarem com dignidade seu trabalho, estrutura física precária, que desestimula a aprendizagem dos jovens brasileiros, estudantes das escolas públicas.

Mais do que um retrato da rede estadual do estado de São Paulo, as entrevistas permitem uma análise rica da legislação educacional brasileira, dos últimos anos, sem contar os instrumentos de avaliação que adentraram o ambiente escolar, gerando tensão e conflitos entre as disciplinas mais enraizadas, como Português e Matemática, e as mais novas do currículo, como Filosofia e Sociologia. Pois, pelo menos dois dos docentes entrevistados, relataram a cobrança em favorecer, durante suas aulas, as disciplinas tidas como mais nobres, mais importantes, já que são as que possuem maior carga horária e as cobradas nos exames de avaliações internas e externas realizadas por órgãos estaduais, nacionais e internacionais.

Sem dúvida, a relação entre a Sociologia e a Filosofia merece mais destaque do que foi possível abordar nesse trabalho, contudo, ressalta-se o relato dos docentes da estreita relação que possuem essas disciplinas na escola, além de terem conquistadas conjuntamente seu retorno à educação básica nacional, possuem dentro do rol das

Ciências Humanas, semelhantes que confundem os mais apressados, mas nitidamente, vem cumprindo um papel importante, de questionamento da realidade social e do papel do indivíduo na construção de uma sociedade mais plural e democrática.



#### **4 – CONCLUSÃO**

A Sociologia foi construída a partir das transformações do modo de vida tradicional para o mundo moderno. Os desafios e dilemas impostos pela nova organização da vida social demandou a necessidade da compreensão científica, através de inúmeras técnicas e metodologias. O olhar particular de cada cientista sobre os mais diversos fenômenos sociais, que estavam se consolidando a partir do século XV produziu análises únicas e complexas sobre o sistema capitalista e seu desenvolvimento. A Sociologia estava se formando e seus referenciais foram sendo elaborados em conjunto com as transformações que ocorriam.

Mais de dois séculos depois, a Sociologia ainda se depara com grandes desafios e dilemas. No Brasil, seu ensino sempre foi intermitente e questionado. Se no Ensino Superior a disciplina está presente em praticamente todos os cursos, na educação básica, ainda enfrenta resistência e desconfiança, mas seu ensino está sendo consolidado.

Percebemos que o ensino de Sociologia na educação básica sofreu inúmeros processos de ruptura e descontinuidades ao longo dos séculos no país. Diversos fatores sociais, econômicos, políticos e educacionais foram obstáculos para a consolidação do seu ensino na escola. Contudo, quando esteve presente, a Sociologia possibilitou e cumpriu um importante papel, ao questionar a sociedade capitalista, sua busca desenfrada pelo lucro, e também regimes políticos que não respeitavam os direitos do povo, suas reivindicações e lutas por melhores condições de vida.

No século XXI, o Brasil realizou importantes conquistas sociais, como o acesso e permanência das populações menos favorecidas, nas universidades, em postos de trabalho na área pública e privada, além de uma ampliação dos direitos às mulheres, à comunidade LGBT, aos idosos, às comunidades indígenas e quilombolas. Isso foi possível graças a luta de milhares de brasileiras e brasileiros por melhores condições de vida, através de diversos movimentos sociais, partidos políticos, associações de classe, entre outros segmentos importantes, que ampliaram o leque de reivindicações e pautas, que até então eram invisibilizadas pela dinâmica da sociedade brasileira.

A volta da Sociologia na escola a partir de 2008, permitiu que os estudantes brasileiros compreendessem essas transformações e aprendessem sobre as questões que estão desafiando a sociedade brasileira nesse novo milênio. A retirada da disciplina enfraquece o debate que vinha sendo realizado nas escolas em todo o país, além de empobrecer as discussões tão importantes levantadas pela Sociologia ao longo da sua história na sociedade brasileira. Seu retorno à escola nesse novo milênio, marcou um

importante momento político e educacional, pois está produzindo reflexões e debates fundamentais para a consolidação da democracia nacional, do papel das classes populares numa sociedade miscigenada, desigual e que vinha incluindo novos atores sociais no debate.

Os professores entrevistados mostraram a força e a potência dessa ciência na educação básica. Eles enfrentam inúmeros desafios nas escolas em que lecionam, faltam materiais, investimentos e valorização da carreira, mas durante suas aulas discutem os principais conceitos e métodos da Sociologia com criatividade e utilizam seus próprios materiais para lecionarem da maneira que consideram melhor para seus alunos. Valorizam a educação e seu papel dentro da escola, enfrentando o desrespeito e a indiferença inicial que atingiu parte dos docentes. Com relação à disciplina que escolheram lecionar, sabem que ainda falta muito para que a Sociologia seja de fato uma disciplina respeitada pelos pais, demais educadores e políticos nesse país.

Pelo olhar dos docentes os estudantes, por outro lado, parecem valorizar a Sociologia, compreendem seus dilemas e seus questionamentos. Enfrentam em conjunto com seus professores, seus principais temas e adentram nas diferentes interpretações que essa ciência moderna produziu e vem produzindo.

Há que se destacar ainda que a Sociologia no Ensino Médio no Brasil foi marcada por uma história de muitos percalços, avanços e retrocessos. Sua história é marcada por um pêndulo entre a obrigatoriedade, a facultatividade e completa ausência da disciplina em certos momentos históricos. Isso também contribuiu para uma ausência dessas discussões e debates nos Programas de Pós-Graduação no país distanciando a discussão dos Programas de Ciências Sociais e/ou Sociologia e induzindo as discussões sobre o ensino de Sociologia a outros Programas.

Outro problema que de certa forma aparece na fala dos docentes em relação à própria formação está relacionada a uma questão muito conflituosa que se instaurou entre Bacharelado e Licenciatura, essa fratura não é uma questão isolada da Sociologia, ela está presente em várias, se não em todas as Licenciaturas. No caso específico da Sociologia isso também causou o deslocamento da Sociologia da Educação, por exemplo, para os Programas ligados à Educação e não às Ciências Sociais, bem como as questões relacionadas ao ensino de Sociologia.

Deste modo, os desafios que se apresentam para a área da Sociologia são inúmeros: o currículo da disciplina; os materiais didáticos; poucas aulas no Ensino Médio; péssimas condições de trabalho dos docentes que se soma ao fato de terem que

percorrer várias escolas pelo fato da disciplina ter poucas horas aula; a falta de uma discussão e a resolução de um conflito entre Bacharelado e Licenciatura; a necessidade premente de consolidar nos Programas de Pós-Graduação em Ciências Sociais/Sociologia uma área de pesquisa que se dedique ao ensino de Sociologia. Mas aos poucos e com muitas dificuldades isso está sendo realizado por alguns Programas.

Em tempos de discussão inconstitucional de “Escola sem partido” é preciso reafirmar a legitimidade da Sociologia no Ensino Médio e sua relevância para a compreensão dos fenômenos sociais bem como para a leitura crítica da realidade social, política, cultural e econômica da contemporaneidade.

A Sociologia na educação básica deve reafirmar sua legitimidade por permitir que os jovens reflitam sobre a sua realidade social, política, econômica, cultural utilizando métodos e técnicas científicas bem como seus principais parâmetros para a compreensão e transformação do mundo.

Enquanto ciência, a Sociologia continua sua caminhada. Com novos métodos, diferentes atores sociais e inúmeros desafios procura discutir e refletir sobre os problemas da sociedade. No Ensino Médio, seus caminhos perpassam a formação da juventude brasileira, seus dilemas e sonhos.

## 5 – REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADORNO, S. **O social e a sociologia numa era de incertezas.** Revista Plural:

Sociologia, USP, São Paulo, 4: 1-27, 1º sem. 1997.

AZEVEDO, F. **Princípios de Sociologia:** pequena introdução ao estudo de Sociologia geral. São Paulo: Duas Cidades, 1951. 346 p.

BRASIL. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 23/12/1996. Seção I, p. 27833-27841.

\_\_\_\_\_ Lei nº 11.684, de 02 de junho de 2008. Altera o art. 36 da Lei 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir a Filosofia e a Sociologia como disciplinas obrigatórias nos currículos do Ensino Médio. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 03/06/2008. p. 1.

\_\_\_\_\_ Ministério da Educação. **Conhecimentos de Sociologia. Orientações curriculares para o Ensino Médio:** Ciências Humanas e suas tecnologias. Brasília: Secretaria da Educação Básica, 2006.

\_\_\_\_\_ Conhecimentos de Sociologia. **Orientações Educacionais Complementares aos Parâmetros Curriculares Nacionais:** Ciências Humanas e suas tecnologias. Brasília: Secretaria da Educação Básica, 2002.

\_\_\_\_\_ Conhecimentos de Sociologia, Antropologia e Ciência Política. **Parâmetros curriculares nacionais:** Ensino Médio. Brasília: Secretaria de Educação Básica, 1998.

\_\_\_\_\_ **Resolução CEB n. 3, de 26 de junho de 1998.** Institui as Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Médio. Brasília: Câmara de Educação Básica/Ministério da Educação, 1994.

CÂNDIDO, A. **A sociologia no Brasil**. Tempo Social, revista de sociologia da USP, v. 18, n. 1. 2006. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ts/v18n1/30018.pdf>>. Acesso em 3 de fevereiro de 2017.

\_\_\_\_\_ **O papel do estudo sociológico da escola na sociologia educacional**. In: I Congresso Brasileiro de Sociologia, 1954, São Paulo. Anais... São Paulo, 1954, p. 117-130. Disponível em:

<[file:///C:/Users/Familia%20W&D/Downloads/sbs1954\\_10Comunica%C3%A7%C3%A3o6.pdf](file:///C:/Users/Familia%20W&D/Downloads/sbs1954_10Comunica%C3%A7%C3%A3o6.pdf)>. Acesso em 10 de novembro de 2016.

CORTI, A. P. **À deriva**. Um estudo sobre a expansão do Ensino Médio no estado de São Paulo (1991-2003). São Paulo: USP, 2015. 300 f. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação. Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015.

FERNANDES, F. **A Sociologia no Brasil**: contribuição para o estudo de sua formação e desenvolvimento. Petrópolis: Vozes, 1976. 272 p. (Coleção Sociologia Brasileira, 7).

\_\_\_\_\_ **O ensino da sociologia na escola secundária brasileira**. In: I Congresso Brasileiro de Sociologia, 1954, São Paulo. Anais... São Paulo, 1954, p. 89-106. Disponível em: <[file:///C:/Users/Familia%20W&D/Downloads/sbs1954\\_08-Comunica%C3%A7%C3%A3o4.pdf](file:///C:/Users/Familia%20W&D/Downloads/sbs1954_08-Comunica%C3%A7%C3%A3o4.pdf)>. Acesso em 10 de novembro de 2016.

HAWTHORN, G. **Iluminismo e Desespero**: uma história da Sociologia. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982. 287 p. (Coleção Pensamento crítico, v. 47).

IANNI, O. **A Sociologia e o mundo moderno**. Tempo Social; Rev. Sociol. USP, São Paulo, 1(1): 7-27, 1. sem. 1989.

JINKINGS, N. **A Sociologia no Ensino Médio**: experiências em Santa Catarina. In: XII Congresso Brasileiro de Sociologia, 2005, Belo Horizonte. Anais... Belo Horizonte, 2005, p. 1-26. Disponível em:

<file:///C:/Users/Familia%20W&D/Downloads/sbs2005\_gt06\_nise\_jinkings.pdf>.

Acesso em 10 de novembro de 2016.

**KRAWCZYK, N. Reflexões sobre alguns desafios do Ensino Médio no Brasil hoje.**

Cadernos de pesquisa. V. 41. N. 144. Set./Dez. 2011. Disponível em:

<<http://www.scielo.br/pdf/cp/v41n144/v41n144a06.pdf>>. Acesso em 12 de fevereiro de 2017.

**LIEDKE FILHO, E. A Sociologia no Brasil: história, teorias e desafios.** Sociologias, Porto Alegre, ano 7, nº 14, p. 376-437, jul/dez. 2005.

**LUDKE, M; ANDRÉ, M. E. D. A. Pesquisa em Educação: abordagens qualitativas.** São Paulo Editora Pedagógica e Universitária Ltda, 1996. 99p. (Temas básicos de educação e ensino).

**MEUCCI, S. Os primeiros manuais didáticos de Sociologia no Brasil.** Estudos de Sociologia. Araraquara/SP, v. 6, n. 10. 2001. Disponível em:

<<http://seer.fclar.unesp.br/estudos/article/view/184>>. Acesso em 05 de fevereiro de 2017.

**MILLS, C. W. A Imaginação Sociológica.** 6ª ed. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1982. 246 p.

**MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO: Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional.**

Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/arquivos/pdf/ldb.pdf>>. Acesso em 10 de novembro de 2016.

**MORAES, A. Ensino de Sociologia: Periodização e campanha pela obrigatoriedade.** Cad. Cedes. Campinas/SP. Vol. 31, n. 85, p. 359-382, Set./Dez. 2011.

**OLIVEIRA, A. Ensino de Sociologia, Estado Nacional e Reflexividade: a formação de um campo.** In: XV Congresso Brasileiro de Sociologia, 2011, Curitiba. Anais... Curitiba, 2011, p. 1-18. Disponível em:

<file:///C:/Users/Familia%20W&D/Downloads/sbs2011\_GT09\_Amurabi\_Oliveira.pdf>

Acesso em 10 de novembro de 2016.

QUINTANEIRO, T; BARBOSA, M. L. O; OLIVEIRA, M. G. **Um toque de clássicos:**

Marx, Durkheim e Weber. – 2. ed. rev. amp. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002.

SANFELICE, J. L. **A Política Educacional do Estado de São Paulo:**

**Apontamentos.** Nuances: estudos sobre Educação. Ano XVII. Vol. 17, n.18, p. 146-159,

Jan./Dez. 2010.

SÃO PAULO. **Proposta curricular para o ensino de Sociologia de 2º grau.**

Secretaria de Educação do Estado de São Paulo/CENP, 1992.

\_\_\_\_\_ **Proposta de conteúdo programático para a disciplina de Sociologia de 2º grau.** Secretaria de Educação do Estado de São Paulo/ CENP, 1986.

SARANDY, F. **O ensino de sociologia na escola média brasileira:** as lutas políticas

em torno de sua obrigatoriedade e as apropriações simbólicas da disciplina. In: XV

Congresso Brasileiro de Sociologia, 2011, Curitiba. Anais... Curitiba, 2011, p. 1-24.

Disponível em:

<file:///C:/Users/Familia%20W&D/Downloads/sbs2011\_GT09\_Flavio\_Sarandy.pdf>.

Acesso em 10 de novembro de 2016.

SCHIJNEMAEKERS, S. C; PIMENTA, M. M. **Sociologia no Ensino Médio:**

escrevendo cadernos para o projeto *São Paulo Faz Escola*. Cad. Cedes, Campinas, vol.

31, n. 85, p. 405-423, set/dez. 2011.

SILVA, I. F. **A Sociologia no Ensino Médio:** os desafios institucionais e

epistemológicos para a consolidação da disciplina. Cronos, v.8, n. 2, p. 403-427, jul/dez.

2007.

SILVA, J. A. **Sociologia no Ensino Médio no estado de São Paulo:** entre o proposto e

o apropriado. In: XV Congresso Brasileiro de Sociologia, 2011, Curitiba. Anais...

Curitiba, 2011, p. 1-19. Disponível em:

<file:///C:/Users/Familia%20W&D/Downloads/sbs2011\_GT09\_Josefa\_A\_Silva.pdf>.

Acesso em 10 de novembro de 2016.

**SOUZA, A. N. A Racionalidade Econômica na Política Educacional em São Paulo.**

Pro-Posições, vol. 13, n. 1 (37). Jan./Abr. 2002.

**SOUZA, D. C. C. O ensino de Sociologia e a Pedagogia Histórico-Crítica:** uma

análise dos fundamentos teórico-metodológicos das propostas atuais. Revista

HISTEDBR On-line, Campinas, nº 51, p. 122-138, jun. 2013.

**TAKAGI, C. T. T. Propostas Curriculares Oficiais do estado de São Paulo.**

Perspectiva Sociológica, Rio de Janeiro, nº 2, 2009.

**VASCONCELOS, J. S. A Escola, o Autoritarismo e a Emancipação.** A Ideologia do

movimento Escola Sem Partido: 20 autores desmontam o discurso. Ação Educativa

Assessoria, Pesquisa e Informação (Org.). — São Paulo: Ação Educativa, 2016.

**ZANARDI, G. S. A Re-Introdução da Sociologia nas Escolas Públicas:** caminhos e

ciladas para o trabalho docente. Araraquara: UNESP, 2009. 136 f. Dissertação

(Mestrado em Educação Escolar) – Programa de Pós-Graduação em Educação Escolar,

Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Júlio de Mesquita Filho, Araraquara,

2009.



**ANEXO I – TRANSCRIÇÃO ENTREVISTA Nº 1:**

Carol: Qual sua área de formação? Como é que foi essa construção, a sua vida acadêmica? 1: Como que foi? Em que sentido? Carol: Como é que você enxerga a sua formação em termos teóricos, práticos, políticos e estéticos? 1: Eu sou formado em Ciências Sociais, pela Unesp de Araraquara, eu tive uma formação marxista, os meus professores eram bem marxistas e, eu acredito, que a minha formação foi muito boa. A gente tinha uma discussão política muito forte na universidade, eu participei do movimento estudantil na época, fiz parte do centro acadêmico, não dentro do DCE (Diretório Central dos Estudantes), porque na época a gente conseguiu, na Unesp para ter a primeira subseção do DCE no interior, então a gente tinha uma salinha, onde a gente tinha acesso a telefone, a gente podia ter acesso a outros meios e possibilitar uma melhor qualidade de trabalho para os estudantes, então isso era muito interessante, muito importante. Que mais? Carol: Você é formado? Você é Licenciado e Bacharel? 1: Eu sou Bacharel e Licenciado. O curso de Licenciatura, as matérias de Licenciatura até hoje eu acho que foram muito poucas. Bacharel eu tive que fazer várias matérias e para Licenciatura foram quatro obrigatórias e eu acredito que ainda há uma deficiência muito grande desse processo de disciplinas, quer dizer, eu não sei como está hoje. Mas na minha época, eu acho que faltava muito ainda, quer dizer, eu fui aprender dar aula, dando. É óbvio que assim, dar aula, eu acho que a pessoa tem que gostar. Primeiro isso. Se ela não gostar, não adianta, porque não vai fluir, tem que ter tesão, no negócio, porque se não, não vai fluir. Mas a gente não aprende isso, é óbvio que a gente não aprende a dar aula, a gente, aprende dando. Praticando, no dia a dia, a gente vai vendo uma coisa aqui, outra ali, vendo o que é bom, e o que não é, adaptando. Cada sala é de um jeito, cada sala compreende seu trabalho de uma forma, uns aceitam umas coisas, outros não, mas, eu achei que as matérias pedagógicas foram muito poucas, era uma discussão bem por cima. O que eu aprendi fazer foi um programa de ensino. Em Psicologia da Educação, eu aprendi um pouco a pensar a questão da adolescência, como nas Ciências Sociais a gente acaba dando aula para o Ensino Médio, de certa forma, Ensino Fundamental II e Médio, mais Médio. Na Psicologia eu aprendi um pouco a entender essa realidade do aluno do Ensino Médio, mas foi muito pouco, eu achei que foi bem deficiente, achei que precisava mais, não tinha optativa muito na área. Carol: Na área de ensino? 1: Na área de ensino. Carol: Em que ano que você fez a graduação? 1: 99 a 2003. Carol: Para gente contextualizar. E, com relação à graduação, como é que você desenvolveu o tema do seu TCC (Trabalho de Conclusão de Curso), já que você

também é Bacharel?1: No segundo ano, eu fiz uma matéria de História, e, a gente tinha história I, II e III. Eu acho que hoje mudou, mas a gente tinha História I, II e III, e na matéria de História, ela pediu para gente fazer um trabalho final, para gente escolher um contexto histórico e pagar alguma referência, algo que a gente se interessava naquela época. E eu fui fazer esse trabalho, sobre prostituição na França na Idade Média. Fui ler sobre prostituição, e comecei estudar sobre prostituição, ler sobre isso. E eu me interessei sobre prostituição, e me interessei sobre o assunto, e comecei, na época não tinha uma discussão de gênero muito forte ainda. E eu comecei a me interessar sobre a questão de gênero, aí começou a aparecer essa discussão, bem por cima, e eu fui para Antropologia, isso era na História? Eu fui para a Antropologia, tentei fazer uma iniciação científica, com uma professora de Antropologia, só que aconteceu que ela mudou, de uma hora para outra, ela passou num concurso e foi embora. Eu fiquei meio que perdido, na minha época, eu acredito que, a área de Antropologia na Unesp, era bem deficiente, eu fui ver isso depois, tinham professores bons, mas a universidade estava passando por esse processo de sucateamento, então, muitos professores se afastavam, e tinha professores, que não eram contratados e tinha matérias, que os professores davam um semestre, às vezes eles saíam no meio, era uma área, a Antropologia não era muito forte no meu Campus, era mais voltado para, e como eu, fui para área, mais de Antropologia Urbana, era mais voltado para a Antropologia Rural, para Sociologia Rural, então, eu senti depois, para frente uma deficiência muito grande, na área de Antropologia, e acabou que, eu fui estudando gênero, e na hora de fazer meu TCC, só tinha um professor, que mais ou menos, ia para área da discussão de Antropologia, que era mais da área de Antropologia Urbana, e foi ele que me orientou, eu fui estudar, só que foi um estudo mais teórico mesmo, porque tipo, não tive como fazer campo, foi muito rápido, eu fui estudar os mixes, os garotos de programa, que faziam programa no centro de Araraquara, me interessei por essa questão, e da prostituição, porque foi para estudar a prostituição, e da prostituição, eu fui pensando outras coisas, como eu estava na Antropologia, eu gostava mais de Antropologia, eu fui pegar algo que era mais da cidade, era uma questão que estava na cidade, e que existia ali dentro, e como eu gostava, eu me interessei pelo assunto, das questões sobre prostituição, e fui pegar os homens, além de eu ser homossexual também, tem uma relação às vezes, com estudos da homossexualidade, isso acabou interferindo nesse processo todo. Carol: Depois da graduação, você, continuou os estudos? Como é que foi, você foi buscar novas referências? 1: Depois da graduação, o que aconteceu, o meu orientador, ele foi, como

eu falei desse processo, de sucateamento da universidade, o meu orientador, ele passou no concurso e foi para USP, ai o final da minha graduação, no processo todo de término, ele já estava na USP, então ele me orientava, por e-mail, foi uma coisa bem assim, e o que aconteceu, eu e uma amiga, a gente queria fazer Mestrado, e eu fui, segui meu orientador, eu fui para USP, fazer uma disciplina como aluno especial, eu tinha me formado já, fiquei um semestre na USP, fiquei morando com um amigo no Crusp (Conjunto Residencial da Universidade de São Paulo), na moradia da USP, só que aconteceu o seguinte, chegou lá, como meu orientador, ele estudava Antropologia Urbana, mas ele não tinha um viés maior, ou estudos maiores, focados assim, na questão de gênero, ele me mandou para outro professor, ele me indicou para outro professor, só que comecei a ser orientado por esse outro professor, só que a USP, primeiro eu senti aquela questão que eu falei antes, uma deficiência muito grande dentro da área de Antropologia, porque eu tive que ler, vários teóricos da Antropologia que são clássicos, que eu não conhecia, porque era muito defasada a área da Antropologia em Araraquara, fui ler umas coisas que eu não conhecia, e que eram clássicas, e eu tive que dar uma ralada, para tentar entender um pouquinho, e o problema foi que, eu fiz uma disciplina na Antropologia Urbana, só que discutia questões de Antropologia Urbana, era uma disciplina que falava um pouco de uma relação da Antropologia com a Arquitetura, então a gente discutia um pouco a formação de São Paulo, era bem focado para as regiões de São Paulo. Era uma discussão, que de certa forma, me ampararam, teoricamente, mas não era o meu foco. Eu fui porque meu orientador estava dando essa disciplina, foi tipo uma forma de entrar na USP, só que eu percebi que por eu ser de uma outra universidade, eu sofria, era meio que rejeitado, por não fazer parte naquele meio, e, tinha essa outra questão, da minha defasagem dos estudos dentro da área de Antropologia, e, por exemplo, os orientandos do meu orientador eles estudavam lá, já tinham todo um contato com a universidade, era outra relação que eles tinham, eu fiquei meio, que desgarrado, meio perdido, o que aconteceu, é, consegui, esse professor me orientou, fiz o projeto de Mestrado, só que, o que aconteceu, a seleção lá do Mestrado é diferente de outros, cada lugar é de um jeito, a primeira avaliação, é de proficiência, e na época, eu não manjava muito de inglês, e eu fiz, eu mandei a papelada toda, e na primeira prova, só que, a prova de proficiência era, eu fiz em inglês, que eu não sabia outra língua, sabia male, má o inglês, eu já tinha feito, dois anos, na minha adolescência, e era eliminatória, ai eu não passei. Já, naquela época a minha possibilidade tinha acabado, como eu tava lá, recém formado, sem grana, morando de

favor, não vi possibilidade de ficar ali, ou, arrumava um emprego, e para me dedicar aos meus estudos ia ser muito difícil, porque eu aí ter que arrumar um emprego, em São Paulo, naquela época, ia ter que arrumar um emprego, para trabalhar o dia inteiro, eu não ia conseguir e eu não tinha contato com outras pessoas, eu tinha contato com pessoas dentro da universidade, mas não tinha contato com gente, quer dizer, eu acho que, eu era bem jovem ainda, eu não tinha, um olhar assim, de falar, eu podia arrumar um emprego em bar, um bico à noite, e tal, eu falei quer saber, eu vou voltar para minha cidade, porque tinha a casa da minha mãe, e de certa forma, eu tinha ali, algum amparo, eu não ia ficar desprotegido. Eu voltei, aí na mesma época, porque a seleção da USP foi em julho, se não me falhe a memória, no mesmo ano teve uma seleção da Unicamp, eu mandei meu projeto para Unicamp, eu refiz um pouco o projeto, mandei e para Unicamp, foi aprovado. Carol: E qual que era o foco do projeto? 1: Era na questão dentro da Antropologia mesmo, eu ia estudar, é garotos de programa ainda, só que eu ia estudar os garotos de programas que trabalhavam em saunas em São Paulo, eu ia fazer uma comparação, um estudo antropológico, comparativo, entre as saunas mais elitizadas e as saunas mais populares. Eu queria, entender, o perfil desses mixes, de classe alta, média e de classe mais baixa, um estudo comparativo, como era as diferenças entre esses garotos de programa, era uma coisa meio inicial assim, eu não sei se ia mudar, mas é isso. O que aconteceu. Eu mandei para Unicamp, meu projeto foi aceito, e a prova lá era diferente, o processo todo, meu projeto foi aceito, não, primeiro eu fiz a prova, só que aí eu me deparei, com esse mesmo problema, a Antropologia Clássica, que eu não tinha estudado e muitos teóricos da Antropologia Contemporânea, porque a prova da Unicamp, caiu sete livros. Aquelas coisas, tipo Lévi-Strauss, “Tristes Trópicos”, (risos), entendeu? Eu tinha lido um capítulo na graduação, caiu o livro inteiro, é Eduardo Viveiros de Castro, Antropologia Indígena, que eu tinha visto muito pouco, e o que aconteceu, por ironia do destino, na prova caíram três questões, eu não conseguia, eu estava em Franca, e eu não consegui ter acesso a todos os livros, eu li cinco livros, eram sete, aí por ironia do destino, na minha prova caíram três questões, duas questões eram dos dois livros que eu não tinha lido (risos), mas aí eu fiz a prova, escrevi tudo o que eu sabia, e fui para a entrevista, aconteceu que na entrevista, tinha um professor americano, na banca, e ele me perguntou em inglês, e eu não manjava de inglês, que já tinha me fodido antes, na outra prova, da USP, porque eu não sabia inglês, e foi que não deu certo, porque eu não sabia inglês e acabou que eu não fui aprovado. Voltei para minha cidade, eu fui trabalhar, eu falei, não é essa a minha brisa agora, vou dar um

tempo, comecei trabalhando, como eu voltei, estava no meio do ano, eu não conseguia aula, eu voltei, conheci uma mulher, dona de um café perto da minha casa, que era amiga de uma amiga, fui trabalhar nesse café, desse café, conheci o dono de um outro bar, que era um bar meio universitário, perto da Unesp de Franca, eu fui trabalhar nesse bar, aí no outro ano, eu começar a dar aula como eventual, na escola que minha mãe tinha trabalhado, porque era perto da minha casa, minha mãe trabalhou lá, então tinha contato com a direção, isso facilitou um pouco. Carol: Sua mãe era professora do quê? 1: Minha mãe é professora, minha mãe é pedagoga, PEB I (Professor da Educação Básica I – atua nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental), e ela deu aula naquela escola, aposentou naquela escola, e eu fui dar aula, comecei como eventual, e trabalhava no bar, nos dias que eu não dava aula, porque, pegava pouca aula, eu era eventual, e foi assim. Carol: Quando você começou a dar aula, você procurou outros cursos para fazer? Foi incentivado pelo Estado a começar um curso, alguma coisa? 1: No começo não, porque eu fiquei como eventual, mais ou menos uns dois anos, e eventual você não tem possibilidade de nada, você é o lixo, a escória, simplesmente está lá para tapar um buraco, você não tem incentivo nenhum, eles te ligam cinco minutos antes, e falam: “7h vai começar a aula, tal hora você tem aula, em, tal, tal, tal sala, é isso, isso e isso que você vai dar de aula”. Você não sabe nem o que você vai trabalhar, que sala você vai. Você não tem incentivo nenhum, depois, que eu já estava dando aula, uns quatro anos depois, o que aconteceu, começou as Escolas de Tempo Integral, e tinha uma disciplina que chamava “Empreendedorismo Social”, porque eles queriam Sociólogos para dar essa disciplina, foi o que me possibilitou pegar aulas mais fáceis. Carol: Isso era na Rede Estadual ou Municipal? 1: Na Estadual e eu fui trabalhar essa disciplina em uma cidadezinha do lado da minha cidade. Fiquei 3 anos nessa escola, porque era um cargo de perfil, que eles chamavam, a diretora gostou do meu trabalho, e ela me contratou para os outros anos. Carol: Qual cidade? 1: Chama São José da Bela Vista, uma cidadezinha bem pequenininha e rural, era uma escola bem rural, bem pauperizada, e, nessa Escola de Tempo Integral, como foi o começo, tinha um incentivo muito grande do Estado para capacitação dos professores, até que depois essa Escola de Tempo Integral acabou e agora que voltou. Como tinha incentivo, os professores tinham muita capacitação, vários cursos, mas dentro da disciplina que cada um trabalhava, mas, no caso, eu percebia que a minha disciplina, como era muito nova, nem eu sabia o que era Empreendedorismo Social na época, e às vezes, até as capacitações pareciam que eram, meio que jogadas, nem os professores “capacitadores” sabiam o que estavam fazendo

ali, (risos). Entendeu? Carol: E essa disciplina, você tinha contrato de trabalho anual? 1: Isso. Carol: E foi renovado ao longo dos três anos? 1: Porque era um perfil. Você mandava um projeto e a direção aprovava o seu projeto, quando eu comecei não era para perfil, era porque tinha aquela disciplina, e eu era formado naquela área, eles exigiam, dentro dos critérios, primeiro os Sociólogos, os Cientistas Sociais, depois os Historiadores, os Geógrafos. Eu consegui por causa disso, depois foi o perfil, a diretora gostou do meu trabalho e eu continuei, eu só saí porque, como era uma cidade longe, não era longe, mas eu tinha que pegar rodovia, e era bem difícil, eu dava aula, para o Ensino Fundamental, e, particularmente, eu não tenho perfil para Ensino Fundamental. Carol: Fundamental I ou II? 1: II. Eu não tenho perfil para 5ª série, e era 5ª série, era muito difícil, era à tarde, dar aula à tarde, era extremamente difícil, é muito quente, é uma cidade muito quente, e as salas eram muito cheias, e na Escola de Tempo Integral, as aulas que eram, que eles chamavam de oficina, você não podia usar, você tinha que usar materiais alternativos, eles pregavam que você não podia usar lousa, tinha que ficar fazendo oficina todo dia, tipo música, e não sei o que, e tinha que ficar inventando coisas e como eu falei antes, isso eu não aprendi nada na universidade, fui aprendendo com outros professores que, você vai aprendendo com os colegas também que ajudam bastante, eu tive a sorte de ter amigos e tal. Por a minha mãe ser professora também, eu tinha contato com escola desde pequeno, então isso facilitou um pouco, eu acho que facilitou a minha vida de certa forma, porque é interessante que parecia, eu não saberia viver em outro universo que não fosse o universo da escola. Meio que uma coisa, sempre vivi dentro de uma escola, cresci dentro de uma escola, a escola sempre foi um lugar que eu tinha mais contato, familiaridade. Carol: E essa formação que você deu, durou de que ano a que ano? Para gente situar mais ou menos. 1: Vamos pôr de 2008 a 2009, não, 2007 a 2009, mais ou menos isso. Carol: E como é que você começou, voltou a dar aula para o Estado, na disciplina de Sociologia? Como é que você saiu desse projeto e como é que foi essa passagem para o professor que você é hoje? Teve algum momento que você ficou fora da escola em algum período? 1: Não. Se não me falha a memória, foi quando o Lula aprovou a volta do ensino de Sociologia. Porque Filosofia voltou antes, até se não me falha a memória, eu voltei para a escola, pegando Filosofia, eu peguei Filosofia primeiro, porque como eu te falei, gostava daquele lugar, só que era muito difícil o acesso, era muito trampo e muito cansativo, e eu dava aula só para o Ensino Fundamental, e não gostava, não é meu perfil, não tenho paciência com crianças pequenas, e eu consegui aulas de Filosofia na minha cidade, e

pude voltar. Peguei aulas de Filosofia, fiquei uns dois, três anos dando Filosofia, quando a Sociologia voltou, você lembra? Carol: Ela voltou na Rede Estadual, ela foi implementada em 2009, a lei é de 2008. 1: Quando voltou a Sociologia, como na minha cidadenão tinha muitos Sociólogos, apesar de ter muita gente formada, agora não, essa galera já aposentou, em Estudos Sociais, que era um curso da Ditadura Militar, a galera fez esse curso na época da Ditadura, e era uma galera muito mais velha, como eles tinham mais pontuação que eu, por isso pegavam as melhores escolas, e a Sociologia quando voltou era uma aula por semana só, então eu pegava as escolas bem afastadas, porque os melhores, os professores mais antigos, que tinham muito mais pontos que eu, que eram dos Estudos Sociais, podiam dar aula de Sociologia, eles pegavam as melhores escolas, e como tinha pouca aula, pegavam duas, três escolas, para dar uma carga de 32 aulas, então eu ficava nas “perifas”, comecei antes com a Filosofia, aí quando a Sociologia voltou, eu comecei a pegar Sociologia. Carol: Isso, sua categoria era qual? Nesse começo? 1: Eu era F. Categoria F (Docente não efetivo na respectiva rede de ensino). Eu sempre fui F, não eu era eventual, quando teve, em 2008 que foi, eu não lembro, quando teve essa mudança, eu estava com aula, aí eu virei F, quando teve essa alteração, eu era OFA (Docente não efetivo na respectiva rede de ensino), aí virei F. Porque eu tive aula na época, eu acho que foi em 2007? Porque quem tinha aula até julho daquele ano, agora eu não lembro o ano, até no sindicato, eu lembrava que falava muito isso no sindicato, as pessoas, porque no ano que teve essa mudança, eu estava em sala, aí eu virei F, quer dizer, eu tinha estabilidade eu tinha 12 aulas estáveis, fui dar aula de Sociologia, começou uma aula, depois, aumentou para duas. Só que assim, são duas aulas, e às vezes dependendo da turma, no noturno, tem um ano que eles dão só uma aula, que eles atribuem só uma aula, acho que no segundo ano só tem uma aula por semana, eles aumentam de Filosofia um ano, e de Sociologia eles tiram, eles fazem isso, nas escolas. Carol: Dá uma invertida? 1: Acho que no primeiro ano Filosofia só tem uma aula, aí eu tenho duas, no segundo ano Filosofia tem duas e eu tenho uma, no terceiro ano, nós dois temos duas aulas, porque Filosofia e Sociologia andam muito juntas ali, em todos os sentidos (risos). Carol: Então a Sociologia você começou a dar, a ser professor no Estado, então, a partir de 2009.1: Sim, quando foi aprovado. Carol: E como é que você sentiu essa entrada da Sociologia junto com os professores de Sociologia na escola? Foi uma relação simples? Foi uma relação de conflito? Você dava aula em mais de uma escola? Como é que você sentia, era diferente em cada ambiente? 1: Com os professores de Sociologia? Carol: Não assim, com relação os professores, os

outros professores com relação à Sociologia? Ou estava tudo bem? 1: A Sociologia, ainda é vista como uma matéria que assim, como se não tivesse muito valor, sabe, porque você vê nas avaliações do Estado, porque o Estado vive nessa merda dessas avaliações, SARESP (Sistema de Avaliação do Rendimento Escolar do Estado de São Paulo), as provas que eles têm que fazer durante todo ano, não sei o que lá de Matemática, essas avaliações que o Estado faz, elas avaliam Português e Matemática, as Ciências Humanas, elas estão sempre em segundo plano, da mesma forma que as Ciências Humanas, por exemplo, sempre dei aula de Sociologia, quer dizer, sempre as minhas aulas por exemplo, foram dadas, sempre tive aula para mim na sexta-feira à noite, que é um dia que não vai ninguém, vou jogar a Sociologia na sexta-feira à noite, porque que não vai ninguém, é uma matéria muito importante, de certa forma, vamos jogar à noite, na sexta-feira. Eles não põem Matemática de sexta-feira à noite, nem Língua Portuguesa, às vezes põem, porque eles têm, é que Português e Matemática tem tipo, 5 aulas por sala, 4 aulas por sala, eu tenho duas, Português colocando uma aula na sexta, não faz muita diferença, não é que não faz diferença, mas é menos prejudicial, agora Sociologia pondo aula na sexta, tem sala que eu nunca via durante o ano, então inicialmente, eu percebia que o professor de Sociologia não era muito, ninguém estava nem aí, depois com o tempo, percebi que já teve uma mudança, porque, os professores de Sociologia são pessoas mais críticas, questionamos muito mais que os outros professores, a gente não leva tudo para casa e engole, fazia muita diferença, pelo menos eu, enquanto eu (citou o próprio nome), percebia que, agora que eu estou efetivo, na escola que eu estou efetivo, falo o que eu penso, entendeu, e de certa forma, às vezes a gente, eu dou uma causada, porque a maioria dos professores, eles ouvem e não falam nada, ouvem tudo o que é imposto pelo Estado, ouvem as regras impostas pela escola, e não questionam isso, eu questiono, agora, a coordenação de agora por exemplo, eles não gostam de mim de certa forma, mas ao mesmo tempo eles gostam de mim quando tem que escrever alguma coisa, quando tem que pensar alguma atividade alternativa, porque eles sabem que eu, de certa forma, tenho mais habilidade para fazer isso do que eles entendeu?! Tenho outro tipo de formação. Carol: E há quanto tempo você está efetivo nessa escola? 1: Efetivo mesmo, entrei no último concurso, quando que foi? 2013, é porque eu fiquei um ano, eu me afastei para fazer o Mestrado, não, mas eu estou lá desde 2013, mas eu já trabalhava lá. Carol: Me conta então desse processo, quando você trabalhava e aí virou professor titular da disciplina, vamos dizer assim. 1: Não, porque assim, eu já trabalhava nessa escola. Que eu sou efetivo hoje, fui para lá na época de



eventual, eu peguei umas aulas de História à tarde e gostei muito da escola, e foi uma escola que a minha mãe começou também, então tinha uma coisa meio louca assim, não sei, minha mãe tinha trabalhado lá, e era uma escola que mesmo na periferia, é um bairro, como eu tinha voltado para Franca há pouco tempo, eu me sentia no outro lugar assim, tinha uma relação diferente, e eu, me sentia em outra cidade, é um bairro periférico mas ao mesmo tempo muito central que é quase uma cidade, é um bairro grande, tem de tudo o que você imaginar, e é muito perto, tipo assim, 20 minutos eu estou lá, e como eu não dirijo, o acesso à esse bairro é muito fácil, tem ônibus de 20 em 20 minutos, que é um bairro bem popular e grande, são casas populares, “predinhos” populares, então como o acesso era fácil, e eu gostei do lugar na época. Eu comecei a dar aula lá, fiquei um mês, depois foi aparecendo outras atribuições na escola, eu fui pegando, eu peguei aula de Filosofia? Não, eu peguei Sociologia lá, umas aulinhas. Eu fui pegando mais, como virei F, virei professor da escola, quando você vira F, fica da casa, e na escolha, como não tinha ninguém efetivo na Sociologia, eu que escolhi as aulas, porque era da casa já sendo F, então eu pegava as aulas todo ano, e quando passei no concurso, por gostar da escola, dos companheiros da escola, não dá equipe gestora, da equipe gestora eu não gosto, porque é um lixo, eles não sabem o que é escola, eles não tem compromisso com a educação, eles tem compromisso com o Estado, com o governador, mas não com a educação, eles não valorizam os alunos, eles valorizam as avaliações, eles não valorizam os professores, eles são autoritários, extremamente autoritários, eles não tem o mínimo compromisso, eles querem números, ganhar dinheiro no final do ano com bônus, é isso, agora os professores não, é uma equipe de professores bem interessante, é óbvio que o meu contato maior é com os professores de Ciências Humanas, que sou eu, a professora de Filosofia e de História. O problema que eu percebo também hoje lá, tem muitos professores que são recém formados e que tem essa circularidade também de professores que vem de fora, porque, como a escola é grande, não é todo mundo efetivo, e, tem uma evasão muito grande de professor também, muitos que se afastam por doença, então, esqueci o nome da palavra que eu ia falar. Carol: Rotatividade? 1: Uma rotatividade muito grande de professor, tem gente nova que chega do nada, e muitos têm uma formação bem defasada, muitos vem de curso à distância, não estou falando que sou contra, porque já sendo, não sou contra curso à distância, mas é igual, eu já sempre digo, acho que tem que ter uma primeira graduação presencial para você entender, aprender a estudar, aprender a ter um contato com a universidade mesmo, aí depois, sim você pode fazer um curso à distância porque,

você já tem uma base e tal, e hoje não, muitos fazem o primeiro curso à distância mesmo, então esses professores, eles são bem defasados, porque estudam tudo por conta própria, eles vão discutir o que, nos fóruns? Que é tudo “mensagenzinha”. E o que aconteceu, como eu gostava da escola quando efetivei, pude escolher, escolhi minhas próprias aulas, tirei as aulas de mim mesmo (risos) e fiquei no mesmo cargo, efetivei com 20 aulas, eu tinha a carga completa, e eu tinha o cargo de F, fiquei com os dois cargos, e com 10 aulas no cargo de F. Carol: E essa escola que você é efetivo hoje, você, ela é de Ensino Médio? Ela é de Ensino Fundamental II e Médio? 1: Ela é de Ensino Fundamental II e Médio. Carol: E como é que você, bom você se efetivou e, você teve outros processos de formação a partir desse momento que você se tornou efetivo? 1: Você está falando que o Estado me deu? Me ofereceu? Carol: Ou você foi buscar? 1: Não, eu fui buscar. Eu fiz uns cursos, quando eu morava numa região central, tinha uns cursos, por exemplo, de coisas que eu gosto, fiz curso de História da Arte oferecido pela Prefeitura no Arquivo Histórico, de Arqueologia no Arquivo Histórico, fiz uns cursos na área de História, na área mais voltada para arte, de Cinema, de Documentários também na Casa de Cultura, mas foi tudo que eu busquei. Foi apresentado para mim no ATPC (Aula de Trabalho Pedagógico Coletivo), que ia ter um curso de Gênero e Diversidade na escola, pela UFSCar, foi um aperfeiçoamento, quase uma especialização, de 8 meses, pela Universidade Aberta. Carol: Foi à distância ou foi presencial? 1: Foi a distância, mas as provas eram presenciais. Carol: Na UFSCar de São Carlos? 1: Não, porque a Universidade Aberta ela tem os Campi, nas cidades. Na minha cidade tem a sede dela, eu fazia a prova lá, era uma vez por mês, eu ia lá fazer a prova, mas o curso foi todo à distância. Mas foi um curso maravilhoso. Foi ótimo, eu gostei bastante, me ensinou muita coisa, e fiz duas matérias na Unesp na área de História, uma Historiografia, e uma sobre o período da Ditadura, sobre a Ditadura Militar, mas foi porque eu estava pretendendo prestar o Mestrado lá na História, e eu não sabia muito, eu não conhecia muito de metodologia em História, então eu fui fazer um curso de Historiografia, que era de Metodologia em Pesquisas Históricas, só que era uma área que não tinha muito a ver comigo, até tentei, mas meu perfil não é pesquisar arquivo, eu gosto de outro tipo de trabalho. Carol: Você acha que os cursos conseguiram dialogar com o ensino de Sociologia? Com o material didático que o Estado oferece? Sim? Não? Como é que você avalia um pouco. 1: Alguns, sim. Não, às vezes não, com todo material didático, mas com as aulas que eu dava, porque de certa forma, você aprende algo novo e esse algo novo você vai reproduzir de alguma forma nas suas aulas,

na sua vida, na sua existência, então é óbvio que complementou, minha aprendizagem e contribuiu para melhorar as minhas aulas. Carol: E como é que são suas aulas? 1: Como é que são minhas aulas? As minhas aulas, eu não consigo dar uma aula muito padrão, gosto de dialogar bastante com os alunos, depende muito, porque assim, cada sala, como falei no começo, no processo de aprendizagem, cada sala vai aceitar sua discussão de alguma forma, tem salas que eu conseguia trabalhar aula dialogada, círculo e eu levava por exemplo, um texto, xerox de um texto, aí eu sento com os alunos e a gente vai ler junto e vai discutir parágrafo por parágrafo, porque são textos mais densos às vezes, não tão densos, mais uma coisa mais contemplativa, para pensar tal, então eu sento, a gente vai discutir o texto junto, depois como é obrigatório, você tem que ter algo que comprove, uma avaliação que comprove o seu trabalho, eu dou umas atividades dessa forma com textos eles vão responder umas perguntas em grupo ou individual, eu vou atrelando, eu vou fazendo isso junto com o material que é oferecido. Carol: Oferecido por quem? 1: Pelo Estado e o livro didático. Carol: Você articula o livro então com o material? 1: O livro didático com o material do Estado e com coisas que eu pesquiso por conta própria, porque tem partes, assim o livro didático de Sociologia, os que tem são muito bons, não posso falar que é ruim não, porque é muito bom, tem alguma coisa ou outra que é meio jogado, mas, são livros bons. O material didático de Sociologia tem coisas que não são boas, o material do primeiro ano é muito repetitivo, fica muito na mesma coisa, querendo explicar de várias formas a mesma coisa, só que o aluno não aguenta, nem eu aguento às vezes, que fica quase 3 semanas falando o mesmo assunto, ninguém aguenta aquilo, e você tem que buscar, como nesses momentos, algo alternativo, ou às vezes um curta metragem, ou uma música, eu gosto de trabalhar com poesia, outras coisas que vão complementar, essa deficiência do material didático. Que mais? Carol: Com relação ao livro, você pôde optar por um livro? 1: Sim. Carol: Você lembra os critérios? 1: Sim, de certa forma. Carol: Por quê? 1: Porque teve um ano que eu pedi, eu queria um livro, porque quando é a escolha, as editoras levam milhares de coisas, porque eles querem que você escolha aquele livro, porque é um investimento para editora muito grande, é muita grana em cima disso, então eles levam vários brindes para você, e querem que você escolha o livro deles, só que teve um ano, que eu lembro que eu escolhi um livro, e não foi o livro escolhido pelo Estado, para minha escola, quer dizer, foi um livro imposto pela Secretaria da Educação. Carol: Do estado de São Paulo? 1: É. Quer dizer, vamos pensar nas entrelinhas... Carol: Como é que você avaliou? Como é que foi para você isso? 1:

Porque teve um ano que eu pedi, eu queria um livro, porque quando é a escolha, as editoras levam milhares de coisas, porque eles querem que você escolha aquele livro, porque é um investimento muito grande para editora, é muita grana em cima disso, então levam vários brindes para você, e querem que você escolha o livro deles, só que teve um ano, que eu lembro que eu escolhi um livro, e não foi o livro escolhido pelo Estado, para minha escola, quer dizer, foi um livro imposto pela Secretaria da Educação. Carol: Do estado de São Paulo? 1: É. Quer dizer, vamos pensar nas entrelinhas... Carol: Como é que você avaliou? Como é que foi para você isso? 1: Porque que eu escolhi aquele livro e não foi aquele que foi dado? Porque alguma coisa atrás tem. Porque tinha algum investimento daquela editora com o Estado, algum convênio, alguma coisa assim, porque não foi o livro que eu pedi, se eu tinha o direito de escolher, porque enquanto professor, o direito de escolher o livro. É, tem uma questão que é um problema às vezes em relação a isso, o livro de Sociologia é um livro volume único, ele é grande, os alunos têm vários livros que são volumes únicos, acho que Biologia também é, o de Filosofia também é, e o aluno tem que levar, o livro, por exemplo, na minha aula, de Biologia, o material dele, o caderninho do aluno, então é muita coisa, antes, como a minha escola como eu te falei é autoritária e nada pode, e eles não pensam no aluno mesmo, porque, antes a gente fazia o quê, no começo, então eu estou falando isso, porque assim, eu estou afastado da escola já faz dois anos quase, um ano e meio, então eu não sei como está agora, mas pela conversa que eu tenho com os meus amigos que estão lá, está do mesmo jeito, a gente no começo podia, por exemplo, porque sobrava livro, então a gente tinha, por exemplo numa salinha, 40 livros didáticos, então quando eu ia usar, eu pegava esses livros e levava para sala, porque não precisava pedir para o aluno levar livro, ele não leva, quer dizer, ele só leva se você for autoritário com ele também, dá ponto negativo, assim ele leva o livro, falar: “se você não trazer o material, você vai ter um ponto a menos”, e tem que ser assim, uma coisa bem ditatorial com os moleques, e eu não sou, não é o meu perfil, então não vou fazer isso. E a gente podia ter esses livros na escola, um ano antes de eu sair, já não podia mais. Carol: Os alunos tinham que levar os livros de volta? 1: Tinha que levar os livros, e eles não levavam, então o que que eu fazia, eu pegava às vezes o texto que eu queria passar do livro, como na escola a gente tem xerox, não é o tempo todo, mas tem impressora, eu imprimia na impressora da escola o texto, e dava para sala de aula, quer dizer era uma forma de eu usar o mesmo material didático sem que os alunos levassem o livro, eles não iam levar mesmo e não ia ter na escola. Carol: Sobre a questão da

escola mesmo, você acha que a escola ela propícia, é adequada para o aprendizado da disciplina de Sociologia? 1: Não. Carol: Por quê? 1: Falando da minha escola, porque a gente não tem acesso à vários meios tecnológicos, a gente tem acesso, mas é um acesso mal, não é total, porque também aconteceu o seguinte, a minha escola, como é uma escola grande, houve uma reorganização nas escolas do estado de São Paulo, que eles querem tirar o Ensino Médio noturno, como a minha escola era uma escola grande, de bairro, o Ensino Médio das outras escolas, do bairro, eles foram tirando e foi levando os alunos todos para minha escola, virou uma sede ali, acumulou tudo ali, todos os alunos do bairro noturno estudam lá, na mesma escola. Outra coisa, junto com a minha escola tem o Centro Paula Souza (Centro Estadual de Educação Tecnológica *Paula Souza* – CEETEPS), que está junto da minha escola, o Centro Paula Souza tirou metade das salas da minha escola. Eles usam para eles e a gente não tem acesso as salas, então por exemplo, a gente tinha uma sala de vídeo, a gente não tem mais sala de vídeo, porque o “Paula Souza”, pegou a sala, que era a sala de vídeo, essa sala por exemplo, que eu falei onde ficava os livros didáticos, o “Paula Souza” também pegou, quer dizer, de certa forma, você entende porque, não tem espaço. O que eu fiz, no último ano, que a gente não tinha mais sala, eu e uma amiga de Filosofia, compramos uns carrinhos, aquelas sacolinhas, meio carrinho, então a gente enchia de livros, e deixava guardados dentro de uma salinha, a gente pegava o carrinho e cada um tinha o seu assim, com os seus livros e levava para sala, era a forma que a gente tinha, a gente não tem sala de vídeo, por exemplo, se eu quero passar, é complicado porque às vezes, nós professores, educadores, eu acredito, eu pelo menos, todo dia, você tá apreendendo algo, e às vezes, eu estou preparando uma aula, eu vejo uma coisa na televisão, ou leio no jornal, ou vejo em um site, “nossa que legal”, posso usar nessa aula de hoje, por exemplo, às vezes, eu estou preparando uma aula, tem o programa lá, mas eu: “nossa, mas esse filme é legal”, e eu quero passar o filme agora, porque tem a ver, aí não, eu tenho que pedir com antecedência o datashow emprestado, e as vezes não está lá, para eu colocar o datashow, tenho que pegar um monte de apetrecho e colocar na sala, e até eu instalar o datashow é meia hora, porque tenho que ver a parede que não tem luz, para eu instalar, tenho que levar o meu computador, porque o computador da escola nunca funciona e levar a minha caixa de som, que a caixa de som da escola nunca funciona, às vezes eu uso o datashow de uma amiga, que ela tem, eu queria ter um também, porque não tive condições de comprar, têm amigos que têm, eles mesmos têm os próprios datashows, porque quando eles querem fazer isso, vão lá e, quer dizer, todo esse material a gente

tem que comprar, de conta própria. Carol: Os professores têm o material... 1: Têm, porque na escola, muitas vezes, do material da escola, ou não funciona, ou está emprestado, e você quer na hora, não é fácil trabalhar, com materiais alternativos, com aulas diversificadas, que não seja a aula que a gente chama de “GLS”, que é giz, lousa e saliva (risos). Fora a aula “GLS”, é complicadíssimo, e a aula “GLS” é super complicada também porque os alunos hoje eles vivem em um mundo tecnológico, e essa aula “GLS” está ultrapassada demais, a gente tem que pensar que o mundo está mudado e temos que pensar em outras tecnologias também, são outras formas de informação e são bem importantes também, o vídeo, a música, outras coisas. Carol: Como é que você vê sua relação/implicação com os jovens que você trabalha? Você acha que tem, não tem? Se tem, por quê? 1: É muito legal, o meu processo todo, porque eu sou bem aberto na relação com os alunos, eu sou um professor que busca o tempo todo, tento buscar, porque não é fácil para ninguém, tentar entender a realidade deles e olhar para eles não de forma hierárquica, mas como seres humanos como eu, que passam por vários problemas e várias situações, tento o tempo todo estar ali junto, é só para você ter uma noção, os últimos anos que eu fiquei, fui paraninfo dos terceiros anos consecutivos, porque eles gostavam bastante de mim, me ouvem bastante, conversam sobre a vida comigo, porque educar não é só ali ficar passando conteúdo, é conversar, é entender, trocar, igual eu brinco, aprendo mais do que ensino, o tempo todo eu estou aprendendo com eles, muito mais do que o que estou ensinando, esse meu contato com eles, mais pessoal, de mais acolhimento, percebo que isso surte efeito, na forma como eles encaram a minha disciplina, que eles prestam mais atenção, dialogam, quer dizer, reflete no aprendizado, eu percebo que professores que tratam eles como se fossem meros objetos, no contato deles com a disciplina é de raiva, é de raiva porque o professor não trata eles como gente, como eu vou lidar, como que vou gostar de uma coisa, de uma matéria que o professor nem gosta de mim, não me trata conforme, com respeito, isso é muito louco, percebo por exemplo, quando vou fazer atividades de grupo, ou quando o aluno não quer fazer um trabalho, porque tem momentos que eles não querem fazer nada, e aí eu percebo que se eu chegar, é muito diferente, de eu chegar e explicar uma coisa, uma atividade por exemplo, é na frente da sala, para todo mundo e se eu explicar, se eu chegar em um por um e explicar, vou lá e explico de uma maneira coletiva, depois que faço isso, eu sempre faço isso, explico coletivamente, depois eles começam a fazer a atividade por exemplo, é um texto, e eles vão escrever alguma coisa sobre aquele texto, depois eu vou em um por um e converso: “você entendeu? Você

entendeu o que eu estou querendo dizer? O que que você não está entendendo?” Você percebe que eles fazem porque primeiro, eu vou explicar para ele ali, vou explicar novamente, igual falo para eles: “gente o que vocês não entenderem, não saiam daqui, com dúvidas”, eu paro a minha aula para explicar de novo, não tenho problema com isso, estou nem aí se não der para terminar o conteúdo, entendeu? Eu estou aqui para que vocês entendam isso aqui, percebo que quando faço isso, eles fazem, porque eles se sentem valorizados, porque olho no olho deles, toco neles, para mim eles não são números, são pessoas, até a chamada, não faço a chamada por número, faço por nome, chamo um por um por nome, olho na cara de cada um deles assim, olho no olho de cada um deles e delas, porque são gente, não são números, eu vejo que reflete bastante assim, e acredito cada vez mais assim na Sociologia, pena que tem as discussões, essas tendências agora, de tirar a Sociologia do ensino, porque eu percebo que do retorno da Sociologia para cá muita coisa tem mudado, e é a Sociologia que está mudando isso, de certa forma, lembro de um ano que, foi um ano antes de eu sair, eu acho, de eu me afastar, que caiu no vestibular muita coisa de Sociologia, aí os alunos vierem falar para mim do terceiro: “olha professor caiu muita coisa no ENEM (Exame Nacional do Ensino Médio) de Sociologia”, quer dizer eles não põem como Sociologia, que a gente discute na sala de aula, o ano passado quando caiu a discussão sobre Feminismo, eu discuto Feminismo dentro de sala de aula, pensando no que eu disse antes, como que a escola, muitos professores não valorizam a Sociologia mas é o que mais discute. Carol: Discute o quê? 1: Discute questões voltadas para sociedade, questões de gênero, de sexualidade, questões sobre diferenças étnicas, preconceito, exclusão social, sobre periferia, eu falo muito sobre periferia porque eu trabalho na periferia, é o contexto dos meus alunos, como, é uma coisa que eu também percebi durante o tempo, não adianta eu chegar ali e ficar vomitando um monte de conceitos que não tem nada a ver com a realidade deles, aprendi o que também a universidade não me ensinou, que tenho que entender a realidade do aluno para trabalhar Sociologia, não adianta pegar o livro didático e falar: “segundo Marx, alienação é isso e falar o conceito”, posso até falar o conceito, só que eu tenho que contextualizar aquele conceito para ele, para que entenda que aquilo lá, está no dia a dia dele, está na sua vivência, isso foi o que aprendi com o tempo também, aprendi trabalhando, porque no começo é óbvio que eu saí da universidade com um diálogo, eu me expressava muito com teoria, era muito teórico, não é a palavra certa teórico, eu estava ainda dentro da universidade, a minha linguagem era muito universitária, muito teórica, aí você tem que aprender, pelo menos no Ensino

Médio a falar um pouco como eles entendem, não vou ficar falando um monte de palavras difíceis para gente que não está entendendo nada. Carol: Hoje quais são os principais impasses que você, na prática ali, lecionar no dia a dia, conhecer os professores, os outros professores e a questão da Sociologia. Como é que você vê os impasses para a consolidação do ensino no Brasil? 1: Eu acho que as salas de aula têm que ter menos alunos, porque elas são muito cheias. No meu último ano eu fui dar aula num terceiro colegial, que o terceiro colegial é um ano importantíssimo, é 60 alunos. Uma sala de aula que com 60 alunos nem o ventilador funcionava, como você vai trabalhar numa sala de aula com 60 alunos que não tem nem ventilador? Se vai dar prova, se vai aplicar um trabalho não cabe eles dentro da sala, a equipe gestora fala que não pode fazer nada. As escolas públicas ainda têm um perfil, do século XIX, o modelo de escola pública, ele não existe, não é que não existe, a palavra certa, ele está sucateado, ela está ultrapassado, não dá mais, como eu falei, a aula “GLS” não dá mais, o aluno ele está vivendo em outro mundo, a escola precisa avançar tecnologicamente falando, e, os professores precisam gostar do que eles fazem, porque não adianta nada eu não gostar do que eu faço, eu penso assim, aprender eu entendo que é um processo super difícil porque, qual o problema maior também, a culpa não é só do professor, quer dizer, coitado é o que menos tem culpa, de certa forma, a gente é obrigado a trabalhar com sala de aula muito cheias, o salário é muito pouco, eu estou falando de escola pública, o salário é muito baixo, a gente tem que trabalhar com muitas salas, ganha muito mal, a escola não tem estrutura para amparar tudo isso, a gente não tem tempo, a burocratização é muito grande, temos que lidar com um monte de papel, muita burocracia, para pouco trabalho, a gente é obrigado a cumprir metas, a escola é obrigada, a gente é obrigado, obrigado não, é obrigado, o aluno tem que ir bem no SARESP, mas ninguém fala para ele do ENEM, do que é uma universidade pública, entendeu? Ele não tem noção, eles tinham noção, porque eu falo sobre isso, das minhas experiências na universidade pública, também porque metade dos professores que trabalham numa escola estadual hoje não são da universidade pública, eles foram formados em universidades particulares, eles não têm essa convivência, não sabem que a universidade pública te dá acesso à uma bolsa, a comida, a moradia, quer dizer, eu também sou pobre e tive acesso à isso tudo, e eu fui saber disso quando um professor me falou, e fui atrás, eles não tem noção nenhuma disso, acham que eles vão sair dali, vão arrumar um emprego, e é isso, ou fazer uma particular quando tiver dinheiro, mas é porque, estou falando de alunos de periferia, e, muitos são filhos de operários, na minha



cidade a maioria são filhos de operários das fábricas de calçados, eles simplesmente reproduzem o mundo que eles vivem, e para eles, o importante é ter dinheiro para ter uma casa, para ter um carro, é importante o estudo, mas tem outras coisas que estão na frente disso, ali, para eles, largar tudo e ir estudar, eles passam necessidade financeira, eu entendo isso, é óbvio que hoje isso tem mudado, com as ações afirmativas, de certa forma, isso tem ampliado esse acesso, dessa população na universidade, eu tenho alunos hoje fazendo Medicina, tem um aluno agora tentando Gastronomia em Belo Horizonte, tem aluno que faz Medicina nas federais, saíram da escola pública, mas, eu estou falando de 10%?!. Muitos vão estudar depois quando eles conseguem ter uma estabilidade financeira, ter um emprego, eles vão estudar, ou fazer um curso noturno daquele jeito, para ter o diploma muitas vezes, mas voltando, você estava falando da escola? A escola falta ter gestores também, como eu falei antes, gestores que valorizem a educação, porque muitos gestores hoje, eles não ali porque eles são indicações da Diretoria de Ensino, e, como a sala de aula está nessa situação que eu falei, cheia, difícil, muitos não querem a sala de aula, então eles vão lá fazem um curso à distância de Pedagogia, presta, tenta, tem amigadas, também na Diretoria de Ensino, tem os efetivos sim, que passam no concurso, que são bons sim, mas tem a maioria, tudo cargo de confiança, então eles fazem, eles têm os seus “QI’s”, os seus amigos na Diretoria de Ensino e vão trabalhar como diretores na escola, só que eles não querem, não estão nem aí para os alunos, eles querem ganhar dinheiro. Carol: Tentando articular um pouco as ideias, todas essas ideias, para você qual tem sido o papel e qual deveria ser o lugar da Sociologia na educação básica? 1: Na educação básica? Carol: É, na escola. 1: Qual? Não entendi a pergunta. Carol: Qual tem sido o papel que a Sociologia tem hoje dentro da escola? E como é que você vê, qual o papel que ela deveria ter? Ou se é o mesmo? 1: O papel da Sociologia, eu estou falando, vou falar pela minha experiência, o papel que a Sociologia tem dentro da escola é trabalhar com os alunos, tirar deles, tentar tirar deles, o senso comum, esse olhar de senso comum, tentar torná-los pessoas mais politizadas, que aceitem mais a diversidade, que aceitem mais o outro, que olhem para o outro com menos preconceito, e que valorizem o mundo em que eles vivem, e que sejam pessoas críticas, principalmente, que não aceitem tudo da forma que é dada, eu prego muito isso para os meus alunos, vamos pensar, nada é assim pronto, tudo foi construído e tudo pode ser mudado, então eu acho que o papel da Sociologia é tentar mudar, é tentar abrir a mente deles para outra possibilidade de vida, para outro mundo, para outras existências, outras realidades, para que eles percam os preconceitos culturais que eles

tem, mais ou menos isso. Carol: E nesse caminho que você trilhou até agora, porque que você resolveu voltar a estudar?1: Porque eu achava, eu comecei a “emburrecer” dentro da escola, porque, você fica nessa rotina, que é uma rotina cansativa, como eu falei, você tem muitas aulas, porque você ganha pouco, você tem que ficar trabalhando muito, você fica muito cansado, porque além do trabalho da escola, você tem que corrigir as coisas, você tem que preparar a aula, você tem que ter uma vida fora daquilo lá, e eu percebo que, eu enquanto educador, é uma profissão linda e ao mesmo tempo ela é muito desgastante, porque quando eu estava na sala de aula, agora também, mas antes muito mais, porque eu estava dando aula todo dia, tudo o que você vê, lê, assiste, te ajuda, aprende, então você fica o tempo todo buscando informação e parece que você não tem descanso, é um trabalho que não para, eu me sentia dentro da escola, muito cansado disso, e eu queria buscar outras coisas, buscar outras vivências, outras conhecimentos, porque ali você tá dentro da escola você vai, aprender outras coisas, você vai ler, você vai preparar a sua aula, mas eu queria uma coisa mais, eu queria, que fosse mais completa assim, que eu não ficasse só pensando na minha aula só, eu sempre quis fazer um Mestrado, eu sempre quis dar continuidade nos meus estudos, porque eu sempre gostei de estudar, e eu queria fazer, como eu te falei na minha história no começo, eu sempre quis, só que eu parei, porque eu comecei a trabalhar, e quando você começa a trabalhar, como essa vida de professor é muito desgastante, você não consegue parar, para ir fazer um Mestrado por exemplo, para eu chegar até aqui, eu tive que me abdicar de muitas coisas, eu tive que diminuir minha carga de aula, eu tive que me abdicar da minha vida social, eu tive que abdicar e estou abdicando até hoje, eu tive que abdicar de muitas coisas, porque senão eu não chegaria aonde eu estou, porque não dava, a estrutura não te permite, você chegar, então eu fui me abdicando, fui diminuindo minhas aulas, fui estudando para chegar até aqui, que era um desejo que eu tinha mesmo, de poder, pelo menos nesse momento da minha vida, eu estou estudando o que eu quero, o que eu sempre tive vontade de estudar, então é um prazer muito grande ter uma oportunidade dessas, poder chegar onde eu estou chegando agora, é difícil, mas, prazeroso, é isso.

**ANEXO II – TRANSCRIÇÃO ENTREVISTA Nº 2:**

Carol: Eu queria começar com você contando um pouco da sua trajetória de formação, como é que foi que você escolheu as Ciências Sociais e foi para Licenciatura e o Bacharel, como é que foi esse seu caminho? 2: Eu estudei a vida inteira em escola pública, na primeira série até o antigo oitavo ano. Quando eu mudei para Pirassununga, eu comecei estudando a sétima série na escola pública, inclusive a escola que eu dou aula hoje, o (...), e fiz a oitava série, e foi o pessoal do Objetivo (Colégio Objetivo) falar sobre a possibilidade de ter bolsa no Objetivo. E aí tinha um professor que ele era super engajado, super aplicado, ele ajudou os alunos que queriam prestar essa prova, dando aulas na parte da tarde, que eu estudava de manhã, e no final da tarde, ele dava aula para os alunos, e eu fui fazer, para tentar, eu falei: “talvez seja legal estudar em uma escola particular”. E eu fui, fiz a prova, não fui muito bem, acho que, eu acertei umas 5 questões, acho que era umas 10 ou 15, e eu falei: “não vou conseguir”. Eligaram, chamaram minha mãe para conversar, minha mãe foi conversar, e viu que dava para pagar, eu fui estudar no Objetivo. Quando eu fui para o Objetivo, eu comecei a pensar na questão do vestibular, de fazer uma faculdade, até então eu pensava nisso, mas para mim era uma coisa muito distante, não sei se porque eu estava no Ensino Fundamental ainda, e lá, logo no primeiro ano, eles já começam com aquela coisa, o vestibular, questão da Fuvest (Fundação Universitária para o Vestibular). Só que até então, eu queria fazer Turismo. Eu fiquei o colegial inteiro, falando que eu queria fazer Turismo. Chegou o terceiro ano, momento de decidir, e aí eles tinham teste vocacional. Fui fazer o teste vocacional, só que no momento em que eu estava fazendo esse teste vocacional, eu assisti um programa de debate, “Sem Censura”, da Leda Nagri, passava na TV Brasil, e toda tarde eu assistia, e tinha uma cientista política, que eu amava o que ela falava, eu nossa: “mas que mulher boa, meu Deus, o que que será que precisa fazer para ser cientista política?” Eu comecei a pesquisar, e eu vi o que Ciências Sociais era. Eu falei nossa, acho que eu vou fazer Ciências Sociais porque é tão legal o que ela fala, é tão interessante, programa de debates, essas discussões. Era Lucia Hippolito, não sei se você já ouviu falar? Carol: Tá. 2: Ela participa do programa do Jô, às vezes, era ela que era a debatedora. Eu falei: “nossa”, fiz o teste vocacional, deu para área de humanas, e um dos cursos que deu foi Ciências Sociais. Eu falei: “nossa meu, eu vou fazer Ciências Sociais”. Fui, prestei no terceiro colegial, não passei, fiz mais um ano de cursinho, e consegui passar em 2007, então em 2007 eu entrei na Unesp, no curso de Ciências Sociais, e para mim foi muito bom assim, acho que descobri o mundo

praticamente, acho que é um curso que abre muito as possibilidades, na faculdade eu tentei fazer o máximo, aproveitar todas as oportunidades que surgiram, e eu pensava que, uma das possibilidades que o curso de Ciências Sociais me traria, seria de ser professora. Eu falei: “se na Unesp já tem o Bacharelado e a Licenciatura, perfeito, já vou fazer um e, já saio com os dois”. E foi o que aconteceu, é um curso que eu gostaria de fazer de novo, (risos), agora com mais experiência, com um pouco mais de bagagem, acho que talvez eu entenderia melhor algumas questões. Carol: Que ano que você se formou? E como é que foi depois da sua formação? O que você foi fazer?2: Eu me formei em 2010, em Licenciatura, e para fazer o Bacharelado, mais um ano, terminando a monografia, que é um trabalho de conclusão de curso. É, em 2010, quando eu estava, no terceiro ano, eu me candidatei pruma bolsa de Iniciação Científica, projeto da professora (...), mas não deu certo, essa bolsa. E aí comecei a fazer uns “biquinhos”, lá para (...), e acho que ela ficou com pena, de não ter conseguido a bolsa, e me indicou para uma professora, que foi a professora (...), que estava precisando de uma bolsista. E a professora (...), ela trabalhava na área de eleições, partidos políticos, clientelismo, e a bolsa, estava relacionada com esse projeto que ela estava tocando. Eu fui conversando com ela, decidi estudar a Câmara Municipal de Pirassununga, porque tinha tudo a ver com a Iniciação Científica, e a professora (...), ela participava da Pós-Graduação lá da Unesp de Bauru, na Comunicação. E terminando a faculdade, você fica: “o que eu vou fazer?” Eu decidi tentar prestar o Mestrado, falei: “eu vou tentar, porque eu já conheço a professora (...)”, já estava, mais ou menos inserida na Comunicação, que eu estava estudando a Câmara Municipal nessa parte de comunicação, como que a Câmara lidava com as questões da comunicação, como ela passava as informações para os cidadãos e decidi prestar o Mestrado no final de 2010. E, eu passei (risos). Depois do processo seletivo, eu não esperava e eu consegui passar. Meu projeto inicial era estudar, aprofundar essas relações da Câmara Municipal com a sociedade de Pirassununga, mas a professora (...) não me pegou na orientação do Mestrado, quem me pegou foi o professor (...) e mudou totalmente o meu objeto, de estudo, eu passei a estudar a televisão pública, então foi em 2010, eu terminei a faculdade, a Licenciatura, em 2011 eu entrei no Mestrado, mas para finalizar ainda o Bacharelado, que faltava fazer a monografia. Enquanto eu estava no Mestrado, eu pesquisava minha pesquisa sobre televisão pública, e terminava minha monografia sobre a Câmara Municipal de Pirassununga. Carol: Foi puxado?2: Foi, meio uma loucura, porque em 2011, eu tinha que fechar o projeto que meu orientador queria que eu mandasse para

FAPESP(Fundação de Amparo à Pesquisa do estado de São Paulo), e naquele tempo, a FAPESP, ela abria um período específico para você mandar a solicitação de bolsa, então era em agosto para mandar, começava em julho e terminava em agosto. Carol: Nossa um mês! 2: É, e eu não tinha fechado o projeto ainda, era abril eu estava ainda pesquisando a bibliografia, como tinha mudado, eu tinha a intenção de fazer uma coisa, e ele falou para eu fazer outra, então eu fiquei pesquisando e fazendo, e em julho, no meio de julho, eu fechei o projeto, que foi para estudar o sistema público de televisão, a TV Brasil, as características da TV Brasil e se realmente ela se encaixava dentro dessas características como uma televisão pública. E isso, fazendo ainda a pesquisa para monografia, e no final de julho eu mandei para FAPESP o projeto, só que só ia sair no final do ano, porque demorava bastante tempo, e saiu, fiz a pesquisa, aí em 2011, no final, terminei minha monografia, foi bom porque eu estudava bastante coisa que estava relacionado com a Comunicação, porque a área do Mestrado era Comunicação Midiática e, eu achei que deu um suporte legal assim, para minha monografia, deu para colocar novos textos, ter uma nova, outra visão, assim da área, porque eu já estava acostumada com as Ciências Sociais, então, quando a gente muda de área, dá meio que um choque assim, mas eu achei que foi bom, então 2010 terminei a Licenciatura, prestei o Mestrado, passei e em 2011, foi que encerrou tudo assim, a minha atividade na graduação. Carol: E depois que você saiu do Mestrado, o que você foi fazer? 2: Depois que eu saí do Mestrado, foi o seguinte, o Mestrado para mim foi um momento muito importante, porque além de eu pesquisar, eu consegui a bolsa da FAPESP, saiu em janeiro, consegui. Dentro da FAPESP tinha um programa que chamava “Bolsa de estágio de pesquisa no exterior”, que eu fiz o projeto, consegui também, passei 2 meses estudando na Espanha, que foi muito bom, e chegou o momento de defender a dissertação, defendi a dissertação, achei que foi bem legal, mas eu estava muito cansada, para engatar no doutorado, ainda na Unesp, lá em Bauru, não tinha o Doutorado, então falei assim: “vamos ver o que que vai dar”. Finalizei todo o processo da dissertação e eu fui descansar um pouco, descansei e eu fiquei sabendo que ia abrir o concurso do Estado, aí eu fui prestei um concurso do Instituto Federal de Terras do Estado de São Paulo (ITESP), depois, eu fiquei sabendo que ia abrir o concurso do Estado, comecei estudar um pouco, não me matei de estudar, estudei, e no final do ano, eu prestei esse concurso, e passei. Em 2013 defendi a dissertação, prestei o concurso para professor do Estado e consegui passar, e ingressei no Estado em março de 2014. Carol: Com aulas em que disciplina? 2: Eu prestei o cargo para Sociologia, passei no

cargo de Sociologia, fiz todos os exames, todos os procedimentos, e assumi em março de 2014 a disciplina de Sociologia. Carol: Como é que foi então, esse processo, quando você chegou à escola, como é que foi com os professores? Com os alunos? Com a direção? Com a carreira? Enfim, conta um pouco desse processo. 2: Apesar de ter estudado muito, eu não tinha uma experiência prática. Lembro até hoje da primeira aula que fui dar, porque no Estado, assim, infelizmente, tudo é meio jogado, eu fui, fiz os exames, ainda estava um mistério quando a gente ia assumir, quando iria sair o resultado, a gente tinha que ficar olhando no Diário Oficial, e olhava, saiu o resultado que eu estava apta, que tinha passado nos exames, foi a escolha, não, a escolha foi antes, eu fiz a escolha, depois fui fazer os exames, saiu que eu estava apta e fui na escola. Cheguei à escola, era uma quinta-feira, lembro até hoje, e fui assumir meu cargo, ela falou: “olha”, fiquei lá, ela fez a ata, tudo, da minha nomeação, assinei, ela falou: “você já pode vir amanhã, que amanhã já tem reunião de planejamento”, eu: “ótimo, já vou começar a trabalhar no outro dia”. Fui na reunião de planejamento, porque era em março, e naquele tempo, primeiro, começavam as aulas e depois fazia o planejamento. Fui, achei que fui muito bem recebida pelos professores, uma também porque alguns já me conheciam, porque alguns tinham sido os meus professores, então foi bom, e o que eu percebi, é que todos ficaram impressionados, assim, de eu ter um Mestrado e ir dar aula no Estado. Mas como, você tem Mestrado, porque que você está aqui? E eu não tinha experiência de sala de aula ainda, então falei: “eu estou aqui para ganhar um pouco de experiência, prestei o concurso, consegui passar, então, seja o que Deus quiser, vamos lá, vamos ver o que vai dar”. Fui, participei da reunião, discutimos algumas questões, de autonomia dos alunos, aquela coisa maravilhosa e na segunda-feira eu já ia começar a dar aula. Eles passaram meu horário, era um horário todo picado, eu ia todos os dias na escola, eu dava 10 aulas, 12 aulas, mas eu ia todos os dias na escola, e fui, lembro até hoje a primeira sala que fui dar aula era um terceiro ano, e eu tinha pego as apostilas, preparado todas as aulas, e era sobre Direitos, Direitos Civis e Direitos Políticos, era a menor sala que tem na escola, têm uns 15, 20 alunos no total. É uma salinha bem pequenininha, e eu estava muito nervosa, porque não tinha experiência ainda, sabe? Não sabia como lidar, como que era uma sala de aula, até, a gente faz estágio, mas é totalmente diferente o estágio que a gente faz, até porque o nosso estágio foi só de observação. Carol: Você acha que tinha que melhorar o estágio? 2: Eu acho. Carol: Em que sentido por exemplo? 2: Eu não sei, porque, o nosso estágio, foi só de observação mesmo da sala de aula, a gente não foi, não deu uma aula, não teve

um feedback do professor, a gente mais conversava com os professores, da disciplina de Sociologia e depois assistia a aula dele e colocava as nossas impressões, nas nossas anotações. E a gente via que era difícil, você encarar uma sala de aula, mas ter a experiência mesmo, sentir o que é estar lá na frente e um monte de aluno te olhando e esperando o que que você vai fazer, até então eu não tinha passado por essa situação. Só uma vez acho, numa Prática como Componente Curricular que a gente foi, conversou com os alunos, fez, mas era um grupo, e então, não deu para sentir aquela coisa assim, meu Deus, e foi nesse dia que eu senti assim. Carol: O que você sentiu? 2: Eu estava muito nervosa, eu lembro que a folha tremia assim, que eu tinha anotado tudo, preparado tudo a aula, e eu tremia, e eu não queria mostrar para os alunos que eu era inexperiente né, eu falava para eles: “não, eu já dei aula, muito, sabe”? E todo mundo falava para mim: “olha, você é novinha assim, não dá muita risada, não dá muita bola para eles, porque como você é novinha, então talvez eles vão querer crescer para cima de você, aí você perdeu uma vez, já era, no controle da sala”, e foi assim que eu fui, apreensiva, porque nunca tinha passado por aquela situação antes, mas com vontade de ensinar, de fazer uma coisa nova, eu fui apreensiva, mas com esperança de poder contribuir para melhorar a vida deles. Carol: E como é que tem sido? 2: Para mim, ser professora tem os seus altos e os seus baixos. Porque por mais que você prepare a aula, por mais que você se dedique, que você faça, não, essa aula aqui está perfeita, vai ser o máximo, quando você chega, é totalmente diferente. Ou eles acabam com a sua aula, porque eles não querem saber de nada, só querem conversar, você tem que parar toda hora para chamar atenção, ou, a aula vai lá em cima, você sai assim: “nossa hoje meu trabalho valeu a pena”. Porque eu acho que, ser o professor é bom, mas você tem que saber lidar muito bem com as emoções, porque, você entra 7h e sai 12h15 da escola, mas você não sabe o que que vai acontecer das 7h às 7h50, das 7h50 às 8h40 pode acontecer outra coisa totalmente diferente, do que aconteceu das 7h às 7h50, então, você tem que saber lidar com esses altos e baixos das emoções. Às vezes numa sala você fica, passa um nervoso, se desgasta, mas na outra já é uma aula mais tranquila, ou, às vezes tem aquela sala que é sempre mais tranquila, tem o dia que ela está um inferno e a outra que é uma bagunça, está uma beleza, então, ser professor é você lidar com essas emoções a cada 50 minutos. Não tem como você prever, como que vai ser. É, os 50 minutos totalmente diferentes do outro, numa sala você grita, na outra sala você já não precisa gritar, na outra sala eles não querem fazer nada e você tem que ficar, de carteira em carteira: “vamos, faz, olha isso, olha aquilo”, na outra sala você explica uma coisa

eles entendem, na outra, você vai explicar a mesma coisa, já não tem o mesmo retorno, não entendem nada, não querem saber de nada, e assim vai, mas eu gosto, eu reclamo, acho que é muito desgastante, mas é muito gratificante quando você vê que um aluno aprendeu, que ele vem te agradecer, que você foi uma boa professora, eu acho que tem as suas recompensas também. Carol: Parece que lidar com o estudante é entrar em conflitos constantes, às vezes você não consegue exatamente entender o que está acontecendo. Você acha que a formação, uma formação um pouco diferente na graduação ela possibilitaria melhor compreender esses estudantes? 2: Eu acho, comparando com a minha, eu acho que uma melhor formação talvez teria me dado um pouco mais de segurança, melhor formação no sentido da prática, porque eu acho que a gente fica muito na teoria, até as matérias de Pedagogia você estuda, o Vygotski, você estuda um monte de coisa, mas a prática, ela fica meio perdida, eu acho que se tivesse mais prática, talvez eu entraria um pouco mais segura, não tremeria tanto no primeiro dia da aula, que eu fui dar aula. Carol: E nesse processo de dar aula, como é que foi o seu, como é que você avalia ou se relaciona com o material didático do estado de São Paulo? Como é que está posto isso para você? 2: Olha, eu comecei dando aulas de Sociologia e esse ano eu peguei as aulas de Filosofia. Vamos pensar um pouco na Sociologia. Eu acho que o material do Estado, ele aborda os temas mais importantes, mas eu acho que ele deveria ter um pouco mais de teoria, você abre a apostila, estão lá os exercícios, e a teoria, cadê? Onde fica? Eu costumo passar para os alunos, monto textos, passo uns “resuminhos”, com a teoria, porque eu acho que é importante eles terem uma teoria, não só eu falar, porque se eu só falo na sala de aula, amanhã eles já esqueceram tudo, então gosto que eles tenham um registro, porque se precisarem consultar alguma coisa, estudar, já está lá. Isso que eu sinto falta na apostila de Sociologia, eu acho que são temas bem legais, o primeiro ano começa trabalhando com Estranhamento, A Formação da Sociologia, e depois no segundo semestre, entra as questões de Cultura, de Violência, Desigualdades de Classes. No segundo ano, a apostila começa com Imigração, com Excluídos, Trabalho, depois vem a questão do Trabalho, o que é Trabalho? Traz algumas coisas do Marx falando sobre Trabalho, e no terceiro ano é Cidadania, depois no segundo semestre é eleições, eu acho que ela tem uma linha legal, mas eu acho que a teoria poderia ser um pouco mais completa assim, não trazer só os exercícios, porque o professor pode fazer os exercícios e só, e acabou, não tem nada, não tem uma contextualização, eu sempre gosto de contextualizar, de falar o que estava acontecendo naquele momento, e a apostila, ela não traz isso, ela traz



um modelo, um exercício, ou um texto, leitura e análise de texto, leitura e análise de imagem, leitura e análise de gráfico, mas a teoria, em si a apostila não apresenta. Carol: Nesse ponto da teoria, você utiliza o livro didático do governo federal como suporte? Você consegue unir os dois materiais? Como é que você lida com isso? 2: O livro didático eu escolhi. Carol: Que livro você escolheu? Você lembra o nome? 2: Eu escolhi, é Sociologia, agora eu não lembro o complemento dele. É um que tem uma capa verde. Que eu achei que era o mais adequado, que encaixava mais os assuntos. Mas, eu vou te falar, vou ser sincera para você, uso pouco o livro com os alunos. Às vezes eu pego um texto ou outro resumo e passo para eles na lousa um resumo, porque tem coisas que eu acho que são muito complexas, então eu não trabalho muito com o livro didático. Não sei se isso é um erro da minha parte, porque até semana passada eu fui ver o livro e estavamovinho, eu falei: “eu poderia talvez trabalhar um pouco mais com o livro didático”. Mas é que às vezes não dá tempo, porque as Situações são temas que você tem que abordar várias coisas, dentro daquela Situação de Aprendizagem. Carol: A Situação de Aprendizagem da apostila? 2: Da apostila. Então às vezes acaba passando o livro, às vezes podia até ter um texto interessante para complementar, mas eu acabo não utilizando tanto assim o livro didático. Talvez, eu até pensei mesmo na semana passada, talvez seja um erro da minha parte, que eu poderia utilizar mais. Carol: Mas você acha que eles não dialogam tão bem? Existe um problema de como conseguir utilizar melhor o livro nas aulas, já que você utiliza a apostila como prioridade? 2: É, eu acho. E ainda o livro que eu escolhi, eu tentei pegar o máximo ligado a temas da apostila, mas mesmo assim para mim não vai, porque também eu acho que os alunos, eles ainda não sabem lidar, em como utilizar o livro didático, porque eu acho que o livro didático tem que complementar, não é só eles fazerem uma simples, pura cópia lá, responder à questão e pronto, acabou. Tem que ser um complemento, uma coisa que leve eles a pensar além daquilo que a gente está estudando, então, eu utilizar o livro para fazer eles copiarem simplesmente um texto, igual tem alguns professores que fazem, não vejo sentido assim. Às vezes eu prefiro, utilizar alguma coisa da apostila, complementar com alguma coisa que eu vejo, que eu trouxe, por exemplo, tem uma Situação da apostila do terceiro ano que é sobre a Escravidão, só que ela fala de uma forma bem pontual, são duas páginas, traz um texto de como os negros eram tratados e para eles analisarem o excerto. Só que, o que que eu faço, eu trabalho com esse excerto, eu falo da questão da escravidão, a data que a escravidão foi abolida, o porquê que os escravos foram abolidos e tem um texto que eu peguei, que é uma reportagem, uma

entrevista, com o antropólogo Eduardo Viveiros de Castro, que ele está falando que a escravidão no Brasil nunca foi abolida. Eu retirei dois trechos dessa entrevista e eu analiso com eles, o porquê que a escravidão nunca foi abolida, que a gente ainda tem resquícios atualmente na nossa sociedade, dessa sociedade escravocrata, que os negros ainda não têm todo acesso à todas as oportunidades, que falta muita coisa ainda para eles serem de fato inseridos nessa sociedade, acho que tudo isso é resquício de lá atrás, então eu prefiro trabalhar com coisas um pouco mais atuais, que se aproxime mais da realidade deles. Carol: E, como é que você, como é a estrutura da escola que você trabalha? Você acha que ela é adequada para as aulas de Sociologia? 2: Eu acho que sim, acho que a escola que trabalho, eles fazem o possível para ter uma boa estrutura, para você ter uma ideia, tem as salas de Ensino Médio, é uma escola que tem Ensino Fundamental e Ensino Médio. Carol: Ensino Fundamental II? 2: Isso, Fundamental II, de 6º a 9º ano. De manhã é 6º a 9º ano e Ensino Médio e a tarde é 6º a 9º ano e tem só uma sala de primeiro ano. As salas do Ensino Médio, receberam uma verba do Governo Federal, acho que é PDDE (Programa Dinheiro Direto na Escola) que chama, e tem TV, algumas salas têm televisão, então a televisão já está na sala, quando você vai passar algum filme, alguma coisa, você reserva o computador, tem computador, tem DVD, tem uma sala de informática, são poucos computadores, mas se você precisa, você agenda, você tem condições de levar os alunos na sala de informática para fazer trabalhos, então eu acho que a estrutura da escola é boa, porque se você tem uma televisão na sala já facilita, não precisa buscar a TV, pedir para os alunos buscarem, até chegar, para você montar perde um pouco de tempo, então a TV já estando na sala facilita bastante. Carol: E como é que você estrutura suas aulas? Assim, tem uma introdução, ou, é direto no assunto, você interage com os alunos? 2: Quando vou começar uma situação de aprendizagem nova, por exemplo, gosto de dar uma lida no caderno do professor para ver qual o objetivo daquela situação, as competências e habilidades, que isso está sendo muito cobrado hoje em dia, que o aluno tem que atingir certas competências e certas habilidades ao final daquela situação de aprendizagem, e aqui na Diretoria de Ensino de Pirassununga, eles estão trabalhando bastante com isso, eles estão focando em Português e Matemática, e as competências e habilidades que Língua Portuguesa não conseguiu atingir, vem outra matéria, para ver o que que pode ajudar para Português atingir aquela competência e aquela habilidade. Então a gente está sempre focando nisso, então dou uma olhada no assunto, se eu acho que o que está falando no caderno do professor é suficiente, paro, dou uma lida, faço um “resuminho”, grifo as partes mais

importantes que vou falar, se não, busco mais coisas na internet, geralmente em sites, assim, eu uso bastante o “Café com Sociologia” (Blog), sites confiáveis. Eu começo com a sondagem, para ver o que que eles sabem sobre aquele assunto, eles falam para mim, dependendo do que eles retornam, já vou dando uma introduzida no tema, e eu gosto de fazer uma contextualização histórica, o que que estava acontecendo naquele momento, os fatores históricos, depois entro no assunto mesmo, propriamente dito, explico, e a gente faz o exercício da apostila, geralmente dou um tempo para eles fazerem os exercícios, eu visto ou vou corrigindo, conforme vou “vistando”, falo: “esse daqui está errado, vamos arrumar esse daqui”, ou corrijo tudo na lousa e eles complementam aquilo que está faltando na resposta. Eu gosto de fazer assim, e tinha pensado em alguma coisa para falar e esqueci, agora não lembro. Carol: E o processo de avaliação, como é que é? 2: Avaliação, o que que eles falam? A gente tem os HTPC’s (Hora de Trabalho Pedagógico Coletivo) que é o espaço de formação, eles falam que a avaliação tem que ser contínua, só que ao mesmo tempo que a avaliação tem que ser contínua, eles exigem a nota, eu acho que essa coisa de nota, eu não gosto. Acho que tem que mudar assim, não me sinto bem dando nota para os alunos, eu não gosto, dou porque o sistema é assim, tem que ser assim, eles são classificados por nota, então tenho que dar, mas por mim eu faria outra forma de avaliação. Geralmente dou umas três atividades no bimestre, que sempre na apostila tem alguns exercícios, lição de casa, ou então tem seção: “Você Aprendeu” que no final a gente trabalha o tema, geralmente eu dou, dependendo do tema é umas duas, quatro aulas que uso e falo para eles fazerem a seção: “Você Aprendeu” para me entregar. Isso já é um trabalho. Quando termino um assunto, mais ou menos no meio do bimestre, dou uma prova sem consulta, quando consigo imprimir a prova, porque nem sempre a gente consegue. Carol: E se você não consegue, você faz o que? 2: Eu tiro um texto da apostila, ou um texto que a gente já trabalhou, um texto que geralmente está na seção: “Você Aprendeu”, formulo as perguntas, eles copiam e respondem. E, a prova é sem consulta quando eu consigo imprimir, dou a matéria que vai cair, geralmente falo umas duas semanas antes, se têm alguma dúvida eles me perguntam, dependendo da sala eu faço uma revisão uma semana antes da prova, aplico a prova e passo mais uma atividade ou uma produção de texto, ou também, leitura e análise de texto que está na apostila, sempre o que está na apostila, o que a apostila pede, porque aqui eles são muito firmes, eles falam que é para gente usar a apostila mesmo. Carol: Eles quem? 2: A escola, a Diretoria de Ensino, a gente tem essa orientação, que a gente tem que usar a apostila, o principal é a apostila, o

livro didático é um complemento, deve ser usado quando o professor achar que convém, mas a gente tem que ficar mesmo na apostila. Carol: Na sua opinião, qual tem sido e qual deveria ser o lugar ocupado pela Sociologia na educação básica? 2: Eu acho que, a partir do momento que ela foi inserida de novo no currículo, eu não sei se as pessoas têm uma dimensão assim exata do que é a Sociologia na educação básica, eu acho que inseriu, vamos inserir porque uma determinação, e pronto acabou. Estamos cumprindo. Porque até então, uma crítica muito grande no Estado era que qualquer um dava aula de Sociologia, um Advogado podia dar aula de Sociologia, e eu acho que não é por aí, eu acho que a Sociologia é uma área muito ampla sim, mas que tem uma base teórica muito bem definida e a pessoa que vai passar isso para os alunos tem que saber, como surgiu a Sociologia especificamente, quais são as outras áreas da Sociologia, o que que a Sociologia abarca mesmo, e eu acho que, os alunos ainda veem a Sociologia como uma coisa, “chata, que tem que ficar pensando, mas eu vou criticar de novo, que não sei o que”, então eu acho que ela entrou no ensino, agora está toda essa discussão, que vão retirar de novo, mas as pessoas ainda não entendem a devida importância da Sociologia na educação básica, que não é só, texto chato, que não é só, autor chato, “mas porque que eu vou estudar esses autores se eles já morreram tudo?” Porque que eu vou estudar Karl Marx professora, ele nem está vivo? Não, é para gente entender esses autores que ajudam a gente entender a nossa sociedade agora, então acho que ela entrou na educação básica, mas ainda as pessoas precisam acordar para entender realmente a importância que é o estudo da Sociologia para todo mundo. Carol: Então você acha que ainda tem desafios que a Sociologia no Ensino Médio, no ensino básico precisa enfrentar para ela se consolidar enquanto ciência? 2: Eu acho, principalmente dos próprios professores porque que também às vezes, “não vou utilizar esse material do Estado porque é muito ruim”, aí vai, dá o que vem na cabeça, eu acho que não é assim, o professor também tem que ter a dimensão de onde que ele quer chegar ensinando a Sociologia, que que ele quer proporcionar para os seus alunos ensinando a Sociologia, então acho que tem desafios sim, tem que ter mais formação para os professores de Sociologia, para saber como que é, não para saber, mas para abrir um pouco assim, sabe, até onde que a área pode chegar, qual que é o objetivo mesmo, permitir que o aluno tenha a sua autonomia de pensamento, é você levar o aluno a pensar com as suas próprias opiniões, eu falo para os meus alunos: “olha, aqui, eu não quero que vocês pensem do jeito que eu penso, eu vou dar as bases, para vocês formarem a opinião de vocês”, talvez alguns se percam um pouco nesse sentido, eu acho. Carol: Alguns alunos

ou professores? 2: Professores. Carol: Sobre essa questão dos professores, como é que você avalia a formação, você teve possibilidade de novas formações quando você entrou no Estado, já que você é professora efetiva, como é que está essa relação com a sua formação específica? 2: Quando eu entrei, eu entrei em 2014, a gente tem que fazer um curso do estágio probatório, só que esse só começou em 2015, então eu entrei, não conhecia o material e a coordenadora me deu a base do currículo de Ciências Humanas do Estado, me deu o livro, o caderno do professor, a apostila do aluno e só, mas eu não tinha uma base, como que é esse material? O que que é competência? O que que é habilidade? Eu não sabia, só comecei a ver isso em 2015 com o curso, que foi dividido em duas fases, a primeira, na fase pedagógica, em que entravam as questões pedagógicas gerais, e a segunda parte, que começou esse ano, em 2016, é específico da disciplina, específico de Sociologia. Só que, o que cai de específico de Sociologia é o material, que é a apostila. Carol: Que você já trabalha! 2: Que eu já trabalho. O ideal seria eu ter feito esse curso antes de assumir as aulas, para eu ver como que é o material, o que que vai trabalhar cada situação de aprendizagem, quais são os objetivos, então agora que eu estou vendo isso, e durante esse tempo que eu estou, fiz só uma orientação técnica. Carol: Como que funciona? Como que foi? 2: Sai uma convocação no Diário Oficial, e você vai na diretoria de ensino e tem a PCNP (Professor Coordenador do Núcleo Pedagógico) da matéria, que é o professor específico, eu não sei o que significa essa sigla PCNP, é um professor específico, que ele vai falar, vai trabalhar alguma Situação de Aprendizagem, vai trabalhar, no caso, a gente trabalhou a Situação de Aprendizagem do segundo ano sobre Consumo, então você discute, vai todos os professores de Sociologia convocados. A gente discutiu o objetivo da Situação de Aprendizagem, no final tínhamos que fazer uma avaliação sobre o que tínhamos trabalhado, como que daríamos uma avaliação para os alunos. Carol: Foi individual ou em grupo? 2: Não, foi em grupo. Carol: E você achou importante para conhecer os outros professores de Sociologia, além da formação, enfim, como é que foi para você? 2: Eu achei que foi bom assim, porque pelo menos a gente tem mais contato com os professores da área. Porque na escola em que eu dou aula, só tem eu de Sociologia, eu e outra professora que trabalha a tarde, mas que eu não tenho nenhum contato, então, é bom você trocar ideias, às vezes você está passando por alguma coisa e acha que é só você, quando você vai ver, os outros também estão passando pela mesma coisa, então eu achei que foi bom, e esse curso, que eu estou fazendo do estágio probatório ele é semipresencial, você faz tudo pela internet e tem dois encontros presenciais, só que os

encontros presenciais não são só com os professores de Sociologia, são com todos os professores, então eles trabalham temas mais genéricos, o outro que teve, a gente trabalhou: Avaliação, para que serve a avaliação? Como fazer uma avaliação? E o último que eu fiz, foi sobre Legislação, e como que as outras matérias podem ajudar Matemática e Língua Portuguesa para melhorar as competências e habilidades que os alunos não atingiram? Foi esse o curso. Foi em um sábado, das 8h ao meio dia, e esse é o encontro presencial. E o curso agora é o último módulo que iremos fazer, termina agora dia 16. Então você lê textos, têm videos, no final sempre tem perguntas para responder, tem a “Comunidade Virtual de Aprendizagem”, que, dependendo da situação, ele fala para você participar lá no grupo, aí você fala uma coisa, e pronto (risos), é só assim, mas eu acho que peca um pouco, porque tem muita coisa que eu já sei, que eu já trabalhei, alguma coisa ou outra ele acrescenta, mas a maioria é bem aquilo que está na apostila mesmo, não mostra novas possibilidades, eu acho. Carol: Entendi. E como é que você vê, como professora de Sociologia, a relação do professor de Sociologia com os alunos, é diferente das outras matérias? Você sente alguma diferença? Os alunos expressam alguma diferença? 2: Olha, até a semana passada, eles tavam comentando comigo, porque eu falei que ia sair da escola, que eu vou, pedi remoção e tal, aí eles falaram: “professora, você não pode sair da escola, porque você conversa com a gente, você quer saber o que a gente pensa. Tem professor que chega aqui na sala já vai para lousa, já passa lição, e não fala nada, não pergunta nada, num”. Eu sempre costumo assim, tentar estabelecer um diálogo com eles, mas eu acho que é muito particular de cada professor, eles me falam isso, eu sempre converso, quando eu vou começar uma Situação, eu vejo o que eles pensam sobre o assunto, às vezes uns falam, às vezes outros não, então eu já vou para aula, mas eles me relataram isso assim, que eu converso, quero saber o que eles pensam, e nem todos fazem isso, não sei se é uma característica do professor de Sociologia, ou se é minha assim, porque eu reparo muito neles, sabe, reparo mesmo, eu sei o nome de todo mundo, porque eu tenho uma coisa com nome, eu gosto de chamar as pessoas pelo nome, então eu sei o nome de todo mundo, se falta, eu falo: “nossa, mas porque que você tá faltando? O que que aconteceu? Você está bem?” Ou às vezes eu vejo que um está meio triste, eu falo: “mas o que que está acontecendo? Se está bem? Parece que você está meio triste hoje?” E eles gostam de conversar comigo, vão pedir conselho, vão conversar sobre coisa da vida, então eu não sei se, é uma característica do professor de Sociologia ou se é uma característica minha assim. Carol: Entendi. Muito obrigada, eu vou agradecer. Você

quer falar mais alguma coisa? Não sei? Foi muito bom.2: Não, acho que não, eu acho que Sociologia, é uma vitória a Sociologia estar na educação básica, mas ela ainda precisa evoluir assim, a forma, como ela é trabalhada na sala de aula. Os alunos precisam enxergar que não é só uma coisa chata, cheia de nomes difícil, de palavra difícil, de autor difícil, que isso vai ajudar para a vida deles assim, a eles serem pessoas mais críticas, serem pessoas que saibam se colocar, que sabem o seu papel na sociedade, acho que é. Muito obrigada. Carol: Muito obrigada.

**ANEXO III – TRANSCRIÇÃO ENTREVISTA Nº 3:**

Carol: Primeiro eu gostaria de saber qual é sua área de formação, você é Licenciado, Bacharel? 3: Eu sou formado em Ciências Sociais, Licenciado e Bacharelado. Carol: E você se formou onde? Em que ano? Como é que foi a sua formação? 3: Eu me formei em 2007 no Isca Limeira que é curso de Ciências Sociais mesmo. Carol: E você discutiu o que no seu TCC assim, para saber um pouco da sua trajetória de formação? 3: No meu TCC, eu discuti as funções sociais da escola, que era entender um pouco, como eu venho da linha, já na faculdade eu cai na linha marxista, na base da ontologia do ser social, que é, o que é um ser humano? Como ele se constitui? No Marx vem pela questão da categoria econômica. Carol: Sim, o trabalho. 3: Do trabalho, e como ele se dá plenamente nisso, como se constitui, então eu estudei as funções sociais da escola, como a escola tem o papel de construir o ser humano, da educação pelo conhecimento. Carol: Mas assim, esse seu estudo foi a escola ou alguma escola específica, por exemplo, a escola pública, a escola particular, ou não teve isso? 3: Teve uma escola que eu pesquisei, aqui de Piracicaba, no Ensino Médio, pesquisando um tanto da questão do que é a educação, as correntes educacionais, como elas se dão, e pesquisei como é essa prática, o projeto político pedagógico numa escola, dentro das correntes educacionais, quais eles utilizam, se mistura Vygotsky com Piaget, com construtivismo, com Waldorf, quem é a orientação da questão teórica educacional da escola. Carol: E por que você foi para escola de Ensino Médio? 3: Porque, eu quis, nessa parte entre escola do Ensino Médio, é quando você pega o aluno que ele tá ganhando uma certa autonomia, ele tá saindo da segunda infância, partindo para adolescência, então é esse momento de conflito do aluno, é que ele vai testar, segundo o Vygotsky a questão dos valores que ele tem, quem é ele, se ele se entende como um ser, fui para o Ensino Médio nessa área para pegar esse momento. Carol: Além da graduação, você continuou os estudos? Fez algum curso? Curso livre? Mestrado? 3: Fiz, tenho Pós-Graduação de Economia Solidária e Tecnologia Social para América Latina na Unicamp, tenho uma Pós-Graduação em Educação Especial, AEE - Atendimento Educacional Especializado e Mestrado em Educação. Carol: E, esse Mestrado em Educação sua pesquisa foi para qual área assim? 3: Foi o ensino do conceito de alienação para um primeiro ano do Ensino Médio. Carol: Em qual disciplina? 3: Sociologia. Nas aulas de Sociologia. Carol: Que ano que você fez o Mestrado? 3: Fiz em 2012 a 2014. Carol: E o que você descobriu? 3: Quando se colocou o conceito de alienação para eles, eles começaram a falar “n” coisas, “alienação é o cara que torce



demais”, “é o cara que vai na igreja”, “é o cara que ouve televisão”, é o cara que, “n” coisas, tudo o que é exacerbado no comportamento, não para todos, para alguns deles, “é o mundo que aliena”, porque você fica maluco... Carol: Tudo isso a visão dos alunos? 3: É, tudo a visão dos alunos. Nós tivemos a tomada da opinião deles, porque é um conceito que não é ensinado no primeiro ano, ele é ensinado no segundo ano quando os alunos já entendem o que é mais-valia, os alunos já entendem o que são, a categoria mercadoria, o trabalho, no primeiro ano, que no primeiro ano eles trabalham Marx, o Platão, a Hannah Arendt, então vários autores que no segundo ano vai embasar para falar da alienação. Tomamos essa opinião deles, então eram diversas coisas, o cara que fica jogando vídeo game o dia inteiro, eles mesmos têm essa noção, e depois foi ensinado o conceito de alienação, quer dizer, foi inserido um conceito que não era para eles, para exatamente saber, após ensinado o conceito conforme o Marx coloca, nós tivemos algumas opiniões, não são todos os alunos que realmente elaboraram o conceito, alguns ficaram realmente, “ah não, é a mesma coisa”, “ah, eu sabia que era isso” e quer dizer.. Carol: Entendi, sem romper com esse senso comum ainda é difícil. 3: É muito difícil, mas alguns alunos assim, nós tivemos um aluno em especial, que ele conceituou legal a questão da alienação, da perda da identidade do ser para absorção nos outros processos sociais, então tivemos algumas respostas muito legais. Carol: Você leciona há quanto tempo na rede estadual? Quando que você entrou? Como é que foi seu processo de começar a dar aula? 3: São dez anos já, que eu leciono na Rede Estadual, a Sociologia. Carol: Sociologia? 3: É, e também dou Filosofia, porque agora faço faculdade de Filosofia. Carol: Você começou quando a cursar Filosofia? 3: Eu comecei esse ano (2016). Carol: Você é professor efetivo? 3: Não, eu sou “O” ainda. Carol: Você é categoria “O” (Docente não efetivo na respectiva rede de ensino)? 3: Sou “O”. Carol: Você não fez o concurso? 3: Não, na época do último concurso, em 2013 eu estava no período de defesa da minha dissertação. Na hora que me atentei para o prazo, para fazer a inscrição, o prazo já tinha rolado. Então até agora não fiz ele ainda. Carol: Não rolou. E, você leciona em quantas escolas? 3: Uma. Carol: Uma só? 3: Uma só. Carol: E como é que foi a sua entrada na escola? Foi tranquila? 3: Nessa escola, desde que comecei a dar aula, já tinha dado aula lá, então todo ano eu consigo aulas lá. Como categoria “O” eu consigo uma, duas escolas, até três, às vezes, na disciplina de Sociologia e Filosofia, tem a História para o Ensino Fundamental, Geografia também, e tem habilitações para isso, nesse ano tivemos a saída de um professor e eu fiquei com todas as aulas dele lá, então agora eu estou em uma escola só. Carol: Como é que foi

quando a Sociologia chegou? Você lembra desse processo? Teve algum atrito com os alunos? Com os outros professores? Foi tranquilo? 3: Não, com os outros professores tranquilo, mas com os alunos, eles querem assim, entender mas o que que é Sociologia? O que ela estuda, a Sociologia? A Filosofia a gente diz, estuda tudo, mas e a Sociologia o que estuda? Até eles começarem a entender as categorias, é um processo de explicar para o aluno que todos os conceitos se dão na vida, então como trazer esse conceito na vida deles, mas foi tranquilo meu processo quando eu comecei a ensinar a Sociologia, na boa. Carol: E como é que você avalia o material didático do estado de São Paulo, você utiliza ou não os cadernos? Nossa é uma bosta, é trabalho prescrito, tem diversos erros conceituais, você tem na apostila uma frase dizendo sobre trabalho: “os trabalhadores e os patrões não conseguiram se entender”, eu estou colocando o patrão e o empregado, o proletário, dizendo assim: “eles marcaram horário, choveu e um deles não foi”, é mais ou menos isso, entendeu, não tem esse sentido. Eu não gosto do material da escola, não gosto, alguma coisa a gente utiliza porque você tem que embasar o aluno ali, mas eu subverto. Carol: Você sente uma cobrança assim para utilizar o caderno ou não? 3: Completamente, o diário tem que estar de acordo com o caderno porque o supervisor a qualquer momento pode pedir o seu diário e perguntar: “mas por que você está dando isso?” Então você... Carol: E que outro material você utiliza para subverter? 3: Eu uso filmes, eu uso textos de outros livros, outros teóricos, então eu vou falar de pobreza, uso um livro chamado “A História da Cidadania”, então trago um texto que fala como era a vida no início dos Estados Unidos, como era a concepção inglesa de exploração do chamado terceiro mundo, filmes, outros textos, imagens, tirinhas, músicas, eu trabalho, eu quero desenvolver uma aula multi-midiática, material construído pelos alunos, eu uso mobile na aula, para trazer assim outros e também muito importante na aula é o que os alunos trazem de material, o que eles veem de alguma coisa que representa... Carol: Você estimula então isso? 3: Eles trazerem material, aí eu utilizo o mobile para expor esse material. Carol: Interessante, e você utiliza o livro didático do governo federal ou não? Como é que é para você trabalhar com o livro didático? 3: Uso, não plenamente, mas uso. Carol: Você escolheu o livro? 3: Escolhi, nas escolas que eu estava e agora, eu fui um dos professores, e na última escolha que foi acho que, 15, 16 e 17... Carol: No ano de 2014? 3: Isso, que foi em 2014, para 15, 16 e 17, eu fui um de uma escola, um dos revisores de diversos livros para ver quais deles tinha uma melhor abordagem dos conteúdos. Carol: E você lembra qual foi o escolhido? O nome assim ou a capa? 3: Sim, lembro, o livro que foi adotado

nas escolas que eu estava como referência para isso, o livro “Sociologia Hoje”. Carol: “Sociologia Hoje”. 3: É. Eu achei esse, o melhor livro com a abordagem política, os outros também tinham, mas esse tem uma abordagem mais concreta, sobre a teoria... Carol: A Ciência Política? 3: A Ciência Política. Carol: E como é a estrutura da escola que você leciona? É adequada ao bom andamento das aulas de Sociologia? 3: Não, não tem som, tem uma sala de vídeo, agora no final do ano, meio do terceiro bimestre, duas, mas é assim uma disputa tremenda, para todos os professores, para usar o vídeo... Carol: Quantas turmas tem lá? 3: São 16 salas. Então imagine, 16 salas. Carol: Você dá aula em que período? 3: Manhã. Carol: Só de manhã? 3: Manhã. Imagine, 16 salas. Mas o que tem é, giz, lousa, carteira em fileira, padrão. Não tem som, não tem vídeo, às vezes não tem ventilador, o que eu utilizo para, complementar isso, utilizo o tablet, uma caixinha de som, que eu coloco a música em um volume bom para que todos ouçam, o tablet para passar um vídeo ou outro. Carol: O tablet é seu ou da escola? 3: É meu. É um tablet de 14, 10 polegadas, um pouco maior e uma coisa que eu faço é usar agora as redes sociais, temos uma página no Face da turma, eu mando o link do vídeo, posto o vídeo lá, assistam, ou indico canal do Youtube, ou mando a imagem pelo WhatsApp para turma, utilizando as redes sociais para encaminhar os conteúdos, porque também a escola não dá xerox, então você quer fazer uma tirinha ou três, quatro tipos de tirinha para eles compararem as ideias, não tem xerox para isso na escola. Não tem, entendeu? Ou você paga do bolso. Carol: Entendi, e voltando um pouco, é a questão de você ser categoria “O”. Você acha que existe uma diferença com relação ao tratamento da escola? Do Estado? E dos alunos? 3: Não, dos alunos não. Da escola, é depende da escola e dos professores, porque tem escola que você tem os grupos dentro da escola. Então é o grupo dos efetivos, então dependendo de quem é o professor “O”, você não entra no grupo do efetivo, não senta junto com eles na mesa para comer na sala dos professores, nem ferrando, eles fazem realmente o apartheid ali, você é “O” e nós somos efetivos, outras escolas tem o acolhimento, porque a gestão cuida disso, se preocupa com isso, os professores também se preocupam com isso, então você é inserido. Eu não tenho problema com nenhuma escola disso, às vezes assim, tem uma escola que eu lecionei que as efetivas realmente conversavam porque elas saíam juntas, elas eram “amigas efetivas”, “AE” a gente falava, então você acaba não conversando muita coisa, também não é problema, os alunos não, agora o Estado tem uma diferença brutal cara, o “O”, para você ter uma ideia, que vivenciei agora, eu enterrei o meu pai domingo passado, dia 11. Carol: Nossa, meus pêsames. 3: Eu tenho dois dias de luto, se eu fosse

efetivo eu teria oito, quer dizer, o efetivo pode chorar o pai, eu não posso chorar o meu pai mais do que dois dias, contando o dia do velório, então é, o velório e mais um. Carol: Que absurdo! 3: O efetivo tem o velório mais oito. Quando ele estava internado, mesma coisa, eu fiquei dez dias acompanhando e levei o atestado de acompanhamento e eu não podia, fui exonerado do Estado porque faltei mais do que a minha categoria permite, o efetivo tem reconhecimento de acompanhamento de familiares, o “O” não tem, quer dizer, o “O” não é funcionário público, o “O” é contratado temporário, o efetivo é funcionário público e tem regalias, o “O” não tem, quantidade de faltas abonadas, justificadas, médicas, é faltas mesmo descontadas, é toda diferença, valor de aula, valor de salário, tudo é diferente. Carol: Nossa, é pensando um pouco nesse estado de São Paulo a tendência não é melhorar na verdade. 3: Não, de forma alguma, uma frase que eu tenho falado em várias palestras, reuniões, em várias coisas, a escola pública morreu, a escola pública não existe, hoje mesmo, nós reprovamos agora no conselho, segunda-feira, do Ensino Médio todo, 40 alunos. Carol: 40 alunos? Quantas salas são do Ensino Médio? 3: São 16 salas. Carol: De Ensino Médio? 3: É, nós reprovamos 40 alunos de todas as salas, então reprovamos uma sala, dentre todas as salas do Ensino Médio, a diretora foi e disse assim: “não vai reprovar, eu avisei vocês, que vocês tinham que fazer recuperação”, ela ligou para os alunos, eles foram, hoje, nós assinamos a ata do conselho, feito pela escola, quer dizer passou por cima do conselho dos professores, hoje nós assinamos a ata, passando um aluno com 700 faltas, o aluno teve essa quantidade de faltas e ele passou de ano, quer dizer, é o que o Estado quer, uma massa acéfala de manobra, o aluno quanto menos crítico, quanto menos instruído, e agora a gente não vem nem só do governo do Estado, com esse golpe institucionalizado, político que nós tivemos no Brasil, o nosso desgoverno Michel Temer, já aprovou que não é mais Sociologia e Filosofia obrigatório no Estado, como disciplina obrigatória no Ensino Médio, você vai escolher, optar por isso. Carol: Como é que você vê tudo isso? 3: É o desmonte da educação crítica, é o desmonte da politização, é o desmonte dos movimentos, a criminalização dos movimentos sociais, é a quebra dos direitos trabalhistas, é o fim da previdência, é o fim da aposentadoria, de direito, é o caos. Carol: E a educação nesse pacote de desmonte, você percebe alguma coisa dos alunos, como é que eles estão? Por exemplo, os alunos do Ensino Médio eles receberam essa proposta desse novo Ensino Médio? Como é que eles reagiram? Você teve essa percepção? 3: Sim, tem escolas e escolas, escolas são ocupadas, então você percebe, o aluno tá crítico, o aluno tá participando, o aluno quando ele tá crítico ele têm, ou um professor crítico

que dá essa visão, dá essa forma para ele, e vai contra a direção, peitando a direção nesse sentido, tanto as escolas ocupadas eles se dão conta, por exemplo a escola que eu leciono, não teve ocupação, ninguém manifestou, são meia dúzia de alunos que querem algumas coisas, que sabem disso, mas assim, ficam numa situação muito incomoda, só que também amarrados... Carol: Não sabem o que fazer. 3: Não sabem o que fazer, não tem? Carol: É uma escola do centro ou da periferia? 3: Periferia. Então você percebe que essa atuação ela segue um pouco o que tem a sociedade, uma escola, é que foi ocupada, os alunos são mais abastados, as famílias têm uma condição, eles têm um acesso à cultura melhor, então, eles conseguiram ter essa visão e ocuparam a escola, a outra periférica que vive do consumo, na alienação do consumo, do brilhar diante do próprio grupo, ou então a questão da música, que fica muito bitolado num tipo, numa cultura musical, não teve atuação. Carol: E vai receber meio que passivamente qualquer... 3: É, exatamente, quando você explica para ele a PEC 55 ou 241, você explica para o cara o que é isso, ele não sabe direito, porque o jovem tem essa concepção, o jovem acha que nunca vai morrer, o jovem acha que, ele não sabe o valor das coisas, o preço da mercadoria, ele não sabe, ele quer o tênis, ele quer, é o que é o universo dele ali. Carol: Sim, o universo do consumo, da aparência... 3: Exato, não tem total responsabilidade das coisas, e mesmo quando ele começa a trabalhar, você fala assim: “o que que você quer comprar? Um celular novo, um boné, um tênis, eu quero comprar a minha moto, eu quero guardar grana para, e estudar? Nem sei, então isso é o capital cultural que vem deles também”. Carol: Sim, essa questão que você colocou do estudar não sei, é eu tenho percebido assim, que os jovens da escola pública eles não tem essa referência, por exemplo, eles não conhecem muito bem que eles podem acessar uma universidade pública, que eles podem ter acesso a um outro universo, ou que eles podem estudar na universidade particular. 3: Não, ainda as amarras sociais da desigualdade são muito latentes no Brasil, o cara, custa caro um jovem da periferia sair de lá, caro em questão de dinheiro, caro em questão de transporte, caro em questão de roupa, caro em questão de cultura e caro em questão do sentido de pertença, fica caro para ele sair da periferia e chegar num outro lugar onde tem uma cultura diferente dita mais elitizada, ou então chegar num espaço de uma universidade, custa caro para ele? Então não tem condição disso. Carol: Eu queria que você falasse um pouco, como é que você organiza suas aulas assim, elas são sempre diferentes? Cada turma é de um jeito? 3: Tem aula que você, tem turma que você fala assim, essa turma eu tenho atividade, no final do bimestre eles tem 15 atividades, eles elaboraram, pensaram, escreveram,

colaram, filmaram, fizeram desenhos, vídeos, seminários, tem turma que você deslancha, mas tem turma que é amarrada, são mais simples os alunos, tem aquela meia dúzia, que a gente chama assim, o espírito da turma, quando o espírito da turma, é aquela turma que “vamos embora, vamos fazer, vamos lá, todo mundo”, você consegue, eu não uso a expressão: “vamos trabalhar, trabalho de Sociologia”, eu uso: “pesquisa, estudo”, tiro a categoria trabalho da escola, uso: “vamos pensar, vamos elaborar”, eu não uso: “dinâmica”, uso: “interação, vamos interagir”, o conteúdo, o que que você tem para fazer, a aula é dupla, é minha e de vocês, então tem turma que sim, tem turma que não, mas eu sempre começo pedindo, eu mando o texto sempre antes. Carol: Por e-mail? Pela internet? 3: Por e-mail, pelo “Face” quando eles conseguem baixar, então eu mando o texto lá, peço que eles leiam, porque, se eu chegar para explicar um texto sem o cara ter a menor ideia, é muito mais difícil, se eu falar assim para ele, se dá um texto de três parágrafos, leia isso, ele leu a historinha do cara que foi trabalhar e não sei o que, aí cortou o dedo, quando você vai explicar para ele, o que é divisão social do trabalho, é diferente, para explicar a divisão social do trabalho eu levo um texto faltando algumas palavras no meio, dou para cada aluno, uma fileta de papel com três palavras, ele tem que encaixar as palavras dele no texto, tem um minuto, aí eu passo para outro, aí ele tem outro minuto, eu passo para o outro, então eu vou fazendo assim interações que eles vão aprendendo, o que que é cada um fazer, e depois o que é que todo mundo fazer, depois o que é cada um fazer pontuado, que é a divisão social do trabalho, eu dou várias experiências, lego para eles montarem, levo lego, tem que montar das cores que está na orientação, então não tem orientação, como que se monta? Se monta em coletivo, como que monta com orientação, então eu vou trazendo isso, para eles, tentar trazer ao máximo o que é a teoria na prática deles, é assim que o cara vai entender. Carol: Você acha importante essa percepção conceitual da Sociologia? 3: Sim, não pode deixar de ensinar o conceito, isso é fundamental, o cara fala isso, por exemplo na Filosofia diz assim: “Cícero diz que filosofar é próximo ao morrer, porque você abandona o corpo e fica não plano das ideias filosofando, tentando compreender”, aí se o cara vai e escreve: “Cícero fala que quem filosofa morre” (risos), entendeu? Aí você fala assim: “não caboclo, não é isso”, você vai tentar explicar para o cara, estou entrando um pouquinho na Filosofia só para tentar, como que eu faço também com a Sociologia, é explicar o que que é o abraço, o abraço é algo físico, mas ele têm algo químico e psicológico, o abraço é físico, mas o significado do abraço é psicológico, e a reação que ele dá no corpo é química, quando você explica isso para o cara, ele, “não é pegar”, o que eu uso

nas aulas de Sociologia é isso, é trazer elementos, trazer objetos, que façame eles falarem ao máximo, então as interações, vamos falar, vamos pesquisar, vamos discutir aborto, um grupo vai pesquisar as leis que permitem o aborto, outro grupo vai pesquisar os argumentos que falam contra o aborto, outro argumentos que falam a favor do aborto, outro a questão religiosa, outro a opinião da sociedade, a gente vem, coloca esse caldeirão, todos esses elementos, o cara começa a falar assim: “ah, agora eu entendi”, a gente fala assim: “é contra o aborto? Você é para o nascimento? Porque a vida se dá no decorrer dela, você está envolvido em cuidar da vida”? É muito importante na Sociologia trabalhar os conceitos. É trazer o texto para o cara do Marx, é trazer o texto do Weber da “Ação Social”, é trazer a anomia, o Durkheim, exato, falar assim: “o cara falou isso”, mas como isso se dá na prática? Hoje, como é isso hoje? E trazer isso de forma moderna, como que se dá a mais-valia hoje. Eu uso os rolezinhos para falar da mais-valia, eu uso rolezinho para falar para o cara: “você quer ostentar? Ou não quer? Do fetiche da mercadoria, desculpe, não é da mais-valia, é do fetiche da mercadoria, eu uso rolezinho, para o cara falar: “oh, quem está com o dente lá, o pedacinho da vassoura, com o dentinho colorido, eu uso foto dos celulares deles, mostra a foto de você num look legal, eles mostram, isso aqui é fetiche, ele assim hoje, onde ele está mais bonito aqui na foto ou aqui hoje com o uniforme da escola? É na foto, isso é fetiche, entendeu? Do universo do cara, se você falar assim para o cara: “fetiche da mercadoria é a bolsa da “Vuitton”, é o não sei o que em Miami, o cara não entende isso, ele não vai para Miami nunca, ele está na periferia, lá, fetiche da mercadoria, é a pistola na cintura, “do” disciplina com eles, entendeu cara? É trazer para o universo deles.

Carol: E você divide por ano assim o conteúdo ou não? Por exemplo, primeiro ano Antropologia, ou Sociologia, ou Ciência Política? Como é que você busca trabalhar tudo?<sup>3</sup>: Não, tem que tomar cuidado, um pouco assim, claro que o que você colocar para o aluno bem explicado, desenvolvido, ele vai, o ser humano tem essa capacidade, não precisa de tempo, o que você colocar e esforçá-lo para compreender aquilo, ele vai desenvolvendo. Na Sociologia a gente começa pensando assim, o primeiro ano é pensar, quem é o indivíduo? Por isso que eu fui pesquisar o indivíduo no meu TCC, quem é o indivíduo? Como ele se constitui? Desde entender, como nasce as primeiras relações, os grupos primários, as categorias básicas, até chegar, quem é o indivíduo pleno. No segundo ano a intenção é, quem é a sociedade? Então, se você tem o indivíduo pleno, agora você tem dois indivíduos, três, quatro, você forma a sociedade e no terceiro ano, eu trabalho assim, é, quais são os problemas que esses humanos juntos causam? Ou

resolvem ou provocam? Não, você percebe, então sempre no começo do ano, eu faço na lousa, uma bola de um lado para dizer assim quem é o ser humano e no final, no quarto bimestre, tento guiar o pensamento do aluno, guiar não no meu conceito, mas na questão do conteúdo de conhecimento, para ele entender, quem é o ser humano básico, o que é vida, quem é o ser humano, a origem do ser humano, ou é Deus ou é Darwin, (risos) quem é, e no fim diz assim: “entendemos quem é o ser humano? Os nossos medos, as nossas prisões psicológicas, as nossas percepções da realidade, entendemos quem é o ser humano?” É esse o objetivo, no segundo ano, agora o ser humano está junto, o que que eu causo em você, o que que você me influencia, e aí no final entender, entendemos o que é a sociedade? Quantos tipos de sociedade têm? Quantos tipos de cultura têm? Legal, no terceiro ano, e agora, quais são os nossos problemas? Os conflitos? As guerras? As indiferenças? Os preconceitos? Carol: Você monta, pelo que eu estou entendendo, o seu esquema de aula? 3: Monto, sou eu que monto a minha aula, as minhas interações, na sala de aula como deve ser para todo mundo, infelizmente não é, na minha sala de aula quem manda sou eu, se eu já tive oportunidade de uma interação, colocar todo mundo em cima da carteira e ter a diretora como uma policial dentro da minha sala, quase: “que porra é essa?”, se ela fosse mais bocuda, ela diria assim: “que porra é essa? O que que está acontecendo?” Eu falei: “uma interação minha”, desce todo mundo, eu falei: “não, não desce não”, mas eles podem machucar, eu estou aqui para te ajudar, eu não pedi a sua ajuda, quando eu precisar, mas aíem uma questão da aula, tem aula que você tem que ser ela chata, você tem que fazer ela chata, que é a leitura do texto. Carol: Aula chata seria como? 3: Aula chata que eu digo assim, para eles, não para mim, você tem que ler o texto, tem que explicar o conceito, tem que falar o que é, quem é o cara, de que prisma ele está olhando a sociedade, qual era o período que ele estava olhando, o que que estava acontecendo no período que ele estava escrevendo aquilo, as teorias religiosas, as teorias, entra a política o tempo todo, a teoria do Estado, o que que estava sendo determinante lá, então tem aula que tem que ser assim, e ela é mais carregada, mais maçante, que é leitura do texto, você faz no bimestre, umas duas a três aula show, que é a aula que você deslancha, que todo mundo faz a interação e você fala: “nossa, essa aula é quase um vitaminado cara”, eu saio satisfeito, mas é duas ou três no bimestre, porque os demais é assim, é fazer a questão, construir o material, elaborar o material, eles elaborarem o que eles estão falando, porque você faz uma, por exemplo, agora no final do ano, com o terceiro, eu fiz uma atividade que falava assim: “o que você precisa contar?”, cara se você vê as respostas



que vieram, eles estão desesperados, perdidos, eles não sabem, a cobrança, o que eu dizia, vai mudar, 18 anos, muda uma chave da sua vida, 18 anos você deixa de ser adolescente, passa a ser adulto, aí a cobrança é outra, muitos já estavam trabalhando ou procurando trabalho, e nessa interação, eles nossa, fizeram lindas respostas. Carol: Essa interação foi como assim, eles escreveram em um caderno? Em uma folha? Trocaram entre eles? 3: Eu sempre dou uma folha para eles, escreva para mim, não tem linha, desenhe, rabisque essa ideia, eles vão fazendo, eu abro para socializar, abro, querem socializar? Querem fazer? Alguns sim, outros não, dá choro na sala, quem é a sua referência? Nossa, hora que fala quem é a sua referência cara, eu só tomo um cuidado, nessas aulas, pela Psicologia que eu estudei até o quinto semestre... (risos). Carol: De Psicologia também? 3: É, eu tomo para não criar os gatilhos emocionais, então ela começa a contar, você vê que é opinião, daqui a pouco começa a virar depoimento, aí, eu já consigo, por cuidado da pessoa mesmo, inserir mais alguém na conversa, mudar o foco, é tem que tomar esse cuidado. Carol: É, adolescente também, ele precisa ter... 3: Adolescente e tal, então eles contam tudo, tem muita dúvida, é o que a gente diz, o adulto que dialoga com, e o adolescente, é o professor, os pais não dialogam com os alunos, é raro um pai ou outro, uma mãe, que é amiga e que está ali apoiando e acompanhando, porque os demais eles estão abandonados. Carol: Então assim, você considera importante essa relação com os estudantes? E você acha que a Sociologia auxilia também um pouco nessa interação, nessa implicação com os alunos? 3: Tem que intervir, a Sociologia tem que abordar isso, porque, você entende o que é a sociedade, você entende o que é o ser humano, pela Sociologia você entende isso, você não precisa ser amigo dele, contar suas coisas, ser confidente, mas o aluno te procura e ele vai te dar pistas do que está acontecendo com ele, vai te dar as informações, ele vai se abrir com você, o importante é você ter o acolhimento como professor, aí não só de Sociologia, qualquer professor, ter o acolhimento e se você não tiver condição de orientar, dar no mínimo a indicação de onde e com quem ele procurar alguma resposta. Carol: Alguém que possa ajudá-lo? 3: Alguém que possa ajudá-lo, porque você vê, eu estou nos grupos de WhatsApp das salas, quem diz que os alunos não são interessados está enganado, porque o tempo todo, de sábado, domingo vem os comentários assim: “ô, que que é para entregar segunda, ô que não sei o que”, muitos deles preocupados para fazer, se tivesse um guia que conduzisse os alunos a desenvolver outras atividades, se a escola fosse diferente, se tivesse na matéria de artes, música, teatro, dança, se permitisse, eu acho que o aluno poderia é, ter outras válvulas de escape. Carol: Dar vazão, aos seus

sentimentos... 3: Dar vazão, o que na Psicologia a gente fala de “catequizar”, que é carregar as emoções, eles estão carregados, então se tivesse um ambiente que ele pudesse extravasar e realmente, como diz liberar essas emoções, seriam outros alunos. Carol: Você acha que existe uma potência dos estudantes que a escola não está conseguindo... 3: Muita potência, eu sou na escola pública um professor-pesquisador, acabei de ganhar um prêmio, pesquisando o projeto de extensão da Unimep. Carol: Parabéns. 3: E que minha aluna do terceiro ano, um projeto da Diretoria de Ensino, a Unimep e as escolas públicas, a minha aluna ganhou uma bolsa para estudar na universidade, é uma aluna de baixa renda no caso, e ela vai estudar na universidade. Carol: Qual era esse projeto? Como é que foi? 3: Nós pesquisamos a ação da Unimep pelo Projeto Rondon, então nós pesquisamos o Projeto Rondon e o projeto de extensão, eram três alunas, eu envolvi as três nas ações de extensão lá do Nepep, elas foram para campo, nós, há duas semanas atrás nós construímos, em um acampamento do MST uma “Geladeroteca”, é uma carcaça de geladeira que a gente pinta, customiza e transforma em uma biblioteca. Carol: Nossa, que legal. 3: Então nós doamos a geladeira, pintamos, desenhamos e doamos, são 87 livros infantis. Carol: Nossa, tudo em parceria? 3: O quê? Carol: Em parceria com a Unimep? 3: Não, essa extensão, foi uma ação do Nepep, que é o Núcleo de Estudos de Programas em Educação Popular, que ele faz um projeto chamado “Unimep na Comunidade” [...], e nós fomos para um acampamento do MST, que é um processo, é anterior ao assentamento, é em um acampamento que nós fomos, doamos a Geladeroteca lá, nós inserimos as alunas na extensão e aí ganhamos o prêmio, a aluna está com a bolsa. Carol: Olha, que bom e ela vai estudar o quê? 3: Direito, só que agora é um Direito não mais, um Direito para ganhar dinheiro, mas um Direito para ajudar as minorias, também ganhar dinheiro claro, tem que subsistir, mas a fala dela foi essa, eu não quero um Direito para ganhar dinheiro, para me tornar uma Advogada rica, quero ganhar dinheiro para ajudar as minorias, porque ela se envolveu com as minorias. Carol: É outro tipo de aprendizado vamos dizer assim. 3: Exato, então você vê? Então assim, a minha disciplina, eu como professor, oportunistei isso para ela, ela ia a campo, ia ficar no acampamento, vê como vivem, como vão ao banheiro, como moram, ela participou disso, não tem como não se tocar, não tem como. Carol: É realmente. Em sua opinião, qual tem sido e qual deveria ser o papel da Sociologia na educação básica? 3: É trazer uma consciência crítica, a Sociologia ela não é muito prática, ela é teórica, mas é exatamente por isso, é conseguir transformar o conteúdo teórico na compreensão da realidade social, o principal papel da Sociologia é esse, fazer o aluno entender como ele

se constitui pelos grupos primários, como ele ganha a religião da família, os valores da família, como se desenvolve como ser humano, onde e come, o que veste, onde passeia, é entender porque que ele sofre ou pratica os preconceitos, as discriminações, as humilhações sociais, é entender porque os grupos se odeiam, porque que a sociedade se dá, as bases da sociedade, porque elas estão focadas nisso, o papel da Sociologia é esse, aí ele pode pegar uma carona e desenvolver atividades que os alunos possam praticar isso, levar o aluno na aula de Sociologia no cemitério e falar assim: “vê onde está enterrado o rico, como é o túmulo do rico e como é o túmulo do pobre”, ele vai entender na hora, você pergunta assim para ele: “onde você seria enterrado?” Ele vai entender na hora, na hora que existe isso ou aquilo, vai entender na hora uma coisa que, ou porque o capital é tão perverso que ele dá a oportunidade para todo mundo, você pode vencer, desde que levante cedo e trabalhe muito, você pode vencer e ficar rica, e consumir e comprar, ele fala isso, mas, não é essa a realidade, a maioria da escola pública não vai fazer universidade, principalmente agora, não vai fazer, infelizmente. Carol: E, quais os impasses e desafios para consolidação da Sociologia, agora que ela volta a ser retirada? Como é que você está vendo esse momento de luta? Vamos dizer assim. 3: Agora, na Ciência Política a gente fala do movimento pendular, o mundo ele se endireita ou ele se esquerdaliza, de períodos em períodos, nós estamos na fase do mundo endireitar de novo, então nós temos, é na França a ultradireita para ganhar, nós temos aqui no Chile a direita governando, temos no Brasil a direita, desgovernando, temos na Argentina o Macri, nos Estados Unidos, então, nós estamos, o mundo hoje em dia endireitando, a luta vai ser a de sempre, a sociedade brasileira, a SBS, Sociedade Brasileira de Sociologia tem que se articular, tem que começar a fazer, é documento, tem que pleitear, lutar na justiça, tem que fazer Congresso, pegar assim, tem que ressurgir agora uma coisa que a gente tinha quando ela foi inserida, levantar os intelectuais de esquerda, esses caras precisam começar a aparecer de novo, começar a escrever de novo, por exemplo, o seu papel, a sua dissertação é fundamental como um material de base para gente discutir o papel da Sociologia, o que ela está no Estado fazendo e articular, se unir e articular, debater e fazer fórum, fazer congressos e militar sobre isso e mostrar, é aí que eu digo, seria ideal mostrar o que o conceito, o conceitual faz e o que ele na prática oportuniza, mas agora vai ser uma luta muito séria, uma luta, a esquerda precisa se unir, fazer uma base, de novo, porque o PT infelizmente abandonou a política de base depois que assumiu o poder, isso foi um dos erros gravíssimos do PT, abandonou, então vai ser um processo lento, porque a direita ainda não se estabilizou, então quer dizer, vai tempo

ainda, vai anos para a direita se estabilizar e depois começa o chamado contragolpe, para voltar isso, e a Sociologia e a Filosofia estão nesse barco, claro que um governo de direita não quer um cara pensando, para criticá-lo, não quer um cara criticando, ele quer uma massa de manobra. Carol: E como é que você vê essa reforma do Ensino Médio, em cinco áreas de formação? 3: Olha, primeiro que ela não deveria ser no Ensino Médio, deveria ser no ensino de base, porque se você pega um aluno no quinto ano, no sexto ano que são os anos fundamentais, são finais, do primeiro ao quinto, são anos fundamentais iniciais, do sexto ao nono, fundamentais finais e depois os três do Médio, se você pega um aluno no quinto, no sexto ano, que ele já vem sem saber ler e escrever, no sexto ano você não tem professor alfabetizador, então quer dizer, o cara vai até o Ensino Médio sem saber ler e escrever direito, porque não tem ninguém que sente com ele, ou vão medicalizar, ou vão tratá-lo como deficiente intelectual, ou vão abandoná-lo, como a gente tem, alunos que mal escrevem, aí você percebe, se o aluno, se o ser humano é, nessa cultura organizada nossa, um indivíduo que tem que saber ler, calcular, escrever e se expressar, os alunos do Ensino Médio, hoje a grande maioria não domina essas quatro habilidades, não dominam, eles não sabem falar, são tímidos, então na aula de Artes teria que ter teatro para ele aprender a se soltar, Português tem, no Ensino Médio são cinco aulas, mas se ele já vem de um fundamental inicial pífio, chega lá sem saber escrever, ela não sabe, elas falam: “eu não sei alfabetizar”, e não dá mesmo, a reforma teria que ser no básico, agora, por que que vai no Ensino Médio? Exatamente porque ele quer tirar o que se faz pensar, quer tirar quem faz pensar. Carol: São as Ciências, a Sociologia, a Filosofia. 3: É, são perseguidas desde sempre, você deve ter acompanhado, lido sobre a instrução nela. Carol: Desde de sempre, sim, é uma luta feroz. 3: Quando ela veio, foi tirada, depois voltou, depois o próprio Sociólogo Fernando Henrique tirou a Sociologia, a obrigatoriedade dela então é isso, vai ser, vai demorar, o que a gente tem que fazer agora é organizar material, é organizar instrumentos, que possamos pleitear a importância dela, mostrar a importância dela e isso, trabalhar também assim na base, professor com aluno, fazer um trabalho. Carol: Sim, para que ela seja discutida em casa, pensada também, o aluno leva essas questões. 3: Sim. Carol: Estamos precisando de força. Muito obrigada. 3: Magina.

**ANEXO IV – TRANSCRIÇÃO ENTREVISTA Nº 4:**

Carol: Primeiro eu queria saber como é que foi sua faculdade, sua formação. Você é formado em que? Aonde e quando foi essa formação? O ano. 4: (...) Minha formação é Ciências Sociais, fiz no Isca, em Limeira. Iniciei em 2006 até 2009. Foi num processo já de desconstrução das Ciências Sociais lá, que já estava caindo, agora já nem tem mais, e para formar a turma eles fizeram uma junção, em um primeiro momento com Pedagogia e Geografia. No primeiro ano nós fizemos as três turmas juntas. Foi tudo pedagógico, as matérias introdutórias, Introdução à Filosofia, Introdução à Psicologia. E até pelo processo mesmo já via que Geografia e Ciências Sociais estava fechando e só ia permanecer Pedagogia, então o primeiro ano foi extremamente pedagógico e depois é que voltou-se mesmo para a área. Mas a formação foi legal, foi boa. Pelo menos me deu base para passar nos concursos, por exemplo, para conseguir fazer tudo aquilo que eu preciso para conseguir dar as aulas, também, legal. Me deu base para leituras pós-academia, dá para fazer tranquilo, para fazer pesquisas, por exemplo, com os alunos. Então eu não acho que foi uma formação ruim, embora ouvimos até do (inint) Mato Grosso que aquilo lá não formaria sociólogos, em uma palestra que ele deu lá. Mas eu diria que formou sim... Embora depois eu fui... hoje eu estou gostando mais da Antropologia, mas é uma coisa que eu transito muito. Carol: Fica entre as áreas... 4: É, eu não consigo ficar só em uma coisa assim. Eu gosto muito de viajar para onde dá, para onde me interessa um tema, aí eu vou e busco. Carol: E você é Bacharel e Licenciado? 4: Isso, os dois. Carol: E como é que foi? Você fez um TCC, então? 4: Fiz. Carol: Conta um pouco do tema. 4: Meu tema era sobre a questão de como que a modernidade transformou o ócio, o momento de contemplação, de reflexão de si ou do nada a fazer, em preguiça. E, daí, como que ela inventou o lazer como via capitalista de ganhar dinheiro, e aí agora você se ocupa no lazer e perde o momento para você refletir sobre si ou perde o momento para você poder ter autocontrole de si, saber quem você é. Então todo tempo você tem estratégias de lazer para te ocupar, e todo tempo que você quiser desacelerar você não pode. Então a pesquisa vem nessa linha. Ela vem tentando mostrar como que o capital mesmo criou também, ele engloba vários cantos, o próprio Weber dizia isso. Ele engloba e aí ele desconstrói, o Marx dizia mais, mas o Weber tem um trecho em que ele vai falar... primeiro eles pegam a Ética Protestante, que daí eu acabei usando, para falar do espírito capitalista, e depois eles já não precisam mais da Ética Protestante. Daí o capital se sobressai, inclusive a gente já sabe muito bem como está... Carol: Já. 4: A questão hoje. Então é nesse ponto mesmo, o lazer entra e agora você

quer ter férias, mas você não tem tempo para se organizar, suas férias, na verdade, são doutrinadas pelo capital. Seu tempo livre, você vai sair do trabalho, que seria um tempo hipoteticamente livre, que daí já não podemos nem chamar de livre. Porque você está doutrinado para a Academia, você tem que fazer um curso, você tem que... você não para. A todo momento você tem que estar correndo atrás de algo novo e aí o momento de você poder parar e refletir sobre si não existe mais. Claro que existe, dentro das perspectivas... Mas o capital, ele tenta extinguir esse momento para ganhar mais lucro, então ele invade. Tudo que ele pode e vai. É nessa linha. Carol: Interessante. E além da graduação, você continuou seus estudos? Fez algum curso? 4: Sim, fiz uma Especialização em Ética, Valores e Cidadania na Escola pela USP. Carol: Já sendo professor do Estado? 4: É, já sendo professor. Fiz curso na questão de Protagonismo Juvenil, já da escola de formação do Estado mesmo. Fiz dois cursos de ingressantes do Estado, que temos que fazer quando entramos nos concursos. Permaneci fazendo vários outros cursos, sobre Direitos Humanos, tudo pelas escolas do Estado, e gosto bastante, hoje em dia, até tenho interesse, estou buscando, na verdade, ir para a área do Audiovisual, mas na verdade eu faço mais por “autodidatismo” mesmo, para produção de... tenho produzido algumas vídeo-aulas que eu passo para os alunos. E também curta-metragem, essas coisas, então minha próxima parte é isso. O ano passado eu acabei não entrando por escolha, porque meu filho estava para nascer. Mas se não eu já teria feito e essa é uma área que hoje me interessa muito. Carol: Audiovisual? 4: Audiovisual. Carol: Mas, teria feito o que? Uma graduação ou um curso... 4: Uma pós-graduação. Provavelmente até pelo tempo. A pós-graduação, ela permite ser aos sábados, por exemplo. Senão também não dá. Pelo horário de trabalho, a gente sabe que o Estado não nos dá um dinheiro adequado para você trabalhar pouco e estudar. Carol: Ah, sim. 4: Então, por isso. Se eu pudesse, faria uma graduação mesmo que seria, acho que, melhor do que uma Pós. Carol: Você prestou o concurso em que ano? Como é que foi você ingressar na rede estadual? Você ingressou sem o concurso inicialmente? Como que foi sua trajetória? 4: Sim, eu ingressei primeiro como “O”, logo que eu saí da faculdade. Eu já tinha dado algumas aulas de eventual, mas logo que eu saí da faculdade, em 2010, entrei como categoria “O”, tive que prestar a provinha. Depois em 2010 já teve o primeiro concurso, passei, daí teve o segundo agora. Então estou com dois cargos... Carol: Você tem dois cargos? 4: É. Carol: Quais são esses cargos? 4: Sociologia. Um eu estou na escola de Ensino Integral hoje, que é (...). Sou Coordenador de área também, da área de Ciências Humanas, mas eu mantenho algumas aulas. Tenho 16 aulas e

coordenação. São 20 horas de trabalho para um e para outro, vamos por assim. 4: E no (...) eu dou aula à noite. O ano passado quinta e sexta à noite, o ano retrasado também, intercalando com o Integral. Então são algumas horinhas de trabalho na semana. Por isso até não posso fazer uma graduação. Carol: Entendi. E como é que foi o processo de inserção na escola para você? 4: Olha, eu tenho os traumas. As escolas, elas são extremamente diferentes. Então eu pego uma escola que eu achei maravilhosa, o primeiro ano que eu peguei mesmo foram três escolas, que era uma aula semanal na época, então precisava pegar. Minha sorte é que consegui uma pontuação boa, então peguei três apenas, mas tinha amigos, quatro, cinco. E, no caso, a escola que eu escolhi primeiro, que era mais próxima da minha casa e tudo mais, para mim foi uma decepção. Pela forma como a direção atuava, uma direção que queria tudo do jeito dela, então você não sentia a liberdade de poder fazer alguma coisa. Uma direção que vigiava a todo instante se você está fazendo ou não, e isso daqui, aquilo... E não tinham salas tão simples, se a gente for parar para ver. Era primeiro ano, você está aprendendo ainda, você acha que você vai entrar, vai fazer a revolução com a sua palavra lá e na verdade você tem que aprender que o jogo é muito mais complexo. Carol: Sim. 4: A escola não era tudo aquilo que eu imaginava. E ao mesmo tempo, sabe, queria que a gente fizesse... E ao mesmo tempo também tinha ações extremamente ditatoriais, que não condiziam com aquilo que eu pressupunha. O que foi bom é que no concurso logo eu já consegui a outra escola que eu dava aula, e que ali, para mim, foi e ainda é a melhor escola que eu dei aula, no sentido de liberdade para ser professor. Sigo a apostila do Estado, faço tudo isso daí, não deixo de fora o conteúdo que está lá, mas me deu a liberdade para fazer muita coisa. Então eu levava alunos para a ESALQ, por exemplo, e ia andando porque já cansei de pedir ônibus... para a prefeitura, a não ser que você ligue para um vereador, por exemplo, para alguém... é melhor colocar “alguém” lá, não explicitamente um vereador. Mas você precisa se vender primeiro para conseguir... então muita coisa a escola já me permitiu. O coordenador mesmo falava “pode fazer”. Então foi uma escola que me deu áreas interessantes para trabalhar. Gostei também da outra escola aqui perto que também dei aula, voltaria aqui tranquilamente, achei maravilhoso. Mas uma delas foi traumática, assim, foi aquela decepção por eu já ter estudado lá e chegar para dar aula e aí você vê que, assim, péssimas condições... aí eu diria assim, principalmente para quem está começando e ainda não aprendeu que no Estado você vai, infelizmente, você vai ouvir muita bobagem que você não deveria ouvir. Você vai ter que brigar e tudo mais, mas você vai ouvir. Infelizmente você vai, tem todos esses detalhes. E que,

assim, você chega lá e... a direção não queria nem que fizesse greve, por exemplo. Então... quis falar que na minha categoria “O” não poderia fazer greve, e aí tentou botar um terror e tudo mais. Por isso foi meio traumático ali aquele primeiro ano, foi explosão de três lugares extremamente diferentes... Mas legal, assim, de entender... entendi bem como era o jogo do Estado também. Como que é, que não tem nada a ver com Secretaria. Tem a ver com mandonismo particular da direção. Carol: Entendi. 4: Ou, se você quiser por, como não está citado mesmo, coloque aí... mas eu vejo isso como um (inint). Carol: Não... eu vou transcrever, aí você avalia. Pode tirar o que você quiser lá na transcrição. 4: Não, pode por. Tranquilo. Carol: Eu queria saber, então, esse processo de inserção, como é que... você falou bastante da direção. E os outros professores, como é que foi essa recepção? Você lembra? Não lembra... os alunos? 4: Olha, professor é assim, toda escola, que eu vejo, tem suas panelinhas e tem seus prediletos. Então, primeiro ano você vai criando muito mais amizades, pelo menos no meu caso e vejo em alguns outros, você cria muito mais amizade com quem está entrando também. Depois você vai... ganhando espaço, você vai, então é um território extremamente demarcado, com identidades bem criadas ali. Não é um local desconexo, pelo menos assim, de identidade... eles têm. E essas identidades têm poder lá dentro. Então, assim, num primeiro momento, eu senti mais que, nessa escola que eu citei melhor para você, a coordenação me trouxe mais, por exemplo, eu me senti mais apoiado pela coordenação e um outro professor, o professor de Filosofia, que é uma área mais afim, e um ou outro também que agregou, os funcionários agregaram bem... mas dizer que no primeiro ano, nas três escolas os professores me abraçaram, não. Eu diria que fui mais bem abraçado em duas, pela direção e coordenação e pelos funcionários em geral do que pelos professores. Alunos, acredito que foi bem legal, já no primeiro ano, o terceiro ano me homenageou lá, quando tem as questões... vejo com bons olhos. Só um pouquinho desiludido daquilo que a gente achava que ia entrar e fazer alguma transformação social, aquela coisa ilusória mesmo que a gente entra. Que bom que eu entrei assim. E ainda hoje acredito que faço transformações, que contribuo para muita coisa, mas hoje já não com aquele romantismo que eu tinha no passado de achar que eu ia entrar e ia conseguir falar: “olha, porque Marx disse isso, porque Weber disse isso, Durkheim disse isso, porque o Bauman disse isso, Bourdieu citou”, não. Não brilhou os olhos deles quanto brilhavam os meus na faculdade, vamos pôr assim. Mas você vê que criou sim um bom processo, minha relação com os alunos, geralmente, tem um bom número de alunos que tenho uma relação boa. Gosto muito da relação que eu tenho com os alunos, converso



com eles, toco violão com eles muitas vezes, alguém levava o violão, ou eu levava, eu ia para o intervalo e ficava tocando. Então nesse ponto tenho tido uma boa relação desde o primeiro ano. Não acho que foi algo difícil, e foi algo gostoso. Só que aí o primeiro ano é o primeiro ano, você está descobrindo o que dá e o que não dá para fazer. É uma loucura. Carol: E como é que você avalia o material do estado de São Paulo?4: Se eu for parar para ver, acho fraco no quesito de que poderia trabalhar mais aprofundado com alguns Sociólogos, que não tem esse aprofundamento. Eles mal sabem ali, pelo material, o próprio Marx, o Weber e o Durkheim. O Marx e o Weber aparecem em Classes Sociais e Estratificação Social no último bimestre do primeiro ano. O Durkheim, se eu não me engano, não aparece nenhuma vez. Posso não ser o que mais gosta do Durkheim, porque eu não sou, mas acho que ele enquanto um dos grandes, dos primeiros ali, um dos fundadores, vamos pôr assim, ele não pode ser esquecido. Independente se eu gosto ou não da teoria, ele teria que aparecer, do mesmo jeito que teria que aparecer o Comte, na minha visão. Mas não para eu ficar: “ah, tal, tal”, não acho nem que a gente deveria ficar formando para saber 100% a teoria deles. Não, acho até pior. Eu tentei fazer isso na ETEC e achei pior trabalhar mais a fundo a teoria deles. Achei mais interessante o trabalho com as temáticas e trazer os autores. Mas eles são esquecidos, o material, ele não aprofunda tanto. E não tem como falar de Sociologia sem falar dos Sociólogos que produziram aquilo e tudo mais, então acho que seria legal ter o aparecimento mais profundo. Você tem lá uma citação de que existe a violência simbólica, lá no segundo ano, no primeiro bimestre, mas você não tem o Pierre Bourdieu, sabe? Eu acho que isso é uma falha muito grande. Não aprofundar, muitas vezes, em um autor, na ideia desse autor, como que ele vê aquilo. Eu acho que essa falha é muito grande, quando a gente para para ver que muitos alunos, quando você trabalha com eles as ideias, eles gostam, pelo menos eu percebo, quando você cita que é fulano que pensou isso, então eles gostam de citá-lo: “ah, mas o Bourdieu, ele dizia isso... o fulano dizia isso”. Eu acho que, assim, é uma coisa que o aluno identifica. É o fulano. Ele tem uma referência, se um dia ele quiser estudar, fulano pensa isso. Vira também algo para ele trazer para a vida dele: “oh, alguém dentro dessa área aqui pensa isso”. Senão parece que o professor de Sociologia pensa isso. E não é o professor. O professor está trabalhando com teorias já, extremamente embasadas, muitas vezes ali que o professor não criou, não chegou nem perto de desenvolver um trabalho sobre. Tem o Goffman, mesmo, não fiz um trabalho na faculdade sobre o Goffman, mas eu tenho que explicar o Goffman. Ele aparece mais a fundo, no caso, mas assim, aparece

dentro de uma “partinha”. Mas eu acho que essa é uma falha muito grande no currículo do estado de São Paulo, que me faz falta pensar que ele poderia trabalhar mais nesse ponto. Só que tem o ponto da Secretaria que eu já, tanto tempo no Estado fazendo tanto curso que o Estado me obrigou também a fazer e aqueles que eu fiz também. Eu já peguei. Primeiro que nós temos que trabalhar com competência leitora e escritora como base. Eu acho que até o material de Sociologia falha em alguns momentos com isso daí, como um amigo meu foi fazer uma pesquisa mais a fundo do material, ele fez uma especialização e colocou o material como base, e ele foi atrás de pessoas da Secretaria... o material do estado de São Paulo, ele é feito não necessariamente para um Sociólogo dar aula. Isso, também já acho que é um problema e não, ao mesmo tempo que a gente sabe que não tem, necessariamente, tantos Sociólogos para dar aula. Nós sabemos que tem Filósofos pegando, que tem Advogados pegando, ou formados em Direito pegando, mas sabemos que tem e nós sabemos que isso daí é muito forte. Mas ele não é feito para Sociólogos. Eu acho que até por isso que somem os Sociólogos da apostila. Eles não existem até por isso. Isso é uma falha, porque primeiro eu deveria pressupor ter o Sociólogo ou, pelo menos, ter formação para que pessoas que não são da área, para que elas deem uma aula digna da disciplina, por exemplo. Acho que ele falha também nesse ponto, por mais que a intenção, como eles colocaram, seja: “olha, é aprendizagem em primeiro ponto”, que também está no currículo oficial do estado de São Paulo, é a aprendizagem e não mais o ensino é a base. É o direito à aprendizagem que conta, eu acho que nisso também se falha, porque o direito à aprendizagem é prejudicado se eu parar para ver que eu reduzi esse direito. Que eu também fechei as possibilidades. Então eu vejo desse ponto, embora em alguns bimestres, por exemplo, eu acho que o caderno, ele vem com várias coisas legais, ainda sem aprofundar, mas ele permite discussões legais, ele permite textos bons. Tem textos dali que eu usei, por exemplo, na ETEC tranquilamente, falei: “ah, esse texto aqui dá para usar na ETEC”. Tem atividades dali que eu usei também, por exemplo, porque eu achei que valia a pena, que são atividades que envolvem o aluno, que fazem ele pensar e que está lá. Então, ele não é horrível, é uma base que dá para usar, precisaria ser melhorado. Quando abriram para melhorar eu fiquei sabendo muito em cima da hora, e achei também uma forma muito ruim. Carol: Entendi. Os professores podiam opinar, é isso? 4: É, teve um ano que pôde opinar. Se queria melhorar, se queria mudar alguma coisa e teve algumas pequenas mudanças, mas achei que foi feito de forma que não permite, eu até poderia, porque foi mais digital, vamos por assim, o esquema, então eu não posso reclamar que eu não vou saber usar o

digital, porque eu vou. Eu gosto dessa parte e tudo mais. Só que eu acho frio eu ter que analisar ele no digital e não ter tido um convite para fazer uma discussão, um dia que seja, e aí você vai opinar naquilo que você quer, mas precisa encontrar outros professores, precisa ter... porque eu acho que aí seria mais interessante. Senão também vira... assim, eu dou uma proposta o outro dá outra, e o cara da Secretaria de Educação, ele escolhe qual o mais agradável para ele, enquanto Secretaria ele faz. Então acho que faltou algumas coisas, um congresso para discussão. Acho que daí seria a gestão democrática que eles tanto dizem que deveria ter e que não funciona. Que daria para melhorar. Agora já falei acho que muito sobre isso... Carol: Não. E você utiliza o livro didático do Governo Federal? Lembra qual? 4: Na escola chega o do Tomazi, que é o Sociologia para o Ensino Médio. Não é o que eu mais gosto, mas o do Tomazi, ele tem muita coisa que está dentro do currículo. Um livro que eu acho que aprofunda mais e aí dá para você fazer alguns trabalhos mais legais na leitura, embora ele seja um pouquinho mais difícil a leitura, é o Sociologia Hoje, os alunos sofrem um pouquinho mais. Na outra escola chega o da USP, Sociologia... é um de capa verde, se você quiser depois eu te mando. Carol: Tá. 4: Eu tenho todos eles também se você precisar dar uma olhada. Mas esse daí o aluno não entende. O da USP o aluno não entende. É jogar no lixo... é assim, você dá para eles para tentarem fazer pela leitura, não vão entender. O Tomazi vão, o Sociologia Hoje vão... Carol: E por quê? 4: É, assim, é uma linguagem mais pesada, coisa que o estado de São Paulo não vem trabalhando a fundo. Não fui eu que escolhi o livro. Carol: Você ainda não teve opção de escolher? 4: Eu tive opção de escolher, todas as vezes que eu escolhi, uma eu estava em outra escola, e saí para ir para o Integral, então chegou. Tanto é que eu fiz uma troca, eu peguei 40 livros nessa escola e troquei. Porque, assim, chegou na escola que eu estou o do Tomazi, aí troquei 40 livros que dá para usar nas salas do Sociologia Hoje... eu até utilizo, mas não sou tanto de utilizar também livro didático, eu gosto mais de levar algum texto, uma projeção, um vídeo, essa parte do audiovisual, ir na sala de informática. Eu trabalho muito mais assim, às vezes eu pego algum texto que eu achei em um blog, que tem alguns blogs legais que o pessoal escreve de Sociologia. Então acabo indo mais por essa linha. Ou quando acho algum texto de algum autor, ou quando a temática está aqui, aí aconteceu algum fato cotidiano e eu trago, mais do que o livro didático. Carol: Entendi. 4: Eu diria até, para mim, se investisse, claro que sei que as pessoas não têm computador em casa, blábláblá, o livro didático ele pode levar, se ele tiver interesse vai ler, então não desconsidero esse ponto, mas acho que o investimento em livros didáticos hoje, poderia

ser trocado por investimento em tecnologia na escola. Mais computador, porque ele me permite entrar na rede e ver várias coisas. Claro que o livro didático já vem com uma linguagem... já vem feito por pessoas especialistas na área, coisa que na internet talvez ele não encontre. Você vai ter que buscar algum Scielo, algum site mais específico para isso, mas o livro didático, pelo que eu vejo também nas escolas e meus outros amigos professores, muitos deles, assim, quem mais eu vi usando foram os Filósofos e não os Sociólogos, por exemplo. Carol: Na aula de Sociologia? 4: É, na aula de Sociologia são os Filósofos, daí, utilizando. Talvez até por um certo preconceito, mas eu gosto muito de ler aqueles livros. Eu leio, dei uma olhada em vários temas que me interessam eu leio para ver o que dá para eu fazer um link, mas, assim, às vezes acho que dá para a gente criar um texto melhor. Que o aluno vai entender mais porque está dentro do contexto seu. O livro didático é mais ali, você pegou, você quer ver se ele... você quer ajudar, porque eu faço, também, trabalhos em prol, daí, das habilidades leitoras, escritora, então, aí você pega um texto. Mas daí eu pego seja de qual livro for. Eu estava trabalhando Etnocentrismo não peguei o livro de Sociologia, peguei o de Filosofia que tinha o dos canibais para trabalhar. Aí fui trabalhar, mas era Língua Portuguesa mesmo que eu estava testando ali, dando suporte depois para uma discussão de Etnocentrismo, do porquê que vão falar que o costume da minha terra é melhor do que o outro. Mas, assim, acabo deixando mais o livro didático guardado do que em uso. Como eu não vejo eles com um bom texto ali que vá servir de suporte para aquilo que eu preciso trabalhar, mas é claro que tem bons textos lá. Mas eu acabo usando ele como um suporte, teve ano até menos do que a informática, quando tinham menos salas na escola que eu estou agora, eu fui mais na informática do que usei o livro didático. Então preferi essa via. Carol: Mas para estudar você usa então? 4: Leio, leio. Carol: Você dá uma sondada para ver se o livro... 4: Dou uma sondada para ver o que tem ali, se tem uma situação legal. Então ali eu coloco para passar para os alunos, isso sim. Didático eu já li bastante, dependendo da temática eu leio. O Tomazi tem coisa legal daí... que ele vem mais no currículo, então ele acaba tendo. Agora, o livro didático tem textos legais para você ir relembrando coisas introdutórias da Sociologia, da Antropologia. O Sociologia Hoje tem muita coisa legal, então a leitura dele eu acho que foi mais legal para mim enquanto, para eu não perder muita coisa que, quando você está fora da academia. Eu acho ele muito bacana. Carol: E você falou um pouco já da estrutura, mas é adequada, das escolas que você trabalha, é adequada para um bom andamento da disciplina de Sociologia? 4: Não. Primeiro que, assim, como eu falei, sala de informática deveria ter

mais. As Ciências Humanas precisariam mais... projetores nós precisaríamos mais, por exemplo. Porque nós não temos um laboratório com as coisas. Nós não temos uma luneta para olhar, como a Física permite. Então, assim, a Biologia permite. Até no Integral eles têm salas diretamente para isso, laboratórios bonitos e tudo mais, e nós poderíamos ter, na minha visão, ter espaços para isso. Para jogos mesmo na área de Ciências Humanas, que dá para a gente fazer, dá para criar com os alunos, jogos... dava para ter salas para ter um espaço descontraído para você fazer uma aula diferente mesmo. E poderia ser o laboratório das Ciências Humanas, poderia ter os mapas, poderia ter dados que a Geografia vai usar, mas as Ciências Humanas nunca receberam um laboratório. Eu acho que, para gente poder trabalhar com jornais, trabalhar com a questão mesmo da edição de imagens porque eu gosto bastante de pegar, sair com eles, vamos tirar foto, vamos analisar a desigualdade em volta no bairro, vamos andar aqui. Vamos ter as fotos do que é a desigualdade aqui. Aí depois você precisa dos computadores. Então acho que seriam locais permissivos para isso. As Ciências Humanas, elas viriam mais para essa linha. Porque ela não precisa do laboratório formalzinho. “Formalzinho”, desculpe, reduzi a ..., mas um laboratório formal. Mas ela precisa de um espaço, eu acho, que permita também olhar que as Ciências Humanas também é ciência. Muitas vezes fica esquecido isso. E os alunos, esse lado fantasioso deles, eles: “ah, eu quero ser cientista”. Aí eles acham que ser cientista, você pega os menores lá, eles acham que cientista é só fazer, literalmente, ciências: Física, Biologia, que ali eles têm essa ideia. Então eu acho que ali falha. As Ciências Humanas por não ter esse valor dado estruturalmente dentro das escolas, nós também, e pelo material que nós temos, acabamos não dando a entender que nós também somos cientistas, nós temos que provar isso para os alunos. Coisa que os outros não. Então no jogo simbólico a relação é totalmente diferente. Então nós temos que provar que nós também fazemos isso. Então eu acho que, estruturalmente, as escolas falham. Isso em todas as que eu passei. Carol: Você já passou em quantas? Só para a gente se situar. 4: Poucas. Eu tive a sorte de pegar boas posições, então passei... cinco escolas. Pouco, (risos) Carol: Mas é uma realidade comum, então já vê... 4: Alguns outros, se você tiver perguntado, acho que passaram por mais. Carol: Sim. Como é que você estrutura suas aulas, assim? 4: Olha, é... estudo. Pego como base, como já falei, o material do Estado, a temática, pelo menos a garantida ali. Eu trabalho com elas. Às vezes dou uma puxada para cá porque vi que a sala gostou disso, então vou, mas eu gosto muito de pegar... ler alguns textos, reler alguns livros, ver alguns materiais que eu tenho para trabalhar dentro das aulas ali.

Gosto de fazer aula com PowerPoint, projeção e tal. Carol: Você tem o seu projetor ou a escola tem? 4: Eu comprei um. Comprei para eu poder fazer minhas aulas mais diretamente nisso. Gosto muito de usar curtas-metragens e vídeos. Documentários, filmes. Geralmente seleciono trechos e se acho o filme relevante ser ele inteiro, até porque acho broxante às vezes você cortar o filme. Mas o tempo é pequeno, então às vezes a gente precisa. Mas, assim, eu gosto muito de estudar e ter base, muitas vezes levar um livro para a sala, abrir o livro e ler esse livro ali para eles verem: “ó, não sou eu que estou falando. Está aqui”. Ir lendo, tal e mostrando: “tal coisa está aqui nesse livro, tal coisa está aqui”, e mostrando que não é uma invenção da minha cabeça, também acho que isso é importante. E também para buscar desconstruir as verdades. Acho que assim, a Sociologia, ela tem que ser estruturada para desafiar um pouco as verdades concretas, que é o nosso papel de Ciências Humanas na verdade, se for parar para ver. Não a do Sociólogo apenas. História também. Mas para questionar mesmo e mostrar que existem outras possibilidades, então eu gosto também de trabalhar, muitas vezes com visões diferentes. Então, não pegar só uma visão que me agrada mais, e eu só vou citar ele... não. Às vezes tem que trazer, então eu trago, gosto de fazer isso daí. Mas me dói, às vezes, ter que fazer aquilo, mas... (risos). Acho que é interessante do ponto de vista que nós temos que formar a mente crítica. E não dá, se eu só mostrar um lado, mesmo que esse lado seja, como os mais revolucionários vão dizer, mesmo que esse lado seja do oprimido, ainda assim acredito que ainda seja muito panfletário. E o oprimido pode virar o opressor, também isso é um problema muito sério. Então no terceiro ano, por exemplo, eu trabalho, como tem que trabalhar com as teorias da política e tudo mais, vou trabalhar e geralmente eu faço, nas salas que tem número suficiente, mas geralmente tem, trabalho com os filósofos para pegar o ponto de vista político deles e fazer, daí eles têm que estudar esse filósofo. Carol: Você divide em grupo, é isso? 4: É. Pego o Hobbes, o Locke, o Rousseau, Maquiavel, aí pego Marx, para desconstruir de vez o Bakunin (risos). Para colocar alguém diferente que não vai entrar mesmo. Eu coloco esses seis, geralmente, que são visões extremamente diferentes. Para discutir política ali, vou e estruturo perguntas, coloco um aluno também para estruturar essas perguntas junto comigo, que é ele, na verdade, que vai tocar o debate, eu só entro para provocar mais se for preciso. Se fosse por minha escolha de quem eu gosto, eu pularia um monte deles. Mas não é o que eu gosto apenas, então eu tento fazer essa crítica, mas eu sei que sou tendencioso como qualquer outro. Pelo menos é o que eu imagino, que todos sejamos. Carol: Na sua opinião, qual tem sido e

qual deveria ser o papel ocupado pelo ensino da Sociologia na Educação Básica? 4: Olha, o papel acho que eu até falei um pouco, que é desconstruir mesmo, desnaturalizar a realidade, mostrar: “olha é histórico, podemos ver de outros olhos”. Acho que esse é o grande papel, que a Sociologia precisa criar, mas ela, assim, nós, infelizmente, até por termos colocados como matérias, que eu, a gente já ouviu de vários outros ali na brincadeira, mas são brincadeiras um tanto quanto com um fundo de análise próprio, submatérias. Carol: Vários outros? 4: Vários outros professores. Então nós somos submatérias, como eles colocam. Até porque nós não caímos no SARESP. Hoje já não cai mais nada além de Português e Matemática, mas antes caía. História, Geografia, Química, Física, Biologia, mas não caía Sociologia e Filosofia. E já estava. Então deveria cair, mas não caía. Nós não estamos nos vestibulares, por exemplo, na maior parte deles a gente está ignorado. No Paraná você vai achar lá, mas, o ENEM agora está aparecendo muita coisa que lembram as aulas de Sociologia, então os alunos conseguem pegar e fazer essa ponte. Mas no contexto, eu acho que, menosprezam a Sociologia, assim como a Filosofia. Menosprezam muito. Não veem como matérias que são importantes que o aluno tenha. Veem como uma perda de Português e Matemática que deveria ter mais, por exemplo, mas acho que os professores de Sociologia, eles se esforçam muito para fazer uma mudança nesse ponto. Principalmente agora puxando mesmo para os Sociólogos. Não falando mal dos Filósofos que dão aula de Sociologia, muitos deles se esforçam, você percebe isso, mas os Sociólogos você vê que tem aquele, você pergunta para o aluno: “de onde você veio? Tal. Que escola? Tal. Quem dava aula para você? Tal pessoa”. Então, assim, você percebe quando era um Sociólogo que dava aula. É claro que tem aqueles que nós sabemos que o aluno não vai citar, mas você vê que tem aquele gosto. Então eu acho que, pelos alunos, não por todos, é claro, mas por muitos deles, a Sociologia deveria ser uma matéria valorizada, por exemplo. Então o papel para os alunos tem sido muito interessante. Você percebe que eles falam: “ah não, porque dá para eu refletir, dá para eu fazer isso”. O papel é esse, eu acho que a Sociologia vem conseguindo, mas muito mais para os alunos do que para o estabelecido, do poder escolar. A gente tem, é claro, tem diretor que gosta, fala muito bem, que valoriza, eles conseguem perceber, mas ainda assim, você percebe que no geral está fraco. Mas o papel mesmo acho que a gente vem conseguindo, que é desconstruir. Aos poucos vem também criando uma força para a Sociologia, que eu acho que é interessante analisar. Já não se fala mais que é, sabe assim, já não se escuta mais como eu ouvia antigamente, eu já não tenho mais escutado, como sendo uma

materinha qualquer. Já diminuiu essas falas que você ouvia ali, entre cantos, você já não escuta mais. Acho que isso é interessante. Mas ainda assim, a estrutura geral, acho que deixa a gente como submatéria. Como enquadraram. Carol: Sim, é. E como professor de Sociologia, como é que você vê a sua relação e implicação com os jovens com qual trabalha? 4: Minha relação e? Carol: Com os jovens. Com quem você trabalha. 4: É que tem uma palavra aí que eu não... Carol: Ah, relação e implicação. 4: Eu falei: “nossa, e agora, o que que ela quer...”. Não, beleza. Com os jovens eu me dou bem. Eu já cheguei a dar aula de História também para o Fundamental. Tinha uma dificuldade muito maior com o Fundamental, até porque estava dando História também, eu domino menos. Visível que um Historiador dá uma aula muito melhor do que eu, (risos). Não tenho dúvida disso. Mas tive que pegar porque era o que estava ali na escola, no Integral você tem que pegar, é o que tem pronto, não tinha Historiador, peguei. Mas foi prazeroso também dar aula de História. Sofri muito, estudei muito. Me descabelei, dá para você ver, (risos). Mas, assim, com o Ensino Médio tenho uma relação muito boa. Tem um ou outro aluno que já teve problemas, mas nunca nada grave, nunca nada de pegar e sair uma super ameaça, que não-sei-o-quê, isso daí não tem. Eu sou tranquilo. Eu tento ao máximo não usar o poder que emana por ser professor, porque eu sou a fonte de todo poder, sou quase um Deus por ser professor. Eu brinco, mas tem gente que acha isso, (risos). Mas, eu gosto de fazer assembléia de classe para iniciar o ano e para, depois, no segundo semestre, volto com assembléia, para decidir como que eu faço, que eu quero dar aula. E para eu dar aula eu preciso de uma condição boa também na sala. Então em que ponto eu devo chamar a atenção e como, se eu devo mandar para fora ou não, como é, quando... sabe? E as salas variam muito. Tem sala que quer que você mande para fora na primeira chamada de atenção, então como é um estabelecido geral e você tem que cumprir, o que você faz? Como a sala também coopera bem, na verdade essa sala eu não mandei ninguém para fora, embora eu achava que eu ia, porque você fala, (risos). O que que você faz? Você chega ali, vai andando na sala e só dá um toquinho na pessoa, ela entende. E um dia eu deveria ter mandado, mas aí, assim, depois eu até falei para a sala “olha, eu lembro que a gente tinha...”, mas assim, era um aluno que naquele dia atrapalhou e eles falaram: “não, está certo, professor. O senhor relevou bem”, mas assim, eu tento seguir o que está em assembléia. Claro que isso daí para mim foi horrível porque uma vez eu acho, parece que eles não lembram o que é estar em uma sala de aula. Eu lembro. Eu gosto de conversar, às vezes um professor falou alguma coisa, eu quero falar com o outro, então por isso que eu achei que foi um tanto quanto



terrível, eu tentei conduzir para outra coisa, mas era uma assembléia, a maioria ganhava. E ali, assim, tiveram as discussões, e rolou a democracia. Não gosto dela, prefiro o anarquismo, para ser honesto, mas eu tive que fazer a votação pelas discussões que estavam tendo ali. Então foi pela maioria, porque se não, também não chegaríamos... porque já vi que não ia andar. Mas, acho que por isso até, as relações são boas, eles vêm, contam as coisas. Principalmente no Integral, nós temos tutoria também, tem um alto número de tutorados que me enche a cabeça com um monte de coisa. Carol: (risos). Esses tutorados são quem? Outros professores? 4: Não, são alunos. Na verdade, no Integral todo professor é escolhido por alunos para ser o tutor dele, que vai desde a parte acadêmica até o pessoal. Claro que os meninos, eles estão muito mais preocupados com o pessoal. Então você embarca em conversas, você vai tentando mostrar caminhos, coisa que a gente não é formado para, mas a gente vai por conversa mesmo, como se fosse, daí vira como se fosse o amigo conversando. Tem que tomar muito cuidado porque não é nossa premissa, mas tenho um bom convívio com os tutorados, tenho um bom número de alunos lá que falaram: “ah, escolhi você como primeiro”. Mas também como não dá para ter muita gente, mas eu gosto muito da minha convivência com os alunos, principalmente, aí deixo bem claro, com os do Ensino Médio. Minha relação é outra. Não que eu me dê mal. Eu sou calmo na sala de aula, perco a cabeça raras vezes. Já perdi, mas usei um palavrão ano passado (risos). Usei. Mas consegui... é que também estou em escolas mais light, sei que teria que ser mais enérgico. Mas minha relação é ótima. Na minha visão pelo menos. Como é unilateral a pergunta. Na minha visão eu gosto muito. Dou muita dedicação para os alunos nesse ponto, aí eu tenho uma relação boa. Carol: E quais impasses e desafios que você vê para a consolidação do ensino de Sociologia no Brasil? 4: Primeiro o governo, que não valoriza a gente. Foi imposto, porque a lei entrou, mas é claro que eles não queriam. O próprio FHC não queria. Então acho que o governo já é um impasse. A sociedade é um impasse para a educação, os pais hoje, na minha opinião, são um impasse para a educação. Não todos é claro, não podemos generalizar, mas a gente não tem o devido valor. Você faz um puta trabalho com o menino, você traz isso e aquilo, aí você faz o convite para os pais e não vai, por exemplo, para ver o que o próprio aluno fez. Eu acho que esse é um impasse, não para a Sociologia, mas para a educação. Mas aqueles pais que conseguem ver, você tem alguns, mas acho que a gente precisaria do aval maior da sociedade. A Sociologia sofreu, eu já tive uma relação de poder de um pai, uma vez porque ele não teve Sociologia na escola, então: “que matéria é essa? Esse professor não passa lição na

lousa”, eu tinha passado uma folha só, que era a introdução, coloquei algumas coisinhas. Eu passo os tópicos na lousa, o filho que quer copiar, copia, coloca uma coisinha ou outra, mas quem não quer, se você entendeu a fala, eu vou passar, tem atividade da apostila, então tem outras coisas que vão me dar. Mas o pai falou: “onde já se viu? Esse professor aqui, o que que ele faz na sala de aula? Não faz nada”. Minha sorte é que a vice-diretora, que estava falando com ele, me defendeu. Depois ela falou assim: “eu vou chamá-lo também para você poder falar isso para ele, mas depois você conta para ele tudo que eu disse para você”. Eu fui, e ela tinha falado um monte de coisa defendendo também. Mas, assim, é um impasse social porque a Sociologia não teve para os pais, então eles não sabem para que serve. Está certo que eles não sabem para que serve um monte de coisa, mas como eles não tiveram, eles acabam menosprezando. Acredito que essa falta de uma tecnologia para as aulas de Sociologia também é um impasse para isso, mas eu vejo que a educação, mesmo estando no século XXI, e que deveria ser obrigação do Estado dar tudo isso, mas a educação ainda precisa do professor. Eu acho um porre, já fiz alguns cursos online, mas sinceramente aprendi muito menos. Não pego, e se for para aprender assim prefiro ser autodidata, para ser honesto. Ou se precisar de alguns pontos para ganhar mais, aí talvez eu faça. Mas, sabe assim, para falar “eu vou aprender”, não senti. Já fiz bastante, não senti. Me parece assim que, eu não vi nada, estou burro ainda sobre aquilo, sabe? Então o professor ainda é importante e eu acho que dá para a gente fazer muita coisa mesmo com o gizinho. Embora seja uma crítica, em uma música que a banda nossa tem, mas, seria uma música que é só dar um giz para a gente, a crítica nossa, uma delas, é essa. Mas, ainda assim, acho que nosso maior impasse pode estar também em nós mesmos. Então eu assumi ser professor, tenho que assumir esse fardo, tenho que assumir essa benção. Cada um vai categorizar de um jeito. Eu não enquadraria como benção nem como fardo, mas eu assumi essa categoria de trabalho. Ela faz parte hoje da minha identidade, já acessou, você transpira educação e tudo mais. Muitas vezes você faz as coisas, você vê, está sendo dominado. Por mais que eu tenha estudado lá o ócio e que o capitalismo entra e tudo mais, ele entrou mesmo. Eu devo dizer que Ricardo Antunes estava certo, houve a captura da subjetividade pela educação sobre a minha pessoa, isso é um fato. Me vejo capturado mesmo pela educação, acho isso até ruim em certa parte. Os professores são capturados muitas vezes, mas se eu assumi esse papel de ser professor, acho que tenho que correr atrás também. Não necessariamente comprando projetor, como fiz, até porque acredito que a gente tem que brigar mais para que tenha nas escolas. Acho que

até briguei pouco, mas fomos a única escola o ano passado, das integrais aqui em Piracicaba, que paralisou um dia para gente fazer uma manifestação, tentamos, depois no fim, o jornal acabou penalizando a gente porque fizeram toda uma matéria bonitinha para o governo. Mas fizemos isso, por exemplo, aqui em Piracicaba nenhuma outra Integral fechou um dia que seja, com toda aquela parafernália que aconteceu, que a gente não tem aumento, não tem nada. Mas a função mesmo, acho que, porque a estrutura é essa, quem mais tem que se dedicar agora, eu acredito que sejamos nós, com o que nós temos. Não vamos fazer revolução, não vamos fazer mudanças grandes e nem acho que é dentro do Estado que nós vamos fazer. O Estado não vai me dar estrutura, como diz alguém aí, não me lembro quem, seria muito ingênuo crer que o Estado vai dar as bases para, pode ser o Marx. Vamos fingir que foi, mas não foi necessariamente. Não me lembro exatamente quem disse, mas o Estado não vai ser ingênuo a ponto de me dar as armas para eu atirar nele. Não acho que essa estrutura para a revolução. A revolução se faz nas ruas, com ações fora dali. Ali você contribui muitas vezes para o aluno ser crítico e nem acho que seja ali o meu papel. Também não sou a favor de “Escola sem Partido”, acho ridículo. Mas não acho que é meu papel ali doutrinar. O livre pensamento tem que ser maior. Acho que se a gente quer desconstruir, não é construindo com outras verdades que a gente vai, nas verdades absolutas de algumas teorias não se desconstrói, não se constrói apenas. Constrói outras formas de ver que fecham também. Acho que a estrutura precisa mudar muito, o governo precisaria mudar muita coisa, mas posso parecer o mais reacionário do mundo ao falar que acho que eu assumi esse cargo, eu quis ele para mim, posso escolher outras coisas no capitalismo, ele me dá essa possibilidade. Infelizmente eles estão certos nesse ponto, embora a estrutura seja terrível, embora tenha tudo isso daí, mas eu assumi. Quem tem que fazer a diferença também sou eu. Acho que muito mais está no professor de Sociologia do que na estrutura. Eu poderia ter a melhor das estruturas, se eu tiver um professor que não quer dar aula, a estrutura não muda, entendeu? Eu acho que esse é o ponto, é um compromisso nosso. Posso parecer extremamente reacionário, alguns iam querer dar um soco em mim. Mas, jogar a culpa no outro é muito fácil, é preciso assumir o nosso papel. Eu acho que daí... isso me dói falar. Carol: É difícil. 4: Mas é o que eu vejo. Se eu tivesse deixado para a estrutura, eu já teria entrado nas salas de aula chegando: “olha, faz isso”, sabe? Então, eu acho que ou a gente sonha ainda em fazer a diferença, e tem quem fez, sem tecnologia, sem tudo. Claro, em um contexto diferente, aluno diferente, tudo isso diferente, mas ainda assim fizeram. Agora não dá para eu também falar que

todos os nossos alunos da rede do estado de São Paulo sabem usar o celular, porque eu tenho alunos que não. Que todo aluno do estado de São Paulo sabe usar a internet, também tenho alunos que não, que eu tenho que ensinar a primeira vez. Eles não têm e-mail, não sabem criar um e-mail, não tem nem Facebook. Seria algo que você falaria: “nossa, mas todo mundo tem”. Não, nem todo mundo, então calma. Também alguns chavões que a gente repete têm que ser desconstruídos. Que basta eu por mais coisas. Não, não basta só isso. Isso é uma, é complexo. Faltaria isso. Desculpa eu falar demais.

Carol: Não. Como é que você avalia a reforma do Ensino Médio proposta pelo atual governo? 4: Olha, gosto da ideia de que o aluno escolha, mas acho ridículo que um governo que tem cortado gastos sociais, por exemplo, proponha algo em prol da população. Não tenho analisado a fundo a reforma do Ensino Médio, para ser honesto, eu não sou o que mais leu. Li uma coisinha ou outra, li algumas discussões, mas eu gosto da ideia de que o aluno escolha, gosto, porém a estrutura não me parece viável. Eu não sei que reforma estrutural eles vão fazer para isso. Que daí vai ser estranho. Que o aluno escolha, eu acho que ele deveria escolher mesmo. Quando o Alckmin, ele ia fazer isso e aí os professores negaram. Assim, você via que houve uma... porque foi uma possibilidade de eu poder pensar que eu ia sair de uma aula semanal, para o aluno que falava que gostava de Ciências Humanas poder assistir mais aulas minhas. Eu poderia dar quatro aulas para aquele aluno. E porque ele gosta, porque ele achava uma tortura entrar nas outras áreas. Que eu ouvi isso. Quando eu fiz uma pesquisa lá na especialização, quando eu fiz o meu TCC de lá, também os alunos colocaram, coloquei pergunta desse tipo, mas eles colocaram que eles gostariam de ter mais aulas de outras matérias, que pudessem escolher, por exemplo, então eu acho que vem com o anseio da população. Embora eles não tenham perguntado isso para a população. Não é que eles foram buscar a população para isso. Mas eu acho que vem nessa linha. Só que eu acho que é visível a proposta diante da realidade, sabe? Diante do governo que está propondo, diante também do que nós temos enquanto estruturas.

Carol: Estrutura física, professores... 4: Estrutura física principalmente. Professores, é claro, vai ser mais visível porque agora eles permitiram o notório saber, mas eu enquadro como sendo uma proposta que não vai surtir, provavelmente um efeito que nós, professores, esperaríamos para a educação, por exemplo. Uma mudança real para a educação. Embora isso, algumas coisas que eles colocam ali já acontecem, se eu não me engano, no Ceará. Se você puder dar uma pesquisada.

Carol: Vou procurar. 4: Tem algumas escolas integrais lá, se eu não me engano, que eles fazem escolhas para curso técnico, tem alguma coisa

nessa linha. Não é para toda rede, não é, a gente sabe que quando massifica tende a piorar nos estágios que nós estamos, de corte de verba e tudo mais. Mas lá, do que eu ouvi, se não me engano no Ceará, os alunos, segundo o que dizem, eles gostam. De algumas coisas que tem nessa proposta que acontece lá. Como, por exemplo, essa escolha. Mas, assim, não vejo com bons olhos, não porque não precise mudar, porque precisaria. Já falei dessa questão de escolha, daquilo que você quer. Eu acho interessante, só não sei como que eles vão fazer isso daí para suportar nas escolas e tudo mais. E a questão do Ensino Médio Integral, eu trabalho em uma Integral. Eu acho que o que mais dá certo no Ensino Integral é que o governo do estado de São Paulo, não é a qualidade do professor, até porque tem professor de nível parecido, mas não é esse ponto, não é a excelência acadêmica que o aluno vai ter necessariamente, acho que o que mais funciona no Ensino Integral é a tutoria, que seria a pedagogia da presença. Convívio professor-aluno, que gera uma aula melhor, que gera um aluno que te respeita mais. E eu não sei se isso é proposta, se o Governo Federal tem isso, essa proposta que eu acho que não precisaria ser só na Integral, em qualquer escola. Acho que a relação aluno-professor tem que ser gostosa, não pode ser burocrática, não pode ser distante. Também não precisa ser o amigão, mas não pode ser necessariamente o distante, nem necessariamente o mais amigo, cada um escolhe. Mas eu acho que o que mais funciona na proposta de Ensino Integral do estado de São Paulo é a Pedagogia da Presença. Porque o aluno te dá bom dia e você vai lá todo dia acolher ele, vai lá, bate papo, você fica no intervalo, nos horários de tutoria, conversa, você tem aqueles ali, tem que olhar para eles. É uma premissa para você se manter lá, esse olhar para o aluno. Eu acho que isso é interessante, essa relação melhora muito. Carol: É, o jovem precisa desse apoio...

4: Do acolhimento, sim. Do se sentir acolhido. Tanto é que um fato que já ouvi de muitos alunos: “a escola é o lugar onde eu fico em paz”. No Integral, não nas outras: “É na escola que eu sou respeitado”. E olha que ali tem um ou outro professor que não deveria, que a gente tenta, até porque ele vai cair fora se ele continuar assim, porque a premissa mesmo, a direção tem esse poder de tirar. Porque eles usam muito palavrão, e não deveria mesmo, até pela ideia. É um aluno, você está ali. Pelo menos eu acho que não deveria ser esse caminho. Deveríamos ter o diálogo como um caminho muito mais efetivo. Mas o aluno ali se sente melhor. Ele fala isso diretamente, para vários professores já ouviram isso. Eu dei aula de “Projeto de Vida” ano passado, vou dar esse ano de novo e, o que eu leio é a casa, se você quiser depois talvez cortar, não sei se interessa ou não, mas a casa é o inferno. Indo para o maniqueísmo do bem e o mal e

tudo mais. Que eu não gosto muito, mas vamos por assim. A casa é um inferno e a escola é o céu. Chega a ser o extremo ridículo a gente pensar que a escola é o céu, quando nós pensamos que em uma sociedade dessa que muitas vezes coloca a escola como sendo o inferno. O que eu não vejo nessa proposta, porque não teve ainda nada efetivo, falado de fato e tudo mais... Carol: Está difícil. 4: Por isso que é difícil de palpitar exatamente. Carol: Sim. 4: O que faria o aluno gostar de ficar em uma escola de Ensino Integral, talvez fosse o maior. Depois as matérias eletivas que eles escolhem, depois outras coisas. Eles escolhem diante do projeto de vida deles. Então tem algumas outras coisas, a gente tem que fazer aula diferente. Mas eu diria que, não adianta você chegar para um cara que não ganha mais, que não assinou um contrato para estar lá para ganhar mais, em uma estrutura viciada, como as de todos os estados que eu já ouvi falar. Não conheço todos do Brasil, mas todos, amigo que veio de tal lugar e falam. Nessas estruturas não adianta você chegar e falar assim: “se você não fizer, vou te dar advertência”, não vai, se o diretor gostar de você, você não vai ter isso, sabe? É pessoal o poder ali, então não vai rolar. Dentro dessas estruturas acho que não dá. Ao mesmo tempo, sem ganhar mais quem que vai para uma Escola de Ensino Integral para dar aula e vai se esforçar para fazer isso? Também tem esse ponto. Sou bem claro, fico 40 horas semanais lá porque eu ganho mais, porque gostar de dar aula, eu gosto de dar aula no outro cargo. Eu gostava de dar aula antes de estar no Integral, que eu fazia um monte de coisa antes de eu estar no Integral. Entendeu? Eu poderia, se fosse para ganhar o mesmo, mas passar 40 horas dentro do lugar, que vira uma empresa, que você tem que escrever um monte de coisa. Comprovar que você fez isso, comprovar que você fez aquilo. Carol: Burocracia gigantesca, então, pelo que você está dizendo. 4: É e não é. Você ganha mais, mas você paga mais. Com o seu tempo de trabalho, com seu trabalho. Você não entra, você fala assim: “ah, agora chegou dezembro, os alunos não vêm mais, eu estou tranquilo. No máximo eu tenho que fechar o “diarinho” aqui”, não, esse “máximo é fechar o diarinho” você tem que fazer programa de ação, organizar isso. Aí pega as fichas de tutoria, tem que entregar isso, aí tem que fazer, então, sabe? Aí você tem também o PIAF, que tem que fazer estudo próprio, tem que continuar estudando. Ou seja, é uma loucura. Não é algo, eu acho que, assim, se não rolar uma verba a mais, se não tiver algo que traga isso e tudo mais, vai ser piada. Carol: E das ruins, né? 4: E das ruins. Infelizmente, das ruins. E claro, a gente cai fora da obrigatoriedade. Carol: É, eu ia perguntar, a próxima questão era essa. Como é que você vê a Sociologia, assim, a ideia inicial. A gente também está meio perdido, mas assim, da Sociologia englobar as

Ciências Humanas e não necessariamente ser uma disciplina. Você acha que é uma perda para a Sociologia? 4: Total. Primeiro porque quem dá aula de História é Historiador, no geral. Não é Sociólogo. Ele até conhece Marx, até ouviu falar do Durkheim, do Weber. Ouviu falar. Mas não vamos dizer que ele sabe. Do mesmo jeito que eu não sei falar bem a fundo do Hobsbawm, embora, para dar aula de História quando estava lá no nono ano, comprei box de livro do Hobsbawm, fui ler, mas aquilo lá era muito mais terrível. Muito mais fácil ler, embora eu li, o Hobsbawm, muito mais fácil você ler um textinho do livro didático, e buscar na internet. O Historiador é o Historiador, o Sociólogo é o Sociólogo, o Filósofo é o Filósofo e o Geógrafo é o Geógrafo. Achar que o outro vai dar conta, não vai. Só se ele for muito bom, gostar muito de estudar, mas aí ele não tem mais vida. A vida familiar dele já era, o tempo que ele dedica para si fora da escola já era, aí talvez. Mas eu não vejo com bons olhos. Do mesmo jeito que eu já peguei Filosofia na ETEC e foi um terror. Adorava dar aquelas aulas, mas foi um terror também porque tinha que estudar, estudar e estudar. Tinha que procurar meus amigos Filósofos e perguntar: “meu, me fala isso. Isso daqui eu não estou entendendo”, eu lia o livro didático. O didático, não era didático para mim, entendeu? Assim, por quê? Porque os caras estavam ali na viagem como Filósofos. Estudou lá, ele sabe aquilo e eu não, então, você pegava, olhava e falava: “meu, não dá para eu explicar isso daqui”. Esse ponto, achar que vai entrar, e aí vão chegar e vão citar a Sociologia ali no meio, claro que a Sociologia está no meio da História, do mesmo jeito que a História está no meio da Sociologia, na Geografia. Mas não rola. Explicação de verdade eu já diria, que assim, é claro que, uma ou outra, um cara que gosta daquilo, o marxista vai chegar e falar do Marx, e vai pegar as aulas de Revolução Francesa em diante ali, ele vai começar a puxar daí para o Marx e ele vai começar a falar, só que você vê que é porque ele gosta do Marx, não porque ele está trabalhando Sociologia. Então eu diria que, assim, Sociólogo dá aula de Sociologia provavelmente melhor do que um Filósofo, do que um Historiador. E um Historiador dá aula de História provavelmente melhor, e por aí vai. Claro que vão ter uma ou outra exceção. Mas agora, colocar no meio da Geografia, em que momento eles vão por? Dá para por em vários, mas em qual que eles vão falar: “ó, isso daqui é Sociologia”? Então não creio que surta efeito. Mas isso já acontece em algumas ETEC’s. Eles já argumentam que eles trabalham. Carol: Interdisciplinar? 4: Com Sociologia e Filosofia, eles argumentam isso. Interdisciplinarmente em História e Geografia. Não é uma novidade. Na ETEC do Centro aqui isso acontecia, pelo menos antes. Eu dei aula na da Paulista, depois

apareceram algumas aulas aqui, acho que o governo deve falado: “ah, não dá mais para esconder”. Tanto é que o diretor falou para mim, mas eu já estava na Integral e, questão econômica é econômica. Não dá para pagar Minha Casa, Minha Vida, ter filho e tudo mais, se você não tiver. Querendo ou não, o econômico é o econômico. Eu já estava dando um monte de aula mesmo. Eu fui para o que dá, trabalha 40 horas semanais, mas ganha mais. Então olhei por esse ponto. Adorava a ETEC, mas eu fui para o outro lado. Fui pelo lado que me parecia melhor. Ter uma garantia real do que um lado, de que amanhã ou depois, também, some essas aulas e tudo mais, aí você vai, como o Estado nunca garante nada para a gente, por mais que possa parecer que a estrutura estatal, ela é, perdura. Essas complicações. Mas eu não vejo com bons olhos. Não sei... como você vê? Carol: Não, eu também não concordo. Eu acho que a Sociologia perde, enquanto luta política de ir e voltar. 4: Sim. Carol: E até tudo que a Sociologia tem construído nesses últimos dez anos, que ela retornou. 4: Começou. Carol: Ela, assim, seria uma perda muito grande. A gente expandiu o número de cursos, expandiu o número de alunos, as muitas formações novas para a Sociologia abriram por conta dessa demanda. 4: É, sofreu uma mudança extrema. Carol: Sim. Eu acho que a Sociologia, também para a sociedade, a sociedade brasileira perde sem a Sociologia. Porque pelo menos, assim, é uma matéria que propõe reflexão, que propõe os alunos pensarem, olhar para... nas outras entrevistas os professores falaram também, foi até incomum, que eles escutam os alunos. Então é uma disciplina que está atenta ao outro também. 4: Sim. Carol: Está pensando, discutindo, vendo. Então acho que seria uma perda muito grande. 4: Eu também. Carol: E para a escola também, porque o sociólogo, querendo ou não, ele dá uma balançada ali na estrutura. 4: Dá. Carol: Porque ele não é uma pessoa que está ali parada, vendo tudo e achando que está tudo perfeito. 4: A gente tem que encher o saco. No “cutucãozinho”. Pelo menos isso a gente faz. Carol: É. 4: Você não quer criar uma indisposição total, só cutuca. Carol: É, entendeu? 4: Você faz um cutuco e todo mundo entende. E que não fica chato, ninguém vai falar assim: “olha como ele foi terrível”. Às vezes você dá aquela direta, você dá o soco direto, que até fica difícil. É muito complicado. Eu acho mais difícil agora. Já falando, mais fácil eu perder a cabeça, vamos supor, seria mais, eu acho, é que eu consigo me segurar, eu começo a entrar em alfa algumas horas, porque senão, eu teria indisposição muito frequente. Mas é mais difícil eu ter problema com os alunos em geral do que se eu fosse falar toda vez com os professores. Porque o aluno, ele tem menos verdades absolutas. É mais interessante. Os professores, nossa, é, ao mesmo tempo você foi lá, falou tal coisa em um dia, daqui a



pouco você está ouvindo o cara fazer piadinha. Você nota que existem as ilhas, de grupos. Tem um que insiste em fazer piadinha, então o professor homossexual que tem lá não fala com ele mais, entendeu? Por quê? Porque o cara dá na cara, fala um monte de bobagem, faz piadinha. Então, meu, já tentou uma vez, já falamos diretamente, sabe? Assim, o cara não entende. O que você vai fazer, sabe? Aí você vai, o cara fica. Então o que que acontece muitas vezes? O professor você vê que já afasta pelos grupos, estilos de professores. Quem tem essa visão segue aqui. Fica nesse grupinho. Então acontece muito. Eu tento me esforçar para me dar bem com todo mundo. Não necessariamente me dar bem de ir na casa e tudo mais. Que não é minha premissa mesmo. Tem gente que eu não quero, mas eu acho que, assim, é mais fácil de você conversar e mudar a pessoa nesse ponto, e não sendo agressivo, não batendo de frente toda hora e falando: “você não sabe nada, você é um”. Carol: Ah, sim. 4: Assim, eu acho que daí a gente perde. O professor se fecha, e vai seguir o caminhozinho dele ali e pronto. Mas eu acho que dá para ir conversando e vendo melhorias nesse ponto de pensamento por essa via. Até porque professor tem preconceitos extremos. Inclusive nós. Às vezes eu me pego, é que o bom é que meus preconceitos em geral ficam na cabeça e não na expressão. Eu consigo, pelo menos isso, perceber que é preconceito e segurar. Mas ano passado mesmo eu tive que ouvir de duas professoras: “como que eu era ateu”. “Como que você pode ser ateu se você é assim? Se você tem”. Eu sou um cara calmo. Chego ali, tal, faço as coisas tranquilo, tenho uma boa relação com os alunos. Então como que, assim, eu, na verdade foi essa palavra que ela usou: “nossa, você é um cara tão moral, como você é ateu?”. Eu não me acho um cara tão moral quanto dizem, não, mas as pessoas não percebem, às vezes, os nossos pontos. Nós nos avaliamos e os outros veem a superfície muito mais fácil do que a gente. Mas você escuta isso, por exemplo. Então o aluno, você falou que é ateu, talvez ele queira saber mais, eu não falo. Mas eles vão chegar uma hora que alguém vai perguntar, porque você dá uma aula diferente que não tem nada a ver que fala de religião, mas por você estar desconstruindo verdades postas, você está falando para ele que uma fala x que ele ouviu ali, aquele dia na escola, aquilo lá na verdade foi um equívoco da pessoa, aí ele vai fazer o que? Ele vai perguntar para você: “você é ateu?”, sabe? Assim, é uma pergunta que vem, que acho que todo professor de Sociologia deve ouvir, por exemplo, e Filosofia. Deve ouvir. Porque os alunos já levam para esse lado. Mas só que se você falar: “sou”, no máximo eles vão querer te exorcizar, tirar o demônio de você, mas os outros vão falar assim: “para com isso, não tem nada a ver”. Então é muito mais fácil você lidar com essa argumentação ali do que em outros

lugares. Então acho que esses pontos são interessantes de a gente olhar. Os alunos, eles são mais abertos, se a gente não impuser. Se a gente tentar impor é mais difícil. Todo mundo falou que conversa com os alunos, dialoga. A aula de Sociologia é dialogada. Se não eles vão falar que é a mesma chatice dos outros. Pelo menos é o que eu ouço já de alguns alunos falando. E não é um super diálogo. Ainda continua sendo tudo aquilo que a gente condena muitas vezes. Uma educação bancária muitas vezes acontece. Então aquilo tudo que o Freinet e o Paulo Freire foram, fala “não”, tudo isso você fala: “não, acontece ali”. Ainda assim eu já assisti algumas aulas porque nesses cursos que eu tive que fazer, tive que assistir aula, do Estado e é uma educação bancária. Mas o aluno, ele tem coragem de erguer a mão, por exemplo, para o professor mais sério, ele ergue a mão e pergunta. O professor vai responder, o professor continua sendo ainda, em uma grande parte das vezes, o centro que despeja o saber. Acho que ainda nós temos essa dificuldade, de todos os que eu vi. Não conheço todos os professores, é claro. Mas até vejo eu, muitas vezes, sendo assim. Mas o aluno, ele participa extremamente, ele pergunta, ele vem, ele quer saber, ele fala. Então eu acho que aí muda a relação. Nós continuamos tendo um papel central, e não acho isso ruim. Mas ele já não é mais o detentor único do saber e que você tem que ficar quieto ouvindo a verdade. Você pode perguntar se isso é verdade mesmo. Eu acho que isso é o mais legal. Carol: É, eu acho que essa é a diferença mesmo, o aluno pode te perguntar. 4: Sim. Carol: Não tem um momento, “ah, eu vou explicar primeiro, depois você faz a pergunta ali no meio, ali depois...”, não, ele pode perguntar. Ele está aberto. 4: Eu vou falar agora, uma das melhores minhas, que eu acho, pelo menos. É quando eu vou discutir o determinismo biológico, na verdade eu entro pelo racismo. Então eu explico para eles que eu vou fazer aquela aula diretamente, eu vou ser um racista com argumentos que os racistas tiveram durante a história. Pego argumentos históricos, no século XIX principalmente tem um monte de coisa, e vou, sento na cadeirinha ali e deixo eles metralharem. Só que assim, é claro, para mim é muito mais fácil porque eu sei como confundir a cabeça deles. Claro que eles quebrariam em alguns momentos. Só que eles não sabem que eles estão quebrando, então você vai. Só que aí, eu acredito que essa seja uma das melhores aulas. Porque você vê aluno bravo, com a perninha aqui, ó, que não para. Depois da aula a perninha está batendo, que está nervoso porque não conseguiu. E eles falam: “aquela aula lá, claro, fiquei bravo”, eles querem falar. Só que é uma aula que faz com que eles percebam: “olha, não é fácil você quebrar um argumento. Não é fácil mesmo que ele esteja errado”. Depois, é claro, eu dou uma aula explicando como que a ciência hoje

trabalha, com a negação do racismo, como foi. Mas primeiro eu vou por essa via. É uma das poucas aulas que eu falo menos. Só que é uma aula em que eu estou com um tema favorável para poder deixar eles falarem. Porque eles vão falar e eu não estou querendo deles que eles construam ali já a resposta. Eu estou querendo provocar neles a reflexão apenas. Eu passo, literalmente, uma aula inteira fácil nessa. 50 minutos fácil nisso daí. E assim, ó, vai, vai, vai, e eles tentando e você vai. Até a hora que, só se eu perceber, que tem alguém muito bravo, aí eu já: “não”, segura. Mas você percebe que eles também veem a fragilidade dos argumentos e tudo mais. Eu acho que são esses pontos, mas não são aulas frequentes em que eu dou maior, deixo eles falarem tanto. É claro que tem aulas que eles vão, pesquisam, fazem, mas ainda acho que o professor tem um papel central. Por esse estudo também. Se não. Carol: Sim. Estudar é fundamental. 4: É. Mas é isso. Carol: Beleza. Obrigada.

**ANEXO V – ROTEIRO DE ENTREVISTAS**

- 1) Qual sua área de formação? Licenciatura e/ou Bacharelado?
- 2) Qual o tema do seu TCC?
- 3) Em que instituição você se formou?
- 4) Em que ano você se formou?
- 5) Além da graduação, você continuou os estudos? Mestrado e/ou doutorado? Pós-Graduação? Cursos de extensão? Formação oferecida pelo Estado? Cursos Livres? Entre outros. Se sim, por quê?
- 6) Há quanto tempo você leciona na rede estadual?
- 7) Qual seu vínculo empregatício?
- 8) Como foi seu processo de inserção na escola, junto aos professores, aos estudantes, a rede.
- 9) Como você avalia o material didático do estado de São Paulo?
- 10) Qual Livro Didático, oferecido pelo Governo Federal, você adotou? Por quê?
- 11) Como são suas aulas?
- 12) É possível articular as apostilas com o Livro Didático?
- 13) Você utiliza materiais didáticos durante as aulas? Quais? Como?
- 14) Como é a estrutura da escola que você leciona? É adequada a um bom andamento da disciplina de Sociologia?
- 15) Em sua opinião, qual tem sido e qual deveria ser o lugar ocupado pelo ensino de Sociologia na educação básica?
- 16) Como professor (a) de Sociologia como você vê sua relação/implicação com os jovens com os quais trabalha?
- 17) Quais os impasses e os desafios que você vê para a consolidação do ensino de Sociologia no Brasil?
- 18) Como você avalia a reforma do Ensino Médio proposta pelo atual governo?
- 19) Qual sua opinião sobre a diluição do conteúdo da disciplina de Sociologia dentro da área de Ciências Humanas?